

AS
CRÓNICAS
de
ROSEWOOD

A Guardiã da
PRINCESA

CONNIE GLYNN



Ficha Técnica

Título: A Guardiã da Princesa
Título original: Undercover Princess
Autoria: Connie Glynn
Tradução: Marta Jacinto
Revisão: Oficina do Livro
Adaptação de capa de Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
Capa de Penguin Books Ltd. Ilustração de capa de Qing Han
ISBN: 9789897420009

OFICINA DO LIVRO
Uma editora do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Publicado originalmente por Penguin Books Ltd, Londres
Texto © Connie Glynn 2017
O autor é o detentor dos direitos morais.
Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução: © 2018
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
www.oficinadolivro.leya.com
www.leya.pt

AS
CRÓNICAS
de
ROSEWOOD

A Guardiã da
PRINCESA

CONNIE GLYNN

O	F	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O

*Para a minha maravilhosa família
e as belas bruxas que encantaram a minha vida.*

Um agradecimento especial a Richard e a Mark, que me apoiaram entusiasticamente em todo o percurso, e a Holly e a Ruth, por me incentivarem e ajudarem a realizar o meu sonho, e a Evan pela muito prezada ajuda matemática.

Um último agradecimento ao meu querido e atencioso público – obrigada, obrigada, obrigada!

PRÓLOGO



No mundo, existem locais onde parece mais provável acontecerem coisas mágicas e maravilhosas do que em quaisquer outros. Conseguimos reconhecê-los, porque eles estão envoltos numa atmosfera que parece fora de tempo e de sítio em relação à realidade. Às vezes são naturais, como cascatas em sítios recônditos ou prados secretos repletos de flores selvagens. Outras são artificiais, como parques infantis desertos ao pôr do Sol ou lojas de antiguidades repletas de histórias. Mas, de vez em quando, ainda que raramente, estes lugares existem num certo tipo de pessoas. Poderás já ter encontrado alguém assim. À primeira vista, podem não parecer especialmente carismáticas ou particularmente intelectuais, mas, quanto mais tempo passamos com elas, mais parecem ter o poder de conseguir mudar qualquer coisa...

A princesa Eleanor Prudence Wolfson, herdeira única do rei Alexander Wolfson e a seguinte na sucessão ao trono de Maradova não vivia em nenhum desses lugares nem era uma dessas pessoas, mas precisava desesperadamente de ambos.

– Vou para esta escola! – Eleanor atirou uma brochura para cima da mesa, fazendo estremecer as chávenas de chá sobre os pires. Alexander Wolfson nem levantou os olhos do jornal para lhe responder.

– Não – disse perentoriamente.

– Sou a próxima a subir ao trono de Maradova. Acho que sou capaz de tomar, pelo menos, a insignificante decisão da escola que vou frequentar.

Alexander olhou para a mulher, a rainha Matilde, que estava sentada do outro lado da mesa, mesmo à sua frente. A rainha encolheu os ombros.

– Ela tem uma certa razão, Alex – disse em tom amistoso, deitando com delicadeza um cubo de açúcar na sua chávena de chá e mexendo lentamente, enquanto esboçava um sorriso. Não era o tipo de solidariedade parental que o rei Alexandre esperava.

– Vês? – disse Eleanor. – Até a mãe concorda comigo.

Alexander continuou de olhos fixos no jornal, mantendo uma postura firme e deu um gole no chá.

– Edwina – acenou para a criada –, pode, por favor, levar os pratos vazios para a cozinha?

– Com certeza, Majestade. – Eficientemente, com a sua experiência e cuidado, Edwina empilhou os tabuleiros cheios de migalhas e saiu da sala de jantar sem praticamente fazer barulho sobre o chão de carvalho. A grande porta dupla fechou-se atrás dela com um estalido.

Quando Alexander teve a certeza de que Edwina estava a uma distância razoável, ao fundo do corredor, suficientemente longe para não ouvir uma discussão familiar, olhou novamente para o jornal e disse:

– A minha resposta é não.

Eleanor fez um gemido exasperado e bateu com o pé.

– Podias, pelo menos, *olhar* para a brochura! – Arrancou o jornal dos dedos do pai forçando-o a olhar para ela.

Eleanor sempre fora uma criança desafiadora. Era tudo menos uma típica princesa: embrenhava-se em acesas discussões políticas e preferia fugir para concertos barulhentos do que ter uma qualquer conversa amena e educada. Acima de tudo, desprezava as elaboradas funções formais – ou pelo menos assim o assumira, tendo recusado estar presente em todas. Mas era inteligente, confiante e apaixonada e, para Alexander, isso era muito mais importante do que qualquer um dos valores tradicionais que se esperavam dela. Apesar de, por vezes, desejar que ela tivesse mais cuidado com a linguagem quando estava junto dos avós.

Por muito que quisesse que Eleanor fosse feliz e levasse uma vida livre dos compromissos da realeza, a verdade é que ela, um dia, seria rainha e teria de aceitar essa responsabilidade. Alexander estava determinado a encontrar uma forma de fazer a filha perceber que podia gostar das suas obrigações reais; algo que ele próprio tivera de aprender quando era novo.

– Vais para Aston Court, como todos os governantes de Maradova nos últimos cem anos e vais gostar quer queiras quer não.

Matilde deu um pequeno sorriso do outro lado da mesa enquanto bebia o seu chá.

– Não – Eleanor replicou o tom grave do pai. – Vou para Rosewood Hall, em Inglaterra.

A voz de Eleanor nem tremeu. Estava determinada. Espernearia e gritaria se fosse preciso, mas não atravessaria os portões de Aston Court.

Alexander suspirou.

Para Eleanor, frequentar Aston Court não se tratava apenas de «não fazer o que queria», como é o caso de muitos adolescentes. Seria o fim da sua liberdade como realeza não assumida. Teria de se apresentar oficialmente em público como herdeira do trono maraviano; deixaria de poder escapulir-se ou de recusar-se a participar em eventos reais; teria de deixar de pintar o cabelo e passar a vestir-se mais adequadamente. As suas responsabilidades começariam e nunca mais teria hipótese de levar uma vida normal.

Alexander pegou no jornal e dobrou-o cuidadosamente. Preparou-se para a gritaria que se seguiria, algo habitual desde que Eleanor entrara na adolescência.

– Por favor, pai.

Alexander foi apanhado completamente desprevenido, já que raramente a filha implorava; era demasiado teimosa. Olhou para cima, na esperança de ver a sua usual pose indomável mas, em vez disso, deparou-se com um olhar de verdadeiro desespero. Por uns segundos, esqueceu-se da razão por que estava tão determinado em recusar, mas rapidamente se lembrou de que Aston Court era a única escola que poderia garantir a segurança de Eleanor assim que ela fosse apresentada ao público como princesa. Lá estaria sobre vigilância especializada; estaria segura e seria perfeitamente preparada para o seu futuro. Seria Aston Court ou nada. Ainda assim, apesar de toda a sua certeza, viu-se a estender cuidadosamente a mão para que Eleanor lhe entregasse a brochura de Rosewood.

Eleanor envolveu a mão do pai nas suas e apertou-a levemente.

– Só tens de a ler, é só o que te peço.

No outro lado da mesa, a rainha Matilde deu outro leve gole no chá antes de pousar delicadamente a chávena no pires.

– Sabes, pode ser só o chá a falar, mas eu sempre gostei de Inglaterra. Tu não, Alexander? – perguntou ao marido, olhando-o nos olhos, com uma expressão despreocupada.

O rei maraviano manteve o olhar no dela durante o que lhe pareceram os segundos mais longos da sua vida. Matilde tinha esse efeito nele. Deu um longo suspiro antes de finalmente acabar por ceder.

– Está bem, vou ler a brochura, mas só isso.

Eleanor soltou um guinchinho de satisfação e alívio.

– Boa! Obrigada, obrigada, obrigada! Sei que vais gostar, pai, prometo. – Enfiou um *croissant* na boca e fugiu antes de ele ter tempo de se aperceber do que acabara de acontecer.

A porta bateu atrás de Eleanor, deixando Alexander e Matilde com o som do seu eco. Alexander olhou novamente para a mulher, enquanto o som se desvanecia. Matilde sorriu-lhe docemente.

– Ela não pode ir – disse ele. – É demasiado perigoso deixar a única herdeira do trono maraviano à solta num qualquer colégio interno inglês, quando devia estar a aprender tudo o que precisa para um dia governar.

Matilde ficou novamente séria, arrumando cuidadosamente os talheres à sua frente de modo a que todos os garfos, facas e colheres ficassem perfeitamente alinhados. Quando olhou para cima, Alexander estava completamente ciente do fogo que brilhava nos seus olhos.

– Sabes tão bem quanto eu que Rosewood não é uma escola normal e, em segundo lugar – fez uma pausa, forçando-o a olhá-la diretamente nos olhos –, tal como já disseste, ela ainda não foi formalmente apresentada. Ninguém sabe que ela é a princesa. Esta pode ser a melhor forma de ela viver os seus últimos anos como adolescente despreocupada antes de assumir os seus deveres reais. E eu sei bem que tu gostavas de ter tido essa hipótese.

Alexander foi momentaneamente surpreendido. A sua mulher estava mesmo a sugerir o que ele pensava?

– Queres que ela vá para esta escola incógnita? – perguntou.

Matilde voltou a sorrir de imediato, deixando cair a intensidade do momento de forma tão simples como pôr e tirar um chapéu.

– Por enquanto, a única coisa que tens de fazer é ler a brochura. – Matilde levou a chávena à boca, pousou-a e acrescentou: – Além disso, se as coisas se complicarem podemos sempre enviar o Jamie.

Alexander olhou para a mulher com surpresa e adoração e sorriu para si. Algo lhe dizia que ler a brochura de Rosewood não seria o fim do assunto.



PRIMEIRA PARTE



Bem-vindo a Rosewood Hall





Existe uma pequena padaria azul, em St. Ives, com pequenos cachos de glicínias nas paredes cobertas de seixos. Através das montras da frente podemos ver uma espessa camada de pó sobre as superfícies cobertas com lençóis, que luze ao ar, quando o sol brilha. No topo, a cobrir as portas, um toldo de riscas com um letreiro informa MS PUMPKIN'S PASTRIES, apesar de já não se confeccionarem lá bolos há muitos anos. Por cima da padaria, encontrar-se o que foi outrora uma casa modesta, agora repleta de artigos espalhafatosos e peças *kitsch*, numa fútil tentativa da nova proprietária melhorar o cenário caseiro. Porém, um quarto permanece intocado pela nova habitante, um porto seguro recheado de memórias felizes da casa.

Lottie Pumpkin vive no sótão do número 12 de Bethesda Hill, St. Ives, com a sua madrastra, Beady. Aqui, criou um santuário, no confortável *loft* com vista para o mar. Era um quarto com soalho que rangia, paredes forradas com fotografias da sua infância e livros cheios de contos de fadas. Mas hoje Lottie deixará o seu quarto, a sua casa e a Cornualha. Hoje, Lottie muda-se para Rosewood Hall.

*

– Lottie! – O grito estridente de Beady penetrou nos ouvidos de Lottie, fazendo-a gelar, enquanto colocava a última peça de roupa numa mala.

– Sim? – respondeu Lottie, fechando involuntariamente os olhos.

Ouviu movimento e a madrastra apareceu na entrada do quarto. Uma máscara verde de creme cobria-lhe a face e trazia o cabelo vermelho bem envolto numa toalha.

Beady era uma mulher incrivelmente bela, que levava a sua aparência muito a sério. Também era demasiado nova para ter de suportar o peso da responsabilidade de educar Lottie e era extremamente generoso da sua parte sacrificar a sua vida pela filha de outra pessoa, algo que fazia questão de relembrar constantemente a Lottie.

– Esqueci-me completamente de que vais hoje embora! – disse Beady como se fosse algo muito divertido.

Lottie ofereceu-lhe um sorriso agradável que praticara um milhão de vezes.

– Não faz mal. Estou...

Antes de conseguir terminar, Beady soltou um cacarejo alto.

– Mas como é possível ter-me esquecido? Tu nunca te calas com o sítio. – Voltou a rir. – Mas se te deixam entrar é porque não é assim tão fino.

Lottie hesitou um pouco e Beady interrompeu a risota.

– Estou a brincar, Lottie. Não leves tudo tão a sério.

Lottie manteve o sorriso e tentou rir, mas os olhos de Beady tinham-se voltado para as duas malas cor-de-rosa no chão.

– Grandes malas. Espero que não estejas a contar com boleia. Isso era pedir de mais.

Beady olhou para ela com mágoa, como se estivesse a ser muito paciente.

– Não, tudo bem – respondeu Lottie, tentando ser o mais agradável possível. Não queria de todo chatear Beady; sabia quão difícil tinha sido para ela olhar por Lottie quando a mãe dela morrera. Só queria facilitar-lhe a vida.

– O Ollie e a mãe dão-me boleia.

As sobancelhas de Beady arquearam-se em sinal de reprovação.

– Isso é muito generoso da parte deles. Espero que te assegures de que a mãe dele saiba o quão grata lhe ficas por ela fazer isso por ti.

– Claro – acenou Lottie, o que pareceu satisfazer Beady.

– Ótimo, bem... – Beady calou-se, olhando em torno do quarto como se fosse a primeira vez. Mordeu o lábio, voltou-se para observar Lottie mais uma vez e deu um longo suspiro, como se se preparasse para o que ia dizer.

– Trabalhaste muito... Espero que não te desiludas.

Lottie engoliu em seco. Sabia que Beady estava feliz por ela ter entrado em Rosewood. Significava que, finalmente, podia ficar com a casa só para si. Entrar para Rosewood cumpria não só uma promessa que Lottie tinha feito à sua mãe, mas também era o melhor presente que ela podia dar à sua madrastra.

– Obrigada – respondeu Lottie.

Beady agitou a mão como a desvalorizar a conversa.

– Bom, tenho de ir retirar esta máscara facial. Faz boa viagem.

Assim que ela se foi embora, Lottie retomou rapidamente a tarefa de fazer as malas, mas pouco tempo depois voltou a ser novamente interrompida.

– Mas que raio tens vestido? – O tom sarcástico de Ollie ressoou pelo quarto. Estava encostado à ombreira da porta, com os braços cruzados, enquanto observava Lottie a arrumar os últimos objetos do seu quarto.

– Ollie! – Lottie levou de imediato a mão ao peito em choque com a repentina aparição do seu melhor amigo. – Como é que vieste até aqui? E quantas vezes tenho de te dizer para bateres à porta? – Lottie estava tenuemente ofegante com o esforço para fechar as malas.

Ollie tinha 14 anos, a mesma idade dela, mas, apesar de ser mais alto, mantinha a sua cara de bebé, o que lembrava Lottie dos gelados cremosos na praia e de outros momentos felizes.

– Tive de me esconder da bruxa má. Sabias que a pele dela finalmente se tornou verde? – perguntou Ollie com um sorriso endiabrado.

Lottie riu, mas não podia ignorar o seu comentário. Olhou para a sua roupa, alisando o vestido intencionalmente.

– E qual é exatamente o problema do meu vestido? – quis saber indignada.

Ollie sorriu-lhe com o seu característico sorriso aberto. Tinha tufo de pelo de cão a cobrir-lhe os *jeans*, um pormenor permanente com o qual ele nunca se preocupava.

– Não é muito fino para o primeiro dia de escola?

– Muito fino?! – Lottie nem queria acreditar que ele estava a sugerir algo tão ridículo. – Nada é demasiado fino para Rosewood Hall. Tenho de me inserir. Não posso deixar que a minha roupa me torne uma excluída logo no primeiro dia de aulas. – Lottie começou a beliscar uma mancha não existente no colarinho do seu vestido. – A maioria dos alunos provavelmente tem roupas em ouro feitas por medida ou algo do género.

Ollie passeou casualmente pelo quarto, sentou-se na cama de Lottie e franziu os lábios, enquanto olhava em redor. Normalmente a divisão era muito viva com a especial estranheza caseira de Lottie, mas agora estava despida, pois tudo o que ela possuía tinha sido enfiado nas malas cor-de-rosa.

– Bem – começou Ollie, levando a mão ao bolso –, se puderes parar um minuto de te preocupar com o que os outros pensam de ti... – retirou do bolso um envelope amarrotado e uma fotografia esbatida que Lottie reconheceu como sendo da parede do quarto dele. – Isto é para ti.

Lottie estendeu-lhe a mão, mas Ollie afastou a dele.

– Só podes abrir a carta quando estiveres no comboio.

Lottie acenou com um sorriso exasperado e, lentamente, Ollie colocou os dois presentes na mão dela. Era uma fotografia que ela já tinha visto milhares de vezes: os dois na praia, com as suas caras de gulosos, os narizes cheios de gelado e sorrisos enormes. Mesmo com as cores desvanecidas, já em tons sépia, ainda se conseguia ver a tiara na cabeça de Lottie e os chifres na de Ollie. Ollie tinha decidido que era o elfo de *Sonho de Uma Noite de Verão*, de Shakespeare, depois de terem assistido a uma representação ao ar livre uma noite na praia. Ficara completamente encantado com todas as tramoias de que o personagem se conseguia safar e assumiu que também ele conseguia ser malandro sem arcar com as consequências se usasse os chifres.

A tiara de Lottie, por outro lado, tinha uma origem menos feliz. O seu dedo percorreu o acessório da foto, com um pequeno aperto no coração ao lembrar-se do dia em que a tinha recebido.

– Vou dar-te algum tempo para te despedires – disse Ollie antes de pegar sem esforço nas malas de Lottie e levá-las escadas abaixo até ao carro. Quando ficou sozinha, Lottie delicadamente pousou os presentes de Ollie e o resto dos seus pertences mais importantes na cama agora vazia, para não se esquecer deles. Guardou um de cada vez na sua bolsa: primeiro, a fotografia esbatida e a carta de Ollie, depois o seu caderno preferido, o seu companheiro de pelúcia mais fiel, *Sr. Truffles*, uma fotografia emoldurada da mãe, Marguerite, no seu traje de licenciatura e, por fim – muito deslocada entre os restantes objetos –, uma tiara em forma de quarto-crescente, o seu bem mais precioso. Lottie demorara 60 minutos a empacotar toda a sua vida em duas malas cor-de-rosa, uma mochila de ganga e uma pequena mala de ombro com uma forte alça branca. Olhou para o quarto vazio.

«Consegui, mãe», pensou. «Entrei para Rosewood tal como prometi.»



Para Lottie (Princesa Honorária de St. Ives),

Parece que mal te vi ao longo deste último ano que passaste a estudar e agora vais embora para viver no outro lado do país. Nada será o mesmo sem ti, mas tenho a certeza de que terás aventuras suficientes pelos dois.

Queria oferecer-te um livro de contos de fadas como presente de despedida, pois sei o quanto os adoras, mas tive medo que já os tivesses todos e decidi dar-te esta fotografia para nunca te esqueceres da minha existência.

Mal posso esperar por ouvir todas as loucuras em que te vais meter em Rosewood. Estou tão orgulhoso de ti por teres entrado, mas vou sentir muito a tua falta [pausa para soltar uma lágrima]. E COMO TE ATREVES A DEIXAR-ME SOZINHO NESTE ÍMAN PARA TURISTAS?! TRAIIDORA!! (Vês como canalizo as minha emoções difíceis para raiva como mecanismo de defesa??)

*O teu amigo,
Ollie*

P.S.: Traz-me uma coroa dourada ou algo do género – imagino que te deem uma quando chegares ;)

Lottie sorriu ao reler a carta do seu melhor amigo e, momentaneamente, deixou-se sentir um pouco emocional em relação a deixar a sua vida humilde na Cornualha. Olhou pela janela do comboio para a paisagem verdejante e campestre e recordou o dia em que se candidatou a Rosewood Hall, no ano passado.

Há cinco anos, prometera à sua mãe que encontraria uma forma de entrar naquela escola. Tinha caído uma tempestade na noite anterior e o mundo lá fora estava encharcado. A mãe estava deitada, tapada por quatro cobertores, tinha o corpo magro e fraco da doença que a consumia, mas uma força inderrotável persistia no seu olhar. Marguerite olhou para Lottie e sorriu-lhe com o seu sorriso acolhedor.

– Podes fazer tudo o que puseres na tua cabeça, minha princesinha.

O processo de candidatura fora árduo e intimidante. Rosewood raramente aceitava candidatos com bolsa, a menos que demonstrassem um potencial extraordinário; era uma escola que primava pela excelência. Rosewood não era o tipo de escola onde uma pessoa se inscrevesse; não basta pegar numa brochura e dizer que queremos ir para lá estudar. E como Lottie vivia sozinha com a madrastra, na padaria da sua falecida mãe, era impossível conseguir reunir o dinheiro para pagar as propinas.

Mas Lottie era persistente. Tinha trabalhado sem parar, esquecera as atividades sociais e os passatempos, todos os dias acordava cedo para realizar as suas tarefas antes de se fechar no quarto e estudar incansavelmente. Durante todo esse tempo, sonhou com o dia em que atravessaria os portões de Rosewood e ocuparia o seu lugar entre a jovem elite. Claro está, pronta para criar impacto no mundo.

– Estamos a chegar a Rosewood Central. Por favor, verifiquem que levam todos os vossos pertences quando saírem do comboio.

Quando pegou nas duas malas, Lottie questionou-se momentaneamente se seria a única estudante de Rosewood a fazer a viagem para a escola privada de transportes públicos. Assumiu que a maioria dos alunos teria carros particulares, mas no mapa da escola que ela e Ollie tinham passado horas a analisar só tinham visto o que parecia uma pista de aterragem – será que os estudantes viajavam de helicóptero? Devia ter tentado viajar de helicóptero? Lottie sabia que a ideia era disparatada, mas serviu para a recordar de como seria diferente dos outros alunos.

Sentindo-se repentinamente ansiosa, tateou dentro da mala em busca da tiara de quarto-crescente.

A sua mãe era uma fantástica contadora de histórias e todas as noites, antes de Lottie se ir deitar, lia-lhe uma. O conto preferido de Lottie era a *Cinderela*, por isso pedira à sua mãe que lhe lesse todas as versões da história que conseguira descobrir, fascinada por quão diferentes eram entre si. A mãe explicara-lhe como os contos de fadas, tal como tudo no mundo, tinham evoluído e sido adaptados, mas o que mais chamara a atenção de Lottie era a ideia omnipresente de trazer bondade ao mundo. Fosse qual fosse a versão da história que lia, a bondade da princesa era constante e era isso que a menina queria copiar acima de tudo.

Por essa razão, no seu sétimo aniversário, a mãe ofereceu-lhe uma tiara em prata com um quarto-crescente no topo, uma relíquia de família. A tiara fora transmitida de geração em geração de Pumpkins, partilhando o legado de Rosewood Hall.

Lottie olhou através da janela do comboio e a paisagem lá fora fundiu-se com a recordação da festa desse aniversário.

– Esta tiara foi oferecida a um dos nossos antepassados que teve o privilégio de frequentar Rosewood há centenas de anos. Ele passou-a à geração seguinte e, por fim, o meu avô ofereceu-ma. Um dia, se tiveres filhos, poderás deixar-lhes esta tiara.

Lottie quase nem ouviu as palavras da mãe, incapaz de desviar o olhar do objeto que estava dentro da caixa. Delicadamente, colocou a tiara na cabeça. Mas, claro, a sua cabeça de sete anos era simplesmente... muito pequenina. A tiara escorregou quase de imediato, caindo no chão duro de madeira da sala e parecendo muito deslocada entre o mar de crianças cheias de bolo de aniversário.

Sensível como era, Lottie começou a chorar. Não fora propriamente o facto de a tiara não lhe servir que a sensibilizara, mas o facto de a tiara – o intocável símbolo de magnificência, tão estranho na sua humilde casa – tornar tudo em seu redor dolorosamente normal. Parecia brilhar com uma grandeza cintilante, mas a sua luz só conseguia iluminar quão simples era o mundo à sua volta.

– A Lottie está outra vez a chorar – resmungou uma das convidadas da festa.

– Cala-te, Kate – disse Ollie. – Não sejas má só porque não ganhaste o jogo da batata quente.

– A MÚSICA ACABOU NA MINHA VEZ!

Esta discussão só servia para transtornar ainda mais Lottie; agora os seus convidados também estavam infelizes. Quando Lottie estava prestes a entregar-se a um rio de lágrimas com aquele cenário de fim do mundo, a sua mãe surgiu ao seu lado para salvar o dia.

– Vá lá, acalmem-se todos. Kate, temos uma surpresa para ti se deixares o Thomas ficar com o seu prémio do jogo da batata quente e, querida Lottie, podes prender a tiara com isto.

Marguerite abriu o bolso do avental e deu-lhe dois ganchos para o cabelo.

– Agora, atenção a todos, esta tiara é mesmo muito especial. – Marguerite levantou a tiara e Lottie reparou em como parecia tão natural na sua mão. – Sabem, esta tiara tem poderes mágicos.

Todas as crianças se calaram de imediato, aguardando ansiosamente por uma das histórias encantadas de Marguerite.

– Quem usar esta tiara tem o poder de ver os seus desejos tornarem-se realidade e quem a usar ganha as qualidades de uma princesa.

Enquanto falava, Marguerite Pumpkin prendeu com cuidado a tiara na cabeça de Lottie, puxando delicadamente o cabelo para trás para cobrir os ganchos.

– Quem se consegue lembrar de três qualidades que as princesas têm?

Olhou para as crianças, mas elas ficaram envergonhadas como muitas vezes as crianças ficam quando são interpeladas.

– Que tal coragem? Acham que as princesas são corajosas? – As crianças acenaram com a cabeça. – E que mais?

– Oh, oh, são bonitas! – balbuciou Ollie.

Marguerite riu tranquilamente, impressionada com a sinceridade inocente do menino.

– Bem, sim são quase sempre bonitas, mas essa beleza vem de dentro, porque as princesas são... – abriu a mão, convidando alguém a concluir a frase.

– São boas! – disse Kate, sorrindo para Lottie.

– Sim, muito bem, Kate, e que mais?

Sentindo-se encorajada pelo sorriso de Kate, Lottie decidiu partilhar os seus pensamentos.

– As princesas nunca desistem dos seus sonhos.

– Muito bem, Lottie. E que palavra podemos usar para descrever isso?

– Ilusório! – gritou Ollie. Todos riram, exceto Lottie que se limitou a revirar os olhos.

– Hum... incansáveis? – sugeriu Charlie. Houve um momento de silêncio enquanto as crianças hesitavam, tentando pensar numa palavra apropriada.

Até que Lottie se lembrou; caiu como uma bomba. Era tão óbvio. De repente esta palavra parecia a palavra mais importante e poderosa do mundo e mudaria para sempre a atitude de Lottie.

– Imparáveis.

Assim que a pronunciou em voz alta, Lottie soube que esse era o poder que queria que a tiara lhe desse: o poder de nunca, nunca desistir, de ser uma força imparável do bem, quer o mundo gostasse ou não.

Pensar que já tinham passado sete anos desde que a recebera parecia tão estranho. A sua vida tornara-se tão diferente desde que a mãe morrera e, por vezes, Lottie ainda lutava por acreditar que não era apenas um sonho triste e terrível.

Abanou a cabeça, forçando os maus pensamentos a desaparecerem, e voltou a colocar a fotografia na bolsa antes de os dedos encontrarem a tiara. Apertou-a por um momento, acariciando as pequenas pedras na frente. Gostava de poder pôr a tiara na cabeça mas, enquanto estivesse no comboio, teria de se contentar em apenas tocar-lhe. Depois, recitou para si o seu mantra pessoal.

Serei boa, serei corajosa, serei imparável!

Ela conseguiria. Ela enquadrar-se-ia. Teria sucesso em Rosewood, tal como prometera à sua mãe.

– Esta estação é Rosewood Central. Sair aqui para Rosewood Hall.

Lottie pegou nas malas, cheia de determinação. Estava pronta para iniciar o próximo capítulo mágico da sua vida e provar que pertencia a este mundo.



Lottie apanhou um táxi na estação que a deixou na entrada da escola, um enorme portão duplo em ferro, decorado com as letras R e H, encastrado no enorme muro que envolvia os terrenos fronteiros de Rosewood Hall. O portão dava acesso a uma enorme estrutura coberta, sob a qual se reuniam os alunos que iam chegando. O telhado era suportado por pilares de pedra decorados com intrincados relevos de espinhos e rosas. O vento que soprava por entre os pilares fazia uma espécie de sirene e provocou a Lottie um agradável arrepio na coluna.

Olhou em seu redor e sentiu um baque nervoso quando se apercebeu dos outros alunos e das suas incríveis frotas de carros de luxo. Lottie reconheceu alguns dos veículos por passar tanto tempo com Ollie – tinha a certeza de que ele ficaria doido se os visse. Nenhum dos outros alunos parecia carregar a sua bagagem e a maioria deles conversava entusiasticamente ou teclava decididamente nos seus telemóveis antes de serem obrigados a entregá-los no início do período.

Rosewood aceitava alunos a partir dos 11 anos, pelo que muitas das crianças já se conheciam, o que fez Lottie sentir-se ainda mais deslocada. Voltou-se para agradecer ao motorista, mas uma forte brisa inesperada soprou por entre os pilares, levando consigo o som das conversas dos alunos. Foi aí que a viu. Uma misteriosa figura ao fundo.

Por detrás do carro que a tinha trazido até ali, estava uma rapariga – alta e esguia, com cabelo curto preto e vestida com um blusão de cabedal gasto preto, uma mala de guitarra descuidadamente sobre o ombro. Não era como os outros alunos, alguma coisa na rapariga gritava paixão – era como uma nuvem negra de tempestade. Estava a retirar com facilidade as malas da bagageira de um carro particular. O *chauffeur* tentou ajudar, mas foi afastado com gestos, pelo que se manteve de lado e ao que parecia incomodado.

Lottie não conseguia ver bem a cara da rapariga, porque estava tapada por uns enormes óculos escuros. Sentiu uma necessidade imediata de voltar a olhar melhor para ela. Era como se existisse uma energia entre elas – algo a puxava em direção à rapariga. Mas antes de conseguir perceber esta estranha sensação de familiaridade, a sua visão foi bloqueada por uma pilha de livros com pernas.

– Com licença, atenção!

Lottie puxou apressadamente as suas malas cor-de-rosa para as tirar do caminho. Nunca vira uma pessoa tão pequena carregar tanta coisa. Dava a impressão que, a qualquer momento, tropeçaria e, ainda assim, conseguia parecer equilibrada e composta. Claramente, esta miúda era mais forte do que o seu tamanho sugeria.

Apesar de ter a cara escondida atrás de pilhas de livros e malas, Lottie conseguiu ver rolos de caracóis escuros. Como raio é que ela sabia para onde ia era um mistério. Contornou Lottie quando um grupo de alunos do sétimo ano passou a correr, como se tivesse cronometrado tudo na perfeição!

– Saudações!

Lottie saltou quando a cara da rapariga surgiu ao lado da pilha de livros e malas com um sorriso irradiante, revelando dois grandes olhos castanhos aumentados por uns óculos redondos grossos. De imediato, o cérebro de Lottie invocou a imagem de uma coruja.

A rapariga pequena olhou para as malas de Lottie.

– Deves ser uma caloira em Rosewood! Que excitante! – A rapariga olhou para Lottie analisando-a com curiosidade antes de o sorriso voltar à sua cara. – Gosto do teu compromisso com a cor rosa – disse, inclinando a cabeça para a roupa, malas e acessórios.

Lottie sentiu a face corar, um reflexo com que fora amaldiçoada desde pequena.

– Obrigada, eu...

– Mas que grande eritema craniofacial idiopática de que sofres!

A rapariga coruja inclinou-se para a frente para analisar a cara de Lottie, fazendo com que esta, involuntariamente, se inclinasse para trás e piscasse os olhos. Considerava-se uma pessoa com um vocabulário bastante bom, mas isto estava fora do seu alcance.

– Quer dizer corar. Na verdade, é bastante agradável, apesar de também poder ser um sintoma inicial de rosácea...

Enquanto a rapariga coruja prosseguia, Lottie seguiu-a pelo caminho em direção à entrada da escola, acenando silenciosamente.

Ao olhar em volta, sentiu-se noutro mundo. O caminho era emoldurado por três arcos em pedra. Quando os atravessaram, Lottie conseguiu perceber um retrato em cobre intrincadamente gravado no topo de cada arco. Reconheceu as imagens como as dos patronos dos três legados de Rosewood: Florence Ivy, no meio; Balthazar Conch, à esquerda, e por último à direita, os gémeos Shray e Sana Stratus. Olhavam para baixo, para os alunos, e o peso do seu olhar sério fez Lottie involuntariamente engolir em seco.

«Tem coragem!», disse para si.

– Pessoalmente, acho agradável, mas se também tiveres tendência para rosácea, pode ser um problema.

A rapariga coruja riu-se para si própria e voltou-se para Lottie, sorrindo. Lottie demorou um momento a perceber que a rapariga tinha terminado de falar e que era a sua vez de responder.

– Rosácea? – perguntou. Devia conhecer aquela palavra? Acabara de se declarar estúpida?

A rapariga coruja fixou-a antes de, inesperadamente, voltar a rir. O som do seu riso era tão adorável que Lottie sentiu-se como se estivesse a pisar nuvens de açúcar.

– Desculpa, estava a divagar. Toma...

A rapariga fez um estranho movimento oscilante, passando a bagagem para uma só mão. Lottie tinha a certeza de que desta vez tudo cairia, mas para seu espanto, manteve-se direito, como numa espécie de número de circo bizarro. A rapariga coruja levou a mão agora livre ao bolso e retirou um pequeno pedaço de papel.

– Sou a Binah.

Lottie aceitou a oferta e percebeu que era um cartão-de-visita. UM CARTÃO-DE-VISITA? Tinham 14 anos! Para que precisava uma pessoa de 14 anos de um cartão-de-visita?

Binah Fae
Assistente de biblioteca voluntária
Para aconselhamento escolar e aulas particulares,

por favor, enviar todos os pedidos por carta para:
Binah Fae, Stratus 304B, Rosewood Hall, Oxfordshire

Lottie sentiu-se receosa; será que também necessitava de um cartão-de-visita? Seria suposto as crianças da «elite» terem um?

Hesitou um momento antes de responder.

– Olá, Binah. Sou a Charlotte... mas podes chamar-me Lottie.

Rezou para que o seu primeiro nome fosse suficiente e, para seu alívio, Binah sorriu com total sinceridade. Todos os pensamentos sobre a enigmática rapariga vestida de cabedal desapareceram quando Lottie viu a sua expressão calorosa.

– Prazer em conhecer-te, Lottie.

As duas atravessaram a última arcada e Lottie imitou Binah pousando a sua bagagem junto de uma mulher num carrinho de golfe. Indicou o seu nome e ano e viu a sua bagagem desaparecer pela enorme colina em direção aos edifícios principais da escola.

Lottie descreveu lentamente um círculo completo, percorrendo o perímetro que contornava o recinto da escola com o olhar. Atrás dela estava o enorme muro; à sua direita e esquerda, desaparecendo atrás dos distantes edifícios, ficavam os antigos jacarandás que davam o nome à escola. O caminho estava delimitado com rosas de todas as cores e espécies. As rosas não se limitavam a florescer; pareciam brilhar com uma magia escondida.

O caminho da colina levou-as até um arco de pedra que dava para um pátio em frente ao *hall* de entrada. A entrada para a receção era um enorme par de portas em carvalho, emolduradas por um arco em pedra decorado com um padrão de espinhos gravado. Os delicados espinhos subiam na vertical revelando o nome de cada casa Rosewood – Ivy, Conch e Stratus –, pela ordem que refletia o que representavam no lema da escola: «Justo, Determinado, Hábil». Por cima, encontrava-se uma enorme gravação em ouro que dizia «ROSEWOOD HALL: ESCOLA DE FEITOS ADMIRÁVEIS».

Lottie parou por um momento, as palavras da sua madrastra ecoaram na sua mente.

– *Espero que não te desiludas.*

Hesitou apenas um instante, mas foi o suficiente para Binah se aperceber.

– Estás bem? – perguntou Binah, inclinando a cabeça inquiridoramente.

– Estou só... – Lottie avançou, não querendo admitir o quanto estava nervosa por ver a escola pela primeira vez. – Cansada da viagem tão longa.

Se ela imaginasse o efeito dominó que estas apalavras teriam.

– Vens de outro país? – perguntou Binah, com entusiasmo.

– Sim.

«Espera, o quê? Ela disse país ou região?»

– Que giro. Temos tantos estudantes internacionais, vais adaptar-te num instante!

– Espera, acho que... – Lottie tentou interromper e explicar que vinha apenas da Cornualha, mas Binah prosseguiu excitada.

– Não, não. Não te preocupes com nada. – Binah lançou-lhe o seu sorriso brilhante que mostrava todos os seus dentes brancos como pérolas e fez Lottie sentir-se um pouco zozza. – És uma caloiira de Rosewood e eu faço questão de saber tudo para poder ajudar toda a gente.

Lottie piscou os olhos algumas vezes, impressionada com a forma como as palavras de Binah a recordavam tanto do seu próprio desejo de trazer bondade ao mundo. Rapidamente se recordou dela

própria e abriu a boca para corrigir o mal-entendido, mas os olhos de Binah já estavam focados em alguma coisa para trás dela, piscando ao que quer que fosse que estava a observar.

– E por falar em coisas que deves saber, aqui vêm três delas neste preciso momento.

Lottie seguiu o olhar de Binah enquanto três alunos impecavelmente bem vestidos se dirigiam para elas.

Uma das raparigas trazia um café gelado numa mão e um telefone na outra para o qual falava furiosamente. Tinha vestido um casaco de peles enorme e Lottie conseguiu discernir logos de *designer* por entre as suas roupas. Esta rapariga poderia facilmente ser uma Barbie morena que ganhara vida. Os outros alunos eram um rapaz e uma rapariga que pareciam mover-se em uníssono: eram tão idênticos em aparência e constituição que só podiam ser gémeos. Eram como pequenas pombas amorosas, vestidos quase inteiramente de branco.

– Binah – chamou a rapariga gémea num guincho estridente, saltando para a frente para a abraçar.

Binah também a abraçou e depois todos pareceram reparar ao mesmo tempo em Lottie.

– Anastacia, Lola, Micky, esta é a Lottie. É internacional.

Lottie estremeceu, rezando para que ninguém lhe pedisse o passaporte. A Barbie despediu-se rapidamente para o telefone e voltou-se para Lottie.

– Encantada – disse a Barbie, com um ligeiro sotaque francês nas palavras e estendendo a mão. Lottie apertou-lhe a mão lentamente, reparando em como era fria. – Adoro o teu vestido – acrescentou a rapariga. Lottie corou, percebendo que esta rapariga não deveria ter ideia de quão reconfortante e simpático tinha sido aquele elogio para ela.

– Oh, obrigada...

Antes de Lottie conseguir terminar, a Barbie interrompeu-a, dizendo:

– *Okay*, chega de conversas. Estou farta de estar parada e quero verificar se a minha bagagem não está a ser mal tratada.

Os gémeos riram um para o outro. Binah inclinou-se para Lottie e sussurrou ao seu ouvido:

– Esta é Anastacia, filha do embaixador francês. É muito divertida.

Lottie assentiu, observando enquanto Anastacia e os outros desfilavam pela arcada. Mas Lottie não os conseguiu seguir. Estava absorta no forte aroma que parecia inundar o ar à volta deles. A mistura de lavanda e rosas dava uma sensação profunda de sonho, como se estivesse a ser puxada para outro mundo.

Olhou para o edifício à sua frente. Sentiu como se a escola a chamasse, puxando-a para uma atmosfera só dela. Era como se aquele fosse o lugar onde sempre pertencera; ela sentia-o nos ossos. A tiara escondida na bolsa queimava. Tinha conseguido! Tinha entrado em Rosewood. Então, percebeu que não tinha medo de que a escola a desiludisse. Tinha medo, sim, de desapontar a escola.

– *Allez!* Alguns de nós querem chegar a Rosewood antes de morrermos de velhice, se faz favor. – A voz de Anastacia entoou no ouvido de Lottie, retirando-a do estado de hipnotismo e forçando-a a mexer as suas pernas. – O que é que estás a fazer? – perguntou.

– Não faço ideia – respondeu Lottie quando deu os primeiros passos em direção a Rosewood Hall.



As pesadas portas da magnífica receção forrada a carvalho estavam abertas de par em par para receber os estudantes, novos e antigos, que entravam em catadupa, zumbindo com entusiasmo, como abelhas bem vestidas numa colmeia. A luz incidia de forma estranha no arco por detrás da secção em cinzento pardo, dando a impressão de que o pátio era um quadro. Como se ao cruzar a soleira da porta tivesse sido transportada para outro mundo.

– O discurso de boas-vindas e o fogo-de-artifício serão só mais à noite – explicou Binah –, por isso o melhor é instalares-te no teu dormitório e descansares, talvez experimentares o teu uniforme. Podemos encontrar-nos antes.

Os cinco estavam na fila para se registarem e Binah retirou uma grande e bonita pasta de documentos que Lottie reconheceu do seu próprio *pack* de boas-vindas a Rosewood Wall. O dela era roxo, mas o de Binah era amarelo.

– Que casa te foi atribuída depois do teu teste de aptidão?

Micky, Lola e até mesmo Anastacia sorriram perante esta pergunta, voltando todos a cabeça para ouvir a resposta de Lottie.

Juntamente com a candidatura, Lottie tivera de realizar um teste de aptidão com questões «E se» e de escolha múltipla para avaliar qual a casa que melhor se adequava à sua personalidade.

– Estou na Florence Ivy.

Os outros alunos trocaram um olhar e Lottie questionou-se se dissera alguma coisa errada. Binah riu e deu uma palmadinha no ombro de Lottie o que, vindo de qualquer outra pessoa, poderia parecer condescendente, mas o seu sorriso sincero fez com que fosse impossível tomar como insulto.

– Desculpa, desculpa! Nunca usamos os nomes completos. É apenas Ivy, Conch e Stratus.

Lottie não conseguiu evitar voltar a corar.

– Já vi que estás na Stratus – disse Lottie, apontado para os cadernos amarelos de Binah.

– *C'est n'importe quoi* – interrompeu Anastacia com uma expressão indecifrável por detrás dos óculos escuros.

O conhecimento de Lottie de Francês era limitado, mas conseguiu perceber que Anastacia tinha dito algo semelhante a que a sua questão era pouco importante.

– Binah foi uma das poucas estudantes a quem foram oferecidas as três casas e por algum motivo escolheu a Stratus em vez da Conch – explicou Anastacia.

– Hey! – exclamou Lola, parecendo verdadeiramente magoada.

– Não é nada pessoal, Lola. Mas a Conch é claramente a casa mais importante e o vermelho é uma cor superior.

Lola e Micky reviraram os olhos ao mesmo tempo, obviamente habituados a este tipo de comentários de Anastacia. Binah encolheu os ombros para Lottie, tentando agir como se não fosse nada de especial ser convidada para as três casas de Rosewood, mas o enorme sorriso mostrava que

sabia muito bem como era impressionante. À frente da fila, um prefeito de Ivy, cujo crachá roxo dizia FREDDIE BUTTERFIELD, retirou-lhe o telefone para o resto do semestre e entregou-lhe outro pacote de boas-vindas.

Lottie sabia que isto ia acontecer – os telefones eram estritamente proibidos durante o semestre escolar –, mas, ainda assim, sentiu-se como se estivesse a entregar uma parte de si.

Desde que a mãe falecera, tinha passado tanto tempo a estudar arduamente que não tivera tempo para os amigos, pelo que Ollie era o único com quem trocava mensagens. Também não lhe podia enviar *emails* porque o uso da Internet era rigorosamente controlado. A ideia de não o poder contactar facilmente deixava-a um pouco nervosa, mas rapidamente pôs o assunto de parte.

– Bem-vinda a Rosewood, menina... Pumpkin.

Lottie sentiu um pouco de vergonha ao notar a hesitação do rapaz perante o seu apelido, mas esta desapareceu num instante.

– Este saco contém algumas ofertas da escola para si. Também tem as chaves do seu quarto e o seu passe para entrar no dormitório Ivy. Todo o restante equipamento está no seu quarto. Receberá o seu telefone de volta no final do semestre. Obrigado. Tenha um bom dia. – O tom sugeria que estaria mais entusiasmado no início do dia, mas que agora lutava por se manter sorridente, tendo de repetir o mesmo guião a muitos outros alunos de Rosewood.

Saíram da sala de receção e separaram-se de Anastacia, que se encaminhou para uma ponte na direção de Conch House, acompanhada por uma rapariga de cabelo loiro e frisado que parecia estar à sua espera. Lottie observou-a, com curiosidade, quando envolveu a rapariga num abraço apertado. Quase se questionou se estaria a imaginar a cena, pois parecia estranho que a Anastacia que acabara de conhecer fosse capaz de tanto afeto.

Binah levou-a por um caminho quase cénico através da escola. Passaram os edifícios principais de Stratus Side, o dormitório de Stratus House, que, como o nome sugeria, ficava na torre mais alta da escola. Adequadamente, a Stratus House era representada pelo esmerilhão, um símbolo de criatividade, que estava gravado numa placa sobre a entrada da torre.

Deixaram aí os gémeos, que acenaram em sincronia a Lottie antes de subirem a torre. Assim que chegaram ao recinto principal da escola, Binah deu início a uma lição improvisada sobre os edifícios por onde passavam. Os seus lábios moviam-se mais depressa do que Lottie conseguia acompanhar e usava um vocabulário tão intenso que quase parecia uma língua completamente nova.

– A intrincada fenestração do salão da assembleia é um *pastiche* intencional do estilo gótico do século XVIII...

Lottie acenou. Seriam todos os alunos de Rosewood assim tão cultos? Anastacia dissera que Binah fora a única aluna alguma vez a ser convidada para as três casa e Lottie sentiu uma intensa determinação repentina. *Quero ser assim tão inteligente.*

Iria utilizar o seu tempo em Rosewood para trabalhar o mais arduamente possível e fazer jus ao orgulho da sua mãe. Assim que saíram do complexo principal da escola, que não era um passeio nada pequeno, Lottie sentiu-se aliviada por não ter sido necessário carregar a sua bagagem. O caminho tornou-se pavimentado, o que significava que se estavam a aproximar do dormitório Ivy. A um quarto do caminho que descia a colina, aninhado entre densos rododendros que serviam de cenário a Rosewood, encontrava-se um edifício de pedra com ar imponente. Passando o portão em ferro forjado, ficava Ivy Wood, o seu novo dormitório. Era lindo e parecia um hotel de tão grande que era

– e de facto era quase. Lottie lera que, além de muitos quartos *en suite*, Ivy Wood tinha a sua própria receção, cozinha, sala de jantar, biblioteca e salas de estudo.

A hera crescia pelas paredes de pedra cinzenta em emaranhados, subindo pelas laterais do edifício. O caminho até à porta da frente estava ladeado por espessos arbustos de glicínias que cobriam alcovas de treliça... Aqui estava ela: a sua casa nos próximos quatro anos.

– Que estilo arquitetónico é mais popular no teu país?

Lottie foi acordada do seu sonho pela pergunta inesperada. Olhou para Binah e a voz ficou-lhe presa na garganta; seria totalmente humilhante admitir o mal-entendido, mas tinha de o fazer. E agora era a sua oportunidade.

– Eu... – foi o máximo que conseguiu dizer.

– Oh, repara! Não é lindo? – Binah bateu as mãos excitada.

Lottie olhou para cima e viu o olhar de Binah preso no lago no centro do jardim Ivy. Havia uma estátua em bronze de um veado, os chifres esticados como uma coroa sobre a sua cabeça, o olhar fixando o dela com uma estranha familiaridade.

Binah suspirou melancolicamente, enquanto encaminhava Lottie na direção da estátua.

– Chama-se Ryley. É o guardião de Rosewood e o símbolo da tua casa.

Lottie apercebeu-se de que não conseguia desviar os olhos.

Mais uma vez, esqueceu-se de que Binah fazia parte do quadro, quase como se o veado a estivesse a distrair intencionalmente.

– Anda. – Binah estendeu o braço e tocou na palma da mão de Lottie com o polegar enquanto a levava até à entrada do dormitório, para longe de Ryley.

– Vamos fazer o teu *check-in* e levar-te ao quarto. Deves estar cansada da viagem.

Lottie gemeu. Estar em Rosewood já era completamente cansativo e ainda nem tinham começado as aulas.

Binah conduziu-a através da porta até ao dormitório Ivy e deixou-a com instruções muito claras para se encontrarem mais tarde.

– Apanho-te no portão de Ivy Wood às sete da tarde e levo-te ao Miracle Marquee para nos encontrarmos com os outros. Se precisares de alguma coisa depois de eu ir embora, a mãe da tua casa é a Professora Devine... – Binah fez uma pausa por um momento, levando o dedo à boca com se estivesse a pensar. – Mas ela não vai estar cá agora, porque está a dar o discurso de orientação. Mas tenho a certeza de que um dos prefeitos terá todo o prazer em ajudar-te.

Lottie memorizara religiosamente os nomes de todos os seus professores e diretores do colégio, mas conhecer a vice-diretora e mãe de Ivy House, a professora Adina Devine, era a que a deixava mais ansiosa.

Ollie tinha feito imensas piadas sobre como o nome parecia o de uma bruxa. Lottie tivera de o lembrar que era sensível a piadas à custa do nome das pessoas e fez notar que «fazia mais lembrar o nome de uma fada-madrinha, muito obrigada.»

– Tens sorte! A professora Devine é uma mulher fantástica – disse Binah, com um enorme sorriso na cara. – Mas tem cuidado para cair nas boas graças dela. Consegue gritar alto o suficiente para partir um vidro.

Lottie engoliu em seco com este pensamento; não lidava bem com gritos.

Binah abraçou-a rapidamente e Lottie viu-se a apertá-la com força, percebendo que não queria que ela se fosse embora. Binah já a ajudara tanto. Ficou preocupada que se sentisse completamente

perdida sem ela.

– Muito obrigada, Binah. – Apertou-a novamente num breve abraço antes de a soltar. Binah voltou a sorrir para ela, um sorriso grande e reconfortante, que deixava ver os seus dentes brilhantes.

– Vais adaptar-te muito bem, Lottie. Acho que és mesmo o que esta escola precisa. – E foi embora, desaparecendo em direção ao dormitório Stratus.

Lottie sentiu-se esquisita sem Binah ao seu lado. Tudo parecia muito maior do que alguns minutos antes e sentiu a ansiedade e a solidão voltar. *Sê corajosa.*

Ao entrar no dormitório, foi recebida por uma sala de receção ornamentada com um enorme quadro com uma moldura em carvalho. Representava uma mulher pequena de cabelo preto e ar austero, vestida de roxo e com um veado a seu lado. Obviamente, era Florence Ivy. Olhava com desconfiança para o mundo de dentro do quadro, exigindo ser levada a sério e inspirando determinação a todos os que olhavam para ela.

«Não a vou desiludir, Miss Ivy.»

Uma perfeita rechonchuda de cabelo ruivo com um crachá que dizia ELIZA LOOPER estava sentada a uma secretária à entrada. Havia um cheiro distinto a pão de gengibre em volta dela e a sua cara muito sardenta parecia um mapa de constelações. Ao contrário de Freddie, esta parecia genuinamente feliz em poder ajudar.

– Encantada por te conhecer, Lottie! – Entregou-lhe um pequeno livrinho com o horário do semestre impresso numa bonita caligrafia à frente.

– Este é o horário final. Vais saber quem é a tua companhia, ou seja com quem vais partilhar a maioria das aulas.

Lottie acenou. Já tinha pesquisado como estavam estruturadas as aulas em Rosewood Hall. Cada ano era dividido em grupos de cerca de 20 alunos, todos da mesma casa. A maior parte das aulas eram frequentadas com estes grupos e ela rezou por ficar numa boa companhia.

– Se quiseres enviar ou receber cartas, o teu apartado pessoal está no teu pacote de boas-vindas e podes enviar ou receber pacotes grandes na sala de correio junto ao edifício Stratus.

Lottie acenou novamente; já tinha pesquisado o sistema de correio cerca de um milhão de vezes com Ollie, assegurando-o de que encontrariam uma forma de se manter em contacto.

– Estás no Quarto 221. A tua companheira de quarto chegou há cerca de meia hora. Também é nova, por isso se tiverem alguma dúvida, digam-me – disse ela, radiante.

Companheira de Quarto? Esta informação soou quase como um alarme para Lottie. Como é que se tinha esquecido de que ia conhecer a sua companheira de quarto? A rapariga com quem ia passar, pelo menos, os próximos dois anos da sua vida, partilhando um quarto. Subiu dois lances de escadas e chegou ao Quarto 221, ao fundo do corredor. A porta surgiu à sua frente, grande e branca com algarismos dourados brilhantes. Respirou fundo, mentalizando-se.

A primeira coisa em que Lottie reparou quando abriu a porta foi no tamanho da divisão; fazia com que o seu pequeno quarto no sótão na Cornualha parecesse um guarda-fatos. Até tinha uma varanda, uma das vantagens de ficar no segundo andar. Havia uma cama de casal em metal branco, em cada lado do quarto e, entre elas, um enorme tapete persa, perfeitamente centrado no soalho de madeira lacada. Tal como esperado, o seu novo uniforme axadrezado Ivy, também roxo, estava colocado sobre a cama vazia, à sua espera. A cama e as paredes vazias entusiasmaram-na, tinham tanto potencial de decoração.

Porém, algo parecia ligeiramente deslocado quando olhou para o outro lado do quarto que já tinha sido ocupado. Estava praticamente vazio para além de um *poster* emoldurado do filme *Fúria de Viver* pendurado na parede. A sua companheira de quarto ainda não se tinha dado ao trabalho de fazer a cama. Em vez disso, estava esparramada sobre o colchão com um livro sobre a cara. Estava... a dormir?

Lottie ainda estava trémula com a excitação do dia, e ali estava aquela rapariga, a dormir. Sentiu uma estranha impaciência. Sabia que a devia deixar dormir, mas não conseguiu evitar. Pegou na maçaneta da porta e fechou-a com um estrondo.

A rapariga sentou-se de repente e o livro caiu da sua cara revelando uma cabeleira preta curta e olhos escuros penetrantes, que pareciam olhar diretamente para a alma de Lottie.

Lottie não conseguia acreditar. Era ela, a rapariga enigmática que vira à chegada.



– És tu – sussurrou Lottie. Se imaginasse que a rapariga misteriosa e intrigante à primeira vista, era como um furacão ao perto. Praticamente transpirava revolta juvenil. Caos e anarquia em forma de pessoa. Não podiam ser mais diferentes. Tudo o que Lottie era, esta miúda era o oposto. Mas havia algo de familiar nela que Lottie não conseguia identificar. Apresentava-se com uma confiança e à vontade invejáveis que, em comparação, faziam Lottie sentir-se tímida e estranha. Lottie suspeitou que o cabelo cortado fosse pintado; parecia demasiado escuro para ser natural. A maquilhagem era forte e usava uma *t-shirt* de uma banda de que Lottie nunca tinha ouvido falar e de repente temeu dever ter ouvido.

– Desculpa?

– Olá, desculpa... Olá! – Lottie embrulhou-se nas palavras, tentando desesperadamente remediar qualquer estranheza no seu momento de silêncio petrificado. – Já... já nos conhecemos?

A cara da rapariga iluminou-se, cerrando os olhos antes de esboçar um sorriso afetado.

– É muito pouco provável – respondeu a rapariga, levantando uma sobrancelha como numa espécie de arrebate apaixonado de uma adolescente nos anos 80.

Lottie corou de imediato, mas não conseguia perceber porquê. A rapariga estendeu a mão para que Lottie a apertasse. Até as mãos eram completamente diferentes. Os punhos gastos e o verniz preto estalado nas unhas partidas fizeram Lottie sentir-se embaraçada com um seu pequeno anel de ouro e as unhas cuidadosamente pintadas de rosa.

– Chamo-me Ellie, Ellie Wolf.

Lottie apertou-lhe a mão e deu-se um pequeno choque elétrico entre elas que quase a fez saltar. Arrepiou-se com a sensação, mas não sentiu desconforto.

– Lottie... Lottie Pumpkin – respondeu.

– Pumpkin?

Lottie preparou-se mentalmente para um dilúvio de piadas à custa do estranho apelido de que ela tinha de fingir achar divertido, mas ficou agradavelmente surpreendida quando Ellie sorriu.

– Engraçado.

A luz entrou através da vidraça da varanda, iluminando as suas delicadas clavículas e refletindo num medalhão em forma de diamante que trazia ao pescoço e que tinha um brasão com um lobo no centro.

Lottie corou novamente e instintivamente olhou para baixo.

– Obrigada.

Um silêncio estranho instalou-se no quarto e fez Lottie sentir necessidade de falar.

– Sabes a que companhia pertences? – perguntou excitada e de imediato disse a si própria para se acalmar antes de parecer demasiado ansiosa.

– Estou na Epsilon, acho eu – respondeu Ellie indiferente, despejando um dos seus sacos sobre a cama.

– EU TAMBÉM!

O que é que eu acabei de dizer sobre estar demasiado ansiosa? Lottie repreendeu-se mentalmente, mas Ellie voltou-se e sorriu-lhe como se o seu entusiasmo fosse encantador.

De repente, Lottie sentiu-se chata, mas Ellie nem pareceu reparar, começando a remexer nos objetos sobre a sua cama.

Não demorou muito até que Lottie tivesse o seu lado do quarto exatamente como pretendia. Toda a sua vida guardara esboços e desenhos, e sempre fora boa em decoração.

Na Cornualha, no sótão de carvalho da padaria, as paredes do seu quarto estavam cobertas de peças de arte, fotografias *polaroid* presas com molas, uma série de luzinhas de fada e bandeirinhas coloridas em bonitos tons pastel. Era o seu abrigo aconchegante, o pequeno porto seguro onde se podia refugiar.

Lottie sorriu para si própria, limpando as mãos e admirando o seu trabalho. Estava perfeito. Os lençóis rosa, as jarras cheias de rosas cor-de-rosa, as velas nas prateleiras em coloridas bases de cristal. Tal como planeara, tudo combinava com a mobília branca e roxa do dormitório Ivy que Lottie tinha visto na brochura *online*. Também se tinha dado ao luxo de trazer os seus mais bonitos livros cartonados de contos de fadas, juntamente com uma coleção de livros brochados, todo o seu material e *Sr. Truffles*, o seu porco de peluche, que parecia muito confortável entre as suas almofadas de renda. Conseguira. Tinha oficialmente mudado para ali e tornara aquele lugar seu...

Voltou-se e deparou-se com uma zona de guerra que tinha deflagrado atrás de si. Quase se engasgou com o caos do outro lado do quarto. Se não soubesse o que se passava, pensaria que tinha rebentado uma bomba. Pilhas de CD e DVD espalhadas pelo chão. Mas quem é que ainda ouve CD? Roupas pretas em montes ao lado de montanhas de livros com cantos de páginas dobrados e papéis. Era o quarto mais desarrumado que ela já tinha visto e ainda não passara um dia. A única coisa com que Ellie se tinha preocupado em arrumar com cuidado era uma fotografia emoldurada de si com a língua de fora e um braço à volta de um rapaz com ar muito irritado vestido com um fato preto.

Depois do cuidadoso planeamento que Lottie tinha feito do seu dormitório perfeito, nem lhe ocorrera que a sua companheira de quarto pudesse ser... desleixada.

Ellie estava sentada por entre o caos, de pernas cruzadas e as grandes botas pretas na cama vazia, curvada sobre um *sudoku* por terminar, um *earphone* num ouvido e fios de cabelo desalinhados sobre os olhos.

– Interessante escolha de decoração. – Lottie tentou dizer isto num tom leve, mas as palavras saíram com um toque nervoso involuntário.

Ellie olhou lentamente para cima, tirando o *earphone* e deixando-o suspenso sobre a cama.

– O quê... Uau. – Afastou os cabelos dos olhos soltando um longo assobio de surpresa quando olhou para o quarto. – Fizeste isso tudo? – As palavras tinham menos de impressionante do que de perplexidade.

– Para mim, é importante ter um quarto bonito – disse Lottie calmamente, esperando que o sentido das suas palavras fosse muito claro.

– Ah! – Ellie baloiçou as pernas sobre a cama. – Oh! Presumo que o meu estilo eclético não seja muito do teu agrado. – A voz denotava sarcasmo e o seu encanto inicial foi substituído por uma altivez que Lottie não tinha a certeza se apreciava.

– Bom... – começou Lottie, sem saber muito bem qual a melhor forma de abordar a questão, quando o que queria mesmo dizer era exatamente o que tinha dito a Ollie na mesma situação. *Limpa o teu quarto, seu animal!*

– Tenho todo o gosto em ajudar-te a arrumar tudo, se quiseses.

Ellie levantou-se e cruzou os braços à frente de Lottie, que tinha as mãos nas ancas.

– E presumo que queiras que limpe tudo – indignou Ellie.

– Não são as fadas que o vão fazer – respondeu Lottie, surpreendendo-se com o seu próprio tom sarcástico, algo que não era nada dela. Ellie expirou pelo nariz num riso irónico.

– Então, e se eu gostar do quarto assim? – Estava a ter prazer em arreliar Lottie. Caminhou até à cama feita na perfeição de Lottie e agarrou em *Sr. Truffles*.

– Hey! – exclamou Lottie. – Tem cuidado!

– Está tudo bem – respondeu Ellie, atirando com o boneco sobre o ombro. – Só o vou mudar para equilibrar um bocadinho os dois lados... já que, claramente, não gostas do meu *sentido estético*. – Disse as palavras lentamente, marcando as sílabas e desenhando pequenas aspas com os dedos.

Lottie tinha terror de confrontos e observou enquanto Ellie colocava *Sr. Truffles* sobre um monte desarrumado de coisas que estava em cima da cama.

– *Tcharã!* – Ellie fez um sorriso amarelo. – Agora já tens o teu quarto perfeito.

Lottie olhou para Ellie, de boca aberta. *Ela estava a gozar com ela*. Sentiu as lágrimas picarem-lhe os olhos. Tinha-se habituado, enquanto crescia, ao desprezo e a golpes por viver com Beady, mas nunca imaginara que teria de lidar com isso em Rosewood. Respirou fundo e executou o seu ritual mental que tanto a tinha ajudado antes. Fechou os olhos e imaginou que usava a tiara da sua mãe.

Vou ser bondosa, vou ser corajosa, vou ser imparável! Estava determinada a não se deixar ir abaixo.

– Ellie, não tem piada. – Tentou soar o mais firme possível, mas não estava habituada a ter de usar um tom autoritário. – Devolve-mo – disse, estendendo a mão.

Ellie voltou-se para ela e levantou uma sobrancelha.

– Vem buscá-lo – respondeu Ellie, deslizando para o chão. – Melhor ainda, porque é que não te juntas a mim no meu monte de lixo? – Fez sinal a Lottie para se sentar ao lado dela. – Ou não queres estragar o teu vestidinho bonito?

Lottie sentiu-se especialmente irritada com aquela afirmação. Ficara tão feliz depois de Anastacia a ter elogiado pelo vestido para o qual tinha poupado tanto dinheiro, mas agora essa alegria fora arruinada pelas palavras de gozo de Ellie.

Ellie recostou-se na sua pilha confusa e começou a bater os braços, como se fosse um anjo do lixo no chão, fundindo-se no monte das suas posses.

– Ellie, para! Vais...

Mas era demasiado tarde. O braço de Ellie bateu na pilha de coisas com *Sr. Truffles* no topo. Por sua vez, isso fez cair uma lata de Coca-Cola que estava no chão, entornando a bebida toda e transformando a confusão numa poça de objetos molhados e pegajosos.

– Ups! – Ellie sentou-se e olhou para o líquido escuro efervescente que se espalhava pelo chão de madeira em direção a Lottie e não fez qualquer esforço para o parar.

Para horror de Lottie, uma quantidade de líquido tinha caído na pata de *Sr. Truffles* e ela agarrou-o rapidamente.

– *Ups?* O que queres dizer com *ups*? – Lottie sentiu-se muito frustrada. Nunca tinha conhecido ninguém que a fizesse sentir-se assim. Era como se todo o seu corpo estivesse em chamas e percebeu que, pela primeira vez desde que a mãe tinha morrido, estava a deixar-se enfurecer. Era como se os sentimentos negativos que ela tinha acumulado ao longo de toda a vida estivessem prestes a explodir.

Ellie simplesmente encolheu os ombros em resposta.

– *Uff, okay!* – Lottie apressou-se para a casa de banho, cerrando os dentes para não gritar, e agarrou numa toalha. – Se tu não limpas isto, limpo eu! – Começou a ensopar o líquido escuro, decidindo ignorar a indiferença de Ellie.

– Relaxa... Bolas! – Ellie agarrou num dos seus livros que estava no chão e voltou a sentar-se de pernas cruzadas na cama, afastando casualmente um fio de cabelo preto dos olhos. – Tenho a certeza de que tens uma criada ou alguém que venha limpar isto. – Riu-se para si própria e Lottie sentiu um aperto no estômago. É isso!

Era claro que Ellie tinha algum ressentimento e Lottie não admitia que fizessem qualquer pré-julgamento sobre ela. Ao ver Ellie deitada na cama, Lottie sentiu uma tempestade tomar conta dela.

– Olha, não sei que tipo de ideia tens sobre mim, mas eu trabalhei muito para entrar nesta escola. Não posso pagar as propinas e tive de dar provas de mim mesma, por isso, o *mínimo* que podes fazer é ter o teu lado do quarto limpo, pelo menos no primeiro dia. – Atirou a toalha para cima da cama de Ellie. – Oh, e tens razão, não quero estragar este vestido, porque ao contrário de algumas pessoas, não me posso dar ao luxo de não me preocupar com as coisas.

Ellie parou imediatamente de rir. Houve uma longa e estranha pausa. Lottie não se recordava da última vez que fora tão honesta. Olhou para Ellie, de repente horrorizada com as consequências, mas para seu espanto, ela parecia estar genuinamente arrependida.

– Eu... não percebi... – Ellie afastou o olhar, passando as mãos pelo cabelo no que era, provavelmente, o mais próximo do que seria mostrar embaraço.

Lottie relaxou as mãos, que tinha cerrado inconscientemente num punho nervoso. Depois, reparou no relógio na parede. Eram cinco para as sete, faltavam apenas cinco minutos para se encontrar com Binah.

O olhar de vergonha de Ellie tocou Lottie de uma forma que ela não compreendia e sentiu que algo importante acabara de acontecer entre elas. *Sê bondosa*, recordou-se. Recolheu toda a sua frustração e soltou um único longo suspiro.

– Vens ao fogo-de-artifício?

Ellie piscou os olhos surpreendida, obviamente não esperando tão repentina mudança de tom.

– Vou com umas pessoas que conheci de manhã... Tenho a certeza de que não se vão importar que venhas connosco.

Ellie olhou atenciosamente para Lottie, por um momento, antes de desviar o olhar, o cabelo voltou a cair rapidamente sobre os olhos.

– Vou passar. Estou mesmo muito cansada da viagem e... – Ellie começou a brincar com o medalhão que tinha ao pescoço. – Devia arrumar um bocado isto. – Olhou para Lottie ao dizer estas últimas palavras e ofereceu-lhe um sorriso de desculpas. Por qualquer motivo que Lottie não conseguia perceber, o seu coração ficou pesado com a ideia de deixar esta rapariga sozinha, mesmo depois do estranho primeiro encontro. Tinham passado anos desde que alguém a tinha irritado e ela, subconscientemente, ainda esperava que a sua nova colega de quarto a castigasse por ter rebentado. Mas Ellie não o fez.

Em vez disso, olhou para Lottie de uma forma que a fez sentir como se a compreendesse e que a fez instintivamente levar a mão ao peito.

– Obrigada.

Lottie surpreendeu-se com as suas próprias palavras, sem ter a certeza do que estava a agradecer.

Ellie sorriu e Lottie sentiu como se tivessem acordado uma espécie de tréguas.

– Não há problema.



Binah encontrou-se com Lottie no portão de Ivy Wood conforme planeado e juntas cruzaram uma ponte até ao Miracle Marquee. As recordações da sua zanga com Ellie desvaneceram-se e Lottie concentrou-se em como ia esclarecer o mal-entendido sobre vir de outro país e explicar que tinha tido demasiada vergonha para corrigir Binah.

Felizmente, o fim do dia tornou-se uma agradável distração para os seus nervos. Para sua surpresa, a escola era ainda mais arrebatadora à noite, com suaves velas que delimitavam os caminhos. Quando chegaram ao Marquee, Lottie percebeu logo porque se chamava assim. Existiam traves de madeira escondidas por centenas de rosas que faziam parecer que o teto flutuava. Lá dentro, na zona de lugares sentados estavam Anastacia, que ainda trazia os óculos de sol apesar de estar escuro, Lola e Micky, que comiam chupa-chupas, e um rapaz de pele escura que Lottie não conhecia. Enquanto se encaminhavam na sua direção, conseguiu ouvir o rapaz dizer:

– Ainda penso que deviam estender a hora de recolhimento para as 22 horas para os alunos do décimo ano. Alguém devia reclamar.

Anastacia zombou:

– Estás à vontade, Raphael. E explica-nos lá pela décima quinta vez como seria. – A conversa terminou quando viram Binah e Lottie aproximarem-se.

– Oláááá, Lottie! – Lola correu para ela e abraçou-a com força, como se fossem as melhores amigas desde sempre. Lottie sentiu um aroma a pó de talco quando Lola a abraçou.

– Lottie, este é o Raphael. Raphael, Lottie.

Raphael fez uma vénia exagerada.

– Prazer em conhecê-la, menina...?

– Pumpkin – completou Binah.

Raphael deu uma risadinha.

– Binah, o ano só agora começou. Ainda é muito cedo para as tuas estranhas piadas – disse, endireitando-se. Quando ele falou, ouviu-se um sotaque americano muito subtil, que Lottie não conseguiu identificar.

– Não... o meu apelido é mesmo esse. – Lottie conseguiu sentir-se corar e rezou para que Raphael não fizesse mais perguntas.

– *Okay*, malta... – rosnou Anastacia de repente. – O discurso da professora Devine começa dentro de 20 minutos e a Saskia guardou-nos um bom lugar para vermos o fogo-de-artifício. Vamos!

De imediato, todos pegaram nas malas e dirigiram-se ao local. Lottie não conseguiu evitar questionar-se se Anastacia teria dito aquilo para desviar as atenções dela. Será que ela é assim tão atenciosa?

Enquanto se dirigiam para o campo onde os discursos teriam lugar, Micky guardou o pauzinho do seu chupa-chupa e começou de seguida a comer outro. Reparou que Lottie o observava e perguntou:

– Queres um?

Retirou uma mão-cheia do bolso das calças e estendeu-lha. Lottie retirou um educadamente e guardou-o na mala para mais tarde.

– São Tompkins. – Lottie deu um salto quando Binah lhe sussurrou ao ouvido. – Os chupa-chupas... A Lola e o Micky são Tompkins.

Lottie demorou um pouco a perceber o que Binah lhe estava a dizer. Os gémeos eram verdadeiros Tompkins? A Tompkins era a marca mais luxuosa e deliciosa de doces do mundo. Não admirava que Micky fosse tão guloso. De repente, Lottie percebeu o que os irmãos lhe faziam lembrar, com os seus cabelos impressionantemente brancos, rosados e lábios escuros. Era aqueles chupas em forma de bengalas.

Enquanto Lottie assimilava esta nova informação, pararam de caminhar e encontraram-se entre uma multidão de estudantes, em frente da rapariga de cabelo frisado que vira Anastacia abraçar anteriormente. O seu volumoso cabelo e corpo magro faziam com que parecesse mais alta do que todas as outras pessoas e tinha uma postura que lhe dava um ar um pouco ameaçador, mas dominante. Usava uma faixa com o símbolo do urso da Conch House – o que indicava a sua posição como chefe do ano.

A rapariga observou Lottie por um momento antes de sorrir.

– Então, esta é a nova estudante Ivy de que falaste, Anastacia.

Deve ser a Saskia, pensou Lottie para consigo. Perguntou-se que mais Anastacia teria dito sobre ela. Respondeu-lhe com um sorriso educado e a rapariga devolveu-lho com um ar de curiosidade. Estendeu-lhe um saco com livros, perguntando:

– Importas-te de segurar nisto um bocadinho?

– Ah, claro, sem problema.

Lottie pegou no saco e observou Saskia procurar no bolso antes de retirar um cartão-de-visita e o entregar a Lottie em troca do saco. Lottie rosnou para si. *Tenho mesmo de arranjar uns cartões.*

– Sou a Saskia – apresentou-se a rapariga, estendendo uma mão bronzada. – Chefe do 11.º ano da Conch House.

Saskia transmitiu esta informação como se não fosse nada de especial, mas Lottie sabia que isso significava que tinha muito poder na escola.

– Eu sou a Lottie – respondeu, sentindo-se de repente muito envergonhada.

– Bonito nome. – Saskia olhou de lado para Anastacia. – Espero que a Ani te esteja a tratar bem. Somos amigas de infância, por isso... – antes de conseguir terminar, Anastacia precipitou-se por entre elas, colocando-se ao lado de Saskia. Saskia ofereceu a Lottie um olhar de cumplicidade e riu.

Enquanto ocupavam os seus lugares, Lottie reparou que havia adultos vestidos com fatos escuros, espalhados pelo perímetro, com ar muito sério. Deixavam-na inexplicavelmente nervosa. Pareciam emanar perigo. Que raio faziam numa escola?

– Quem são estas pessoas em uniformes pretos? – perguntou Lottie curiosa.

– Não sabes? – Raphael soou tão chocado que se poderia pensar que Lottie lhe acabara de dizer que não sabia contar até três, mas Binah interveio de imediato.

– São guarda-costas. Aqui há muitos filhos de pessoas importantes, como sabes...

– Soube que alguns dos guarda-costas são *partisans* – interrompeu Raphael. Lottie reparou que Anastacia olhou sobre os seus óculos escuros por um segundo, mas rapidamente baixou os olhos. Lottie, claro, não fazia ideia do que ele falava.

– O que é um *partisan*?

Todos olharam para ela perante esta questão aparentemente inocente, voltando as cabeças em simultâneo. Micky literalmente ficou de boca aberta, deixando cair o chupa-chupa, o que até seria muito cómico se não tivesse deixado Lottie extremamente ansiosa. Saskia levantou uma sobrancelha com uma expressão insondável. Lottie tentou pensar numa maneira de sair disto, mas nada lhe ocorreu.

– Diz lá outra vez de onde disseste que eras? – pediu Anastacia calmamente.

Merda!

Lottie abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Sentia as palmas das mãos ficarem húmidas. É agora. Chegou a hora de pôr tudo em pratos limpos e contar-lhes que foi um mal-entendido. Depressa...

– Não sou...

– Alunos de Rosewood, sejam bem-vindos!

Uma voz melodiosa ecoou pelo campo, prendendo de imediato a atenção de todos os presentes. Lottie voltou-se e viu uma mulher indonésia, provavelmente nos seus 40 anos, com um fato branco e um alfinete de peito rosa-púrpura. Estava no centro do palco exterior, de braços estendidos, como se quisesse abraçar o mundo.

A professora Adina Devine era exatamente a pessoa impressionante que Lottie imaginara. Emanava uma aura poderosa. A professora sorriu para os alunos e professores de Rosewood ali reunidos com um carinho tão genuíno no olhar que Lottie sentiu que se dirigia especificamente a ela. O fato branco pristino da professora, iluminado pelas luzes do palco, parecia brilhar no escuro e as longas sombras sobrepostas por detrás dela intersetavam-se como asas gigantes e iridescentes.

Lottie olhou para os outros e percebeu que estavam tão profundamente cativados pela diretora-adjunta quanto ela.

À esquerda da professora Devine estava uma mulher mais gorda, com um longo cabelo solto, coberta de joias e com uma rosa amarela. À sua direita, uma mulher alta e careca, de pele cor de ébano com olhos brilhantes, que usava uma rosa vermelha: as mães das casas Stratus e Conch, respetivamente. E, por detrás da professora, quase impercetível nas sombras, estava um homem de aspeto corpulento, que parecia um feijão cozido, graças à sua baixa estatura e face vermelha. Lottie reconheceu de imediato o professor Croak, diretor de Rosewood e um indivíduo estranhamente subvalorizado quando ao lado destas três forças da natureza.

Agora que tinha a atenção da sua audiência, a professora Devine prosseguiu:

– Antes de prosseguirmos com as festividades, devo informar-vos de que a piscina exterior da Conch House está em remodelação e é estritamente proibida até ao Natal. Espero que todos respeitem estas ordens ou serão severamente castigados.

Fez uma pausa para olhar para a multidão com um olhar austero, dando a entender o quão terrível conseguia ser. Satisfeita, retomou o seu discurso.

– Justiça, Resolução e Criatividade! São estes os três pilares de Rosewood Hall; cada casa é guardiã de um destes pilares e cada pilar suporta os outros. Em Rosewood Hall acreditamos que cada estudante, professor, casa e companhia deve confiar uns nos outros para atingir a grandeza. Cada casa necessita das outras para mostrar o seu verdadeiro potencial e é através da unidade desses três pilares de ambição que prosperaremos.

Bondosa, corajosa, imparável! Justa, determinada, criativa! Lottie não conseguiu deixar de pensar em como o seu mantra se encaixava na perfeição e sentiu a chama da sua determinação para ter sucesso na escola a queimá-la.

– Àqueles que regressam para junto de nós depois das férias, estamos encantados por vos receber de volta. Desafio-vos a lutarem por realizar feitos ainda maiores do que o ano passado. Aos que são novos, recebo-vos com um «bem-vindos» ainda mais especial e peço-vos que aproveitem este momento para olhar em redor para os vossos colegas.

Lottie obedeceu, voltando-se para Lola e Micky, que lhe sorriram de volta e fizeram o sinal da paz.

– Entre os vossos pares, encontra-se uma infundável fonte de sucesso. Um de vós poderá ser o próximo governante de um país, uma medalhista de ouro olímpico, um vencedor de prémio Nobel.

Raphael fez uma pequena vénia a Binah perante a menção e ela replicou com um sinal de aceitação humilde que fez Lottie e os outros terem de disfarçar o riso.

– Não desperdicem o potencial que possuem. Esta escola deseja que atinjam o vosso eu mais excecional, por isso, não desperdicem o tempo que têm aqui; usem-no para se tornarem admiráveis e, acima de tudo, nunca desistam de vós próprios ou dos outros.

Imparável.

– Obrigada a todos e aproveitem este ano em Rosewood.

Por um momento, Lottie permaneceu maravilhada, enquanto a professora Devine abandonava o palco e saía numa aura de brilho branco pristino. O diretor Croak acenou à professora e lentamente aproximou-se do pódio com um pequeno sorriso de felicidade.

– Desfrutem do fogo-de-artifício – acrescentou apressadamente, antes de seguir as mulheres que saíam do palco.

Olharam todos para cima quando o primeiro foguete rebentou numa magnífica explosão de amarelo, a que rapidamente se seguiram outras sucessivas explosões coloridas, incendiando o céu. Lentamente, Lottie soltou a respiração, que não se percebera ter sustido.

– Parecem assassinos contratados. – A voz de Binah soou baixinho no ouvido de Lottie, fazendo-a dar novamente um pulo de surpresa. – Os *partisans*, quero eu dizer. Foram treinados desde novos em muitas áreas, desde línguas a artes marciais, e são destacados para um único membro de uma família ou grupo importante. E nada os impede de os proteger.

Lottie quase se esquecera da história dos *partisans*; ficara tão deslumbrada com o discurso da professora Devine. A ideia de guarda-costas treinados parecia um pouco exagero e, porém... voltou-se novamente para olhar para o fogo-de-artifício.

À distância, conseguia ver o edifício da receção por onde passara de manhã, com a sua enorme entrada em arco que separava Rosewood do resto do mundo. Tudo brilhava com as luzes do fogo-de-artifício, *flashes* estonteantes que destacavam a arquitetura. Parecia mesmo que tinha entrado num reino mágico. Seriam mesmo necessários guardas a paisana neste local?

– Na nossa sociedade moderna não há assim tanta necessidade deles – continuou Binah –, mas algumas pessoas ainda os contratam como símbolo de estatuto. – Binah inclinou-se para trás e olhou para um dos guardas de fato. Sorriu melancolicamente. – Acho que a ideia é bastante romântica, não achas?

Lottie seguiu o olhar de Binah. Romântico? Não era bem assim que ela descreveria um potencial *serial killer*, mas tinha de admitir que era bastante excitante. Será que alguma vez vou conhecer algum...?

Depois do fogo-de-artifício, quando Lottie voltou ao seu quarto no dormitório, quase tropeçou num pequeno saquinho branco de presente que alguém deixara à sua porta. Pegou nele com curiosidade, pensando que talvez fosse para Ellie, mas a etiqueta dizia: «Para a princesa Pumpkin.»

Lottie preparou-se para algum tipo de brincadeira maldosa acerca do seu apelido, mas, em vez disso, encontrou algo muito mais estranho. Com cuidado, retirou um livro rasgado, intitulado *A Companhia dos Lobos*. Durante um instante observou-o confusa e folheou as páginas. No verso da capa estava escrito em caligrafia dourada:

«Sei o teu segredo.»



Lottie acordou com um peso no peito. Não tinha dormido bem, tentando perceber o que significava o «presente» e de quem seria. Queria perguntar a Ellie se tinha visto alguma coisa, mas a sua companheira de quarto estava a dormir quando Lottie chegou. Uma ideia mais preocupante ocorreu-lhe: talvez Ellie tivesse deixado o presente – ela nem sequer se tinha dado ao trabalho de assistir ao discurso e ao fogo-de-artifício? –, mas afastou essa ideia...

Sentia um horrível aperto no estômago com a sensação de que o presente pudesse ter a ver com o mal-entendido de «ser de outro país» – provavelmente, todos pensavam que era uma horrível mentirosa. Decidiu que a primeira coisa a fazer nessa manhã era ir diretamente a Stratus Side e contar tudo a Binah e aos outros antes da primeira aula.

Quando chegou com Ellie à sala de jantar de Ivy Wood, Lottie pegou numa torrada e murmurou uma desculpa para Ellie, dizendo que tinha «coisas para tratar». Indiferente como sempre, Ellie simplesmente acenou e ofereceu-se para assinar por Lottie se ela quisesse faltar à sua primeira aula.

– O quê? Oh, claro que não. Nunca pensaria em fazer uma coisa dessas. Não poderia faltar à minha primeira aula! – Lottie sentiu-se chocada com a facilidade com que Ellie o sugerira. Ellie sorriu-lhe em resposta, mas não insistiu.

– Bem, vou aproveitar ao máximo o famoso pequeno-almoço de Rosewood. Quando voltares junta-te a mim se terminares os teus «assuntos» mais cedo, senão vemo-nos na aula. – Ellie sorriu para Lottie, enfiando um mirtilo na boca e piscando o olho.

Lottie olhou para a pilha de comida de Ellie com inveja. Daria tudo para ficar para o magnífico bufê de pequeno-almoço, servido com todo o tipo de comida possível de imaginar. Mesas de madeira enchiam o salão de pé alto e enormes janelas com vista para o jardim, sobre o lago e a estátua de Ryley, o veado. Lottie olhou uma última vez antes de enfiar a torrada na boca e sair de Ivy Wood, subindo a colina em direção a Stratus Side.

Para desilusão de Lottie, quando chegou a Stratus Side, descobriu que não tinha acesso. Estava prestes a desistir e a regressar ao pequeno-almoço, quando uma mulher loura surgiu no corredor, carregada com materiais de arte.

– Ups! – A mulher falhou um degrau e deixou cair todo o seu carregamento no chão, revelando a sua cara. Lottie reconheceu-a de imediato da festa de boas-vindas da véspera como a Sra. Kuma, mãe da Status House. Lottie baixou-se imediatamente para apanhar os artigos caídos.

A Sra. Kuma era uma mulher maravilhosamente poética; além de ser mãe da Stratus House, era também chefe do departamento de Inglês e seria professora de Lottie na sua disciplina preferida. Vestia cores fortes, sem medo de padrões arrojados e estava adornada com joias fascinantes. Algo nela parecia sobrenatural, como se fosse capaz de tornar possível o impossível.

– Oh, obrigada...? – Fez uma pausa para que Lottie lhe pudesse dizer o seu nome.

– Lottie – respondeu ela, agarrando no último artigo no chão.

– Obrigada, Lottie. Foste muito amável. Preciso de arrumar isto no armário dos materiais de arte, antes da reunião de pessoal, mas nem sei como vou chegar a horas.

– Eu posso fazê-lo. Dê-me tudo – ofereceu-se Lottie, sem hesitar.

– Oh, isso seria maravilhoso – disse a Sra. Kuma com um timbre melódico na voz e unindo as mãos. – É a pequena porta de madeira que fica depois do corredor, ao fundo das escadas à direita.

Lottie sorriu para a sua nova professora, com cuidado para manter o equilíbrio.

– Não me custa nada!

Não era fácil descer as escadas com os braços cheios e quase passou a porta do armário de materiais de arte, que era muito pequena com uma estranha maçaneta que fazia lembrar uma cara. Parecia pertencer ao País das Maravilhas e não a uma escola.

Abriu a porta e deparou-se com o que não era bem um armário, mas uma pequena divisão coberta de prateleiras, repletas de materiais de arte e móveis com gavetas que cobriam a parede do fundo. Estava a arrumar tudo com cuidado, quando um enorme pote de brilhantes caiu de uma das prateleiras.

– Oh, não! – Lottie resmungou, mas calou-se ao observar, perplexa, a nuvem de brilhantes desvanecer-se no ar, como se tivesse a ser sugada para um dos móveis de gavetas.

Intrigada, afastou as gavetas com toda a sua força e ficou de boca aberta com o que encontrou por detrás delas. Havia uma portinhola na parede, escondida pelas gavetas. E havia um pequeno puxador brilhante que pedia para ser aberto. A curiosidade levou a melhor: Lottie abriu a portinhola e começou a gatinhar pelo pequeno espaço. O interior era quase todo cheio de tábuas de madeira e montes de tecidos velhos. Havia muito espaço para ela rastejar, mas estava demasiado escuro para não ser um pouco assustador. À distância, Lottie conseguia ouvir o som de água a correr e perguntou-se até onde iria o túnel. Podia ver fracos raios de luz a atravessá-lo, talvez vindos de aberturas laterais, e começou a gatinhar apressadamente em direção a eles, ao mesmo tempo que tentava não fazer barulho.

Ao fim de alguns minutos, Lottie ouviu uma risada familiar vinda de uma abertura à sua frente. Era Lola. Lottie gatinhou para a frente e espreitou discretamente pela esquina.

– Ela tem um aspeto que podia ser de uma princesa, acho eu... Sabes, todo aquele cor-de-rosa.

Lottie quase gritou quando se viu cara-a-cara com Lola e Anastacia. Mas elas não a viram; na verdade, Lola continuou a arranjar o cabelo enquanto falava e Lottie percebeu em choque: *Estou por detrás de um espelho!*

– Bem achei que Pumpkin era um nome um bocado estranho – resmungou Lola. – Achas que ela se transforma ao soar da meia-noite? – Lola começou de imediato a rir com a sua própria piada.

Lottie quase se engasgou. Estavam mesmo a falar dela... e pareciam pensar que ela era uma princesa? Lottie susteve a respiração para ficar o mais silenciosa possível enquanto ouvia.

– É verdade. Ela é a princesa secreta; é a única explicação lógica – retorquiu Anastacia.

Isto apanhou Lottie completamente de surpresa. Tinha ouvido mal ou Anastacia, a pessoa mais séria que já conhecera, sugeria realmente que Lottie era uma princesa secreta? Seria uma piada? Ou significava que havia realmente uma princesa na escola?

O presente!

Aquela estranha mensagem no livro teria a ver com isso? Um arrepio desagradável subiu-lhe pelas costas, quem seria a verdadeira princesa.

– Estás a falar a sério? Como podes ter tanta certeza? – perguntou Lola.

Lottie inclinou-se para a frente, ouvindo atentamente cada palavra.

– Bem – Anastacia fez uma pausa para se aproximar de Lola –, não fui eu que te contei, mas ouvi um rumor de que a princesa não apresentada de Maradova escolheu Rosewood em vez de Aston Court e olha... – Anastacia retirou uma revista da mala e abriu-a numa página que Lottie não conseguia ver – Esta é a rainha de Maradova. Não te parece familiar?

– Santa bolacha de chocolate!

Lottie saltou e teve de tapar a boca com a mão para abafar a gargalhada que deu ao ouvir esta estranha expressão de Lola.

– Xiu, calada – avisou Anastacia. – Não podemos dizer a ninguém; se isto for verdade, ela quererá obviamente manter a sua identidade em sigilo. Que outra razão teria para inventar um nome falso como Lottie Pumpkin?

Lottie sentiu-se um pouco magoada com esta piada sobre o seu nome. Passara toda a vida a defender o seu nome pouco comum e agora era ele que parecia tê-la envolvido numa estranha teoria sobre princesas.

– Além disso – continuou Anastacia –, se ela for a princesa de Maradova, definitivamente quero cair nas suas boas graças.

Lottie quase desatou a rir. O cenário tinha-se tornado demasiado surreal. Questionou-se por um momento se estaria sequer em Rosewood Hall. Talvez tivesse adormecido no comboio e isto fosse um sonho. A ideia de que alguém pudesse sequer pensar que uma pessoa tão simples como ela podia ser uma princesa fê-la sentir-se uma autêntica farsa. Como é que elas não viam o quão ridículo era aquela ideia?

– O boato que corre é que ela quer levar uma vida normal – disse Anastacia.

Lottie pensou na noite anterior e a reação dos outros por ela não saber o que era um *partisan*.

Devem ter pensado que eu estava a fingir!

– Mas de certeza que as pessoas sabem como é a princesa – argumentou Lola. – Certamente já a viste nalgum evento internacional?

Lottie inclinou-se ainda mais, também curiosa com esta questão.

– Ela nunca vai a nenhum, recusa-se, diz-se que quer ser uma rapariga normal.

Lottie sentiu-se baralhada com a ideia de alguém querer ser normal, especialmente uma princesa. Que tipo de pessoa seria esta princesa de Maradova?

– Micky e eu não vamos dizer nada e Binah é sempre discreta e... Raphael fará o que tu lhe disseres...

– Ainda bem – disse Anastacia, interrompendo-a rapidamente. – Então, fica entre nós os cinco, *okay*?

– *Okay* – respondeu Lola.

Nem pensar, sussurrou Lottie por detrás do espelho. Tinha de acabar com aquele boato antes que ficasse fora de controlo.



Mesmo ficando no outro lado de Rosewood, Lottie conseguiu chegar à sua primeira aula 15 minutos mais cedo. Olhou pesarosamente para o seu novo uniforme. Com toda a correria, o seu avental roxo Ivy tinha ficado bastante amarrotado e com um pouco de brilhantes do acidente no armário de materiais de arte.

Ellie chegou mesmo em cima do toque e ocupou um lugar na secretária ao lado de Lottie. Optara por umas calças justas de xadrez, suspensórios e uma *t-shirt* por baixo que apresentava o emblema do veado de Ivy no bolso. Só precisava de um corte pente zero e pareceria um *skinhead* dos anos 60.

As duas primeiras aulas de Lottie passaram sem grande esforço. Inglês era uma das suas disciplinas preferidas e ter ajudado a Sra. Kuma nessa manhã tinha-a colocado na posição de aluna preferida. Só na aula antes de almoço sentiu o peso da intensidade que as aulas de Rosewood podiam ter.

Matemática nunca fora o ponto forte de Lottie. Tivera de trabalhar arduamente nesta disciplina na sua candidatura a Rosewood. Apesar de dar o seu melhor para se concentrar, rapidamente se distraiu pensando em como conseguiria acabar com o boato quando se encontrasse com Anastacia e com os outros para almoçar. Como abordaria o assunto? Deveria dizer-lhes que ouvira a conversa e que estavam completamente enganadas?

– Oh, olá, miúdas! Eu estava a espiar-vos de manhã na casa de banho das raparigas, depois de ter seguido uma nuvem mágica de brilhantes por uma passagem secreta, e acho que vocês devem saber que não sou nenhuma princesa, mas obrigada pelo elogio. Adoro-vos.

Pois... não lhe parecia que a coisa fosse correr muito bem. Para se distrair do assunto, começou a desenhar tiaras e vestidos no seu caderno, pensando como seria a princesa de Maradova.

– Menina Pumpkin, pode, por favor, descer à terra e terminar a equação?

Lottie piscou os olhos ao ouvir o seu nome e olhou em redor: toda a turma estava de olhos postos nela. Instintivamente, voltou-se para Ellie, que se revelara um prodígio em Matemática. Já tinha despachado todo o livro de estudo e provavelmente seria transferida em breve para uma aula mais avançada, o que fez com que Lottie se sentisse inferior ao seu lado. Fez um olhar de súplica a Ellie, mas foi correspondida com um sorriso amarelo.

O Sr. Trigwell não era claramente o tipo de professor que deixasse passar ao lado o sonhar acordado e ela não teria planeado pior a primeira interação. Era alto e magro de uma maneira quase desumana, como se os membros fossem demasiado longos para o corpo. O seu nariz era ligeiramente curvado e a sua constituição física, juntamente com a roupa que vestia, lembravam Lottie da lenda urbana do Slender Man, que tinha lido *online*.

Num bom dia, conseguia lidar com a Matemática, mas com a sua mente distraída e o seu medo instintivo do Sr. Slender-Man-Trigwell, a sua incapacidade em pensar logicamente com números atingiu um nível embaraçoso. A aula terminou com «trabalho de casa extra para Lottie Pumpkin»,

porque a sua «mente distraída necessita de algo para preencher o espaço vazio». Lottie ficou mortificada: recusava-se a ficar para trás em qualquer disciplina e tinha de dar provas de si mesma, mas não sabia como conseguiria avançar em Matemática sem aulas de apoio.

– Posso dar-te explicações, se quiseses – ofereceu-se Ellie, enquanto arrumavam as mochilas.

– A sério? – Lottie sentiu um enorme alívio encher-lhe o peito. – Isso seria maravilhoso! E se houver alguma coisa em que precisas de ajuda, diz-me para eu poder agradecer-te.

Ellie mostrou um sorriso amarelo.

– Lembro-me de algumas coisas... – disse maliciosamente. – Olha, vais fazer alguma coisa depois das aulas? – perguntou inesperadamente. Lottie estava prestes a responder quando Ellie prosseguiu. – Na verdade, não interessa. Só não voltes antes das 17h30. Tenho uma surpresa para ti.

Antes de Lottie poder responder, Ellie colocou a mochila sobre o ombro e saiu pela porta, gritando:

– Lembra-te, nunca antes das 17h30!

Lottie piscou os olhos por um segundo, perguntando-se que raio teria a sua companheira de quarto planeado.

Assumira que comeria o seu primeiro almoço em Rosewood no refeitório principal, que tinha vista para o lago, junto à estufa, com os seus novos amigos, aproveitando esse tempo para se conhecerem melhor.

Em vez disso, acabou sozinha numa mesa no terraço, comendo sopa de alcachofra e uma estranha espécie de vegetal em picle que não reconheceu. Tinha pensado em procurar as pessoas que tinha conhecido na noite anterior, mas ainda não fazia ideia de como lidar com o ridículo rumor e tinha-lhe ocorrido um pensamento ainda mais sinistro: *E se foi um deles que deixou o presente aterrador?*

Desejava que a sua mãe ainda estivesse por perto para lhe pedir conselhos – mas estava por sua conta. Não queria chatear Ellie com o seu problema e Ollie não podia ajudar. Mexeu a sopa com a cabeça noutro lado.

Enquanto olhava para o lago, uma delicada libelinha poisou numa folha de nenúfar para descansar as asas, mas acabou por ser engolida inteira por um enorme sapo. Lottie estremeceu enquanto observava a indefesa criatura ser devorada.

– Lottie! – Deu um salto quando ouviu um rapaz a chamá-la. – Andámos à tua procura por todo o lado.

Antes de ter tempo de assimilar o que se passava, reparou que a sua mesa vazia estava agora cheia com Lola e Micky, Anastacia e Raphael.

– Eu estava... a almoçar – disse Lottie estupidamente, querendo bater-se por dizer algo tão óbvio. Não lhe podia dizer que os estava a evitar, porque sabia que eles pensavam que ela era uma princesa.

Todos colocaram os pratos na mesa e Lola inclinou-se, colocando uma fatia de bolo de morangos em frente de Lottie.

– Trouxemos-te isto. Demorámos uma eternidade a encontrar-te – declarou dramaticamente. O almoço só tinha começado há 15 minutos e Lottie sorriu com o exagero.

– Não te podes esconder de nós! – Raphael sorriu ao dizê-lo, mas Lottie franziu o cenho ao ouvi-lo. Lola agitou-se no seu lugar e Anastacia deu a Raphael um pequeno encontrão. – Quer dizer, na escola... não te consegues esconder – corrigiu, atrapalhado.

– Claro – respondeu Lottie, tentando não parecer nervosa. – Que mais poderia ser?

Lola deixou escapar um pequeno guincho e Anastacia dirigiu-lhe um sorriso amarelo. Inesperadamente, Lottie achou divertido brincar com eles.

– Obrigada pelo bolo – continuou, tirando um pouco de *chantilly* com o dedo. – Adoro morangos. Como é que sabias? – Lambeu o creme tentando agir o mais normalmente possível.

– Oh, sabemos tudo sobre ti – afirmou Raphael, piscando o olho. *Ele não é mesmo nada bom a guardar segredos, pois não?*

Raphael soltou um pequeno grito quando Anastacia obviamente lhe deu um pontapé debaixo da mesa. Lola guinchou novamente e Anastacia lançou-lhe outro olhar. Isto estava a tornar-se demasiado cansativo para ela e Lottie percebeu o que tinha de fazer. Tinha de conseguir que um deles quebrasse e lhe contasse o que sabiam para que ela pudesse esclarecer tudo.

– Esta comida é toda tão excitante – começou, colocando o máximo de tristeza possível na sua voz. – Nunca comi nada tão elegante na minha vida. – E isso não era nenhuma mentira. Os olhos de Lola abriram-se e, mais uma vez, começou a contorcer-se sem parar. Anastacia tentou manter-se calma, mas o seu lábio tremeu.

– Ah, sim? – disse ela entredentes.

– Sim. E adoro o uniforme, é a coisa mais bonita que alguma vez vesti. – Isto não era bem verdade, mas Lottie não conseguiu evitar dizê-lo. A face de Lola ficou vermelha e parecia estar a morder a língua.

Estava a funcionar!

Lottie só precisava de mais uma coisa para quebrar Lola. Soltou um longo suspiro e pousou o queixo na mão.

– Gostava que a minha vida fosse sempre assim – comentou, sem ter de fingir qualquer sentimento de desejo na sua voz. Voltou o olhar para Lola assim que ela explodiu.

– NÃO AGUENTO MAIS!

Bingo! Lottie teve de disfarçar o seu sorriso.

– Sabemos-que-és-a-princesa-secreta-de-Maradova-e-sabemos-que-estás-a-fingir-ser-outra-pessoa-e-juramos-que-não-contámos-a-ninguém-e-que-só-nós-Binah-e-Saskia-sabemos-e não-vamos-dizer-a-ninguém-PROMETEMOS!

– Lola! – Anastacia gritou, mas obviamente era tarde de mais. Um silêncio tenso encheu o ar. Era óbvio que Raphael estava a fazer um enorme esforço para não começar a rir e Lottie sentia algo semelhante.

Totalmente alheio à tensão, Micky inclinou-se e comeu o morango do prato de Lottie, o que teria aborrecido a maioria das pessoas, mas Lottie sentiu que só aumentava a piada da situação.

– Interessante... – disse Lottie lentamente, permanecendo calma quando o que realmente queria era desatar a rir e dizer-lhes o quão parva aquela ideia –, mas acho que têm a pessoa errada.

Anastacia voltou o seu olhar para Lottie e esta sentiu um frio perpassar-lhe pelos ossos.

– Sinto-me honrada, a sério, mas não sei porque acham isso.

– Porque... – começou Lola, indignada, formando um beicinho.

– É óbvio! – interrompeu Anastacia, com ar aborrecido. – Não te podes esconder de nós! És igual à tua mãe... e o teu nome é, francamente, ridículo. – *Au!* – E já deixaste escapar que vens de outro país, mas assim que te fizemos perguntas sobre isso, gelaste.

É hora de esclarecer tudo, pensou Lottie. Não podia deixá-los pensar isso, mesmo que significasse que não quereriam continuar a ser seus amigos.

– Em relação a isso... – começou. – Não sou de outro país, foi um mal-entendido. – Sorriu para eles, esperando que ajudasse. – Venho da Cornualha e o meu nome... é mesmo Lottie Pumpkin.

Ficaram todos em silêncio, os olhos de Anastacia piscavam enquanto a observavam, até que Raphael finalmente rebentou. Solto um gemido da garganta e começou a rir. Anastacia deitou-lhe um olhar aborrecido, mas ele ignorou-a.

– Lottie ou lá o que queres que te chamemos – Raphael fez uma pausa para recuperar o fôlego entre risadas –, és absolutamente a pior mentirosa que já conheci.

Hum?!

Raphael continuou:

– Se quiseses manter a tua identidade como princesa secreta vais precisar muito da nossa ajuda.

Oh, por favor! A cabeça de Lottie estava prestes a explodir.

– Mas... eu não estou a mentir. Sou mesmo a Lottie Pumpkin.

Isto só fez com que Raphael se risse ainda mais e, desta vez, Lola e Micky juntaram-se a ele.

– Para, por favor, não consigo respirar!

Lottie gemeu. Tinha tentado esclarecer tudo e fora o mais honesta possível, mas parecia que o que quer que dissesse, eles não acreditariam. Gemeu novamente, desta vez alto, e enfiou a cabeça nos braços sobre a mesa.

– Prometemos não contar a ninguém – reiterou Lola. – O teu segredo está seguro connosco.

Lottie manteve a cabeça na mesa.

– Obrigada.

Não fora isto que planeara para o primeiro dia de escola.



Lottie permaneceu em frente à porta do seu quarto durante o que pareceram milhões de anos. As suas duas últimas aulas eram opcionais e, por isso, não eram com Ellie e o resto da sua companhia, a Epsilon. Afinal, parecia que havia muitas aulas que não partilhavam, uma vez que Lottie tinha escolhido, na maioria, disciplinas de arte ao passo que Ellie optara por Ciência e Matemática Avançadas.

Lottie tinha estado na biblioteca até as 17h30 como lhe tinha sido pedido e não fazia a mais pequena ideia do que Ellie tinha planeado. Pelo menos sentia-se melhor sobre o mal-entendido da «princesa». Tanto quanto lhe dizia respeito, tentara explicar-lhes, mas os colegas não tinham acreditado nela, por isso, enquanto mantivessem a coisa entre eles deixava de ser problema dela. Agora, aquilo que mais queria era resolver a sua nada fantástica primeira impressão com Ellie.

Por isso, ali estava ela, nervosa, à espera em frente à porta do Quarto 221, tentando pensar num gesto agradável e, ao mesmo tempo, receosa que do outro lado da porta, estivesse uma terrível partida. Também tinha decidido apresentar Ellie a Binah e aos outros, apesar de não ter bem a certeza de como correria. De repente, Lottie evocou a imagem de Anastacia e Ellie a pintar as unhas uma da outra durante uma festa de pijama. A cena era tão pouco natural que deu por si a rir involuntariamente. De alguma forma, tinha dificuldades em imaginar que se dariam muito bem.

Lottie respirou fundo e lentamente abriu a porta. Para seu espanto, viu o quarto quase imaculado... Bem, o mais imaculado possível com todos os livros de Lottie e os CD de Ellie. Ellie devia ter regressado e concluído a arrumação do seu lado e, para sua surpresa, até parecia impressionante. Os dois lados eram a completa antítese um do outro, divididos ao meio pelo tapete persa. A coleção de livros, DVD, CD e videojogos de Ellie estava arrumada em prateleiras, mas fizera um excelente trabalho ao conseguir enfiá-los da melhor maneira possível. Nas paredes do seu lado, estavam pendurados pósteres de uma série de filmes de culto e as suas prateleiras estavam cheias de publicidade de bandas. Tinha tudo um agradável toque variado que se adequava à aura intempestiva de Ellie na perfeição.

– Ellie? – Lottie chamou cautelosamente enquanto caminhava pelo seu novo e melhorado quarto. Não teve resposta, mas conseguia ouvir uma música pesada que vinha da casa de banho.

– ELLIE! – chamou mais alto.

– Estou aqui! Eh... podes dar-me uma ajuda com uma coisa? – A voz de Ellie ecoou vinda da casa de banho mínima.

– O quarto está impressio... OH, MEU DEUS! – Lottie tapou os olhos de repente. Ellie estava de pé, vestida com apenas umas cuecas, inclinada sobre a banheira com espessas gotas de tinta preta para cabelo a escorrerem-lhe pelo pescoço. Lottie reparou que ela ainda usava o seu medalhão com o lobo.

– Desculpa, não devia ter entrado – Lottie conseguia sentir a sua face a corar com o embaraço. O riso tranquilo de Ellie flutuou sobre o quarto.

– Não tem problema, Lottie – riu. – Somos as duas raparigas. Eu não me importo. – Lottie ouviu o barulho de água enquanto Ellie ligava o chuveiro. – Agora, chega aqui. Preciso de ajuda a tirar esta tinta.

Lottie deu por si inclinada sobre a banheira de branco imaculado, lavando suavemente a tinta preta do cabelo de uma rapariga meio nua, que conhecia há pouco mais de um dia. Nunca tinha pintado o cabelo de ninguém antes e achou que todo o processo de colocar o champô, deitar água sobre cada secção de cabelo e assegurar que a temperatura estava do agrado da outra pessoa, era uma experiência muito íntima.

– És boa nisto – comentou Ellie alegremente quando Lottie começou a aplicar a última parte do champô. – De certeza que é a tua primeira vez?

– Sim. Não tinha amigas na minha terra.

Houve uma pequena pausa antes de Ellie acrescentar, num tom triste que denunciava que a compreendia muito bem:

– Nem eu.

As duas raparigas continuaram em silêncio, observando a água a escorrer pelo cano num tom preto de óleo. Para alívio de Lottie, Ellie tinha mudado a música para os The Velvet Underground, uma alternativa menos pesada e que ela apreciava.

– Lamento imenso a confusão no quarto antes – disse Ellie de repente, com a voz calma e límpida. – E pelo teu porco.

– *Sr. Truffles* – acrescentou Lottie rapidamente.

– Isso, *Sr. Truffles* – respondeu Ellie com um leve sorriso.

Lottie não sabia o que dizer e Ellie gentilmente afastou a cabeça do chuveiro para se voltar e olhar para ela. A tinta preta ainda escorria do seu cabelo, formando linhas pretas pelo seu peito branco. Afastou o cabelo da cara. Assim, sem maquilhagem, cabelo puxado para trás, quase nua e revelando o seu corpo musculado quase sem peito, Ellie poderia facilmente ser tomada por um rapaz. Porém, não tinha nada de masculino. A sua imagem era de certa forma suave e delicada, quase andrógena.

– A maioria das pessoas desta escola têm tudo servido de bandeja – continuou Ellie, parecendo de repente muito séria. – Não sabem a sorte que têm em vir para aqui... Se eu soubesse que tinhas uma bolsa, eu... – A sua voz estremeceu e ela puxou para trás um fio solto de cabelo. – Tu não és como eles.

Lottie não tinha pensado nisto desta maneira. Tinha vivido a sua vida acreditando que, para serem pessoas excecionais, teriam de fazer coisas excecionais. Durante todo o tempo que tinha trabalhado arduamente para entrar em Rosewood, não tinha perdido muito tempo a pensar em como era fácil para os outros alunos. Mas mesmo que as palavras fossem sentidas como um elogio – «não és como eles» – ainda a faziam sentir um fracasso.

– És diferente, porque tiveste de estudar para chegar aqui. Podes apreciar e fazer algo realmente bom com o teu tempo nesta escola – Ellie sorriu para Lottie. – Estou muito contente por nos terem posto no mesmo quarto.

Lottie sentiu-se completamente perdida. Tinha passado o último ano da sua vida tentando desesperadamente provar que era tão merecedora de frequentar a escola quanto os outros estudantes

de Rosewood; não queria mais nada para além de ser como eles, mas agora, esta tempestuosa rapariga sugeria que eram os outros estudantes que deviam estar à sua altura.

Ela não queria pensar assim. Não conseguia ser complacente e não podia deixar que Ellie a isolasse de todos os outros da escola só porque se sentia desta maneira.

– Eu também – concordou Lottie e as raparigas sorriram uma para a outra, cada uma pensando em como iria mudar a forma de pensar da outra.

– Ah, e se alguém te fizer sentir que não pertences aqui, terei todo o gosto em dar cabo dele – acrescentou Ellie, fletindo os músculos dos braços como uma lutadora, acentuando os ossos das clavículas e revelando o quão delicada era realmente a sua constituição.

Lottie riu-se.

– Obrigada, mas por favor não batas em ninguém.

Ellie fingiu uma pose indignada.

– Sou perfeitamente capaz de arrumar com os meus inimigos – concluiu, imitando a flexão de braços de Ellie.

– Muito bem. Vou deixar os miúdos ricos e chiques em paz – Ellie suspirou sarcasticamente, como se fosse pedir de mais e inclinou-se novamente sobre a banheira. Retomaram a tarefa de lavar e esfregar. Lottie observou maravilhada enquanto a água preta se tonava clara à medida que era escoada, sem deixar vestígios da espessa tinta escura. Como poção para a amizade, a tinta de Ellie era certamente potente.

A atmosfera era completamente diferente nessa noite quando foram jantar. Decidiram pegar em alguma comida da cozinha Ivy em vez de comer no salão principal para poderem passar a noite sozinhas e dar início aos trabalhos de casa.

A cozinha estava cheia de aperitivos e *snacks* todos os dias, bem como os ingredientes para fazer refeições leves como sanduíches e *pastas*, apesar de Lottie duvidar que muitos estudantes soubessem preparar comida para eles próprios.

Quando finalmente se deitaram já não havia qualquer tensão entre elas. Lottie percebeu que se sentia perfeitamente tranquila ao lado de Ellie, como se tivesse encontrado um lar junto dela. Com Ellie não sentia necessidade de dar provas de si, não precisava de ter cuidado com o que dizia, podia ser... apenas ela. Vagueou mentalmente, feliz, nada preparada para o que a iria acordar.

– Lottie! Acorda!

Lottie acordou sobressaltada deparando-se com Ellie debruçada sobre ela, com um enorme sorriso, via-se o branco dos olhos a brilhar no escuro com um aspeto louco.

– Fiz algo muito mau. – Ellie ofegava como se estivesse estado a correr. – Rápido, levanta-te!

Lottie sentou-se rapidamente, imaginando inúmeros cenários terríficos: Ellie tinha ateado um fogo, assassinado a diretora, desarrumado o quarto todo outra vez.

– O que se passa? Que horas são? – sussurrou Lottie, com a voz ensonada. Conseguia ouvir passos furiosos ecoarem no corredor iluminado a aproximarem-se da porta do quarto. – Ellie, que raio fizeste?

Rapidamente, Ellie enfiou algo debaixo da almofada de Lottie e saltou para a sua cama no momento em que a porta se abria. Lottie tapou os olhos por causa da luz forte que entrava vinda do corredor.

– Menina Wolf! – Uma voz soou na entrada do quarto. Lottie voltou-se e, para seu choque, viu a diretora-adjunta e mãe da Ivy House, a professora Devine.

Estava parada numa camisa de dormir branca e fluida, o cabelo em pequenos tufo despendeados, a luz iluminava tudo em seu redor, parecia que brilhava.

– Quer explicar-me o que estava a fazer na cozinha de Ivy House às três da manhã?

Lottie teve de morder a língua para não gritar uma série de insultos a Ellie.

Sim, Ellie, o que estavas TU a fazer, sua idiota?, pensou para si mesma.

Ellie soltou um enorme bocejo como se tivesse acabado de acordar.

Oh, por favor! Não há hipótese de a professora acreditar nisso.

– O quê? O que se passa?

Lottie ficou surpreendida com quão convincente o tom ensonado de Ellie soou. Claramente não era a primeira vez que ela fazia algo do género.

– Ah! – O riso cínico da professora Devine soou mais a afirmação. – Está a tomar-me por parva, menina Wolf? – Apesar de o tom ser severo, Lottie conseguiu distinguir um toque de humor no seu olhar. Ellie olhou para baixo por um momento. Tinha encontrado uma rival à altura.

– Venham, as duas.

As duas! Isso era muito injusto.

– Oh, e podes trazer as tabletes de chocolate que enfiaste debaixo da almofada de Lottie.

Ellie voltou-se para Lottie com o olhar de completo espanto. Ficaram ambas perplexas de como é que a professora podia saber.

Seguiram a mãe da casa relutantemente em silêncio pelo corredor – Lottie na sua camisa cor-de-rosa de princesa Disney e Ellie no seu pijama Star Wars, parecendo as duas muito estranhas contra a ténue luz que iluminava o corredor em estilo barroco. Lottie só conseguia imaginar os terríveis castigos que receberiam. Tudo isto parecia totalmente injusto. Ela estava a dormir, era uma vítima inocente em toda a situação.

Como se tivesse ouvido a sua frustração mental, Ellie inclinou-se para Lottie e sussurrou:

– Estava apenas a tentar preparar-nos um banquete tardio, sabes, para cimentar a nossa amizade ou coisa do género...

Lottie voltou-se para Ellie e ofereceu-lhe o seu melhor olhar de «deves estar a brincar comigo» que conseguiu, mas deve ter sido bastante fraco, porque ambas tiveram vontade de rir, tendo de recorrer a toda a sua força de vontade para não desatar às gargalhadas da situação ridícula em que se tinham metido.

Chegaram a uma zona do dormitório Ivy onde Lottie ainda não tinha estado. O corredor era mais largo e ainda mais decorado e luxuoso do que o dormitório regular. Ao fundo, sobre a porta do quarto da mãe da casa, encontrava-se um quadro emoldurado a ouro de um homem com ar afeminado, com uns pequenos óculos quadrados que sorria para o mundo. Lottie reconheceu-o como o fundador de Rosewood, William Tufty.

A professora Devine abriu a porta e fez sinal às raparigas para entrarem. Lottie esperava um gabinete imponente, com mobiliário grande e escuro, o cenário perfeito para uma reprimenda mortificante, mas para sua surpresa, entraram na pequena divisão mais exótica que alguma vez viram. O chão era de mármore em tons pêssego, com um enorme tapete felpudo no centro, sobre o qual estava uma mesa de café de tom creme, com o vidro decorado num elaborado padrão rosa. Duas poltronas rosa com um bonito trabalho em madeira e dourado estavam colocadas em cada um dos lados. A luz suave do candeeiro de veludo dava a todo o quarto um brilho sonhador que parecia imitar a própria luminescência natural da professora Devine. Lottie sentiu-se completamente

deslocada na sua camisa de dormir e quase esperava que a sala ganhasse vida e se recusasse a deixá-las entrar por serem demasiado andrajosas.

– Sentem-se, meninas.

Ellie e Lottie sentaram-se uma ao lado da outra, Lottie com as mãos nervosamente no colo e Ellie recostada, ficando de imediato mais confortável do que alguma vez Lottie estaria numa situação daquelas.

A professora Devine trouxe um tabuleiro com um bonito serviço de chá floral e biscoitos. Este não era o castigo que Lottie esperara. A diretora-adjunta colocou tudo na mesa de café e sentou-se na poltrona em frente a elas.

– Menina Wolf, este é o seu primeiro aviso – repreendeu a professora firmemente. – Não deixe que a volte a apanhar a fazer diabruras.

Lottie reparou na estranha escolha de palavras. Se não soubesse, teria pensado que a professora encorajava Ellie a ser mais atrevida da próxima vez. Partilharam um olhar que Lottie não conseguiu perceber bem. Deu-se um tenso impasse até que finalmente Ellie suspirou derrotada.

– Como é que soube que eu estava lá? Fui tão silenciosa.

Lottie susteve a respiração por um momento, pensando em como Ellie fora levada a confessar, mas a professora limitou-se a rir.

– Quero que saiba, Ellie, que eu tenho olhos e ouvidos em toda a escola. – Tocou duas vezes no nariz. – Nada se passa sem eu saber.

Ellie levantou uma sobrancelha duvidosa em resposta.

– Agora, já que me acordaram, podem fazerem-me um pouco de companhia educada. É esse o vosso castigo. – O seu tom era divertido e leve, um sorriso agudo espalhou-se pelos lábios enquanto servia uma chávena de chá a cada uma.

– Para ser sincera, professora, a Lottie não fez nada. Ela nem estava acordada – disse Ellie com sinceridade. – Eu queria fazer-lhe uma surpresa com um enorme banquete no quarto para o pequeno-almoço...

A professora Devine levantou um dedo para a calar e voltou-se para Lottie.

– Menina Pumpkin, não é assim?

Lottie acenou nervosamente. Tudo isto era demasiado estranho; estava meio convencida de que estava a sonhar.

– Pumpkin, que nome encantador. – A professora disse a palavra melodicamente, parecendo ter um verdadeiro prazer nisso. – Suponho que seja fã da Cinderela? – acrescentou, apontando para a camisa de dormir de Lottie.

– Oh, sim – respondeu Lottie com entusiasmo. – Adoro todas as interpretações dos antigos contos de fadas.

Ellie fez um sorriso amarelo e Lottie deitou-lhe intuitivamente a língua de fora.

A professora riu, bem-disposta, e deu um golo no chá.

– Já conheci muitas raparigas iguais a si, menina Wolf. Parece que tenho mais uma desordeira entre mãos.

Ellie encolheu os ombros como se isso não tivesse importância.

– Agora sei que não fez nada de errado, menina Pumpkin – continuou, voltando-se para Lottie com um sorriso agradável na face –, mas o destino colocou a menina Wolf num quarto consigo, por isso tem de tomar conta dela. O mesmo para si, Ellie. Esta é uma lição de vida para as duas – a sua

expressão tornou-se de repente muito séria. – Nem consigo explicar o quanto é importante que vocês, meninas, façam tudo o que puderem para se apoiarem uma à outra num mundo que está pronto a diminuir-vos e a deitar-vos abaixo. Poderão realizar coisas fantásticas se se apoiarem mutuamente.

Lottie e Ellie voltaram-se uma para a outra; era verdadeiramente impressionante que duas raparigas tão diferentes acabassem a partilhar um quarto.

– E agora, para a cama as duas. O que vos passou pela cabeça, porem-me a servir-vos chá tão tarde? Terrível, completamente pouco profissional! – A professora piscou-lhes o olho antes de as mandar sair e de voltar a percorrer o corredor numa imagem flutuante de tecido branco sedoso.

Lottie percebeu que nem ela nem Ellie tinham tocado no chá.

Que noite tão estranha, pensou Lottie.

– Ela é divertida – disse Ellie, sorrindo.

As raparigas voltaram para as suas camas, enfiando-se debaixo dos edredões. Uma sensação de calor começou a espalhar-se pelo corpo de Lottie ao olhar em redor para a decoração estilo casual esquisito.

Aquele quarto tinha-se tornado o seu pequeno santuário. Lottie sorriu para si própria, sentindo-se de repente em casa. Afinal, talvez pudesse ser feliz em Rosewood.

Enquanto as raparigas voltavam a adormecer, algo se espalhava por Rosewood Hall, algo que excitou e entusiasmou todos os alunos. Um rumor espalhou-se como uma erva daninha imparável que cresce por entre as rosas dos canteiros e que teria um efeito marcante.



O dia seguinte foi um dos dias mais estranhos da vida de Lottie. De alguma forma, alguém em Rosewood parecia ter descoberto o segredo real de Lottie e não fora muito discreto em relação a ele. Nessa manhã, ao entrar no refeitório Ivy, ouviu vozes abafadas que falavam sobre ela e, pior de tudo, Lottie percebeu que até estava a gostar.

– *Olha, é ela!*

– *Realmente, parece mesmo.*

– *Bem achei que Pumpkin era um nome esquisito.*

Lottie ignorou propositadamente este último comentário enquanto se sentava ao lado de Ellie. *Esta princesa maradoviana deve ser qualquer coisa*, disse para si.

Nessa manhã, tinha encontrado pequenos presentes à sua porta, desde sais de banho a perfumes, todos acompanhados por cartões-de-visita. *Como é que já são tão bons em networking e troca de influências?*, pensou. Felizmente, conseguiu escondê-los sem Ellie ver, uma das poucas vantagens do seu terrível hábito de dormir até mais tarde. A ideia de Ellie descobrir esta ridícula confusão fê-la sentir-se envergonhada. Se Ellie descobrisse o mal-entendido, queria que fosse por ela lhe ter contado.

– Bom dia. – Um rapaz alto de cabelo escuro, com óculos redondos, parou ao fundo do salão num pódio, com uma capa curta debruada a roxo com o emblema do veado sobre os ombros. – O meu nome é George Ogawa, sou chefe do 12.º ano de Ivy House. Espero que se estejam todos a adaptar bem – apresentou-se, sorrindo para os alunos com uma expressão carismática, que provavelmente tinha treinado muitas vezes ao espelho. Não teve muita sorte, pois todo o refeitório continuava a ferver com sussurros apressados.

– Enquanto os novos alunos se habituem às aulas ao longo das próximas semanas, foi-me solicitado que vos recordasse de que, em breve, terão a oportunidade de se juntar a um clube ou equipa, uma honra que deve ser respeitada.

Parou para aclarar a garganta e Ellie fez um gesto a simular vômito. Lottie soprou-lhe, sabendo o quão prestigiante eram algumas das aulas extracurriculares de Rosewood.

– Por isso, será do vosso interesse analisar cuidadosamente a posição em que estão mais à vontade para que representem Rosewood da melhor forma. Obrigada e desfrutem do vosso pequeno-almoço.

George deixou o pódio e todo o refeitório voltou de imediato a conversar entusiasticamente. Lottie estava muito consciente de que a palavra «princesa» estava sempre presente e sentiu-se tentada a enfiar a cabeça num pão para se esconder.

– Toma – Ellie empurrou uma pequena tarte de maçã num prato rosado sobre a mesa. – Comi uma destas ontem. São mesmo boas.

– Oh, não posso. Sou alérgica a maçãs – respondeu Lottie, devolvendo o prato.

– És...? – A voz de Ellie calou-se e olhou em redor do refeitório, que estivera tão animado e barulhento na manhã anterior e agora só se ouvia sussurros e via dedos a apontar.

– Hummm... porque é que está toda a gente a olhar para ti? – perguntou, pegando num *pain au chocolate* que estava no centro da mesa e dando-lhe uma enorme dentada.

Lottie ficou impressionada com a completa indiferença de Ellie perante todo o falatório. Perguntou-se se Ellie estaria outra vez a gozar com ela e, na verdade, sabia de tudo.

– Não sabes mesmo? – As palavras saíram um pouco mais duras do que Lottie pretendia, mas Ellie não pareceu notar dando outra dentada no pão.

– Só aqui estamos há dois dias – disse ela, engolindo a comida e enfiando logo de seguida o resto na boca. – Que raio poderás ter feito que deixou toda a gente tão perturbada? – As palavras saíram embrulhadas na comida, mas «dois dias» foi dito em alto e bom som. Como é que ela tinha conseguido causar tal confusão em dois dias? Lottie sentiu que merecia um prémio.

– Basicamente... – começou Lottie. Que diferença faria se lhe contasse agora? Era melhor ser ela a contar-lhe, provavelmente até iria achar hilariante. – Corre este ridículo boato...

Lottie foi abruptamente interrompida quando Lola e Anastacia surgiram ao seu lado. Anastacia já tinha um aspeto imaculado. O seu vestido em xadrez vermelho Conch parecia mais engomado e imaculado do que o de qualquer outra pessoa e o cabelo era um mar perfeito de cachos castanhos que caíam até à cintura, contrastando com o cabelo ainda despenteado de Lottie. Olhar para Anastacia fez Lottie querer correr até ao piso de acima e enfiar um saco de papel na cabeça com vergonha. O mais estranho é que Anastacia usava óculos escuros outra vez. *O que é que ela quer esconder?*

– LAMENTAMOS TANTO! – Lola pôs-se de joelhos e deu início a um enorme espetáculo de bajulação. Anastacia tirou os óculos e revirou os olhos. *Ela tirou mesmo os óculos só para revirar os olhos?*

– Juramos que não contámos a NINGUÉM, não fazemos ideia de como isto aconteceu! – Lola manteve-se firmemente de joelhos, olhando para Lottie como um cachorrinho. Agora, estava toda a gente a olhar para elas. Lola enfiou a mão na mochila e tirou uma caixa. – Estes chocolates são para ti. Lamento tanto, Lottie. Lamento mesmo muito. – O lábio inferior tremia ligeiramente e parecia que ia começar a chorar.

Lottie olhou para a caixa. *Tompkins Confectionery Chocolate Caramels Collection*. Repreendeu-se mentalmente por estar tão excitada com os chocolates. Como é que tinha deixado que isto se descontrolasse?

– Oh, levanta-te, Lola, por favor; estás a ser ridícula – o sotaque francês de Anastacia soou particularmente forte enquanto puxava Lola do chão. – Não contámos a ninguém – disse firmemente. – Juro. Nenhum de nós contou. Não fazemos mesmo ideia de como isto aconteceu. – Anastacia estava muito séria, tão séria que não tinha voltado a pôr os óculos e Lottie reparou que os seus olhos estavam raiados de sangue, como se não tivesse dormido.

De repente, aperceberam-se da presença de Ellie, que estava sentada a mastigar a comida como se fossem pipocas e a observá-las como se estivessem a representar uma peça.

– Quem é esta? – perguntou Anastacia, apontando para Ellie mas sem olhar para ela.

– É a Ellie.

– Sou a Ellie.

As duas vozes responderam em uníssono.

Anastacia não pareceu satisfeita com esta resposta.

– *Okay*, mas QUEM é ela?

Lottie decidiu ignorar o quão rude isto soou, como se toda a gente necessitasse de permissão para estar na presença de Anastacia.

– É a minha companheira de quarto.

– Sou a companheira de quarto dela.

Mais uma vez falaram em uníssono. Lottie teve de resistir à tentação de gritar «bruxo», pensando que seria pouco apropriado naquele momento.

– Alguém me pode explicar o que é que se passa? – interveio Ellie. – Tipo, vocês estão a estragar-me o pequeno-almoço, o que na minha família pode ser punido com a morte.

Lottie deu um pontapé a Ellie por debaixo da mesa, mas teve de se controlar para não rir.

– Ela não sabe? Toda a gente na escola sabe *menos* a tua companheira de quarto? – Anastacia parecia estar prestes a rebentar.

– *Hey!* Eu sei muitas coisas – respondeu Ellie, enquanto enfiava o garfo com tarte de maçã na boca

– Como... sabiam que ela é alérgica a maçãs?

– ELA É O QUÊ?! – Lola guinchou em descrédito – Oh meu. Deus! É perfeito! Uma princesa que é alérgica a maçãs. É como se fosses uma personagem da Disney. – As risadinhas de Lola foram interrompidas por Ellie que se engasgou com a tarte. Rapidamente, engoliu o seu sumo de laranja tentando recuperar a respiração. *O quê?* Lottie teve uma repentina sensação de *déjà vu*.

– *Okay*, isto está a tornar-se uma seca. – Anastacia revirou os olhos novamente e voltou-se para Ellie. – A tua companheira de quarto, Lottie Pumpkin, é, na verdade, a secreta princesa de Maradova.

Ellie arregalou tanto os olhos que pareciam que lhe iam saltar.

– Lottie? – Voltou-se para a questionar e, de repente, emanou uma energia intensa e ligeiramente aterradora que contrastava completamente com o seu humor divertido de há minutos. Esta mudança severa fez com que Lottie se engasgasse e que as palavras se embrulhassem na sua garganta.

– Não... Não consegui evitar que se espalhasse. – Lottie desejou poder esbofetear-se, parecia uma idiota.

– Pensei que me tinhas dito que tinhas uma bolsa. – Havia agora uma frieza na voz de Ellie.

– Sim... eu não... isto... – Lottie tentou responder, mas ainda tropeçava nas palavras.

Ellie levantou-se abruptamente, empurrando os pratos.

– Tenho de ir – disse friamente e saiu disparada do refeitório. O coração de Lottie batia muito depressa. Aquilo fora... totalmente inesperado.

Anastacia voltou-se novamente para Lottie e encolheu os ombros. Lola sorriu e acenou a Ellie quando ela saiu.

– Parece simpática – disse.

Lottie tentou que o dia passasse tranquilamente, rezando para que Ellie aparecesse nas aulas. Procurara por todo o lado: na biblioteca, no campo – até tinha visto no pequeno esconderijo que tinha descoberto em Stratus Side. Ellie desaparecera.

À hora de almoço, Lottie regressou ao dormitório Ivy para procurar Ellie, mas era óbvio que ela não queria ser encontrada. Lottie esperava que ela aparecesse mais tarde no quarto, mas também estava nervosa por voltar a vê-la. Ellie deixara bem claro o que pensava de todos os alunos de Rosewood, cujas vidas lhes tinham sido entregues de bandeja e, tanto quanto lhe dizia respeito, Lottie agora era um deles. E não apenas um deles, mas também uma grande estúpida mentirosa. E a

pior parte é que não era mentira; ela tinha realmente uma bolsa e tinha mesmo trabalhado muito para entrar – mas ela nem sabia por onde havia de começar para explicar esta confusão.

Ainda assim, apesar de tudo isso, a reação de Ellie parecia demasiado intensa. Porque é que ela teria reagido assim? Não fazia sentido. Lottie sabia que elas tinham as suas questões, mas isto era... estranho.

Depois da última aula, Lottie procurou Ellie uma vez mais pelo *campus*, mas sabia que tinha de regressar ao dormitório. Encontrou a perfeita Eliza pelo caminho até ao portão e perguntou-lhe se tinha visto Ellie.

– Oh, acho que ela chegou há cerca de uma hora. Disse que não se estava a sentir bem.

Lottie agradeceu rapidamente e apressou-se a subir as escadas. Estava prestes a abrir a porta do seu quarto quando, de repente, sentiu uma ponta de ansiedade. *E se Ellie estiver realmente zangada com isto? Talvez ela conheça a princesa maradoviana.* Todas estas hipóteses começaram a surgir na mente de Lottie e percebeu que não queria abrir a porta. Enfiou a mão na mochila e sentiu a sua tiara, encontrando conforto em tê-la sempre consigo. *Tu consegues, pensou. Enfrenta os teus medos.* Lottie abriu gentilmente a porta e viu...

Nada. Não estava ninguém, o quarto estava na penumbra e não via Ellie em lado nenhum. Estava prestes a sair e procurar Ellie noutro lado quando ouviu uma voz atrás de si.

– És uma mentirosa.

Lottie deu um salto e voltou-se para encontrar Ellie à sua espera junto à porta. Parecia furiosa. O cabelo caía-lhe sobre a face, originando uma sombra escura que lhe cobria os olhos e tinha os punhos cerrados com tanta força que Lottie receou que fizesse sangue na palma das mãos.

– Desculpa? – Lottie estremeceu.

– Eu disse que... – Ellie fechou a porta firmemente atrás de si antes de prosseguir de forma mais agressiva. – És uma mentirosa.

Lottie tinha perfeita consciência de que não havia outra saída do quarto sem ter de passar por Ellie.

– De que é que estás a falar? – Lottie sentia que começava a tremer, mas obrigou-se a manter a compostura.

– Tu não és a princesa de Maradova – atirou Ellie.

Gotas frias de suor começaram a formar-se na pele de Lottie, o seu estômago deu um nó e a sua língua parecia colada dentro da boca. Como é que ia conseguir que Ellie acreditasse que isto era tudo um enorme mal-entendido?

– Ellie, deixa-me explicar... – as palavras de Lottie saíram nervosas e num estranho som estridente.

A face de Ellie contorceu-se num sorriso sem humor.

– Eu sei que mentiste porque... – pausou para se dirigir à sua cama e começou a remexer na sua mala, atirando violentamente com vários objetos e pedaços de papel para o lado. Lottie considerou por momentos a hipótese de se dirigir à porta e sair a correr até à Cornualha, mas antes de acabar esse pensamento, Ellie já tinha encontrado o artigo que procurava e esfregou-o na cara de Lottie. Era o medalhão em forma de diamante com o lobo gravado na superfície. Ellie abriu-o e revelou uma pequena foto de família: um rei e uma rainha com uma menina ao seu lado.

A cara de Lottie ficou mortalmente pálida quando percebeu quem era a rapariga da foto. Voltou o olhar para Ellie, mas já sabia como ia acabar aquela frase.

– Porque... – repetiu Ellie – eu sou a Princesa de Maradova.



A tensão no quarto era tão pesada que Lottie tinha a certeza de que ia sufocar sob ela. O estranho silêncio enquanto as duas olhavam uma para a outra só foi quebrado pelo som do relógio sobre a porta.

Os olhos de Ellie estavam em fogo. Estava verdadeiramente furiosa e Lottie conseguia sentir a intensa raiva que emanava dela – a mesma tempestade que sentira quando viu Ellie, pela primeira vez, na entrada da escola. Tentou forçar-se a dizer algo para quebrar o opressivo silêncio antes que este as consumisse às duas.

– Eu tentei dizer-lhes que não era verdade.

Ellie riu sem uma pinga de diversão.

– És tão egoísta, é inacreditável.

Lottie recuou como se tivesse sido esbofeteada. Aquilo tinha doído. Ela tinha orgulho em ser bondosa, em ser acolhedora, prestável.

O egoísmo era exatamente o oposto da sua natureza. Baixou a cabeça com vergonha.

– Lamento...

– Aposto que nem te passou pela cabeça o que isto poderia significar para a verdadeira princesa, pois não?

Lottie não tinha como contrariar; não tinha pensado nisso. Nem uma só vez lhe tinha ocorrido que a princesa de Maradova pusesse realmente estar em Rosewood. Pensara que tudo aquilo parecia um conto de fadas.

De repente, sentiu-se realmente estúpida, não só pela sua falta de cuidado, mas pela ideia de poder sequer passar por uma princesa. Um sentimento que nunca tinha tido tomou conta do seu peito e ficou preso na sua garganta. Estava verdadeiramente horrorizada por não ter esclarecido o mal-entendido logo que acontecera. Tivera responsabilidade na propagação do boato. Rezou para que isto não afetasse a tentativa de Ellie em ter uma vida normal.

Ellie olhou para ela, mas Lottie não conseguia pensar em nenhuma forma de resolver as coisas.

– Lamento. Tentei dizer às pessoas que não era verdade, mas perdi o controlo. – As palavras pareciam sair vazias e inúteis.

Ellie rosnou numa exasperação furiosa. Agarrou na sua foto com o rapaz misterioso que estava ao lado da cama e sentou-se nela, ombros curvados numa pequena concha protetora. O seu cabelo escadeado cobria-lhe a cara, enquanto olhava atentamente para a fotografia. Lottie perguntou-se se o rapaz da foto seria seu namorado.

Ellie suspirou, colocando a moldura novamente na mesa-de-cabeceira.

– Não vou contar a ninguém que não és tu – disse com firmeza.

Lottie ficou completamente baralhada. Se Ellie estava a dizer isto para a fazer sentir melhor, então tinha de a parar – não conseguiria lidar com tanta culpa.

– Podes contar, se quiseres. Eu sei que devia ter-me esforçado mais por corrigir o erro. – Lottie sentou-se na sua cama do outro lado do quarto com uma nova sensação de determinação. – Podes envergonhar-me tanto quanto queiras; mereço.

– Não, não estás a perceber – respondeu Ellie. – Não estou sequer chateada. Estou chateada com a situação, não contigo... – Ellie olhou novamente para a fotografia. – Isto até pode ser uma bênção.

Lottie pestanejou algumas vezes, tentando compreender como é que aquilo podia ser uma coisa boa para qualquer uma delas.

– Talvez... – Ellie fez uma pausa e respirou fundo. – Talvez não faça mal continuarmos a fingir que és tu.

O quê? De certeza que Lottie não tinha ouvido bem. Ellie respondeu com o seu habitual sorriso amarelo.

Lottie recompôs-se rapidamente.

– Quer dizer, é mesmo isso que queres? – A ideia de passar realmente por uma princesa soava a uma história que tinha inventado em criança. Isto fez Ellie desatar a rir à gargalhada. Lottie começava a ter a impressão de que se calhar era mais adequada ao título de Princesa das Alterações de Humor.

Ellie limpou as lágrimas que se tinham formado no canto dos olhos enquanto fungava.

– Tem tanta piada. Eu faria *qualquer coisa* para estar no teu lugar, Lottie. Tudo o que sempre quis foi não ser princesa... e acabo a partilhar um quarto com uma rapariga que é obcecada por elas. – Expirou pausadamente. – Sabes que, antes de vir para Rosewood, só conhecia vinte pessoas na minha vida? Vinte!

Lottie ficou literalmente de boca aberta com esta última afirmação.

– Uau! – soltou em espanto. – Como é que isso é possível?

Ellie mordeu o lábio e começou a brincar com o medalhão.

– Sou a única herdeira do trono de Maradova, mas nunca quis ser apresentada ou desempenhar o papel da princesa perfeita, por isso... a única opção era esconder-me no palácio até que um dia estivesse pronta a desempenhar o meu papel.

Lottie ouviu-a fascinada, com pena da pequena Ellie solitária.

– Não me interpretes mal, de vez em quando lá me escapava, mas isso deu origem a alguns boatos e os meus pais puseram-me de castigo. E aqui estou, com 15 anos, e só os membros de maior confiança da casa real maradoviana conhecem o meu aspeto. – Ellie não olhou para cima quando acabou de falar.

Lottie pensava que a sua vida tinha sido realmente desafiante, mas pelo menos tinha tido a liberdade de fazer as suas próprias escolhas.

– Não sou obcecada... com princesas, quero dizer. – Lottie pronunciou as palavras antes mesmo de as ter processado. – Sei que provavelmente parece muito infantil... – Fez uma pausa, mas devia a Ellie a verdade tendo em conta o que ela acabara de partilhar com ela. – É a minha mãe. Sabes... recebi esta tiara da minha mãe antes de ela morrer... e ela ensinou-me esta frase tola que eu repito para me recordar de que devo ser uma princesa quando estou ansiosa ou assustada. – Lottie tinha a certeza de que Ellie se ia rir dela, mas não conseguiu parar. – *Vou ser bondosa, vou ser corajosa, vou ser imparável!* E então tudo parece mais nítido e volto a sentir-me bem.

Lottie afastou o olhar, com medo da reação de Ellie ao seu mantra infantil.

– Não é parvo – disse Ellie com firmeza e surpreendendo Lottie – Tu não és parva, Lottie, és muito inteligente.

Lottie olhou para cima para ver que Ellie a observava com uma total e extrema candura. Sentiu a picada das lágrimas no canto dos olhos. Não tinha percebido o quanto precisava da aprovação de Ellie até a ter tido.

– Obrigada – agradeceu suavemente.

Ellie ofereceu-lhe um sorriso tranquilizador antes de se recostar novamente. Distraída, começou a desenhar círculos no ar, até que parou de repente e voltou-se novamente para Lottie.

– Eleanor Prudence Wolfson – disse calmamente. – É este o meu verdadeiro nome. Não há muitas pessoas que o saibam.

Lottie olhou para Ellie como deve ser desta vez, como se se conhecessem pela primeira vez.

– Encantada por conhecê-la, princesa Wolfson.

Ellie sorriu-lhe, claramente achando piada a ouvir Lottie usar o seu título, mas a sua expressão lentamente voltou a ficar pensativa e Lottie esperou tranquila que Ellie revelasse os seus pensamentos.

– O que não entendo... – Ellie fez uma pausa, esfregando a testa em análise – é como é que alguém descobriu que eu vinha para Rosewood. Nós nem ao diretor contámos quem eu realmente sou.

Lottie não sabia o que dizer. Assumira que ali todos sabiam tudo. Eram tão inerentemente coscuvilheiros.

– Anastacia disse que tinha ouvido um boato, mas não sei como o resto da escola soube ou como começou o rumor. Ela prometeu que não contava a ninguém.

– Confias nela?

Lottie demorou um momento a questionar-se se realmente confiava e percebeu que havia hesitação no seu instinto.

– Gostava de confiar nela, mas não sei quem mais poderia ter contado a toda a gente. – Odiava desempenhar o papel de advogada do Diabo, mas não conseguia pensar em mais nenhuma explicação lógica.

Ellie mordeu o lábio antes de voltar a olhar para o teto.

– Provavelmente não temos nada com o que nos preocuparmos.

Algo dizia a Lottie que Ellie não acreditava nisso.



O facto de Lottie só se ter lembrado da sinistra mensagem do livro uma semana depois, era a prova do quão empenhada tinha andado a estudar, para melhorar as suas notas nada fantásticas a Matemática.

Estava sentada com Binah e Ellie na pequena biblioteca Stratus forrada a carvalho, que estava aberta aos alunos e a convidados registados. Pouco faltava para as 21h30, hora do recolhimento, e Lottie escrevia uma carta a Ollie. A maioria dos estudantes ainda estava maravilhada com a ideia de Lottie ser a princesa maradoviana secreta, pelo que a acolhedora biblioteca Stratus era um refúgio agradável para escapar a todo o burburinho.

Querido Ollie (o deserodeiro oficial de St. Ives),

A minha caixa postal pessoal é muito fácil de usar, por isso, espero receber imensas cartas tuas e da tua mãe, por favor. A morada é: Ivy 221A, Rosewood Hall, Oxfordshire.

Vais fartar-te de rir quando souberes da confusão em que me meti. Prometo contar-te tudo quando for a casa no Natal. Faz uma festinha ao teu cão por mim e diz à tua mãe que está tudo a correr bem por aqui.

Tenho muitas saudades tuas.

Lottie

PS.: Podes ajudar a acabar com o stock de chocolate escondido debaixo do chão do meu quarto, mas apenas se fores controlando o que a Beady anda a fazer por casa.

– Primeiro pede pão, quando saires daqui.¹

Lottie levantou a cabeça para olhar para Binah, que estava inclinada sobre o ombro de Ellie, as duas intensamente concentradas nos números no papel.

– É assim que me lembro sempre – explicou Binah. Ellie riu em resposta à estranha afirmação de Binah.

– Pode ser – respondeu Ellie, esfregando o queixo enquanto escrevia mais um número no papel. – Eu lembro-me sempre da ordem de cálculo com PPPQSD, nunca me preocupei com cábulas.

– Não é uma *cábula*! – protestou Binah. – É uma mnemónica matemática.

Ellie ofereceu a Binah um sorriso provocador que fez com que as duas se rissem. Tinham criado rapidamente um laço, com base em enigmas, especialmente numéricos. Apesar de Lottie não conseguir compreender do que falavam a maioria das vezes, adorava observá-las entusiasmadas com os números. A face de Binah ficou séria e pegou na mochila.

– Ellie, estás proibida de gozar comigo até resolveres o meu código. – Colocou um pedaço de papel na mesa coberto de equações complexas. Lottie observou fascinada a arrogância de Ellie a

desvanecer-se.

$$\begin{aligned}x_1 &= .92 * x_{12} \\x_2 &= (x_1 + 4) / 3 \\x_3 &= (x_1 + 1) / 2 \\x_4 &= x_3 \\x_5 &= (3/4) * x_3 \\x_6 &= (x_8 - x_9)^2 \\x_7 &= (x_1 + x_{10}) - x_3 * x_4 / x_5 \\x_8 &= x_9 - 1 \\x_9 &= (x_4 + x_5) \\x_{10} &= \text{RAÍZ}(x_5) + \text{RAÍZ}(x_{12}) + 2i^2 \\x_{11} &= x_1 - x_2 + x_3 - x_4 + x_5 - x_6 - x_7 + x_8 - x_9 + 2 * x_{10} \\x_{12} &= ((x_4 - x_3) - 5)^2\end{aligned}$$

Lottie nunca vira nada tão confuso na vida. Nem conseguia começar a imaginar como poderia resolver algo tão complicado.

– Criei este *puzzle* especialmente para ti, Ellie, e tenho algo para vocês as duas para acompanhar.
– Binah enfiou a mão na mochila e colocou duas caixas de pele azul sobre a mesa, com um brilho elegante e iridescente na superfície. Ellie quis abrir a sua de imediato.

– Nã, nã – negou Binah, afastando a caixa do seu alcance. – Nenhuma de vocês pode abrir estas caixas até Ellie resolver o *puzzle*. – Ellie resmungou, indignada. – Bem, até podiam – acrescentou –, mas seria um esforço inglório, porque não fazem sentido sem terem decodificado a mensagem.

Lottie ficou aliviada por ver que Ellie também ficava perplexa com esta afirmação.

– Mensagem? – perguntou Lottie, espantada.

Binah ofereceu-lhe um sorriso cúmplice.

– Sim, a mensagem codificada no problema matemático.

Ellie e Lottie olharam uma para a outra novamente.

– Como é que é suposto eu decodificar a mensagem? – perguntou Ellie, carrancuda.

– Vais descobrir uma maneira – respondeu Binah com uma pequena risada, deliciada com as suas expressões desconcertadas. – Ah, e mais uma coisa. Sei o quanto gostas de contos de fadas, Lottie, por isso...

Binah retirou um bonito livro vermelho de capa dura da mochila. Uma enorme cabeça de lobo estava gravada na capa. No topo, escrito em grandes letras douradas, lia-se *O Capuchinho Vermelho*. Lottie arfou, com a memória do «presente» no seu primeiro dia: *A Companhia dos Lobos*.

Binah ficou confusa com a expressão de Lottie.

– Passa-se alguma coisa?

– Não, nada! É lindo! Muito obrigada. – De repente, Lottie estava desesperada por voltar para o quarto e mostrar a Ellie a sinistra mensagem. Pegou no livro e ofereceu a Binah o seu sorriso mais tranquilizante. – Percebi que está quase na hora de recolher. É melhor voltarmos antes que tenhamos problemas.

Não era propriamente uma mentira. Lottie tinha realmente terror em violar qualquer regra, especialmente depois do seu pequeno encontro com a professora Devine. Não esperava que ela fosse tão complacente uma segunda vez.

Binah acenou, mas a expressão de Ellie permaneceu cética pelo que Lottie deitou-lhe um rápido olhar a indicar-lhe que explicava tudo quando chegassem ao quarto. Despediram-se e assim que

Binah ficou fora de vista, Ellie voltou-se para Lottie arqueando uma sombrancelha.

– Qual é a urgência? – perguntou, tentando manter afastado o tom de excitação da sua voz.

Lottie respirou fundo antes de falar.

– Ellie... – começou, nervosa com a reação da amiga. – Há algo que tenho de te mostrar.

– Recebeste isto na *primeira* noite? E nem pensaste em dizer nada! Isso já foi há uma semana! – A voz de Ellie tinha um tom estridente ao ler o texto dourado dentro da capa do livro.

Lottie desviou o olhar envergonhada.

– Bem... estava preocupada que pudesses ter sido tu a pô-lo lá. – Ellie soltou uma risada e Lottie corrigiu rapidamente. – No início... porque parecias tão zangada... e... foi antes de eu saber que tu eras, tu sabes... uma princesa.

O riso parou e Ellie estendeu o lábio inferior em concordância.

– Quem quer que o tenha feito estava obviamente a tentar intimidar-te... a mim... quer dizer, à princesa, para a fazer reagir. Foi uma experiência. Temos de descobrir quem fez isto – disse Ellie abruptamente, fechando o livro com um baque. – Sejam eles quem forem, também devem ser os responsáveis por contar a toda a escola.

Lottie acenou, pensara na mesma coisa. Juntas, sentaram-se no chão e começaram a pensar em potenciais suspeitos que podiam ter deixado o livro até chegarem a 15 nomes. Todos os três chefes de ano Ivy e seis prefeitos Ivy do 10.º ao 12.º ano, já que todos tinham acesso aos dormitórios sem levantar suspeitas. Depois, todas as pessoas que Lottie conhecera no primeiro dia que pensaram que ela tinha dito que vinha de outro país: Raphael, Saskia, Lola, Micky, Binah e Anastacia.

– Bem, definitivamente não podem ser Lola ou Micky, porque não sabiam até Anastacia lhes ter contado – disse Lottie em defesa dos gémeos –, e Saskia não me conheceu antes do fogo-de-artifício; e nem pensar que a chefe do 10.º ano de Conch House passaria despercebida.

Ellie acenou, mas não estava realmente a prestar atenção, começando a folhear as páginas de *A Companhia dos Lobos*.

– Ellie?

– É um livro de biblioteca – disse ela secamente.

– É... o quê?

Ellie estendeu-lhe o livro de volta e Lottie abriu a contracapa para ver as pequenas marcas de corte onde teriam estado os cartões de uma biblioteca.

– Ellie – exclamou Lottie excitada. – És um génio! Basta descobrirmos que estudantes tiveram acesso à biblioteca principal no primeiro dia. – Lottie agarrou Ellie e abraçou-a.

Ellie devolveu o abraço dando-lhe palmadinhas nas costas, claramente pouco habituada a demonstrações de afeto. Rapidamente, Lottie afastou-se, sentindo-se envergonhada, com um rubor quente a cobrir-lhe as bochechas.

– Muito bem, avancemos, podemos fazer isso amanhã logo de manhã.

– Amanhã? – O rosto de Ellie transformou-se num sorriso maquiavélico. – Nem pensar que vou esperar tanto tempo.

– Mas já passa da hora de recolhimento – retorquiu Lottie confusa.

A expressão de Ellie transformou-se num sorriso aberto, mostrando os dentes como se fosse um animal selvagem.

– Por isso é que inventaram a noção de escapadela.

1 Adaptação da expressão inglesa *Big puffy rats make Dora always scared*, uma mnemónica para BPRMDAS, que representa a ordem de cálculo matemático: primeiro, o que está entre Parênteses (Brackets); em segundo, Potências e Raízes Quadradas (Powers e Roots); depois, Multiplicações e Divisões (Multiplications e Divisions); e, por fim, as Adições e as Subtrações (Additions e Subtractions).



Lottie nem queria acreditar no que estava a fazer. Sempre se orgulhara de ser um modelo de bom comportamento. Nunca tinha tido uma repreensão ou falta por mau comportamento na escola e, agora, ali estava ela vestida com uma *t-shirt* e *jeans* pretos que Ellie lhe tinha emprestado, descendo pela varanda para entrar à socapa na biblioteca. Lottie protestara, mas Ellie tinha decidido que ia com ou sem ela.

– Repara nas trepadeiras na parede – tinha dito Ellie. – Praticamente imploram para nos escapulirmos.

E mais uma vez, Lottie estava a fazer algo completamente fora do seu normal, tomada por uma espécie de excitação que simultaneamente sentia ser estranha e familiar.

As luzes no exterior do dormitório estavam menos intensas depois da hora de recolher, mas o brilho da Lua cheia iluminava o *campus*, deixando-as com a sensação de estarem expostas pelo caminho. Sabiam que os guardas do *campus* estariam a vigiar o portão, por isso tinham de descobrir uma forma de os contornar.

– Podemos ir por trás, pelo bosque, passar debaixo da ponte e contornar a entrada principal. – sussurrou Ellie. Lottie abanou a cabeça. De certeza que também haveria vigilância na entrada principal e, já que iam fazer isto, ela *não* ia deixar que as apanhassem. De certeza que a professora Devine não perdoaria tal transgressão.

– Não, vamos pelo bosque – recordou o mapa da escola na sua mente e o túnel secreto que tinha descoberto no primeiro dia graças à nuvem de brilhantes. Perguntou-se se o túnel conduziria à ponte. – Acho que conheço uma entrada secreta para a escola.

Ellie olhou para ela em verdadeiro choque e ofereceu-lhe o seu característico leve sorriso trocista que fez Lottie sentir-se um cachorrinho orgulhoso.

– Gostas mesmo de me surpreender – disse Ellie com um riso singelo.

Lottie corou com o elogio e rapidamente avançou, fazendo sinal a Ellie para que a seguisse enquanto ela lhe contava sobre o túnel que tinha encontrado. Enfiaram-se nos arbustos e rastejaram até uma área livre antes de penetrar no bosque.

Lottie não estava preparada para quão denso era o bosque à noite e a sua mente foi invadida por pensamentos sobre lobisomens e fantasmas. O bosque Rose Wood estava praticamente intocado com pouco do que se parecesse a um caminho para se guiarem, pelo que tiveram de se manter perto o suficiente da escola para não se perderem, mas longe para evitar serem apanhadas. Ellie avançou sem medo por entre o musgo e as raízes expostas dos carvalhos, como se não fosse mais do que um passeio no parque. Algo latiu à distância, fazendo Lottie dar um pulo e agarrar-se ao braço de Ellie em busca de proteção.

– É só um veado – Ellie riu entredentes, tentado conter-se. Lottie não achou tanta graça e teve de reunir toda a sua coragem para largar o braço de Ellie.

Levaram uns bons dez minutos a caminhar até que o solo se tornou mais mole ao aproximarem-se do rio e da ponte. O som da água significava que podiam falar mais, mas estava demasiado escuro para verem por onde iam sem uma lanterna e Lottie receou que pudessem pôr mal um pé e acabar dentro de água. Deslizaram as mãos ao longo da margem do rio, remexendo o solo procurando algo que pudesse ser uma abertura.

Não havia nada além de lama. Na escuridão, Lottie conduziu-as até um dique enlameado, onde era provável que fossem apanhadas e ficariam em tais trabalhos que o plano de princesa incógnita de Ellie iria por água abaixo.

A mente de Lottie soluçou. *Por baixo!*, pensou.

– Ellie, não é na margem do dique. Deve ser por baixo de nós – sussurrou excitada.

Ellie não precisou de ser convencida, avançou diretamente pela margem do rio e rastejou à volta como um animal feroz em busca de uma abertura. Lottie gelou, chocada com a fé que Ellie depositara na sua teoria do túnel. Antes de poder protestar, Ellie desapareceu sob a água.

– Ellie! – Lottie tentou manter-se calma, mas não conseguiu evitar que a sua voz se transformasse num grito. Antes de perceber o que estava a fazer, correu para o rio em busca de Ellie, caminhando pela água fria à sua procura. Algo prendeu-lhe a perna e o seu coração parou. Abriu a boca para gritar quando Ellie surgiu à sua frente, rapidamente tapando-lhe a boca para abafar o grito.

– Sou eu!

Ellie estava completamente encharcada, o cabelo pingava com a água. O coração de Lottie batia acelerado ao olhar para ela e a respiração estava quente contra a palma da sua mão.

Ellie sorriu, os dentes brilhavam no escuro como um lobo que mostra as suas presas. Lentamente, conduziu Lottie pela água e fez sinal para baixo, ainda a sorrir. Lottie olhou para onde Ellie estava a apontar.

Ali estava, refletindo o céu estrelado, uma pequena escotilha de metal a brilhar mesmo acima da superfície da água. Olharam uma para outra antes de se inclinarem e puxarem a tampa. Era muito mais fácil de abrir do que Lottie imaginara, mas tinham de ser rápidas para que a água do rio não entrasse pela abertura.

– Uau! – exclamou Ellie – Bom trabalho, princesinha.

Lottie sentiu todo o seu corpo radiar de orgulho, mas não teve tempo de se deliciar com o elogio, pois Ellie entrou de imediato no túnel.

– Ellie – chamou Lottie. Não faziam ideia da profundidade e era impossível ver o que havia no fundo.

– Desce, eu seguro-te – respondeu a voz abafada por baixo dela. Lottie parou a tremer sobre a escotilha, com o coração ainda acelerado. Olhou mais uma vez para o bosque, perguntando-se como raio tinha chegado àquele ponto e tentando perceber que não havia como voltar atrás. *Lá vou eu pela toca do coelho!*

Entrou pelo túnel, sem se preocupar por estar a ficar completamente molhada. Dois braços abraçaram a sua cintura e ajudaram-na a descer. Não era tão fundo como esperara e conseguia facilmente esticar-se e fechar a escotilha com Ellie a segurá-la. Lottie mal conseguia ver dentro do túnel e a única luz vinha de uma pequena abertura no topo da escotilha na margem do rio. As mãos de Ellie agarraram nas suas; Lottie sentiu o seu corpo ficar quente e, de repente, ficou inexplicavelmente nervosa. Ellie aproximou-se. Lottie sentia a respiração dela na sua face.

– Okay! – sussurrou. – Para o escritório da biblioteca.

Deram passos cuidadosos e bem pensados ao longo do túnel, aliviadas ao perceber que conduzia para cima e, finalmente, chegaram ao armário dos materiais de arte. Felizmente, Lottie tinha-se esquecido de voltar a colocar o móvel de gavetas encostado à portinhola e conseguiram entrar na escola. Em silêncio, caminharam sorrateiras pelos corredores da escola, cada passo no chão de pedra parecia mais alto do que o anterior.

Lottie julgava que encontrariam professores por ali, ainda era só meia-noite, mas não estava ninguém à vista. Havia algo de sinistro nos corredores vazios à noite e não conseguiu evitar imaginar que os olhos nos enormes quadros a observavam.

Tiveram de percorrer o longo caminho que contornava o *hall* para evitar a entrada dos aposentos Stratus onde estariam guardas. Finalmente em segurança fora do edifício principal, correram através do pátio e sobre uma sebe até às traseiras do edifício da biblioteca. Estava trancado. Não conseguiam entrar com os seus cartões de aluno sem darem a perceber que se tinham escapulado. Rosewood Hall mantinha um registo de todos os estudantes que entravam e a que horas o faziam.

Ocorreu outra ideia a Lottie. Será que queria mesmo saber quem tinha levado o livro? Toda a gente se estava a dar bem; ela começava a sentir Rosewood como a sua casa. Apesar de as pessoas ainda comentarem e sussurrarem, não achava que estivesse em perigo. Por isso, talvez, quem tivesse deixado o presente não tivesse realmente querido fazer mal. Antes de poder articular este pensamento a Ellie, observou espantada como a princesa abria o painel de vidro da porta, chegando assim à maçaneta do interior. Ellie tinha claramente experiência em escapar-se, mas também em entrar sorrateiramente. Tanto quanto podia imaginar, Lottie ainda podia vir a descobrir que tinha um assassino profissional a seu serviço.

– Nem acredito que me convenceste a fazer isto – disse ainda sem acreditar quando entraram. Ellie sorriu-lhe. O escritório ficava no segundo andar da biblioteca, uma cúpula imaculada decorada com cristais que dominava sobre todo o edifício. Era gerido por um homem solitário de nome Clark. Este mantinha o escritório tão bem organizado que era fácil encontrar o que procuravam: um registo meticuloso de exatamente quem tinha levado um livro e quando.

– Encontrei! – disse Ellie, com a língua de fora em concentração, enquanto remexia cuidadosamente no ficheiro. Lottie sentiu o coração a acelerar novamente. Não queria saber.

– Tens de ver isto – Ellie não conseguia esconder a satisfação na sua voz. Havia apenas alguns nomes no primeiro dia de escola e reconheceram apenas três. Escritos claramente no papel com a sua própria letra.

Binah Fae

Raphael Wilcox

Anastacia Alcroft



Lottie levou toda uma noite de súplicas para convencer Ellie a não confrontar nenhuma das pessoas do registo de entradas da biblioteca. Não podiam ter certezas: as provas não eram suficientes e Lottie não queria correr o risco de chatear alguém por causa de um palpite.

– Seria melhor guardarmos esta informação e juntarmos às pistas novas que descobrirmos – implorara Lottie. Ellie concordara, mas era claro que tinha decidido que Anastacia era a sua inimiga. E estava prestes a chegar ao ponto de rutura.

*

O dia seguinte estava exageradamente abafado. O tempo tinha estado quente e seco, fazendo com que o ar parecesse pegajoso e sentia-se uma tensão pesada e abafada como se o céu pudesse explodir a qualquer momento. Apesar de a maioria das aulas em Rosewood Hall serem frequentadas em companhias, havia algumas exceções. Uma delas era Desporto, em que participava o ano inteiro ao mesmo tempo. Isto devia ser excelente, uma hipótese de todos se conhecerem, mas, como rapidamente se descobriu, Ivy House e Conch House *não* se davam bem – em especial quando tinham Ellie e Anastacia em equipas adversárias.

– Anastacia. Ellie – chamou a Sra. Bolter. – Como capitãs, podem avançar e escolher as vossas equipas. Obrigada.

Ellie e Anastacia entreolharam-se com tal intensidade que Lottie imaginou faíscas entre ambas. Quebraram o seu olhar fulminante e tomaram os seus lugares no limite do campo, prontas para formar as suas equipas de *lacrosse*. Para Anastacia, as aulas de Desporto tinham tudo a ver com o orgulho de Conch House, mas para Ellie a coisa era pessoal. Não só era extramente competitiva como encontrara em Anastacia um adversário à altura.

– Anastacia, a primeira escolha é sua. – Gritou a Sra. Bolter do outro lado do campo.

Não era por acaso que Conch era sempre a primeira a escolher. A Sra. Bolter era a mãe da casa e não era nada como as professoras de Desporto que Lottie já tivera. Era muito intimidante de uma maneira que exigia respeito. Também era responsável pelos estábulos e movia-se com tanta graça e elegância como se estivesse a praticar *dressage*. Era facilmente a professora mais temida na escola e Lottie não conseguia imaginar que alguém nas aulas da Sra. Bolter se aproximasse minimamente do mau comportamento.

– Raphael – disse Anastacia sem hesitação.

E lá vamos nós, pensou Ellie. Anastacia ia escolher todos os alunos de Conch e Ellie escolheria os de Ivy e teriam ambas uma parte de alunos Stratus, que basicamente estavam muito acima deste disparate competitivo. Lottie quase que os invejava, desejando, por vezes, poder largar toda aquela coisa roxa Ivy e juntar-se ao bonito amarelo suave do mundo Stratus, não tendo de se aborrecer com aquela rivalidade disparatada.

Raphael avançou para se colocar ao lado de Anastacia, piscando o olho a Ellie ao passar por ela, o que lhe granjeou um revirar de olhos.

– Binah – disse Ellie.

Lottie não ficou surpreendida com esta escolha. Ellie tinha sido inflexível quanto a não haver qualquer possibilidade de Binah, uma das primeiras amigas que ela tinha conseguido fazer, ter alguma culpa. Também ajudara o facto de Binah ser uma excelente atleta. Lottie recordou-se que Binah fora a única aluna alguma vez a ser convidada para as três casas, por isso fazia sentido que fosse boa a tudo.

Lottie foi a segunda a ser chamada por Ellie o que era totalmente desmerecido por ser péssima em Desporto, e especialmente em *lacrosse*, o que a deixou completamente surpreendida.

– *Okay*. Esta semana vamos *ganhar*! – encorajou Ellie. Depois de escolhida a sua equipa, reuniu-os num grupo para o seu discurso de motivação. – Eu acredito em vocês e, Lottie... – olhou para ela, com a sua face a tornar-se surpreendentemente séria –, isto também te inclui.

Lottie gemeu para dentro. Normalmente, só tentava não atrapalhar nas equipas desportivas, tendo tendência a fazer mais mal do que bem quando ajudava de alguma forma. Nunca frequentara uma escola onde levassem o exercício físico tão a sério.

– Bom, estes rapazes e raparigas Conch podem parecer maiores e mais intimidantes e sei que quatro deles fazem parte da equipa de *lacrosse* da escola, mas acredito, de forma ingénua e desfavorecida, que vamos conseguir.

No que tocava a discursos inspiradores, Ellie não era propriamente a melhor, a sua ironia tendia a meter-se pelo meio.

– Agora, vamos a isto!

– Com o coração e o estômago de um rei – acrescentou Binah, baixinho, um pouco em tom de gozo. Pelo menos desta vez, Lottie percebera a referência.²

A Sra. Bolter apitou e começou o primeiro jogo. Lottie manteve-se firmemente afastada do caminho, enquanto os *sticks* de *lacrosse* embatiam violentamente uns nos outros. *Como é que alguém pode gostar de um jogo tão violento?*

Anastacia mal suava, apanhando habilmente a bola com o seu *stick* e roubando-a à equipa Ivy. Raphael parecia ter um prazer especial em provocar Ellie, fazendo uso de todas as oportunidades que tinha para a intercetar. Ao observar a sua tática duvidosa, tornava-se fácil imaginar que poderia não ser de todo de confiança. Lottie suspirou enquanto os observava, sentindo-se completamente ridícula ao vaguear para cima e para baixo no campo evitando a ação a todo o custo.

Ao aproximarem-se do fim da aula, a maioria dos alunos estava fatigada e suada, com exceção de Anastacia que parecia não ter sido afetada. Binah e Ellie tinham marcado a maior parte dos golos, mas o resultado era um empate de 4-4 e com apenas cinco minutos para jogar, parecia pouco provável que uma das equipas saísse vitoriosa. Lottie estava prestes a voltar à sua posição para o apito seguinte quando Ellie a segurou no braço por trás.

– Lottie, ouve-me por um instante. – Ellie tinha uma rara expressão de sinceridade no rosto. – Sei que pensas que não consegues ajudar, mas eu acho sinceramente que, se tentares, ficarás admirada com o que consegues fazer. – Apertou ligeiramente o braço de Lottie. – *Sê imparável!*

Antes de Lottie poder responder, Ellie piscou-lhe o olho e correu de volta à sua posição.

O apito soou e o jogo recomeçou. Binah conseguiu tirar a bola com o *stick* a um rapaz Stratus da outra equipa e passou-a a Ellie que a apanhou sem esforço. Foi imediatamente rodeada pela equipa

adversária. Olhou em redor para alguém a quem passar a bola, mas não havia ninguém livre. Ninguém além de... Lottie. Ellie voltou-se para ela e colocou-se em posição de arremesso.

Não, não, não! Não faças isso, Ellie! Lottie conseguiu imaginar Ellie a abrir o seu sorriso malicioso; depois, bateu na bola, atirando-a na direção dela. A bola voou direta a si, assobiando enquanto cortava o ar como um foguete enfurecido decidido a atingi-la.

Vai bater-me na cabeça, pensou relutantemente resignada. Parecia que o mundo se movia vagarosamente na sua direção. A bola estava cada vez mais próxima e não havia maneira de a travar. Lottie levantou o *stick* numa última tentativa de a impedir de a atingir e... Apanhou-a! Lottie permaneceu em total espanto por um momento observando a bola bem presa no seu *stick*. Tinha mesmo conseguido. Tinha realmente apanhado a bola.

– CONSEGUI! – gritou, dando um pequeno salto em excitação.

– CUIDADO! – ouviu-se uma voz de rapaz do outro lado do campo. Lottie olhou e viu Anastacia arremeter contra ela, olhar frio e calculista, sem sequer uma ínfima cor rosada do calor, enquanto levantava o *stick* para derrubar Lottie e tirar-lhe a bola. Lottie aceitou o seu destino com resignação, quebrando o seu momento de orgulho ao perceber que, obviamente, não tinha como escapar à rede.

– *BRIKTAH!* – gritou Ellie ao bater com força com o seu *stick* no de Anastacia, fazendo um baque tão alto que pôde ser ouvido em todo o campo. Lottie não fazia ideia do que aquilo significava, mas a intenção era clara.

Os olhos de Ellie brilharam ao olhar para Anastacia, bloqueando o seu caminho em direção a Lottie. Anastacia transferiu o seu peso para a esquerda e fez uma pequena e graciosa rotação, deslizando o seu *stick* para o afastar e voltar a rodá-lo, mas Ellie era muito rápida. Girou de volta e apanhou o *stick* de Anastacia a meio do movimento. Toda a interação parecia um estranho bailado furioso.

– LOTTIE, CORRE! – gritou Ellie.

Lottie saiu rapidamente do transe em que estava e reuniu todas as suas forças e determinação, correndo o mais depressa que podia em direção à baliza. Ellie acreditava nela, Ellie acreditava que ela conseguia e Lottie não queria desiludi-la. Pelo canto do olho, conseguia ver Raphael e uma rapariga Stratus que lhe faziam marcação de ambos os lados.

Continua a correr, continua a correr!

Era impossível conseguir chegar à baliza, eles corriam demasiado depressa; tinha de arriscar atirar a bola de longe, mas o enorme rapaz Conch na baliza conseguiria de certeza apanhá-la se Lottie não se aproximasse o suficiente. O seu coração batia acelerado, mas a baliza estava perto o suficiente para arriscar. Raphael estava apenas a alguns centímetros dela, *um pouco mais*, e... Num repentino momento de determinação, Lottie imitou o movimento que vira Anastacia fazer anteriormente, rodando para a esquerda e novamente para o outro lado do rapaz. Não fora de todo tão graciosa como Anastacia, mas funcionou e Lottie deu por si do outro lado de Raphael com a vista desobstruída para a baliza.

– VAI, LOTTIE! – Lottie conseguia ouvir Ellie gritar do outro lado do campo. Projetou toda a sua determinação e soltou um grito de guerra furioso, ao mesmo que tempo que lançava a bola com toda a força que conseguiu para a baliza. A bola soltou-se da rede do *stick*, queimando o ar e avançando para a rede como um cometa. Ficaram todos em silêncio, observando a bola em espanto enquanto voava. Não havia nada que o rapaz Conch na baliza pudesse fazer, a bola movia-se demasiado depressa e com demasiada força.

Era imparável.

A bola atingiu a baliza com tanta força que fez um buraco na rede e saiu por aí até finalmente rolar no chão e parar.

Lottie tirou o capacete e voltou-se para olhar para a sua equipa, o seu cabelo caía em madeixas suadas sobre os ombros.

– CONSEGUI! – gritou, levantando o capacete no ar em celebração e sorrindo para Ellie.

Por um segundo, as duas equipas e a Sra. Bolter olharam-na em choque antes de finalmente Ellie levantar o seu *stick* no ar e soltar um grito vitorioso com o som a cortar o ar como um uivo de um lobo. O resto da equipa seguiu-a e começou a comemorar. Até alguns membros da outra equipa batiam palmas com admiração.

Ellie tirou o capacete, largou o *stick* e começou a correr pelo campo. Agarrou Lottie pela cintura e fê-la rodar, ainda uivando. Lottie riu descontroladamente enquanto rodava, competentemente eufórica. Ellie pousou-a gentilmente no chão e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Eu sabia que conseguias, princesinha.

Lottie deu por si a corar e baixou os olhos para o chão, o calor que sentia nada tinha a ver com o sol.

Ouviu-se um apito no ar, que fez com que todos parassem e se voltassem para a Sra. Bolter.

– Parabéns, minha menina. A sua equipa ganhou o jogo.

Todos voltaram a aplaudir, exceto Anastacia, que estava visivelmente a ranger os dentes, talvez a imagem menos elegante que alguma vez mostrara na vida. A Sra. Bolter levantou a mão para os silenciar.

– Menina Wolf, menina Pumpkin, menina Alcroft, por favor, venham ter comigo depois da aula – disse com ar sério.

Lottie engoliu em seco. Não sabia muito bem o que tinham feito, mas não podia ser bom.

*

Ellie, Lottie e Anastacia estavam de pé, alinhadas em frente da secretária da Sra. Bolter. O seu gabinete era uma bonita mistura eclética de maravilhosos artefactos tradicionais africanos, troféus e medalhas de todas as formas e tamanhos. A secretária era grande feita de mogno escuro e intrinsecamente decorada com um enorme leque de videiras. Neste cenário, a sua presença ameaçadora era aumentada a um nível gigantesco.

– Preferia que, de futuro, não transformassem as minhas aulas de Desporto num combate de esgrima, menina Alcroft, menina Wolf. – Ellie abriu a boca para protestar, mas Lottie apressou-se a beliscá-la antes de ela conseguir falar, o que lhe deu um olhar carrancudo.

– Mas... – a Sra. Bolter voltou-se por detrás da secretária e começou a admirar um dos troféus da prateleira, polindo um grão de pó inexistente. – Ambas transmitiram uma excelente energia, agilidade e postura. Bom, sei que vão ser autorizadas a escolher as vossas disciplinas extracurriculares em breve...

– Desculpe, Sra. Bolter, mas não tenho nenhum interesse em juntar-me à equipa de *lacrosse* – disse Ellie bruscamente, interrompendo-a.

– Oh não, não quero que vocês as duas entrem para a equipa de *lacrosse*. – A Sra. Bolter sorriu ligeiramente, estendendo um papel que tinha retirado da secretária. – Quero que se tornem esgrimistas. Quero que se juntem à equipa de esgrima.

Lottie teve a certeza de ter apanhado Anastacia a torcer os dedos, mas além disso não demonstrava qualquer sinal de excitação.

– Raramente fazemos convites para a equipa de esgrima. Fazer parte dos esgrimistas de Rosewood é uma enorme honra, por isso pensem bem na proposta, meninas. As provas terão lugar na primeira semana de dezembro. Podem praticar nas atuais aulas pós-horário letivo, mas aconselho-as a tomarem uma decisão rápida. – A Sra. Bolter acenou a ambas – Obrigada, meninas, podem ir.

Ellie dirigiu a Lottie um olhar preocupado ao deixarem-na sozinha com a Sra. Bolter. Anastacia olhou para Lottie e o seu olhar pareceu atravessá-la antes de se voltar e sair. Permaneceram em silêncio por um momento até a porta se fechar por completo. Lottie não ficaria surpreendida se Ellie ficasse lá fora com o ouvido encostado à porta, pronta a entrar e a lutar se sentisse que Lottie estava a ser tratada injustamente.

– Menina Pumpkin... Posso tratá-la por Charlotte?

Lottie não ficou surpreendida. Muitos adultos que conhecera tinham dificuldades com o seu apelido, achando-o até um pouco tolo.

– Sim, com certeza, Sra. Bolter – respondeu, fingindo não se importar.

– Charlotte, acredito firmemente no *ethos* desta escola. É por isso que adoro trabalhar aqui. – Fez um gesto para que Lottie se sentasse no lugar à sua frente e continuou num tom agradável. – Sei que está cá com uma bolsa do programa Florence Ivy.

Não se tratava de uma pergunta, mas Lottie sentiu a necessidade de assentir.

– Tomo como minha responsabilidade todos os anos apresentar-me adequadamente a todos os vencedores de bolsas. Charlotte, tem consciência de foi a primeira vencedora de uma bolsa em circunstâncias extraordinárias em 12 anos?

– Não, minha senhora. – Lottie sentia as suas mãos a tremer no colo. Sabia que fora um enorme feito conseguir entrar com uma bolsa para Rosewood, mas não percebera o quanto eram especiais as suas circunstâncias.

– Tenho de admitir que, no início destas aulas, pensei que poderíamos ter cometido um erro.

Lottie endireitou-se, recusando deixar que a angústia se revelasse no seu rosto, mas não podia negar que até agora pouco se tinha esforçado por participar nas aulas de Desporto.

– Mas hoje surpreendeu-me. Esforçou-se e fez algo excepcional. Foi excepcional.

As mãos de Lottie deixaram de tremer.

– Eu... Obrigada – respondeu Lottie cuidadosamente.

– Vamos acompanhar cuidadosamente o seu progresso na escola, Lottie. Não nos desiluda. Esperamos grandes feitos de si. – A Sra. Bolter sorriu-lhe e foi uma visão tão maravilhosa que Lottie se sentiu momentaneamente fascinada.

Lottie deu por si a sair do gabinete da Sra. Bolter sentindo-se bastante impressionada. Pensou na sua mãe, na tiara que estava na sua mesinha de cabeceira, em Ellie e em como ela já a encorajara tanto. Não queria desiludir ninguém. Ia trabalhar o mais afincadamente possível para mostrar a todos que valia a pena acreditar nela. Tudo o que tinha de fazer era esforçar-se e não se deixar distrair com boatos de princesas e coscuvilhices.

Desde que se mantivesse concentrada e não deixasse que nada a distraísse, podia fazê-los sentir-se orgulhosos, de certeza.

Serei imparável!

2 Referência ao discurso de Isabel I às tropas, em Tilbury: «Sei que tenho o frágil e fraco corpo de uma mulher, mas tenho o coração e o estômago de um rei...»



À medida que o estranhamente quente mês de setembro se aproximava do fim, as raparigas acordaram numa sexta-feira de manhã com uma tempestade inesperada. Os relâmpagos iluminavam o seu quarto através das cortinas de *chiffon*. Ellie atirou a roupa para trás e correu para as portas de vidro, abrindo-as de par em par e correndo para a varanda para receber a chuva torrencial. O seu pijama do Star Wars rapidamente ficou encharcado e colado ao corpo, mas Ellie continuou a dançar com os braços bem abertos, agradecendo ao céu. Fixou as mãos na parede e soltou um uivo em perfeito uníssono com o rebentar de um trovão. Lottie observou, impressionada com a sua afinidade com tempestades e, por um momento, acreditou que o trovão chamava Ellie num uivo profundo através do céu da madrugada: *Solta o teu cabelo*.

A eletricidade no ar fez com que todo o dormitório Ivy estivesse meio aturdido durante o pequeno-almoço dessa manhã e, pela primeira vez em semanas, o burburinho não era sobre Lottie. Ellie e Lottie ocuparam os seus lugares habituais no refeitório, junto à janela com vista para o pequeno lago com a estátua de Ryley. Ter um espaço no refeitório basicamente reservado para elas era definitivamente uma das vantagens de as pessoas pensarem que ela era uma princesa.

A chuva ainda caía lá fora, fazendo um ruído alto quando batia na janela. Todo o mundo exterior era um borrão molhado através das grandes janelas de vidraças duplas.

– Este tempo é de loucos! – exclamou Ellie, enfiando um garfo num enorme pedaço de presunto assado com mel e levando tudo à boca. Lottie fez uma careta para dentro. Já estava habituada à extravagante alimentação em Rosewood, mas como orgulhosa vegetariana que era desde os cinco anos, a visão de carne deixava-a enjoada. Comer animais não parecia muito principesco. Como é que podia esperar que os pequenos bichinhos do bosque a ajudassem nas tarefas diárias se ia acabar por comê-los?

– Estou mais preocupada com apanhares uma constipação por andares debaixo de chuva – disse Lottie seriamente. Ellie respondeu-lhe como um sorriso.

– Não consigo evitar. As tempestades fazem as pessoas atuar de maneira estranha – fez um gesto para abarcar toda a sala. – Olha.

Lottie seguiu o olhar dela pela sala. Ellie tinha-se apercebido de um estranho burburinho que parecia tomar conta de todos os alunos. Havia mais risinhos, sussurros e murmúrios do que o habitual. Algo tinha causado agitação.

– Provavelmente é por causa das mudanças extremas da pressão do ar.

Ellie e Binah deram um salto e voltaram-se para se deparar com Binah ao lado da mesa, a pingar, com um sorriso excitado no rosto. *Como é que ela entrou aqui?*

– Bom dia, Ellie. Bom dia, Lottie.

– Binah, oh meu Deus, senta-te, deves estar gelada.

Lottie rapidamente despiu o seu casaco roxo Ivy e colocou-o sobre os ombros de Binah. Os seus grandes óculos redondos estavam quase embaciados por completo e era um mistério como é que conseguia ver alguma coisa. Porque teriam estas miúdas a mania de correr no meio de tempestades?

– Parece que a pressão do ar também te apanhou, Binah – provocou Ellie, com aquele habitual sorriso malicioso a surgir no seu rosto.

Binah resmungou em resposta, agitando a mão com se a afastar o comentário.

– Oh, por favor, é preciso mais do que uma formação de cúmulo-nimbos para afetar as minhas capacidades cognitivas... mas, por outro lado... – pousou o queixo sobre as mãos com um grande sorriso a surgir nos lábios. – Como estão a avançar com o enigma?

Ellie afastou o olhar irritada e Binah riu. Gentilmente, tocou na mão de Ellie.

– Tenta resolver com as respostas e não com as equações.

Ellie estava prestes a questionar Binah sobre isso quando ela a interrompeu, de repente, com um brilho nos olhos.

– Preciso que me façam um favor as duas.

Ellie e Lottie entreolharam-se. Normalmente, era Binah que fazia favores aos outros, não os pedia.

– Há um aluno novo no nosso ano e na vossa companhia.

Lottie olhou em redor do refeitório e percebeu que aquele devia ser o motivo por que estava toda a gente tão excitada.

– Ninguém sabe nada sobre ele e, como sabem, gosto de saber tudo para poder ajudar toda a gente.

Lottie sorriu ao ouvir isto, recordando-se de quanto Binah fora prestável no seu primeiro dia.

– Então, o que queres que façamos?

– Quero que descubram tudo o que puderem sobre ele, claro.

Ellie hesitou por um momento, franzindo o cenho.

– Fazes isto com todos os alunos? – perguntou, com a voz ligeiramente alterada.

– Apenas com os misteriosos. Porque é que perguntas?

Lottie susteve a respiração. Poderia Binah ter investigado Ellie? Para seu alívio, Ellie manteve-se tranquila.

– Apenas por curiosidade – respondeu, sorrindo.

– E qual é o nome dela? – perguntou Lottie, mudando rapidamente de assunto.

– Ela? Não é uma rapariga, é um rapaz. – Os olhos de Binah voltaram-se para o relógio na frente do refeitório. – Oh, meu Deus! É melhor ir-me embora ou vou chegar tarde à aula. – Pegou na mochila encharcada e colocou-a sobre o ombro, com os seus caracóis a pingarem pelo chão enquanto se voltava.

– Até logo.

Delicadamente, saiu antes de terem hipótese de responder, indiferente à confusão que deixara atrás de si. Lottie expirou lentamente.

– Um rapaz novo...

É por isso que está toda a gente tão excitada? Questionou-se se haveria algo de especial em relação ao rapaz para que todos estivessem tão agitados e, antes de perceber, a sua mente começou a colocar um milhão de perguntas. Porque é que ele chegava duas semanas depois do início do período? Como é que ele era? Tinha trazido a tempestade consigo? Perguntou-se se era alguma espécie de Príncipe Encantado. A última vez que toda a gente tinha estado tão excitada fora quando tinham assumido que ela era uma princesa.

– Lottie?

Lottie foi despertada do seu sonho acordado para ver Ellie de pé muito nervosa.

– Estou a chamar-te há séculos. O que se passa contigo?

Lottie não conseguiu deixar de se sentir envergonhada. Não tinha a certeza se por ter ignorado Ellie sem intenção ou pelo pensamento absurdo de que ela talvez pudesse adivinhar o que tinha estado a fantasiar.

– Desculpa, estava apenas...

A ser um clichê, pensou para si. Ellie nem sequer esperou que ela terminasse, pegando furiosamente nas suas coisas e voltando-se para sair.

– Vamos. Não quero estar aqui mais tempo. Estão todos a comportar-se como idiotas por causa de um estúpido rapaz novo – Agarrou noutra bolo e enfiou-o na boca. – Que há de tão especial num rapaz, afinal? – Ellie estava muito maldisposta e a tensão na sua voz fez Lottie sentir-se um pouco nervosa.

– Certamente... – Lottie sentiu a voz fugir-lhe. Não fazia ideia de porque é que esta informação estava a perturbar tanto Ellie e não sabia o que dizer para a fazer sentir-se melhor. Seguiu-a quando Ellie saiu disparada do refeitório.

– Tenho a certeza de que este rapaz novo é apenas um miúdo chato que não terá rigorosamente impacto nenhum nas nossas vidas – disse Lottie com convicção.

Não ficou surpreendida quando Ellie ignorou as suas palavras de encorajamento. O que quer que fosse que a incomodava estava claramente fora do controlo de Lottie.



Lottie estava sozinha na aula de Inglês, 20 minutos antes de começar, afiando nervosamente os lápis e perguntando-se se Ellie teria problemas por faltar a uma aula. A discussão ao pequeno-almoço não tinha corrido como Lottie esperara. Assim que chegaram ao quarto, Ellie enfiou a cara na almofada sem qualquer intenção de se arranjar para as aulas.

– Não vens?

– Encontro-te lá. – Foi a resposta abafada pela almofada.

– Mesmo? Faltar às aulas pode tornar-se um hábito muito mau, Ellie!

– Bom, logo se vê se nos encontramos.

– E o que é que isso significa?

– Logo vê.

Lottie resmungou e bateu com a cabeça na secretária. Começava a sentir-se responsável por Ellie. Se estes eram realmente os seus últimos anos de liberdade antes de iniciar os seus deveres reais, queria que os aproveitasse ao máximo.

– Desculpe.

Lottie deu um salto com a voz estranha e endireitou-se na cadeira. Acabou por atingir quem falara, batendo-lhe fortemente com a nuca no queixo, não tendo percebido que a pessoa mistério se tinha inclinado sobre ela. Soltou um pequeno grito com o que, sem dúvida, pareceu eletricidade estática.

– Assustaste-me! – queixou-se, esfregando a cabeça. Conseguiu sentir lágrimas nascerem nos olhos com o choque e teve de se forçar a acalmar.

O rapaz atrás dela parecia completamente indiferente ao choque. O único sinal que mostrou de dor foi o lento esfregar do queixo quando se sentou na secretária ao lado, deixando um espaço vazio entre eles.

Lottie viu o seu choque transformar-se num sentimento que não conseguia identificar. *Aquele* era o rapaz novo. Estava vestido com o *blazer* ameixa suave de Ivy House. Apesar de lhe servir na perfeição, parecia demasiado negro, demasiado selvagem para um uniforme tão inofensivo. Uma sensação desconfortável começou a tomar conta dela e sentiu o desejo incontável de afastar o olhar e, ao mesmo tempo, de olhar para ele para sempre. Mas havia algo mais. Lottie observou-o e sentiu que o conhecia. Parecia-lhe... familiar.

– Costuma ser prática comum pedir desculpa quando batemos em alguém – disse ele baixinho.

– Eu... Como? – Lottie pestanejou. – Estás a falar a sério?

– Tu batestes-me.

– Tu pregaste-me um susto – retorquiu Lottie, indignada com a sua rudeza insensível – *Tu* é que *me* devias pedir desculpa.

– Bom, bem podes esperar – disse o rapaz bruscamente.

Lottie revirou os olhos e todos os pensamentos sobre um Príncipe Encantado se desvaneceram a cada respiração dele. Precisou de toda a sua força de vontade para ser uma pessoa superior e não dizer nada de que se pudesse arrepender. Talvez fosse a influência impulsiva de Ellie ou talvez fosse apenas algo naquele rapaz, mas «toda a sua força de vontade» não foi suficiente.

– Vais arrepender-te de seres tão mal educado comigo, sabes – disse Lottie docemente, fingindo olhar para algo no seu livro. Ficou surpreendida com as palavras que lhe saíram da boca. Era tão pouco normal nela. *Sê bondosa* era uma parte muito importante do seu mantra e ainda assim não se conseguiu controlar. Chamou a atenção do rapaz que olhou para ela.

Ha ha, pensou Lottie. *Apanhei-te!*

No rosto do rapaz surgiu um pequeno meio sorriso, enquanto uma madeixa de cabelo negro desganhado caía em frente dos seus olhos castanhos intensos e Lottie teve uma enorme sensação de *déjà vu*.

– Então e porquê? – ronronou ele.

Caíste na minha armadilha. Lottie teve de se impedir de rir. A ideia de envergonhar aquele fedelho arrogante era demasiado boa para ser verdade.

– Claro que estás desculpado, por seres novo. Que nunca se diga que a família maradoviana não é clemente – disse, fingindo um tom de altivez.

– Maradoviana? – disse o rapaz trocista.

– Sim. – Lottie fechou o livro e olhou para ele com a postura mais majestosa que conseguiu fazer. – Sou a princesa maradoviana... mas podes chamar-me Lottie.

Por um momento, o rapaz novo apenas olhou para ela inexpressivamente, o que deixou Lottie um pouco nervosa.

– Impressionante – disse ele sem qualquer emoção. Não era a resposta que Lottie esperara.

– A sério que não sabes quem é? – Lottie preferiu não se recordar que ela também não sabia quem era a princesa até há um mês atrás.

– Oh, sim, sei. – O rapaz sorriu, mas os olhos permaneceram inexpressivos. Olhou para Lottie e para baixo antes de sorrir com o cinismo óbvio. – Só não esperava que ela fosses... tu.

Lottie sentiu-se magoada com o insulto, apesar de ter de admitir de que não se estava bem a comportar com uma princesa naquele momento. Mentalmente, recitou o seu mantra para se aclamar. *Serei bondosa, serei corajosa, serei imparável!*

Nenhum rapaz estúpido a faria duvidar dela. Percebeu que estava sentada abrindo e fechando a boca como um peixe, enquanto tentava lembrar-se de uma resposta inteligente, mas antes de poder responder, as portas abriram-se e a Sra. Kuma entrou, seguida do resto da turma.

– Ah, excelente. Já cá estás e já fizeste amigos, parece-me. Obrigada, Lottie. – A professora sorriu para Lottie, com a sua longa capa bordada a agitar-se nos seus movimentos líricos ao caminhar para a frente da turma.

Pelo menos Lottie podia contar com o Inglês para uma agradável distração na sua estranha manhã. Sempre gostara de Inglês e adorava a Sra. Kuma. Não era segredo que o seu amor pelo idioma vinha da sua obsessão de infância com os contos de fadas. Estava fascinada com as palavras e como podiam ser usadas como significantes para exprimir pensamentos e sentimentos abstratos; parecia-lhe tudo tão bonito e romântico.

– Jamie, por favor, levanta-te e apresenta-te – disse a Sra. Kuma em bom som.

Algumas raparigas da turma coraram e riram quando Jamie se levantou.

– Bom dia, o meu nome é Jamie Volk e não sei quanto tempo ficarei nesta escola. Os meus pais viajam muito, por isso, duvido que valha a pena habituar-me a isto.

E com isto, calou-se. Um estranho silêncio tomou conta dos alunos anteriormente encantados, enquanto a restante companhia tentou e não conseguiu perceber se ele estava a brincar.

Quando Jamie concluiu a sua curta apresentação, Lottie tinha-se distraído com a visão de Ellie que espreitava pela janela circular na porta. A sua cabeleira preta molhada sugeria que não tinha trazido chapéu-de-chuva. Lottie acenou-lhe discretamente, mas o olhar de Ellie estava fixado em Jamie. Parecia... anormalmente aterrorizada.

Jamie olhou para a porta no momento exato em que Ellie se voltou e desapareceu. Pelo canto do olho, Lottie tinha a certeza de ter visto Jamie cerrar os punhos.

Isto está a ficar cada vez mais esquisito, pensou. Todo o seu corpo ficou rígido quando se assomou este pensamento inquietante. *Ele pode ser uma má pessoa; talvez seja esse o sentimento estranho que tive há pouco*. E acabara de lhe contar que era a princesa. Lottie tentou controlar a respiração.

– Aqui diz que Inglês é a tua melhor disciplina? – prosseguiu a Sra. Kuma, aparentemente sem consciência de qualquer estranheza. Deu uma pequena risada. – Parece que vais ter concorrência, Lottie.

Os olhos de Jamie continuavam fixos na porta. *Quem és tu, Jamie Volk? E o que queres com a minha princesa?*

Como se tivesse ouvido o seu nome, o rapaz voltou-se e olhou para Lottie com um sorriso ausente. Para qualquer outra pessoa na sala, teria parecido um assentimento inocente ao suposto amor de ambos por Inglês, mas havia algo mais nos seus olhos que fez Lottie estremecer.

Depois do que pareceu a hora mais tensa e desconfortável da vida de Lottie, a Sra. Kuma dispensou finalmente a turma para o primeiro intervalo, simpaticamente relembrando todos, enquanto se levantavam das suas secretárias, de trazerem os seus trabalhos sobre *Sonho de Uma Noite de Verão* na semana seguinte. No exato momento em que foram dispensados, Lottie voou para a porta, saiu da sala e correu para as escadas. Atrás dela, ouviu-se uma voz de rapaz:

– Espera.

Lottie sabia que era Jamie, mas queria afastar-se dele o mais possível e encontrar Ellie. Felizmente, Jamie era novo e não conhecia os atalhos de volta ao dormitório. Algo estranho se passava e ela não se sentiria bem até obter algumas respostas de Ellie. Continuou a correr pela colina até Ivy Wood, determinada a distanciar-se o mais possível de Jamie Volk.

O ar estava pesado com o cheiro da terra molhada e a flora verdejante resplandecia com a tempestade, pintando o seu uniforme com pinceladas largas de água enquanto passava por ela a correr. Ofegante, enfiou-se por um caminho secundário, escondido por alguns arbustos decorados que Raphael e outros miúdos «rebeldes» tinham elegido como lugar secreto para fumar. O caminho escondido levava diretamente ao lago junto ao refeitório Ivy, se rastejasse sob o arbusto no final. Teria de sacrificar o seu uniforme à lama, mas aquele era o menor dos seus problemas. Voltou-se para percorrer o último trecho do caminho, esperando deparar-se com o arbusto, mas em vez disso deu de caras com... Jamie Volk. Ficaram parados a olhar um para o outro.

Jamie estava composto, sério e seco e tinha o rosto parcialmente encoberto pelas sombras das árvores demasiado altas. Neste momento, era o oposto de Lottie, que estava ofegante, com o uniforme e o cabelo molhados e tinha a certeza de ter pauzinhos presos nos seus caracóis louros. A luz que

pontilhava a sua face, por causa das folhas, parecia apenas acentuar as suas bochechas vermelhas e inchadas. A sua mente estava a mil. *Como é que ele sabia que ela tinha vindo por ali? Como é que chegara ali antes dela? Que raio queria ele dela?*

De repente, percebeu que estava numa zona secreta que ninguém conhecia, presa com um rapaz estranho que pensava que ela era a princesa mardoviana e entrou em verdadeiro pânico. Tinha de fugir. Tentou voltar para trás, mas Jamie agarrou-a pelo braço.

– Eu disse «espera» – ordenou ele, puxando-a.

– Larga-me – gritou Lottie. Tentou atingi-lo com a mão livre, mas Jamie agarrou-a sem esforço.

– Lottie...

– Vou chamar a polícia – continuou ela, tentando soltar-se, mas parecia estar apenas a irritá-lo.

Como é que ele é tão forte?

– Lottie, por favor, ouve-me por...

– LARGA-ME! – Lottie deu um último puxão com toda a força e pisou-o. Jamie tentou puxar a perna, mas uma estranha sensação estática atingiu-o e os dois caíram muito deselegantemente na lama.

– Ai! – Lottie caiu de costas, e só lhe ocorreu o seu pobre uniforme e cabelo enlameados. Tentou recordar-se de que, naquele momento, aquelas eram as suas menores preocupações e que precisava de lidar com o rapaz que estava em cima dela. Estava prestes a gritar, quando um pendente em redor do pescoço de Jamie caiu sobre o seu peito; nele havia um relevo familiar com um símbolo de um lobo gravado. O brasão da família Wolfson, o mesmo que Ellie usava.

Jamie olhou para cima e foram forçados a olhar um para o outro nos olhos. A sua respiração saía em pequenas nuvens de vapor enquanto ofegavam lentamente. Agora, sem nada pelo meio, Lottie conseguia ver que Jamie tinha deixado cair a sua máscara por um momento e deu por si repentinamente impressionada pelo brilho quente e suave dos seus olhos cor de avelã. Ali havia algo, algo vulnerável, algo que a fazia sentir-se reconfortada e nervosa ao mesmo tempo. O ribombar de um trovão preencheu o ar carregado em seu redor e acordou Lottie do seu transe.

– Tu... – os olhos de Lottie iluminaram-se com uma sensação de compreensão repentina e intensa. Olhou para os olhos de Jamie e sentiu que todas as peças se encaixavam. De repente percebeu como o conhecia, porque é que ele lhe era tão estranhamente familiar. Tinha-o visto todos os dias desde que chegara a Rosewood.

Jamie era o rapaz da fotografia de Ellie.



Jamie e Lottie estavam estranhamente parados à porta do quarto dela. Os seus uniformes estavam imundos, mas o dele parecia natural, como se fizesse todo o sentido que ele estivesse coberto de lama.

Lottie sentiu-se quase a rebentar de preocupação. Estava completamente aterrorizada com a reação de Ellie ao trazer Jamie para o quarto delas, além de que era sua culpa ele estar ali. Depois da sua pequena queda no caminho secreto, tinham conversado e o verdadeiro motivo para a presença de Jamie em Rosewood Hall tinha vindo à luz.

Tinha sido enviado pela família de Ellie, para perceber exatamente o que se passava e porque é que os jornais davam notícia de que a princesa maradoviana estava numa escola em Inglaterra. Ele sempre soubera que Lottie não era a princesa maradoviana, o que explicava a sua atitude para com ela e isso deixara Lottie absolutamente mortificada.

– *Sou a princesa maradoviana... mas podes chamar-me Lottie.*

Se ela pudesse voltar atrás no tempo, seria esse o momento que escolheria para se automutilar. Ao perceber que ele sabia que ela mentia, tinha corado intensamente e perguntou-se se podia enfiar a cabeça na areia e talvez nunca, mas nunca voltar a tirá-la. Viveria assim para sempre e nunca mais teria hipótese de se envergonhar a si própria.

– Não estou arrependido de te ter envergonhado; acho que merecias – tinha dito firmemente e Lottie não podia deixar de concordar com ele.

A ala oeste do dormitório era o lado das raparigas e não era suposto os rapazes lá irem. Jamie era claramente um rapaz e se alguém, em especial a professora Devine, os apanhasse, estariam em grandes apuros. O que levou ao atual dilema. Lottie não queria mais nada além de estar segura no conforto do seu quarto onde podia atirar Jamie pela varanda, se um professor viesse ver como estavam. Ele podia partir uma perna ou coisa do género, mas era um pequeno preço a pagar pelo seu registo escolar imaculado. Podia explicar que tinha caído na lama e tivera de voltar a correr para se mudar e tudo ficaria bem.

Mas não se conseguia decidir a abrir a porta. Estava demasiado mortificada com todos aqueles acontecimentos. A decisão dela de não corrigir esta confusão da princesa, poderia ter resultado em Ellie ser enfiada num avião de volta a Maradova e Lottie sentia que a culpa era sua. *Quantas vezes vou dar contigo nervosa à porta do 221?*, questionou-se, arrependida.

– E se calhar abrir portas sozinha também é contra as regras de uma princesa, menina Pumpkin? – O sarcasmo vinha de Jamie, que fazia questão de bater com o pé impacientemente.

Todas as suas preocupações rapidamente mudaram para nova irritação. Havia algo particularmente irritante na forma elegante como ele falava, o que acrescentava cerca de mais 50 por cento de exasperação a toda a experiência.

– Sabes... – Lottie voltou-se para Jamie, cerrando o punho em frustração. – Estou a ficar farta do teu tom sarcástico.

Jamie não perdeu a oportunidade.

– E eu estou a ficar farto de esperar que abras a porta.

– Bom, ia mesmo fazê-lo. – Lottie encheu as bochechas de ar numa demonstração infantil de teimosia, fazendo Jamie revirar os olhos.

Ouviram a maçaneta girar e a porta começou a abrir-se. Voltaram os dois a cabeça ao mesmo tempo e depararam-se com Ellie a olhar confusa para a imagem dos dois cobertos de lama.

– Lottie? – Ellie pestanejou como se estivesse a acordar de um sonho e a sua expressão mudou de choque para irritação.

– O QUE... – começou a gritar, mas Lottie e Jamie tiveram ambos a mesma reação e empurraram Ellie para dentro do quarto e taparam-lhe a boca para que não gritasse.

– Xiu – sussurrou Jamie enquanto fechava a porta atrás deles. – Queres que sejamos apanhados? Tens de pensar no teu registo escolar.

Lottie riu enfadada.

Jamie voltou a revirar os olhos e Lottie teve o pressentimento de que o veria fazer isto muitas vezes.

Lottie sentiu uma mão agarrar-lhe no braço e puxá-la para trás. Ellie colocou-se entre Lottie e Jamie, formando um muro entre eles. Havia um olhar no seu rosto, o mesmo fogo de quando derrubara Anastacia no outro dia no campo. Lottie afastou-se para sair de trás dela, mas Ellie estendeu o braço protetoramente, empurrando Lottie para trás. Lottie olhou para ela e Ellie ofereceu-lhe o seu pequeno sorriso amarelo característico e com carinho tirou um ramo de um caracol do seu cabelo louro.

– Vejo que conheceste o meu amigo de infância, Jamie Volk.

Ellie voltou-se para Jamie e, por um ínfimo segundo, Lottie teve a certeza de que lhe dirigiu um olhar aceso, algo como um aviso zangado, mas não conseguiu perceber porquê. A atmosfera no quarto tinha-se tornado desconfortavelmente pesada. Toda a interação era muito confusa. Jamie dissera que conhecia Ellie toda a sua vida; *certamente ela ficaria feliz por o ver?*

– Jamie – Ellie disse o seu nome apressadamente. Por breves segundos, olharam um para o outro, avaliando-se mutuamente pela primeira vez desde o reencontro, tinham ambos ao pescoço os medalhões Wolfson perfeitamente alinhados.

– Não enviaste uma única carta. Os teus pais têm estado preocupadíssimos – disse Jamie inexpressivamente. Ellie desviou o olhar e Lottie conseguiu vê-la morder o lábio nervosa. – Já para não dizer que tens faltado às aulas e quebrado a hora de recolher e...

– Não interessa! – protestou Ellie de repente. – Lottie tem uma assiduidade perfeita e, tanto quanto se sabe, é ela a princesa maradoviana, pelo que eu posso fazer o que quiser. – Ellie tentou proferir estas palavras com humor mas não obteve o efeito desejado.

– Sabes que não é assim, Ellie – respondeu Jamie friamente, o seu tom era a perfeita antítese da atitude apática de Ellie.

– Mas e se fosse? – Havia um pequeno traço de desespero na voz de Ellie que fez Lottie encolher-se.

– Tu sabes que não podemos...

– Mas ela é praticamente uma p...

– *Briktah!* – urrou Jamie.

Oh oh, pensou Lottie. Aquela definitivamente não era uma boa palavra.

Ellie bateu o pé com força, fazendo Lottie saltar. Rugiu algo noutra língua, que Lottie pensou que devia ser um antigo dialeto maradoviano e começou a esbracejar profusamente com as mãos. Lottie nunca a tinha visto assim e era quase assustador. O seu tom era completamente diferente e Lottie recordava-se de quão intensas podiam ser as alterações de humor de Ellie.

Era uma visão estranha, observar este rapaz coberto de lama a discutir com uma furiosa tempestade em forma de rapariga, num bonito cenário pintado de cor-de-rosa no lado do quarto de Lottie. Havia mesmo algo de hilariante mas, apesar de não conseguir perceber a língua, as palavras «Lottie» e «guardião» eram constantes e era óbvio que discutiam algo grave. Lottie perguntou-se se os devia deixar sozinhos, mas quando se moveu para o lado, Ellie instintivamente a puxou de volta sem a olhar.

Finalmente, o que quer que fosse que discutiam, pareceram chegar a um impasse. Era impossível dizer quem tinha ganho, já que ambos pareciam frustrados. Jamie passou as mãos pelo cabelo, exasperado, e sentou-se na cama de Lottie. Pegou no seu porco de peluche, o *Sr. Truffles*, e para espanto de Lottie começou a afagar a sua cabeça, com a mente ausente, antes de gesticular com a outra mão como se desse autorização a Ellie para fazer algo.

De repente, Ellie voltou-se para Lottie e o seu rosto estava tão desfigurado que parecia estar quase apreensiva; Lottie sentiu-se muito desconfortável.

– Lottie, sabes o que é um *partisan*? – Ellie perguntou desconfortável.

Lottie reagiu de imediato perante a palavra.

– Sim, sei – disse, orgulhosa. – Na verdade, a Binah explicou-me no primeiro dia. São uma espécie de guarda-costas elegantes... – O ar sério dos rostos de ambos fez com que Lottie duvidasse dela própria. – Acho eu – acrescentou, hesitante.

– Não, não... Quero dizer, sim... São.

Ellie olhou para Jamie e algo de estranho passou pelo seu rosto, algo que se assemelhava a arrependimento e que de forma rápida foi substituído pela sua habitual máscara de confiança.

– Hoje em dia, qualquer pessoa que esteja disposta a passar pelo árduo processo e pelos rigorosos critérios pode treinar para ser um *partisan*, mas um verdadeiro *partisan* é criado para a sua função desde o nascimento. Aperfeiçoado desde criança para ser um protetor letal, leal apenas ao seu mestre, é muito eficaz e muito perigoso, mas, mais importante de tudo, é discreto.

Ellie olhou novamente para Lottie com um brilho nos olhos. Lottie reparou que ela estava a suster a respiração. Binah tinha dito que os *partisans* pareciam românticos e agora percebia o que ela queria dizer. Eram como algo saído de um romance. Assassinos letais e dedicados, treinados desde o nascimento para proteger o seu senhor ou senhora. *Quantas vezes se apaixonarão uns pelos outros?*, perguntou-se Lottie.

– Uau! – disse Lottie alto. Ocorreu-lhe um pensamento e questionou curiosa. – Tens um?

Jamie e Ellie voltaram-se um para o outro e trocaram olhares. Pareciam partilhar uma espécie de conversa telepática a que Jamie respondeu com um aceno rápido. Ellie voltou-se para Lottie e começou a esfregar a nuca embaraçada, como se tivesse vergonha de continuar.

– O Jamie... O Jamie é o meu *partisan*. – Mostrou os dentes num pequeno sorriso como se esta informação não fosse nada de especial. – O acordo era que eles o enviariam se algo corresse mal e bem...

Um milhão de perguntas assaltou a mente de Lottie e não sabia por onde começar. Quem mais teria um *partisan* na escola? Os pais de Jamie também eram *partisans*? Jamie já tinha morto alguém? Rapidamente, ignorou aquele último pensamento ao sentir um desagradável arrepio na espinha.

– Lottie? – chamou Ellie preocupada.

Lottie sentou-se pesadamente na cama de Ellie, sentindo-se um pouco tonta.

– Desculpa, isto é muito para assimilar – respondeu ainda em transe. Olhou apreensiva para Jamie. Se já parecera estranho na metade cor-de-rosa do quarto de Lottie, agora parecia um peixe no deserto. Não admirava que tivesse sido tão frio e intenso quando se conheceram. Este rapaz fora criado desde que nascera para proteger a princesa Eleanor Wolfson de Maradova e Lottie, quase inadvertidamente, a expusera e tinha-a posto em perigo. Para Jamie, Lottie devia representar tudo aquilo de que passara a vida a proteger. Porque é que ele o fazia sentir-se tão nervosa?

– Tens o teu passaporte contigo?

A pergunta veio de Jamie, enquanto evitava manter contacto visual com o outro lado do quarto, parecendo tentar concentrar-se em algo à sua frente.

– Sim... tenho. Está na minha mesa-de-cabeceira. – As palavras saíram um pouco mais ásperas do que esperava e percebeu que não havia forma de disfarçar o seu incómodo perante ele.

– Ainda bem – respondeu Jamie. – Vais precisar dele.

Jamie levantou-se e Lottie estremeceu. Agora ele parecia-lhe completamente diferente desde que soubera que era uma máquina assassina.

– O que é que isso quer dizer? – questionou Lottie da forma mais calma possível.

– Lottie, significa... – Jamie caminhou até junto da sua cama, abriu a gaveta para retirar o passaporte e os seus dedos percorreram a capa rosada com um sorriso nos lábios –, que vais a Maradova.

Era a última coisa que Lottie esperara ouvir.



Lottie estava preparada para que Rosewood mudasse dramaticamente a sua vida, mas nunca pensara, nem nos seus sonhos mais loucos, que apenas algumas semanas depois de ter começado as aulas estaria a voar num jato privado com a miúda-furacão, a princesa de Maradova, e a sua máquina assassina no corpo de rapaz. E não estava mesmo a sonhar, tinha testado.

– Não precisas de ter medo do Jamie – Ellie tentava distrair-se resolvendo o enigma que Binah lhe dera, mas claramente não estava a ter sucesso. – Ele é inofensivo, acredita.

De alguma forma, Lottie não acreditava nisso. Ellie podia dizer o que quisesse, mas ela não conseguia confiar nele. Não gostava de não ser capaz de adivinhar o que ele estava a pensar.

Jamie estava sentado no outro lado do avião, aparentemente absorto num livro, mas ela tinha a certeza de que ele estava discretamente a vigiá-las.

– Tens a certeza? Como é que sabes que ele não se vendeu e informou secretamente alguém da escola de que ias para Rosewood? – Este pensamento não saíra da cabeça de Lottie durante todo o voo. Tinha a certeza de que Jamie escondia algo e estava a dar em doida. Rapidamente, calou-se quando viu que Jamie as observava. Baixando a voz, acrescentou, meio a brincar: – Ele também tem audição sobre-humana?

Ellie olhou para ela e desatou a rir.

– Lottie, és hilariante.

Ellie e Jamie não tinham explicado a Lottie porque é que ela tinha de ir a Maradova. A irritante resposta enigmática de Ellie fora: «Se o meu plano funcionar, saberás porque tens de lá estar... Se não resultar... Bem, não pensemos nisso.» Era exatamente isso que Lottie estava a fazer. A tentar não pensar.

O voo demorou cinco horas e aterrou por volta das 19h00, hora de Londres. Lottie só tinha andado de avião duas vezes na vida e nunca tinha passado pela alfândega sem ter de parar, rodeada por uma escolta de guarda-costas bem vestidos com óculos escuros.

Era evidentemente uma regalia real. Assim que chegaram ao exterior, Lottie surpreendeu-se com o frio que fazia. Havia gelo no chão e o ar parecia congelado. Movimentaram-se praticamente em silêncio assim que a comitiva chegou. Ellie mordia, nervosa, o seu lábio inferior e afagava distraidamente o medalhão que tinha ao pescoço. Jamie permaneceu perfeitamente composto e indecifrável, como sempre.

Entraram em bonitos carros pretos assim que Jamie educadamente lhes abriu a porta. Quando Lottie se preparava para entrar atrás de Ellie no veículo, Jamie segurou-lhe a mão e travou-a. Olhou para ela de forma intensa.

– Tens de ter o teu melhor comportamento absoluto quando chegarmos ao palácio, percebes? – A sua voz saiu num uivo baixo e fez como que todo o corpo de Lottie tremesse, que simplesmente acenou em resposta.

– E não... – Jamie inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido. – Não tenho uma audição sobre-humana.

Viajaram em silêncio absoluto e quando entraram nos terrenos do palácio, Lottie percebeu que a propriedade era tão grande que não conseguia ver o topo do edifício através do vidro fosco do carro. Tiveram de atravessar dois portões elaboradamente decorados antes de chegarem ao caminho que conduzia ao palácio, apesar de «caminho» ser uma palavra pateticamente insuficiente para o descrever. Por fim, pararam à porta do palácio: uma porta magnífica de carvalho branco com uma cabeça de lobo em ouro, em tamanho real, que parecia rosar, e tinha um puxador pendurado entre as mandíbulas abertas. O barulho da gravilha sob as rodas parecia fazer eco como se fosse um pequeno uivo quando pararam.

Um dos misteriosos guarda-costas abriu a porta do carro, mas Ellie antecipou-se e saiu sozinha pelo outro lado. Jamie ficou tenso e rangeu os dentes, mas Ellie simplesmente sorriu-lhe antes de se encaminhar para a porta da frente.

À medida que se aproximavam da impressionante cabeça de lobo, a porta abriu-se para dentro e foram recebidos por duas mulheres de aventais brancos imaculados e vestidos pretos, com o cabelo muito bem apanhado. Lottie não teve hipótese de olhar diretamente para o lobo. Era tarde e o palácio estava mergulhado num brilho azul-cremoso.

Até as grossas paredes das divisões não conseguiam manter afastado o frio dos corredores e Lottie observou nervosa os quadros de anteriores governantes que pareciam olhar para ela, seguindo-os pelos corredores no que mais parecia um passeio sem fim.

Foram informados por uma mulher forte, que se apresentou como Edwina, que a audiência teria lugar na manhã seguinte e que deviam descansar nessa noite. Lottie não fazia ideia do que ela pretendia dizer com isso, mas a palavra «audiência» fê-la tremer.

Foi dado a Lottie um quarto só para ela, na ala esquerda do palácio, com vista para os enormes jardins. Ellie rapidamente se juntou a ela, mas Jamie manteve-se afastado assim que ficaram em segurança dentro das paredes do palácio.

– Não sabia que existiam palácios como este de verdade – Lottie não conseguia esconder o espanto na sua voz, enquanto andava pé ante pé pelo quarto de visitas, absorvendo cada detalhe impressionante do maravilhoso espaço. – Nem acredito o quanto é bonito.

O toucador tinha uma coleção de perfumes de autor em bonitos frascos que Lottie alinhou para admirar.

Lottie assumira que Rosewood Hall seria o ponto máximo da sua experiência com o luxo, mas se Rosewood era magnífica, Maradova era de outro mundo. Era uma excelente distração da audiência, fosse isso o que fosse, no dia seguinte.

– Sempre achei demasiado excessivo – responde Ellie. Como se programado, a porta abriu-se e entrou uma criada de cabelo ruivo com um tabuleiro repleto de demasiada comida para apenas duas pessoas.

– Espero que goste do seu jantar, Princesa – disse a criada, fazendo uma vénia respeitosa.

– Obrigada, Hanna, mas, por favor, não me chames isso.

– Com certeza, Princesa.

Ellie olhou para a criada com um sorriso maléfico e as duas riram antes de a criada sair do quarto, deixando-as sozinhas. Sentaram-se na cama para comer, mas Lottie estava demasiado ansiosa para desfrutar da comida.

– É estranho ouvir chamarem-te princesa – disse por fim.

Ellie estava muito calada desde que tinham chegado ao palácio, claramente perdida nos seus pensamentos.

– A mim também me parece estranho – respondeu Ellie, com honestidade.

Lottie observou Ellie que distraidamente enfiava pão com queijo na boca, com um olhar distante e preocupado. Não gostava de ver Ellie assim. O palácio tinha obviamente um efeito negativo sobre ela. Lottie só queria abraçá-la e resgatá-la dos seus deveres de princesa. Mas como?

Lottie foi acordada na sua cama macia, na manhã seguinte, pela mesma criada que lhes levara o jantar na noite anterior. Entrou no quarto de Lottie levando um tabuleiro com chá e maravilhosos bolos tradicionais maradvianos que a faziam lembrar a *baklava*. Sem Lottie saber, as suas roupas tinham sido limpas e engomadas e convenientemente arrumadas na cómoda. A mesma criada ofereceu-se, então, para lhe preparar um banho de espuma, que Lottie entusiasticamente aceitou. Sentou-se na banheira circular na sua casa de banho privativa durante um período extralongo, querendo prolongar ao máximo a luxuosa experiência antes de regressar à realidade e à iminente audiência. Mergulhou a cabeça na água quente, fechou os olhos com força e fingiu por um momento que era princesa de verdade e que esta era realmente a sua casa.

Às 10h00 da manhã, uma criada discreta veio buscá-la e levou-a para uma sala de estar em pelúcia onde Jamie e Ellie já a esperavam. Ele começou de imediato a prepará-la e o encantamento que sentira rapidamente se desmoronou regressando à realidade.

– Quando formos autorizados a entrar na sala do trono, vais ficar de pé até que indiquem o contrário. Vais evitar o contacto visual a menos que digam o contrário. E principalmente, vais ficar em silêncio até que te digam o contrário.

Lottie assentiu a estas instruções, sentindo-se mais deslocada do que alguma vez se sentira em toda a sua vida e tentado desesperadamente estar o mais a vontade possível.

Jamie andava lentamente, de um lado para o outro, em frente a um grande espelho emoldurado a ouro pendurado na parede, como se discursasse perante um regimento do exército. Ellie estava caída num sofá debruado a ouro, com as botas descuidadamente a bater no tecido.

– Jamie, tens de relaxar. Ages sempre como se o mundo fosse acabar e depois termina sempre tudo bem.

Jamie soltou um expirou exasperado e voltou-se para enfrentar Ellie.

– Ellie, não se trata de as coisas ficarem bem. Esta é a decisão mais importante que alguma vez tomaste em relação ao teu futuro. – O tom de Jamie era grave, mas ainda assim Ellie reagiu com um sorriso.

– Eu sei, é o melhor plano que alguma vez tive! – Havia uma excitação na voz de Ellie que aborrecia Lottie. De repente, teve a horrível sensação de ser uma peça de xadrez no jogo de outra pessoa.

– Hum... – começou Lottie e de imediato Jamie voltou a cabeça na sua direção, fazendo-a dar um pulo, mas encontrou coragem para continuar – Se isto é assim tão importante, podem contar-me sobre o que é exatamente a audiência?

Houve uma pequena pausa, enquanto os dois olharam para ela como se se lembrassem de que ela estava na divisão.

– Não! – responderam em simultâneo.

– Bem, podem pelo menos dizer-me o que esperar?

Jamie levantou o sobrolho, tinha uma madeixa de cabelo levemente despenteada a cair-lhe nos olhos.

– Espera nada menos do que o pior – disse ele categoricamente. Lottie engoliu em seco.

– Ah! – Ellie levantou-se e deu uma palmadinha na cabeça de Lottie. Normalmente, Lottie gostava do gesto, mas neste cenário sentiu-se diminuída. – Vais conhecer os meus pais e eles vão adorar-te.

Jamie literalmente rosnou ao ouvir isto.

– Tu... – começou, mas rapidamente respirou fundo para se acalmar – tens de levar isto a sério, Ellie. Não é como das outras vezes.

A face de Ellie distorceu-se numa furiosa máscara de indignação.

– Vai. Ficar. Tudo. Bem.

– Ellie, não estás a perceber. Eles estão realmente a levar isto a sério. – O seu tom era quase de súplica e fez Lottie hesitar. Perguntou-se quantas vezes teria Jamie estado em situações como esta, tentando – e fracassando – ajudar Ellie.

– Não, Jamie. Não estás a perceber. A mãe e o pai fazem sempre um grande problema de tudo, mas no fim fica sempre tudo bem e desta vez não vai ser diferente.

– Ellie, é diferente, acredita. Eles... – Jamie hesitou por um momento e olhou-a nos olhos. – Eles mandaram vir a tua avó.

Lottie quase riu quando ouviu isto, pois parecia um enorme anticlímax, mas o olhar horrorizado de Ellie fê-la pensar melhor. Os seus olhos começaram rapidamente a olhar em redor, como se estivesse a pensar muito acelerada.

– Lottie, ouve-me. Preciso que tu...

Antes de Ellie conseguir terminar, a porta abriu-se. A criada de cabelo ruivo fez uma vénia.

– Vão receber-vos agora no salão principal, Princesa.

– Hanna, por favor, já te disse para não me chamares isso – disse Ellie, revirando os olhos em tom de brincadeira. Lottie nem conseguia acreditar que Ellie se conseguisse comportar tão normalmente, tendo em conta a tensão no sala, momentos antes de Hanna entrar.

– Obrigado, Hanna. – Jamie sorriu encantado para a criada, não mostrando sinal de tensão.

– Ellie, precisas que eu o quê? – sussurrou Lottie para que Hanna não ouvisse. – Não podes começar a dizer uma coisa e depois calares-te. Diz-me o que precisas que eu faça!

Ellie voltou-se para ela com um enorme sorriso no rosto que parecia dolorosamente forçado.

– Já não temos tempo.



As enormes portas de carvalho rangeram ao abrir e, vindo da sala do trono, um feixe de luz branca brilhante encadeou-os fazendo Lottie sustar a respiração e tapar os olhos. Assim que se adaptou à estranha iluminação controlou-se para não se engasgar perante a imagem que parecia saída dos livros de contos de fadas que tinha à sua frente. A sala parecia ter um brilho próprio. As paredes brancas estavam decoradas com motivos intrincados e, acima delas, como se olhando para baixo, uma cena de estranhos monstros místicos e bestas rodeavam um candelabro que refletia a luz em pequenos pontos delicados que pareciam neve.

No centro da sala estava sentado o pai de Ellie, o rei de Maradova. Havia uma óbvia semelhança familiar nos olhos escuros, mas o seu cabelo mais claro estava imaculadamente cortado, emoldurando as suas feições bem definidas. A parte de trás do trono onde estava sentado elevava-se de tal maneira acima da sua já elevada estatura que parecia fazer parte dele.

O rei olhou para os três jovens, um de cada vez, e fez um rápido aceno a Jamie, que inexpressivamente lhe devolveu o cumprimento. Ao seu lado direito estava sentada uma mulher magra com longas madeixas de cabelo prateado sumptuosamente arranjadas no topo da cabeça. Não era precisa uma grande inteligência para perceber que se tratava da avó de Ellie. A sua cadeira tinha uma almofada azul-escura com pequenos pompons dourados e na sua mão direita segurava uma magnífica bengala decorada com uma cabeça de lobo de ouro maciço. A força com que a sua mão agarrava a bengala em nada sugeria fragilidade, mas sim controlo, imposição de respeito e submissão. Os seus olhos fixaram-se em Lottie e, por uma fração de segundo, Lottie sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. *A Bruxa Má*, pensou Lottie sem querer. Havia algo inquestionavelmente aterrador na velha senhora.

À esquerda do rei, de pé e com as mãos entrelaçadas atrás das costas, estava um homem alto que parecia ter um olho de vidro. Sorriu para cada um deles, e deteve-se em Lottie um pouco mais do que lhe pareceu confortável.

– Sua Alteza, a princesa Eleanor Prudence Wolfson... – começou o homem do olho de vidro.

O que é que eu estou aqui a fazer?, pensou Lottie para si. *Eu não pertenço aqui.*

– Tendes solicitado uma audiência oficial com o rei para invocar o Ato Seis. Têm início as audições oficiais para a adequabilidade e benefício deste pedido. O contra-argumento é... – o homem pigarreou antes de continuar. – O contra-argumento – repetiu – é que a princesa tem, citando a rainha-mãe, continuamente desiludido em todos os acordos anteriores, sem exceção.

Lottie recordou-se de Ellie lhe contar como se tinha escapulado antes e como tinha facilidade em enganar.

A avó de Ellie bateu com a bengala no chão de mármore uma vez e soltou uma pequena risada que soou mais a um cacarejo.

– Desiludido? – Havia uma frieza na sua voz que fez Lottie estremecer. – Penso que não foi bem esse o termo que eu usei. Para começar, isso sugere que teríamos alguma esperança em ti, querida Eleanor.

Nem Jamie nem Ellie reagiram. O rei esfregou a testa e suspirou frustrado.

– Devidamente anotado, mãe. – Lottie percebeu de imediato que o rei queria tanto estar ali quanto ela. – Muito bem, que comece a audição.

O homem com o olho de vidro pigarreou novamente.

– Menina Charlotte Edith Pumpkin... – começou.

– Pumpkin? – cuspiu a velha mulher. – Que nome peculiar. – A sua voz era tensa ao dizer a palavra «peculiar», como se pretendesse realmente dizer «que nome perfeitamente ridículo».

Lottie olhou para baixo, para o chão brilhante, tentando ao máximo disfarçar o seu embaraço e também o seu crescente sentimento de medo. O rei pigarreou antes de fazer um gesto para que o homem continuasse.

– Menina Charlotte Pumpkin, nascida Charlotte Edith Curran...

A respiração de Lottie acelerou ao ouvir esta informação ser lida em voz alta e voltou-se para olhar para Ellie, que mordia nervosamente o lábio inferior, enquanto o rosto de Jamie permanecia sem revelar emoção.

– Décimo ano de Rosewood Hall, companheira de quarto de Eleanor, sem ascendência nobre. Vivia em St. Ives, na Cornualha, com a madrastra Beady Curran, até setembro quando se mudou para o alojamento permanente em Rosewood. A mãe faleceu há cinco anos com leucemia, o pai trabalha como...

A lista parecia não ter fim e, apesar de estar completamente vestida, Lottie nunca se sentira tão nua em toda a sua vida. Porque é que isto estava a acontecer? Qual seria a necessidade? Sentiu-se enjoada. Sentiu-se zozza. Tudo isto eram partes dela de que ela se queria esconder e, agora, havia estranhos a esmiuçar a sua vida como se fosse um espécime numa aula de Biologia. De repente, Lottie sentiu-se furiosa com Ellie. Quem lhe dera ter sido avisada. Quem lhe dera saber porque é que tudo isto era necessário. Quem lhe dera não saber nada.

– Basta!

– *Okay*, já percebemos.

Ellie e Jamie vieram rapidamente em seu auxílio. *Talvez Jamie não fosse assim tão mau...* O rei parecia surpreendentemente compreensivo.

– Salta para o fim – disse firmemente. O homem de olho de vidro pigarreou mais uma vez e Lottie relaxou lentamente os punhos que tinha cerrado ao lado do corpo.

– Está nos melhores dois por cento na maioria das disciplinas, excluindo Desporto e Matemática, sendo atualmente a segunda melhor aluna em Literatura Inglesa e História.

A máscara inexpressiva de Jamie caiu quando olhou para Lottie, como para se certificar de que as pessoas tinham noção de que aquela era a mesma rapariga de quem estava a falar, mas havia um divertimento no seu sorriso que a levou de volta ao seu primeiro encontro.

– Uma dos apenas 22 estudantes na história de Rosewood a serem oferecidos uma bolsa por circunstâncias excecionais e parece ter sido escolhida pessoalmente pela professora Devine para fazer parte da Ivy House.

Lottie sentiu o seu coração acelerar e teve a certeza de que eles conseguiam vê-lo através da sua *t-shirt*. Sabiam informações sobre ela que nem ela conhecia. Era trabalhadora, todos o sabiam; tinha

orgulho nisso e queria ser excelente e realizar grandes feitos, mas ter o seu passado esfregado na sua cara depois de os seus feitos serem lidos em voz alta entre a realeza – feitos de que nem ela tinha conhecimento – de alguma forma faziam-na sentir-se... humilhada.

Será que Jamie questionava a legitimidade destes feitos? Porque seria tão estranho que uma rapariga tão simples conseguisse ter tão bons resultados?

– Uma trabalhadora incansável, parece-me – disse o rei com um sorriso seco.

Lottie estava prestes a desfazer-se em lágrimas ali mesmo, no chão de mármore. *Sê corajosa, sê corajosa, sê corajosa*, repetiu para si própria.

– Ellie, envergonhas-nos. – continuou o rei num tom de voz frio. – Se até mesmo esta rapariga, nas suas circunstâncias, pode esforçar-se para realizar tais feitos, tu, uma futura rainha, não tens motivos para não conseguires semelhantes resultados.

O seu olhar dirigiu-se para Jamie e um sentimento parecido com arrependimento passou pelo seu rosto, mas rapidamente, sem Lottie o conseguir perceber por completo, desapareceu.

– Esqueces-te de quanto és afortunada.

Ellie olhou como se fosse começar a falar, mas o rei levantou a mão.

– Foste autorizada a frequentar Rosewood sob o compromisso de que manterias a tua identidade secreta sem exceção. Um acordo de que te adaptarias às regras da escola sem a pressão das tuas obrigações reais. Falhaste em ambas as partes.

O rosto do rei parecia quase em sofrimento ao proferir tais palavras. Era claro para Lottie que tinha realmente esperado que Rosewood fosse a escolha certa para Ellie. A avó de Ellie, de expressão fria como a pedra, continuava sentada ao seu lado. O rosto de Ellie ainda era firme, determinado a não deixar transparecer qualquer emoção, mas Lottie conseguia perceber a tensão nos seus olhos: o olhar enevoado de quem está desesperadamente a evitar chorar. *Isto é culpa minha*, pensou Lottie.

De imediato, a ansiedade que sentia quanto ao seu destino dissipou-se ao perceber o que estava realmente em jogo naquele momento. Ellie abriu a boca para protestar, mas antes de conseguir dizer quaisquer palavras, algo tiniu na mente de Lottie. A voz da professora Devine.

O destino colocou a menina Wolf num quarto consigo, por isso deve olhar por ela.

Era isso? Era esta a razão por ter sido chamada a Rosewood? Teria sido todo o seu esforço em ser excecional totalmente destinado para a juntar a Ellie? Esse pensamento era reconfortante e, de repente, deixou de sentir tanto medo.

– Ellie vai juntar-se à equipa de esgrima – afirmou Lottie firmemente.

Todo o salão se voltou para a observar como uma matilha de lobos. Jamie parecia completamente horrorizado e murmurou a palavra «Não», mas Lottie respirou fundo e continuou.

– Quer dizer, com todo o respeito, estais errados sobre ela não se ter adaptado à vida escolar. Foi pessoalmente convidada pela própria senhora Bolter, uma medalhista de ouro olímpica, a juntar-se à equipa de esgrima. Também ajuda os outros a melhorarem o seu desempenho escolar: ajuda-me com os meus trabalhos de casa de Matemática, melhorou a minha nota a Desporto, estuda por divertimento com a aluna mais esperta da escola e até faz com que Anastacia Alcroft tenha de se esforçar no *lacrosse*. Ellie pertence a Rosewood e farei tudo para que ela lá fique.

Lottie fez uma pausa e pestanejou, completamente tomada de surpresa com as suas próprias palavras.

– *Fará tudo*, menina Pumpkin? – As palavras vieram de uma voz suave por detrás dela.

Lottie voltou-se e deparou-se com uma pequena mulher loura, com pele de porcelana e olhos tão azuis que quase a fizeram congelar naquele instante. A senhora estava a sorrir, mas os olhos mostravam nitidamente astúcia. Apesar de ser de baixa estatura, esta mulher apresentava um semblante que a faziam ser levada a sério.

Lottie hesitou por um momento.

– Sim – respondeu, enfaticamente.

– Muito bem. – O sorriso da mulher abriu-se e deu um pequeno passo em frente do fundo da sala em direção a Lottie. – Estaria disposta a entregar a sua vida à família real maradoviana?

Espera, o quê? E foi nesse momento que tudo deixou de fazer qualquer sentido.



– Nem pensar! – gritou a avó de Ellie, com o rosto desfigurado numa furiosa indignação. – Isso está fora de questão!

A mulher loura pareceu não se sentir minimamente afetada com esta explosão e simplesmente agitou a mão, como se a descartar a afirmação. A avó Wolfson não gostou do gesto e dirigiu-se ao rei.

– Alexander, controle a sua mulher. – As palavras saíram mais como um latido do que como um pedido. Seria aquela a mãe de Ellie? Lottie voltou-se para trás para observar a mulher loura, de ar etéreo e fino, sem perceber as semelhanças físicas entre as duas e, no entanto... o ar confiante com que caminhava e o olhar penetrante, a forma corajosa como tinha dispensado a mulher mais aterradora que Lottie já conhecera... Talvez não fosse assim tão chocante, afinal.

O rei voltou-se para a mãe e, para completa surpresa de Lottie, pareceu ofendido.

– Mãe, devo lembrá-la de que esta audiência foi pedida com o único propósito de invocar o Ato Seis? Ou não tem estado a prestar atenção?

Lottie quase riu ao ouvir isto, apesar de ainda não fazer ideia do que era o Ato Seis.

– Oh, Deus – resmungou Ellie entredentes, esfregando a cana do nariz com se fosse uma coisa normal. Jamie manteve-se impávido, apesar de os seus olhos parecerem maiores do que o normal. O rei voltou-se para a mãe de Ellie e o seu rosto tornou-se doce. A sua presença parecia ter dissipado a tensão na sala.

Então, é daqui que advém as alterações de humor!, pensou Lottie. Em comparação com estas pessoas, Ellie parecia normal.

– Hum, desculpem... – começou Lottie, mas foi interrompida quando a mãe de Ellie passou os dedos pelo seu cabelo, brincando com uma madeixa e fazendo-a dar um pulo de surpresa.

– Alexander, ela podia ser um dos nossos; é diferente – inclinou-se bastante sobre Lottie, mas não parecia estar realmente a olhar para ela. Fez com que Lottie se sentisse como um cavalo de corrida que era inspecionado para venda. – Gostaste da noite no palácio? Gostávamos muito que voltasses.

Lottie demorou um momento a perceber que a rainha estava a falar com ela.

– Sim, eu...

– Não podem estar realmente a considerar a hipótese de esta... – A mãe do rei interrompeu-os e apontou furiosa para Lottie sem olhar diretamente para ela. – ... Esta rapariga do povo poder tomar o papel de guardiã.

Guardiã! Lottie lembrou-se do termo da discussão entre Ellie e Jamie. O que queria ela dizer?

– A vossa filha está apenas à procura de mais uma desculpa para fugir às responsabilidades e, desta vez, arrastou uma rapariga comum com ela.

– Comum? – a mãe de Ellie riu. – Nesta situação, penso que todos podemos concordar que o seu passado simples é muito benéfico. – Lentamente, começou a dar voltas em redor de Lottie com se

esta fosse a sua presa. – No que me toca, acho que é perfeita. Demasiado perfeita. Uma bênção, até!

– Veem? Eu disse-vos, ela é perfeita. – Ellie tinha recuperado o poder da fala. Jamie cerrou os dentes.

– Tenho de concordar – disse o rei. – Estranhamente é uma situação feliz que nos tenhamos encontrado com esta menina Pumpkin.

Lottie estava com dificuldades em perceber.

– Desculpem, eu... – Foi interrompida pelo homem do olho de vidro.

– Ela certamente reúne os critérios, mas a questão Vossa Majestade é... – o homem curvou-se para se aproximar do ouvido do rei, sibilando as palavras. – Será que a princesa vai honrar a sua parte do acordo? Tal como foi dito anteriormente, ela tende a desiludir.

O homem fez um olhar ríspido a Ellie quando acabou de falar, com um sorriso a nascer nos lábios. Ellie estava nitidamente a ranger os dentes.

– Sim, essa é a verdadeira questão... – concordou o rei.

– Será que posso... – desta vez, Lottie tentou levantar a mão.

A velha mulher cacarejou.

– *Ah!* Se essa fosse a única questão, a resposta seria um redondo não. Sugiro que a tirem da escola e a mandem para o Instituto Correccional para Jovens Meninas de St. Agnes, onde a vão açoitar até se tornar uma mulher digna da coroa maradviana.

– Se alguém me puder...

– Acho que é uma esplêndida ideia e mostra que a nossa Eleanor está a tomar decisões sobre o seu papel como princesa, algo que devemos encorajar avidamente. – A mãe de Ellie olhou para o marido e ele assentiu em resposta.

– Se puder chamar a escolha de ser passiva uma *decisão*. – O homem do olho de vidro riu baixinho.

O rei e a mãe riram abertamente com esta afirmação e Lottie deu por si, de repente, muito zangada.

– SERÁ QUE ALGUÉM ME PODE EXPLICAR O QUE SE PASSA?

A sala ficou novamente em silêncio. A matilha de lobos voltou-se de novo para ela como se estivessem esquecidos de que ela ali estava.

– Por favor – acrescentou rapidamente.

O silêncio que enchia a sala era quase ensurdecedor. Jamie deixou cair a máscara por um breve momento e olhou para Lottie surpreendido, antes de rapidamente voltar a ganhar a sua compostura.

– Lottie... – a expressão no rosto de Ellie suavizou-se. Cerrou os punhos e voltou-se para o rei com um olhar firme.

– Pai! – disse resolutamente. – Não me interessa a decisão. Aceitarei qualquer curso de ação que escolher, mas tens de decidir agora. Não posso manter a minha amiga na ignorância mais tempo. – Ellie estendeu a mão para segurar a mão de Lottie e apertou-a ligeiramente.

Lottie sentiu uma agradável eletricidade estática entre elas. Jamie soltou um suspiro aliviado, a tensão que sentira acumular-se durante a discussão finalmente dissipou-se. O rei olhou para a filha com uma renovada consideração, impressionado com a lealdade e a gravidade no seu olhar. Os seus olhos escuros piscaram enquanto tomava conhecimento de uma faceta da filha que nunca antes vira. O seu olhar moveu-se para as mãos das duas jovens que permaneciam apertadas em solidariedade.

– Muito bem – o rei voltou-se para a sua mulher e ela olhou para ele com um sorriso cúmplice –, tendo em conta a absurda conveniente adequabilidade da guardiã proposta e naquilo que eu, como

rei, tomei como um claro sinal de influência positiva... – Fez uma pausa para um efeito dramático – ... aprovo este pedido da princesa Eleanor Prudence Wolfson para acionar o Ato Seis com Charlotte Edith Pumpkin. Assim seja escrito.

A avó Wolfson soltou um grito furioso, mas o rei levantou a mão e ela, relutantemente, baixou a voz.

– Receio que tenha cometido um erro muito grave – disse, com voz pesada.

O rei ignorou a afirmação.

– E para ficarmos todos mais descansados, Jamie vai continuar destacado em Rosewood Hall. A escola será informada deste acordo especial.

Jamie ficou tenso e o homem de olho de vidro parecia sustentar um risinho.

– Estão todos dispensados.

Ellie soltou um guinchinho excitado e agarrou no braço de Lottie, levando-a através das portas decoradas com tanta energia que quase saltava. Lottie seguiu-a, apenas parcialmente consciente do movimento do seu corpo e sem certeza absoluta do que acabara de ser decidido. Atrás delas, Jamie ofereceu ao rei um olhar que passou despercebido às duas raparigas, mas rapidamente recuperou a sua postura inexpressiva e voltou à sua posição de lealdade inabalável.

– Viste aquilo? – O rei sussurrou à sua mulher quando a porta finalmente se fechou.

– Sim – respondeu ela excitada. – Eleanor fez uma amiga!



– Guardiã: aquele que é contratado para agir oficialmente em substituição de um membro da realeza, de modo a proteger a sua verdadeira identidade. Todas as aparições públicas e deveres oficiais deverão ser levados a cabo com o máximo de respeito e blah, blah, blah, blah, por aí adiante e adiante...

Lottie pestanejou surpreendida, enquanto Ellie lia em voz alta a passagem de um velho livro poeirento que lhes tinha sido entregue pelo homem do olho de vidro, que Ellie lhe tinha explicado ser o conselheiro do rei, Simien Smirnov.

– Então, este é o meu trabalho agora? – perguntou Lottie, apontando para si, com os olhos esbugalhados.

– Bem, se o quiseses. Basicamente, já o fazes – respondeu Ellie bem-humorada. – Só que agora passas a ser paga por isso.

– *Okay*, mas... Espera lá, paga?!

– Sim, vais receber um pagamento mensal, bem como despesas de viagem, alimentação e vestuário.

Lottie quase se engasgou. Será que eles sabiam que isto era um sonho tornado realidade? Isto quase nem parece um emprego, ter todos os benefícios de ser uma princesa e ser paga por isso.

– E assim, um dia, quando inevitavelmente tiveres de dizer a toda gente que não és a verdadeira princesa de Maradova, poderás dizer com toda a sinceridade que a razão é porque eras uma guardiã oficial. Está resolvido! – Ellie levantou o polegar para Lottie e aquela respondeu-lhe novamente com um pestanejar.

Os três jovens tinham-se reunido no quarto de Ellie que, mesmo sendo grande, era surpreendentemente simples. Sem a confusão charmosa de Ellie, poderia ser o quarto de uma pessoa qualquer. Obviamente não era um lugar que Ellie considerasse a sua casa.

Ellie e Lottie sentaram-se na enorme cama de quatro colunas, enquanto Jamie se manteve junto à porta com um pé encostado à ombreira e a cabeça recostada em silêncio. Tinha informado Lottie de que, mal regressassem à escola, começaria a treiná-la para ser uma guardiã perfeita. Algo com que Lottie estava um pouco apreensiva.

– Há quanto tempo planeavas isto? – perguntou, com medo de saber a verdade.

Ellie pareceu envergonhada.

– Mais ou menos desde que te confrontei na primeira semana.

Lottie ficou surpreendida.

– Não me perguntaste. Não... – teve de fazer uma pausa para não se irritar. Estava tão perplexa. – Devias ter-me dito a razão de eu ter vindo. Podias ter confiado em mim.

– Não estás a perceber, Lottie. Eu não podia! Seria quebrar demasiadas regras – suplicou Ellie.

– Mas tu passas a vida a violar regras!

– Lottie, para. – As palavras vieram de Jamie, mas não eram zangadas nem duras, eram serenas. – Ela não podia mesmo contar-te, Lottie. Os guardiões são um segredo real, quase ninguém sabe que existem e metade das pessoas que sabem pensam que são apenas um conto de fadas, e precisamos de manter as coisas assim para proteger os que precisam deles, entendes?

Lottie assentiu. Fazia sentido, mas parecia que não tinham confiança nela.

– Eu compreendo, mas também têm de entender que eu preocupo-me tanto com o bem-estar de Ellie quanto tu. – Lottie voltou-se para a sua amiga com um fogo no estômago. – Se confias em mim o suficiente para ser a tua guardiã, então tens de confiar em mim o suficiente para me falares sobre eles.

Ellie mordeu o lábio por um instante, enquanto Jamie se endireitava e aproximava de Lottie.

– Tens razão – disse ele.

– Tenho? – perguntou Lottie confusa. Teria imaginado aquilo? Jamie tinha acabado de concordar com ela?

– Sim. Devíamos ter-te contado. Mas Ellie não tinha mesmo escolha no assunto – disse Jamie seriamente.

– Lamento muito, Lottie. – Ellie afastou os cabelos dos olhos enquanto falava e Lottie percebeu que ela falava a sério.

– Eu desculpo-te Ellie e estou mesmo muito feliz por fazer isto por ti, parece-me o mais correto, mas temos de prometer que a partir de agora não teremos mais segredos.

Lottie levantou o dedo mindinho como costumava fazer quando era criança e Ellie riu enquanto enrolava o dedo dela em volta.

– Prometo.

*

Na manhã seguinte, enquanto Lottie se sentava no avião, preparando-se para a descolagem, Jamie aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Foi tão silencioso que Lottie nem se apercebeu de que ele ali estava até ouvir o seu nome. Voltou-se de repente e quase bateu com a cabeça na dele, mas desta vez Jamie desviou-se com facilidade. O seu rosto era impenetrável como sempre. Lottie começava a confiar mais nele, mas ainda se sentia nervosa na sua presença.

– Concordo mesmo contigo – disse Jamie. – Foi errado não te termos contado. Na verdade, nem te devíamos ter trazido cá. Não devias ter sabido dos Guardiões e de forma alguma te devia ter sido pedido que te tornasses um.

Lottie sentia-se sem palavras. Já devia saber que Jamie pensava desta forma, que ele não concordava que ela fosse capaz ou que merecesse ocupar o papel de um guardião oficial. As pessoas tinham passado a grande parte da vida de Lottie a duvidar das suas capacidades, mas ouvir estas palavras magoaram-na profundamente.

– Eu... – a voz falhou-lhe e então respirou fundo para se acalmar. Ela queria que eles acreditassem nela, que percebessem que ela era capaz de desempenhar aquele papel, mesmo que ainda não tivesse a certeza de ela própria acreditar em si. – Vou surpreender-te, Jamie.

Jamie olhou para ela com uma expressão ligeiramente triste que ela não conseguiu interpretar, suspirou e tirou um livro muito usado do bolso do casaco. Tinha uma capa em pele com um padrão floral prateado que refletia a luz. Colocou o livro no colo dela e, ao tocar com a sua mão levemente no joelho dela, ela tremeu.

– Tenho a certeza que sim – disse ele, com o sorriso de volta. Depois, levantou-se e voltou para o seu lugar sem mais uma palavra.

Lottie olhou para o livro e, com cuidado, abriu na primeira página onde viu uma bonita caligrafia:

Eu, Oscar Oddwood, Guardião do falecido Henric Wolfson, reuni estes contos e conselhos de Guardiões de todo o mundo para que a nossa sabedoria coletiva possa ser transmitida e aumentada. Que este livro possa ser útil a quem tomar o ambíguo papel de Leal Mentira.

Lottie folheou gentilmente o livro e viu uma enorme quantidade de páginas ilustradas e diferentes caligrafias e línguas. Sentiu-o como se irradiasse magia, como se fosse um artigo sagrado. Com cuidado, guardou o livro na mala, pois estava demasiado cansada para o examinar adequadamente naquele momento e encostou a cabeça à janela para observar a descolagem.

Jamie tinha tirado o seu exemplar de *Sonho de Uma Noite de Verão* e estava concentrado a tirar notas. Parecia realmente pouco afetado pelas atenções do pessoal de bordo e os luxos de um jato privado. Havia algo de natural e excitante nos dois: tinham ambos tanta certeza de pertencer, de irradiar o seu propósito tão confiantemente para o mundo.

Lottie sentiu-se a ser autorizada a espreitar um mundo a que não pertencia. Rosewood Hall, guardiões reais, os Wolfsons – era tudo tão magnífico e, depois da sua maravilhosa noite no palácio, sentiu um desejo profundo de fazer parte de tudo aquilo.

As nuvens rapidamente se voltaram a formar sob o avião e Lottie perdeu de vista a terra lá em baixo, sentindo-se de repente muito longe do solo e determinada a encontrar o seu lugar no mundo.

SEGUNDA PARTE

Como Ser Uma Princesa



Lottie dava voltas na cama, mas fosse qual fosse a posição que encontrasse, não conseguia adormecer. Os cobertores eram demasiado quentes, o ar demasiado frio e nem contar carneiros ajudava. Era a décima noite sem dormir desde que regressara de Maradova e Lottie começava a pensar que nunca mais voltaria a sonhar.

Voltou-se para observar o rosto de Ellie descansado do outro lado do quarto e, relutantemente, levantou-se para se começar a preparar para o dia. Acontecesse o que acontecesse, não podia deixar que Jamie ou Ellie soubessem que estava a ter dificuldades em dormir ou pensariam que ela não tinha perfil para o seu papel de guardiã.

O despertador em forma de morango na sua mesa-de-cabeceira começou a tocar, assinalando a hora da sua aula de sábado de manhã com Jamie, algo a que apelidava de as suas aulas de princesa. Ellie esticou-se na cama e bocejou alto, sentando-se ensonada e baloiçando as pernas para fora do colchão.

– Ellie, a sério que não tens de vir. Podes voltar a dormir, se quiseses – disse Lottie suavemente, com medo de que ao falar muito alto destruísse a tranquilidade matinal.

Ellie bocejou outra vez, sem focar completamente os olhos.

– *Nope!* – Esfregou as bochechas numa tentativa de se forçar a acordar. – Se tens de acordar cedo para estas aulas de princesa, então eu sofro contigo. É justo.

Lottie não conseguiu deixar de sentir feliz com as palavras de Ellie.

Encontraram-se com Jamie numa das salas de estudo Ivy com vista sobre Rose Wood. O Sol ainda não tinha nascido e Lottie tinha dificuldades em manter os olhos abertos, na sala aquecida cheia de livros poeirentos. Jamie caminhava para a frente e para trás, pedindo-lhe para traduzir antigas palavras maradovianas, enquanto Ellie mergulhara nos seus trabalhos de casa. Desde que regressaram de Maradova, os dias de Lottie tinham-se transformado num rígido horário distribuído entre escola, trabalhos de casa, explicações e aulas de princesa. Estava habituada a trabalhar até tarde desde que tinha decidido entrar em Rosewood, mas com as insónias começava a sentir-se esgotada.

– *Sets?*

– Príncipe.

– *Sessa?*

– Princesa.

– Muito bem.

Jamie assinalou algo no seu pequeno caderno que usava para as aulas deles. O seu rosto permaneceu inescrutável e Lottie não fazia ideia se ele estaria ou não satisfeito com o seu progresso.

– Sinceramente, não vejo utilidade em ela aprender o antigo dialeto maradoviano. Não é usado há quase cem anos.

Jamie voltou-se carrancudo para Ellie que não fizera mais do que colocar defeitos nas suas lições desde que tinham começado.

– Bem pensado, Ellie. Lottie, conta a história da língua maradoviana.

Lottie gemeu. Parecia que sempre que Ellie fazia um comentário, ela tinha de recitar algo. Cerrou os olhos por um segundo, afastando algum cansaço.

– Maradoviano: com origem no latim; um dialeto nascido da mistura entre inglês e russo. Depois do Tratado de Sarajevo, quando Maradova ganhou a independência do Império Britânico, o povo de Maradova continuou a falar o inglês como língua principal. O antigo dialeto maradoviano é agora apenas usado para...

– Okay. Muito bem. – Jamie interrompeu-a. – Vês a rapidez com que Lottie aprendeu tudo, Ellie? Devias tomar notas.

Lottie sentiu-se ressentida com o facto de o único comentário de Jamie ser na forma de uma reprimenda verbal a Ellie.

Ellie deitou-lhe a língua de fora antes de se voltar novamente para o livro de estudo. Duas raparigas Ivy, a caminho do treino de ténis, passaram pela porta e, ao verem Jamie, soltaram risinhos, coraram e desapareceram. Jamie entrara em Rosewood como ele próprio. O rei decidira que era aceitável tornar público o papel de Jamie como guarda-costas – apesar de todos pensarem que era o guarda-costas de Lottie e não de Ellie. Sem grande surpresa, foi transformado num quebra-corações entre as raparigas de Rosewood. Lottie evitou comentar o quanto isso era previsível, esquecendo-se de que ela própria tinha ficado impressionado com o conceito de *partizan* há apenas um mês. Não tinha bem a certeza do que fora dito à direção da escola sobre ela ser uma princesa, mas não parecia ter mudado grande coisa.

Enquanto nenhum deles estava a olhar, Lottie aproveitou para bocejar, perguntando-se quanto mais tempo conseguiria esconder as suas noites sem dormir. Foi acordada dos seus pensamentos quando Jamie colocou um papel na sua mesa.

– Quero que escrevas o nome de cada um dos membros da família real maradoviana.

Lottie olhou para os rostos no papel. Reconheceu os pais de Ellie e os anteriores governantes, a avó de Ellie e o rei Henric, mas havia algo de errado. Faltava alguém.

– No diário de Oscar, dizia que o último rei, Henric, teve dois filhos. Isso não significa que o rei Alexandre devia ter um irmão, o tio de Ellie?

Ellie e Jamie olharam para ela como se estivesse amaldiçoada e cruzaram olhares com os rostos sérios.

– Claude – informou Ellie renitente, afastando o olhar. – Ele devia ter sido rei, mas... abdicou dos deveres reais...

– Foi banido do reino – disse Jamie rispidamente. – A família real maradoviana é muito meticulosa no que toca aos governantes. É importante que compreendas isso.

Lottie sentiu como se uma peça do *puzzle* se tivesse encaixado. Era isto que esperava Ellie se ela não quisesse governar. Ser banida. A negação total da sua existência. Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

– É assustador... – sussurrou Lottie.

– Bastante. E por falar em coisas assustadoras... – Jamie sorriu-lhe ao retirar uma carta da mochila.

Colocou a carta na mão de Lottie. Ela ficou impressionada e confusa com o selo em lacre castanho que já fora quebrado. Era um símbolo estranho que nunca vira: quatro triângulos dispostos em quadrados, sobrepondo-se para formar dois losangos no centro e que a fizeram lembrar as presas do lobo.

– O que é isto? – perguntou.

– Este é o nosso convite para o Baile de Verão Maradoviano – respondeu Ellie. – Ou melhor, para o Festival das Flores. – Ellie disse o nome com um revirar de olhos exagerado.

Por sua vez, Lottie perdera-se ao ouvir a palavra baile.

– É completamente ridículo. Organizam-no todos os anos, está sempre coberto de neve e não há nada de verão nele.

Mas Lottie não estava a ouvir.

Um baile real! Ela ia a um baile real. Teria de usar um vestido. Provavelmente, haveria príncipes e princesas! UM VERDADEIRO BAILE REAL!

– Lottie!

Lottie pestanejou, saindo do transe quando Ellie passou a mão em frente aos seus olhos e Jamie abria a boca aborrecido.

– Um baile real, dizes? Parece excelente, onde me inscrevo? – Lottie olhou para Ellie com o seu melhor olhar «por favor, deixa-me ir ao baile real».

Ellie riu, afastando o seu cabelo negro dos olhos.

– Está cheia de sorte, menina Pumpkin, o Festival das Flores será a nossa... quero dizer, a sua apresentação como princesa.

– A sério? – Lottie levantou-se, afastando a cadeira para trás e batendo com as palmas das mãos na mesa, excitada. De repente, todo o cansaço se evaporou. Era como um conto de fadas tornado realidade... Até que viu a cara de Jamie. Lottie tossiu discretamente e voltou a sentar-se lentamente na cadeira, muito corada. – Quero dizer... acho encantador.

Ellie riu com a tentativa de disfarce de Lottie. Apesar de Lottie saber que Jamie era de confiança, ainda se sentia estranha perto dele e tinha um enorme desejo de dar provas do seu valor.

Jamie suspirou de uma forma que sugeria arrependimento sobre o que ia dizer a seguir.

– Não é assim tão simples. Ellie vai participar no baile formalmente como tua convidada, o que tornará mais fácil de explicar a sua presença nos eventos, mas todos os novos convidados principais devem participar na Assembleia de Etiqueta de Lady Priscilla durante um dia inteiro e que, felizmente para ti, terá lugar em Rosewood este ano.

Lottie pestanejou, confusa, não fazendo ideia nenhuma do que isto queria dizer.

– Isto significa que tens de frequentar uma aula de etiqueta – disse Ellie, abafando o riso.

– Uma... aula de etiqueta? – Estariam a gozar com ela? Faria isto parte de uma qualquer piada elaborada?

– Não é uma brincadeira, Lottie.

Lottie arrepiou-se sentindo que Jamie tinha acabado de ler o seu pensamento.

– Vais ter de frequentar esta aula dentro de duas semanas e terás de deixar a melhor impressão que conseguires. Estarão presentes outros jovens da realeza e crianças de famílias importantes e terás de te enquadrar. – Jamie olhou-a nos olhos, assegurando-se de que ela compreendia cada palavra que ele dizia. Lottie assentiu.

– E se conseguires pregar uma rasteira a um daqueles príncipes arrogantes, ganhas pontos extras da minha parte.

Jamie resmungou com a piada de Ellie, fazendo Lottie rir. Depois, olhou para o relógio e começou a arrumar as suas coisas meticulosamente.

– Toma – estendeu-lhe uma folha de papel cheia de instruções. – Isto é tudo o que precisamos de rever antes da aula de etiqueta. Vou ter com o Raphael para irmos correr. Vejo-vos às duas mais tarde.

Ellie simulou um vômito com o dedo. Jamie e Raphael estavam nas mesmas aulas de línguas e rapidamente fizeram amizade graças ao seu passado multilingue e ao gosto pelas corridas de longas distâncias. Parecia uma combinação estranha, tendo em conta a aparente falta de humor de Jamie. Lottie perguntou-se se, tal como Ellie, este seria o primeiro amigo que Jamie fazia fora da família maradviana.

Jamie parou ao chegar à porta e voltou-se para elas.

– Se precisarem de alguma coisa, digam – disse, oferecendo a Ellie um olhar cortante. – E isso não significa corridinhas para o treino de esgrima.

Ellie ofereceu-lhe um sorriso amarelo, fingindo inocência.

– E, Lottie, tenta dormir melhor esta noite.

Lottie susteve a respiração enquanto Jamie saía da sala. Pensava que tinha disfarçado bem o seu cansaço. Assim que ele ficou fora do campo de visão, expirou lentamente. Tinha de provar a Jamie que era capaz disto. Não podia mostrar quaisquer falhas.

Observando Lottie atentamente, Ellie estendeu o braço sobre a mesa para lhe agarrar na mão, acariciando-lhe suavemente a palma com o polegar.

– Prometo que vai correr tudo bem, princesinha. Nasceste para isto e esta aula de etiqueta vai ser fácilima.

Lottie corou ao perceber que Ellie tinha pensando que a sua preocupação era com a aula de etiqueta e olhou para o papel com instruções que tinha na mão.

– Bem não é suficientemente bom – sussurrou para si.



Com o arrefecimento do tempo, os estudantes de Rosewood Hall foram premiados com uma agradável noite de outono. Bonitos recortes de gatos pretos e morcegos decoravam as paredes das salas e todos os dormitórios estavam repletos de abóboras esculpidas que enchiam o ar com um odor a vegetais demasiado maduros.

Lottie estava na fila para o café da biblioteca principal com Ellie e Binah, que conversavam sobre números imaginários, algo que Ellie estava a ensinar a Lottie durante as suas explicações. Jamie tinha sido autorizado a usar o telefone da escola para ligar para o reino de Maradova para os manter ao corrente do seu bem-estar e encontrar-se-ia com elas mais tarde.

Lottie olhou através da janela para a escuridão que já fazia, apesar de as aulas já terem terminado há mais de uma hora perguntou-se se conseguiria dormir nessa noite.

– Quero uma fatia de pão de abóbora e um *mocha* de chocolate branco – interrompeu para ver se Ellie não estava a ouvir. – Com uma dose de café extra, por favor.

Tinha encontrado uma solução temporária para os efeitos das suas insónia: café e corretor de olheiras, ambos em doses generosas.

A biblioteca tinha-se tornado rapidamente o lugar preferido de Lottie em Rosewood. Inicialmente ficara apreensiva em regressar, depois da pequena aventura de arrobamento, mas a coleção única de livros depressa a fez voltar e, apesar da sua magnitude, parecia sentir-se confortável. Estar rodeada por literatura tão inspiradora enchia-a com um sentimento feliz e reconfortante.

Ao dirigirem-se à sala de estudo para procurarem lugar, algumas cabeças voltaram-se para Lottie. Tinha-se tornado muito boa a fingir que não reparava, mas não importava quanto tempo passasse, as pessoas não conseguiam esquecer a história secreta da princesa maradoviana e Lottie não as podia culpar, já que também ela não esquecia o assunto.

– Vamos ficar aqui – exclamou Binah de repente, encaminhando-se para uma mesa junto à janela. Ellie e Lottie gelaram. Sentados na mesa redonda estavam Lola, Micky, Saskia e Anastacia. Lottie estava contente por ficar junto deles, mas sabia que Ellie não se sentia confortável com Anastacia, especialmente agora que era sua adversária na esgrima. Antes de Lottie conseguir dizer alguma coisa, Ellie semicerrou os olhos e deu um passo em frente para se juntar ao grupo à mesa.

– Olá, pessoal! Podemos sentar-nos aqui? – perguntou Lottie rapidamente, enquanto Ellie se sentava ao lado de Binah.

Lola sorriu.

– Claro!

De imediato, tirou um saco de Tompkins Fizzy Toffees e estendeu-lho.

– Sirvam-se! – disse animada.

Lottie observou Ellie e Saskia que se inclinaram ao mesmo tempo, enfiando as mãos no saco. Susteve a respiração sem saber o que Ellie iria dizer.

– Desculpa, eu... Já nos conhecemos? – perguntou Ellie, com um pequeno sorriso no rosto que fez Lottie sentir um formigueiro na barriga.

– Formalmente, não! – Saskia tirou um caramelo e deu a Ellie. – Sou a Saskia.

– Ellie.

– Eu sei – disse Saskia timidamente. O olhar de ambas fixou-se um no outro por um momento, enquanto Ellie enfiava o caramelo na boca.

– Saskia é a chefe de Conch House do ano a seguir ao nosso – informou Lottie rapidamente, sentido necessidade de as distrair uma da outra. Voltaram-se ambas para Lottie e um estranho sentimento de embaraço tomou conta dela.

– Gosto de estar no comando! – Saskia sorriu para Ellie e as duas riram.

Lottie sentou-se devagar no lugar vago ao lado de Anastacia, que estava concentrada no seu livro de estudo. Olhou em frente ao ouvir Ellie rir novamente com algo que Saskia tinha dito e foi tomada por um estranho sentimento de exclusão.

– Agora percebo porque tens tido tanta dificuldade em dormir. Tens uma companheira de quarto tão barulhenta – a voz de Anastacia soou alta e fria ao seu lado.

– Desculpa? – perguntou Lottie, confusa. *Como é que ela sabia?*

– A Ellie. É uma selvagem.

Antes de Lottie conseguir processar o que Anastacia tinha acabado de dizer, esta voltou-se com um ar sério, como se analisasse o rosto cansado de Lottie. – Tenho uma coisa para ti.

Lottie pestanejou confusa enquanto Anastacia enfiava a mão na mochila e retirava uma embalagem de comprimidos que colocou determinadamente em cima da mesa.

– O que é isso? – perguntou Lottie, enquanto Ellie se inclinava para a frente e pegava na embalagem para ler alto o rótulo.

– *Remédio para Dormir da Princesa e a Ervilha. Para princesas que não conseguem dormir à noite...*

Lottie engoliu em seco. Como é que Anastacia sabia que Lottie não conseguia dormir? *E porque é que tinha de me dar os comprimidos à frente de Ellie?* Lottie quis bater com a cabeça na mesa; a última coisa de que precisava era que Ellie e Jamie se preocupassem com ela.

– Lottie, não tens andado a dormir?

Lottie deu um pulo ao ouvir a voz de Jamie e voltou-se para se deparar com ele junto dela. *Quando é que ele tinha chegado ali?* Mas era claro que ela não tinha como fugir à sua pergunta.

Lottie tinha consciência de que todos na biblioteca estavam de olhos postos neles. Jamie parecia ter esse efeito. Sorriu-lhe o melhor que pode e os olhos de Jamie arregalaram-se um pouco.

– Os teus olhos... – acrescentou Jamie, com um toque de preocupação na voz.

– Pensei que só vinhas mais tarde. – Uma tentativa frustrada de contornar o assunto, mas Lottie não podia deixá-lo pensar que o seu trabalho como guardiã era a razão de ela não dormir. Jamie já estava convencido de que ela não servia para o papel e ela não lhe queria dar razão.

– Lottie, porque não me contaste? – Havia mágoa na voz de Ellie e Lottie, de repente, sentiu-se muito irritada com Anastacia por a ter metido nesta confusão. Olhou para ela, mas todos tinham a cabeça enfiada nos livros, fingindo não ouvir.

– Está tudo bem. Falamos depois, durante as explicações de Matemática, quando estiverem todos mais calmos – disse Lottie, oferecendo a Jamie e a Ellie o olhar mais decidido que conseguiu.

O rosto de Ellie modificou-se e pareceu um pouco mais resignado.

– Lottie, eu pensava que te tinha dito... Lamento imenso, mas não sei se terei tempo para te dar explicações por causa da esgrima.

Lottie sentiu o coração apertado. Adorava as explicações de Ellie e, pela primeira vez na vida, sentia que estava realmente a melhorar a Matemática.

– Não faz mal, – As palavras saíram automaticamente. Não podia estragar a esgrima de Ellie ao fazê-la sentir-se culpada, especialmente por ela ainda se levantar aos sábados para a acompanhar durante as aulas de princesa. – Está tudo bem. Eu oriento-me.

No entanto, não tinha a certeza absoluta do que significava esta última afirmação.

– Tens de manter as notas altas a Matemática – disse Jamie desnecessariamente.

– Eu posso dar-te explicações.

Voltaram-se para Saskia que se tinha recostado casualmente na cadeira.

– Se quiseres. Sou a melhor do meu ano.

– A sério? – Lottie não conseguiu esconder o espanto na sua voz. Era uma solução tão conveniente.

– Isso seria excelente. Obrigada.

– Não!

Todos os olhares se voltaram para Anastacia que bateu com a mão na mesa.

– Nós saímos sempre depois das aulas. – A sua voz tinha um tom estranhamente esganiçado e Lottie quase pensou que ela estava a brincar.

Saskia não pareceu afetada pela explosão e simplesmente sorriu.

– Mas não vais ter treinos de esgrima também?

Os testes estavam a apenas algumas semanas.

– Sim, mas...

– Então, está resolvido. Vou dar explicações a Lottie.

O intercomunicador da biblioteca fez uns estalidos.

«Pede-se aos estudantes da mesa oito que falem baixo.»

Lottie olhou em volta da mesa, sentindo que havia milhares de coisas que todos queriam dizer, mas preferiram voltar a olhar para os livros em silêncio.

Que raio acabara de acontecer?



Lottie praticava os princípios básicos de etiqueta com Jamie depois das aulas, num pequeno ginásio perto de Conch House, aprendendo as bases que os outros alunos certamente já conheceriam. Praticavam tudo, desde usar os talheres de forma correta até como comer uma ostra, mas havia uma coisa em relação à qual Jamie mantinha reservas, a valsa, que ele tinha pedido a Ellie que lhe ensinasse em vez dele. *Não imaginei que ele me achasse assim tão desagradável*, pensou Lottie para si.

Já só faltavam três dias e Lottie esforçara-se ainda mais para esconder o seu cansaço. Os comprimidos que Anastacia lhe tinha dado tinham ajudado um pouco, mas nada perto de curar o que fosse que a impedia de dormir.

Disfarçou um bocejo, enquanto reviam os cumprimentos adequados aos diferentes níveis de nobreza, o que fez Jamie mirá-la. Ainda estava zangado por ela não lhes ter contado acerca do seu problema de sono. Olhou para ela como se fosse fazer um comentário quando Ellie soltou um lamento alto que mais parecia um uivo.

– ESTE *PUZZLE* ESTÁ A DEIXAR-ME LOUCA! – gritou ela, atirando com o caderno pela sala.

Lottie observou espantada como Jamie saltou e apanhou o livro no ar sem esforço.

Ellie decidira passar as partes «aborrecidas» das aulas, como ela lhes chamava, a trabalhar no enigma de Binah com o qual ainda não tinha tido sorte. Lottie há muito que tinha desistido de esperar que alguma vez pudessem abrir os presentes.

Indiferente, Jamie folheou as páginas antes de fechar o caderno com um baque alto.

– Agradecemos que fizesses os teus estranhos anagramas em silêncio – disse secamente, colocando o livro que Ellie tinha requisitado no banco. Ellie sentou-se como se tivesse sido atingida por um relâmpago.

– Anagrama? – sussurrou, levantando uma sobrancelha.

– Sim! – respondeu Jamie, voltando-se para Lottie para ajustar o seu braço na posição correta para a vénia. – Ainda não converteste os números em letras, mas é óbvio que é o nome do fundador da escola, William...

– WILLIAM TUFTY! – gritaram as raparigas em uníssono.

Lottie saiu da sua posição, quando Ellie se aproximou a correr. Agora tudo fazia sentido. Ellie tinha estado tão concentrada em perceber o significado numérico do enigma que não se tinha preocupado em procurar palavras nele.

– Jamie, hoje acabamos mais cedo – avisou Ellie enquanto puxava Lottie pelo braço.

O rapaz tentou segurar a mão de Lottie, mas hesitou.

– *Okay*, podem ir.

As duas raparigas sentaram-se na sala comum Ivy, numa poltrona roxa de dois lugares, debaixo de um enorme quadro de Florence Ivy. Havia mais três alunas Ivy a ver televisão que soltavam risinhos ao observar Jamie junto à janela com vista para o lago e sala de jantar parecendo não pensar em nada. Tinha exigido inspecionar os presentes antes delas os poderem abrir, algo que declarara ser prática comum e que deixara Ellie a refilar de impaciência.

No caminho tinham encontrado uma rapariga Stratus e pediram-lhe para, se encontrasse Binah, lhe dizer que tinham resolvido o enigma.

– Não acredito que os tivemos todas estas semanas e não os podemos abrir – disse Lottie ao segurarem as tampas das caixas. Contaram até três antes de levantarem as tampas e Lottie fechou os olhos com força, aterrorizada com uma possível desilusão. E foi exatamente isso que teve.

*

Dentro da sua caixa encontrava-se um minúsculo broche em forma de raposa, do tamanho da unha do seu dedo mindinho. Lottie olhou para Ellie que também estava intrigada, segurando um pequeno rato de esmalte.

– Não percebo – disse Ellie rispidamente, olhando para Jamie como se ele lhe pudesse dar outra pista.

Lottie mordeu o lábio, pensativa.

– Bem, tem de ter algum significado. – Agarrou no presente de Ellie e segurou os dois à sua frente. – Um rato e uma raposa, um rato e uma raposa.

Repetiu as palavras para si na esperança de poder desbloquear algo. Pelo canto do olho, viu Jamie torcer o lábio.

– Estou a fazer algo de errado? – perguntou, apreensiva.

– Apenas lembra-me alguma coisa... – respondeu Jamie, voltando-se novamente para a janela. O seu rosto apresentava uma emoção que Lottie nunca tinha visto e percebeu que não queria desviar o olhar. Forçou-se a levar a sua atenção para os presentes.

Lottie sentiu a mente a enevoar-se e os olhos a descortinarem um fantasma da sua infância, algo lhe sussurrava. Algures, ao fundo, conseguia ouvir a voz da sua mãe a recitar um verso do seu passado distante.

Encontraram-se no bosque.

Juntos construíram uma casa.

Uma história que a sua mãe lhe costumava contar antes de saber quão brutal o mundo podia ser.

*

Um era inteligente e o outro era amável...

*

Uma rima sobre duas criaturas diferentes que se uniam para se ajudar mutuamente: «A Raposa e o Rato».

– William Tufty escrevia rimas para crianças! – exclamou Lottie.

As palavras saíram-lhe da boca antes de ter concluído o pensamento. Olhou para Jamie que a observava surpreendido.

– E tu também conheces, lembras-te da história!

Por um momento, esqueceu-se completamente dos nervos que Jamie lhe provocava.

– A raposa e...

– O rato – concluiu Jamie e ela sentiu o seu coração parar inesperadamente.

– Quase me tinha esquecido do nome – Lottie sorriu para Ellie, devolvendo-lhe o broche. – Nunca teria adivinhado que o fundador de Rosewood tinha escrito uma das minhas histórias infantis preferidas de quando era criança. Também era a história preferida da minha mãe.

Carinhosamente, olhou para baixo para o seu presente, acariciando o metal com o polegar.

– Obrigada, Binah.

Ellie estendeu a mão e gentilmente acariciou a de Lottie, com uma expressão carinhosa no olhar.

– Então, achas que é isso? Binah quis falar-nos nos poemas dele?

Lottie sentiu-se desconfortável, o tipo de desconforto que indica que algo não está bem. Pensou no resto da história e, gradualmente, vieram-lhe à memória fragmentos – de quadros e carvalhos –, mas não eram suficientes para formar a imagem completa.

– Penso que precisamos de encontrar a história completa... – disse, com os olhos ainda presos nos broches. Voltou-se esperançosa para Jamie e ele assentiu. Lottie interrogou-se se também ele estaria curioso com o poema.

Não demoraram muito a encontrar a secção William Tufty na biblioteca. Tinha toda uma área dedicada não só à sua obra, mas a qualquer obra em que constasse, para além de uma secção com livros e poemas de que gostava.

Encontraram a história numa antologia de contos infantis e Lottie sentou-se em frente aos outros para lhes ler alto. Lottie pigarreou, sentindo-se nervosa sob o olhar de Jamie.

Encontraram-se no bosque.

Juntos, construíram uma casa.

Um era inteligente e o outro amável,

A Raposa e o Rato.

Eram campeões do jogo das escondidas.

Todos os dias jogavam um jogo.

A Raposa era tão inteligente que

Se escondia dentro de molduras dos quadros.

Os carvalhos cresceram e rapidamente construíram

Uma casa para outros aprenderem os seus truques.

Sabedoria, coragem e retidão.

Construíram as suas casas com pedras e tijolos.

E agora, no gabinete do diretor,

De onde ele observa a sua casa,

Ele olha para eles como um olhar sobre si

Da Raposa e do Rato.

Lottie olhou para Ellie quando terminou, e fez-se luz na sua cabeça.

– Julgo que esteja no quadro.

Os olhos de Ellie semicerraram-se e Lottie prosseguiu:

– Existem quadros dele por toda a escola... Penso que a próxima pista possa estar num deles.

Ellie levantou-se, puxando Lottie e colocou a mochila ao ombro, pronta para sair. Jamie não pronunciou uma palavra.

– Então, de que estamos à espera? – disse Ellie. – Vamos ver os quadros.

Jamie pareceu recordar-se de quem era, o seu rosto recuperou a compostura austera e colocou-se entre elas.

– Podes deixar a tua análise aos quadros para outro dia – disse ele, secamente. – São quase horas de recolhimento e tenho a certeza de que têm as duas trabalhos de casa para fazer e, Lottie...

Olhou com firmeza para Lottie e todos os sentimentos de ansiedade que ela sentia em relação a ele regressaram em catadupa.

– Tens de voltar a concentrar-te na aula de etiqueta que é já daqui a menos de três dias.

Lottie engoliu em seco. Jamie tinha razão. Antes de se poder entusiasmar com qualquer mistério, tinha de sobreviver a esta aula.



O salão principal de Rosewood fora reservado para as cinco horas de aula de etiqueta dada por uma mulher chamada *Lady* Priscilla. Frequentar estas aulas era um ritual de passagem para os filhos de famílias importantes, antes da primeira aparição pública num evento significativo.

Apesar de Lottie ter atravessado o salão muitas vezes nos meses que passou em Rosewood e se ter familiarizado com o enorme espaço, nunca lhe parecera tão frio e intimidante como agora. Cada passo parecia ecoar mais alto do que o normal; cada respiração parecia mais visível no ar. Estavam presentes adolescentes da sua idade de todo o mundo. Pareciam imaculados e naturais na roupa que vestiam, desde *saris* a casacos bordados com borlas. Lottie teve de pedir um vestido emprestado a Lola que tivera todo o prazer em ajudá-la a encontrarem um vestido apropriado, branco pelo joelhos, discreto quanto bastasse, e que Lottie desejava que se adequasse ao *dress code*.

Jamie permaneceu junto dela. Tinham chegado cedo e observavam os outros que chegavam aos poucos. Todos tinham um guarda-costas ou um assistente com eles. Lottie perguntou-se se algum dos guarda-costas seria um *partisan*, mas todos pareciam muito mais velhos do que os seus protegidos.

Jamie dizia os nomes de cada participante à medida que entravam e Lottie tentou memorizar o máximo possível: Veevee Indriani, realza do Rajastão a viver nos EUA e destinada a ser patinadora artística olímpica; Lachlan Kidman-Dolman, filho de Angus Dolman, o pintor, e Ingrid Kidman, a cantora de ópera; Edmund Ashwick... A atenção de Lottie foi, de repente, desviada para os que vieram depois de Edmund Ashwick. Para seu espanto total, Anastacia, Raphael e Saskia entraram pela porta!

– Mas... O-o que é que vocês estão aqui a fazer? – gaguejou Lottie. Não falava com Anastacia desde o incidente da biblioteca na semana anterior, mas sentia-se um pouco mais confortável por ter pessoas que conhecia na aula.

Anastacia trazia um vestido comprido discreto, preto e prateado, elegantemente complementado pelo *smoking* preto e prateado de Raphael. Era alguns centímetros mais alta do que Lottie e os seus saltos altos acentuavam a diferença de altura. Atrás dela, Saskia estava discretamente vestida com um vestido curto sem mangas e o cabelo louro estava elegantemente apanhado.

– Pensei que sabias – respondeu Anastacia suavemente. – Este será o primeiro ano que vou ao Baile de Verão da tua família.

Lottie pestanejou algumas vezes e Jamie ficou tenso ao seu lado. Isto era algo que ela deveria saber? Mas antes de Lottie poder responder, Anastacia prosseguiu:

– E Raphael está aqui porque... – tossiu. – De repente, ao saber que eu vinha, simplesmente decidiu que devia despachar esta aula.

Raphael disfarçou uma risada.

– Bem, mais ninguém se ia voluntariar para praticar a valsa com a bruxa má do dormitório oeste – sorriu para Anastacia, mas ela ignorou-o. – Estou a fazer-te um favor em estar aqui.

Raphael piscou o olho a Jamie e Lottie ficou agradada ao ver que ele não lhe respondeu. Ela e Anastacia podiam não ser as melhores amigas, mas Lottie não gostava da ideia de ser falada daquela maneira.

– Eu... – Lottie hesitou por um momento, mas decidiu continuar. – Estou muito satisfeita por estarem aqui.

E estava. Não tinha ainda percebido o quão nervosa estava até eles terem entrado; mesmo que Anastacia fosse normalmente um pouco fria, pelo menos era coerente. Parecia que ela estava prestes a responder quando, de repente, Saskia interrompeu.

– Lottie, estou mesmo muito entusiasmada com a nossa primeira explicação. – A sua voz era baixa e tranquilizante, deixando Lottie de imediato mais calma. Saskia fez uma vénia, olhou para cima e ofereceu a Lottie um sorriso límpido que a fez sentir-se estranha no seu papel de falsa princesa.

– Prometo que te vou ajudar a ter uma boa nota, sou uma especialista.

Lottie devolveu-lhe o sorriso o melhor que pode, perguntando-se o que Ellie pensaria de toda esta situação.

– Saskia vai comigo como minha acompanhante. Tal como a menina Wolf será a tua. – acrescentou Anastacia, olhando para as unhas em busca de falhas que não existiam.

Com a menção de «Wolf», a mente de Lottie regressou ao primeiro dia e ao livro misterioso deixado à sua porta. Uma estranha sensação tomou conta do seu estômago como se fosse algo que ela devia saber, mas que não estivesse ao alcance da sua memória.

– Obrigada, Saskia – disse Lottie, ignorando Anastacia e surpreendendo-se com a sua calma. Não conseguia explicar porquê mas, de repente, sentiu-se muito incomodada. Jamie tossiu alto, fazendo-a acordar dos seus pensamentos.

– *Okay*, acabou o tempo. Lembra-te do protocolo.

À distância, Lottie conseguia ouvir os estalidos altos dos saltos sobre o mármore que desciam o corredor até ao salão.

– Boa sorte – disse ela rapidamente aos seus amigos.

Raphael sorriu, mas Anastacia simplesmente acenou antes de se colocarem todos em fila. A porta abriu-se dramaticamente fazendo Lottie dar um salto.

Vermelho. Foi a primeira coisa em que Lottie pensou quando a viu. *Lady Priscilla* vestia um fato de saia e casaco vermelho justo, com folhos elaborados, e um colete branco. Parecia mais velha do que Lottie esperara e havia uma dureza no seu rosto que sugeria que passava muito tempo desconfiada. *Lady Priscilla* entrou na sala lenta e graciosamente, batendo ao de leve com um ponteiro na palma da mão e analisando metodicamente a divisão. Tinha um sorriso fino no rosto que não chegava aos seus olhos.

– Pouco mais há que me agrada tanto do que crianças que conhecem o seu lugar. – A sua voz era irritante, como agulhas nos ouvidos de Lottie, fazendo-a arrepiar-se. – A maioria de vós está estragada, marcada por uma falta de disciplina e eu delicio-me com a oportunidade de vos consertar. No final da minha aula, já não serão um embaraço para a alta sociedade. Vou moldar-vos até se encaixarem no mundo em que tão desmerecedoramente nasceram.

Lottie sentiu-se enjoada. De repente, toda a rigorosa preparação de Jamie para a aula fazia sentido. Esta mulher era aterradora. Percorreu a fila com determinação no olhar e a sua postura rígida sugeria a posição de uma cobra pronta a atacar. O cabelo estava apanhado no topo da cabeça, bem apertado,

com uma fita vermelha que continha um pequeno ornamento de jade no centro, como se tivesse um pequeno olho de serpente na nuca.

– Estão todos aqui porque nasceram no seio de uma família importante e a minha tarefa é assegurar-me de que essa importância não é desperdiçada em vocês.

Parou em frente a Anastacia.

– Menina Alcroft... – inclinou ligeiramente a cabeça e semicerrou os olhos. – Boa postura, escolha modesta de vestuário... Muito bem.

Avançou ao longo da linha fazendo pequenos estalidos com os saltos dos sapatos. Lottie susteve a respiração e deitou um rápido olhar a Jamie, que estava com os outros assistentes e guarda-costas junto da parede esquerda. O seu rosto não transparecia emoção, mas tinha o maxilar cerrado. Não lhe devolveu o olhar.

– Senhor Singh. – Um pequeno sorriso espalhou-se nos lábios de *Lady Priscilla* fazendo Lottie estremecer. – Tive o seu irmão na minha aula há três anos – cuspiu as palavras como se fossem veneno. – Espero sinceramente que seja mais gracioso do que ele.

Os saltos aproximavam-se cada vez mais de Lottie. *Por favor, não pares, por favor, não pares!*

Os sapatos de pele em vermelho-vivo pararam mesmo em frente a Lottie.

– E esta... – a mulher inclinou-se sobre Lottie, apontado friamente para ela com o ponteiro – deve ser a famosa princesa maradoviana. – *Lady Priscilla* levantou o nariz como se cheirasse algo estragado. – Devo dizer que, pessoalmente, estava à espera de alguém um pouco mais estimulante. Pelo que ouvi dizer de si, temo que até mesmo toda a minha experiência seja desperdiçada numa calamidade como a menina. – Bateu com o ponteiro na mão, fazendo um som perfurante que ecoou pelo salão.

Lottie sentiu o terror tomar conta do seu estômago. Depois de todo o cuidado, planeamento e preparação, nunca lhe ocorrera que teria de corrigir a reputação que Ellie já tinha criado para si própria. Sentiu lágrimas picaram-lhe os cantos dos olhos e teve de morder a face para não chorar.

– Eu...

– SÓ FALA QUANDO EU LHE DISSER PARA FALAR!

O tom da voz de *Lady Priscilla* subiu, fazendo Lottie quase saltar para fora da sua pele com o choque. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Lottie nunca se sentira tão humilhada na sua vida. Acreditava firmemente que não havia nunca motivo para se gritar com alguém daquela forma, independentemente das circunstâncias. Ninguém tinha o direito de diminuir outra pessoa daquela maneira.

Lottie mordeu a face com mais força, tentando desesperadamente não dizer mais nada. Pensou em Anastacia, Saskia, Raphael e Jamie, que estariam a olhar para ela. Assentiu lentamente, olhando em frente, pensando apenas no que significaria para Ellie se ela estragasse aquele momento. *Lady Priscilla* torceu o nariz como um ratinho e fungou.

– Muito bem. – Bateu com o ponteiro novamente na mão. Desta vez, Lottie não pestanejou. – Agora, comecemos a nossa aula.



– ERRADO!

Lady Priscilla bateu com o ponteiro na mesa ao lado de Lottie. Já o fizera três vezes, mas conseguira sempre fazer Lottie dar um salto.

Estavam sentados à enorme mesa de carvalho, que fora posta para um evento formal, para cada estudante. Havia um grande espaço entre Lottie e os dois alunos de cada lado, como se estes não quisessem ser atingidos pela fúria de *Lady* Priscilla. Praticavam a ordem de uso dos talheres e a maneira correta de usar cada artigo, mas aparentemente Lottie estava a fazer tudo mal.

O pior era que ela não estava a fazer mal. Lottie sabia que estava a fazer bem – tinha praticado vezes sem conta, mas de todas as vezes, *Lady* Priscilla parecia «de alguma forma» encontrar um pequeno pormenor que a confundia, desde mover os talheres ligeiramente depressa de mais a ter os pés cruzados de maneira incorreta. Rapidamente, Lottie percebeu que não havia nada que pudesse fazer a não ser anular o seu ego, acenar e responder:

– Sim, minha senhora.

Anastacia e Raphael evitavam manter contacto visual com Lottie, ao passo que Jamie continuava sem transparecer qualquer emoção junto da restante companhia da parede esquerda. Lottie sentia-se uma marginal. Todos os seus pesadelos se tornavam realidade: não só estava a falhar como não se conseguia enquadrar. *Lady* Priscilla estava determinada em fazer dela um exemplo e não havia nada que pudesse fazer para o evitar.

Ellie, como conseguiste ganhar esta reputação? Só conhecias 20 pessoas!

Lottie insistiu. Pensou que não podia piorar mais do que o humilhante treino de postura, em que teve de percorrer o salão duas vezes à frente de todos, enquanto *Lady* Priscilla apontava todos os seus erros. Mas estava errada. Piorou.

Lady Priscilla fê-los alinhar mais uma vez. Lottie estava dolorosamente consciente do enorme espaço entre ela e os restantes alunos à sua esquerda e à direita.

– Chegou a altura da lição mais importante – *Lady* Priscilla bateu com as unhas no ponteiro e colocou o seu sorriso fino nos lábios. – Vão praticar a valsa.

Isto deu a volta ao estômago de Lottie. Adorara praticar a valsa, mas agora o que sentia era puro terror.

– Formem pares, depressa!

Oh, meu Deus! Formar par?

Nenhum iria querer fazer par com ela depois de ter sido repreendida por *Lady* Priscilla tantas vezes. A única coisa que ainda podia piorar era olhar para baixo e perceber que estava em roupa interior. Lottie gelou no seu lugar, enquanto via os outros alunos encontrarem um parceiro de dança.

– Oh, que pena! – A voz soou ríspida por detrás dela, sem uma ponta de compaixão. – Parece que ninguém quer dançar com a triste princesinha.

Lady Priscilla deu uma pancada seca com o ponteiro.

– E se não conseguir dançar a valsa, não terei outro remédio senão reprová-la.

Lottie imaginou um sorriso cruel nos seus lábios dela ao dizer isto e engoliu em seco. Se reprovasse, também iria reprovar Ellie. Tinha de fazer alguma coisa.

Olhou para Jamie, mas sabia tão bem quanto ele que os assistentes e guarda-costas não podiam participar na dança. O que podia fazer? Não ia deixar que esta mulher a impedisse de ir ao baile.

– Imagino que considere a valsa, tal como as suas outras obrigações reais, uma coisa completamente asinina? – disse *Lady* Priscilla circundando-a e prendendo o olhar frio em Lottie.

Talvez Elie tenha razão. Talvez estas pessoas sejam tão horríveis quanto ela diz!

– Não, por favor, não penso que...

Mas *Lady* Priscilla interrompeu-a.

– Ninguém quer dançar consigo porque é uma megera.

Lottie reuniu toda a sua coragem e disciplina para não responder. Não daria a *Lady* Priscilla a satisfação de a ver reagir.

– Todos conhecem a indomável princesa de Maradova e se pensa por um segundo que a sua atitude sossegada de hoje me vai enganar é tão insensata quanto eu esperava.

Lottie sentiu os punhos fecharem-se. Esta mulher não sabia nada sobre Ellie: não sabia que ela tinha dispensado algum do seu tempo para ajudar Lottie com a Matemática, que ia ao ginásio todos os fins de tarde, porque estava determinada em entrar para a equipa de esgrima, que se preocupava enormemente com os seus amigos e estava a tentar dar o seu melhor. De repente, Lottie compreendeu perfeitamente Ellie. Tinha passado todo o tempo admirada por ela querer fugir do papel de princesa, mas ao estar ali, sendo atacada por esta víbora em forma de mulher, Lottie deu por si tentando reprimir a enorme tentação de lhe rasgar o vestido e destruir a sala. Ellie não se enquadrava na imagem moldada de uma rapariga, quanto mais de uma princesa. Era corajosa e feroz e este mundo aristocrático punha-a de lado por causa disso. Lottie sentiu os punhos cerrarem-se mais ainda. Ellie não merecia isto, Ellie não aceitaria isto, Ellie era melhor do que isto.

– Como se atreve... – Lottie estava pronta a desfazer esta horrível mulher quando foi interrompida.

– Posso interromper, *Lady* Priscilla? – A voz suave veio de detrás delas. Uma tranquilidade surreal caiu sobre Lottie e sentiu a sua raiva evaporar-se lentamente. Não se atreveu a voltar-se para dar um rosto à voz com medo de irritar ainda mais *Lady* Priscilla.

– Ficaria muito agradecido se me desse a honra de dançar com a princesa. – Uma mão enluvada pousou nas costas de Lottie, fazendo com que inspirasse profundamente. – Penso que a princesa só necessita de uma influência positiva.

A atitude de *Lady* Priscilla mudou instantaneamente. Os seus ombros relaxaram e o rosto passou de amargo a doce, como se este rapaz misterioso tivesse derretido todo o gelo dentro dela.

– Príncipe Ashwick, não posso permitir que carregue tal fardo.

Lottie sentiu um baque de irritação com a palavra «fardo», mas foi distraída pela de «príncipe». O rapaz soltou um riso tranquilo.

– Qualquer megera pode ser domada com o pretendente certo,³ minha senhora.

Lady Priscilla levantou lentamente a cabeça, analisando os dois. Lottie sacudiu a insultuosa citação de Shakespeare para o fundo do seu pensamento, dizendo a si própria que quem quer que fosse este rapaz, devia saber que a única forma de persuadir *Lady* Priscilla era concordar com ela.

– Muito bem, Edmund. – Bateu novamente no ponteiro para mostrar aprovação. – Vamos ver se alguma da sua impressionante disciplina pode ser absorvida.

Lady Priscilla voltou-se abruptamente e caminhou em direção ao gira-discos.

– Coloquem-se todos na posição inicial.

Finalmente, Lottie voltou-se para o seu parceiro e ofegou alto. *Um anjo!* Era lindo! O príncipe Ashwick estava perante ela, elegante e gracioso, vestido com um fato branco principesco com enchumaços decorados. O seu cabelo louro refletia a luz e parecia ser feito de ouro. Voltou-se para Lottie e fez uma vénia sincera. Quando se endireitou, Lottie foi agraciada com um sorriso suave e olhos avelã calorosos, que contrastavam com uma estrutura óssea bem delineada.

– Dá-me a honra desta dança, princesa?

Lottie estava sem palavras. O *Príncipe Encantado* existe e veio salvar-me.

– S-sim – disse, sem fôlego. O mundo pareceu derreter-se em redor dela, quando ele pegou na sua mão. A outra mão pousava delicadamente nas costas de Lottie, puxando-a para ele. O príncipe sorriu-lhe com um brilho amigável no olhar.

– Bom, normalmente é costume saudar-se o parceiro antes de começar a dança – disse *Lady* Priscilla firmemente –, mas até eu considerar que a vossa prestação é boa o suficiente, ninguém fará vénias a ninguém.

A música começou a encher a sala numa elegante orquestra de cordas e piano harmonizada numa forma que parecia mágica.

– Vamos começar com um passo simples. Oçam o ritmo: um, dois, três; um, dois, três; um, dois, três...

O príncipe conduziu a dança sem esforço e Lottie percebeu que conseguia acompanhar os seus passos sem falhas, como se fossem a imagem um do outro. Conduziu-a graciosamente pela sala. Ambos de branco, pareciam flocos de neve na sala fria, deslizando suavemente como se flutuassem. Lottie sentia-se leve nos seus braços e o resto do mundo desaparecia em seu redor numa nuvem desfocada. Esqueceu-se de Jamie, esqueceu-se de Anastacia e de Raphael, da sua insónia, das pessoas, do seu papel com o guardiã – tudo se dissolveu com a música.

– Sabes que danças muito melhor do que metade destas raparigas?

Lottie corou involuntariamente, sentindo-se tola por achar o cumprimento tão agradável. Não soube o que responder. Ele era tão... charmoso.

– Também não és nada mau, parece-me. – Lottie ficou chocada com a facilidade com que falou. *De onde tinha saído aquilo?*

O príncipe riu, o som vibrou suavemente no ouvido de Lottie e, de repente, fê-la rodopiar, o que Lottie de alguma forma conseguiu fazer graciosamente, rodando para fora e depois de volta para os seus braços. O seu coração batia depressa e os pés moviam-se com naturalidade ao ritmo da música.

– Espero ter a oportunidade de te mostrar como realmente não sou nada mau – acrescentou o príncipe, sorrindo. Lottie deu por si rindo, enquanto continuavam a dançar na sua nuvem de sonho. Entretanto, a música parou, projetando-a de volta à realidade.

Lottie pestanejou e olhou em redor, percebendo que estavam todos a olhar para eles em silêncio, excetuando o ocasional sussurro que era disfarçado com o olhar inquiridor na sua direção. A expressão de Anastacia era fria com as sobrancelhas levantadas no que parecia ser aborrecimento. Lottie voltou-se para Jamie. Nunca o tinha visto com um ar tão aterrador como naquele momento.

Parecia irradiar raiva e todos os medos que tinha dele voltaram a assolá-la e a gelá-la. *Devo ter mesmo estragado tudo desta vez*, pensou, sentindo-se desanimada.

Voltou-se para Edmund e ele estava... a sorrir! Olhou-a nos olhos, deu um elegante passo atrás e fez uma vénia. Lottie colocou a mão no peito e corou com o gesto.

– Foi uma honra dançar consigo, princesa.

Lottie sentiu-se esquisita ao ser tratada daquela maneira, mas não conseguiu impedir que as maçãs do seu rosto e toda a sua face corassem, enquanto os seus colegas continuavam a olhar.

– M-muito obrigada – respondeu, tentando não transparecer que estava nervosa.

Pum! O estalido agudo do ponteiro de *Lady Priscilla* cortou o silêncio que se fazia na sala com um eco ensurdecedor.

– Isso – guinchou e todos os olhares se voltaram abruptamente para ela – foi absolutamente, escandalosamente, a melhor valsa que já vi em todas as minhas aulas em muitos anos.

Lottie teve de se controlar para não se engasgar. *Lady Priscilla* tinha acabado de a *elogiar*?

– Elegante, precisa, um cavalheiro e uma dama desempenhando os seus papéis sem esforço.

Lottie ficou irritada com este comentário. *Que papéis?* pensou, aborrecida, mas rapidamente pôs de lado estes sentimentos.

– Foi tudo o que uma valsa deve ser. Maravilhosa!

Depois, *Lady Priscilla* bateu palmas, aplaudiu e deixou os restantes alunos a sentirem-se estranhos e baralhados. O rosto de *Lady Priscilla* tornou-se quase cómico, tão efusivo que parecia prestes a desfazer-se em lágrimas. O príncipe Ashwick piscou o olho a Lottie e ela sentiu como se todo o seu corpo levasse e desviou rapidamente o olhar para esconder a face corada.

Daí em diante, a aula foi leve. Desde que Lottie estivesse junto do príncipe, *Lady Priscilla* ficava mais do que satisfeita com os seus esforços, apesar de estar dolorosamente consciente de que fazia tudo exatamente como antes.

Ocasionalmente, Lottie conseguia ver Jamie pelo canto do olho. Já não ostentava o ar desinteressado sem emoção. Em vez disso, tinha os maxilares permanentemente cerrados, como se ela estivesse a fazer alguma coisa muito mal, o que não fazia sentido já que *Lady Priscilla* estava claramente deslumbrada com ela.

Quando a aula terminou, Lottie sentia-se um pouco vaidosa. Tinha passado da aluna mais desprezada de *Lady Priscilla* a um «exemplo brilhante de como as jovens meninas podem florescer quando assumem as suas responsabilidades».

Raphael teve de tapar a boca para não rir, ao passo que Anastacia parecia muito chateada sem razão aparente e apenas lhe acenou bruscamente quando saíram do salão. Saskia sorriu-lhe carinhosamente e levantou os dedos num pequeno aceno.

– Temos de ir. Agora. – A voz de Jamie soou alto e fria nas costas de Lottie, fazendo-a arrepiar-se. Edmund semicerrou o olhar para Jamie e suspirou dramaticamente.

– Bom, parece que o nosso tempo juntos terminou, princesa Wolfson. – Pegou numa madeixa de cabelo de Lottie, deixando que os fios louros corressem por entre os seus dedos. – Encontrarei uma maneira de te contactar.

Gentilmente, tomou a mão de Lottie e levou-a aos lábios, plantando um beijo suave que lançou faíscas pelo corpo dela.

– Aguardarei ansiosamente o nosso próximo encontro – piscou-lhe o olho antes de acrescentar –, tenho a certeza de que sabe porquê. – E voltou-se dramaticamente para a porta quando dois homens

aterradoramente grandes se materializaram ao seu lado para o acompanhar.

– Adeus... – respondeu Lottie sem fôlego. Jamie começou a encaminhá-la de volta ao dormitório Ivy. Estava obviamente zangado, mas Lottie estava demasiado nas nuvens com o seu encontro com o príncipe Edmund Ashwick para reparar no seu mau humor.

– Podia ter dançado o dia todo e nunca me aborrecer. Viste como *Lady* Priscilla ficou impressionada?

Jamie franziu o sobrolho, mas Lottie simplesmente dançou em volta dele, enquanto caminhava através do *campus*, saltando feliz e rindo consigo própria sob a luz rosada.

– Não estás satisfeito comigo?

– Sim, Lottie. Estou muito satisfeito. Agora, ouve-me...

– Não foi mágico? A cara de *Lady* Priscilla foi impagável. Foi quase como saído de um conto, e Edmund...

– Lottie, ouve-me, não podes...

– Nunca conheci nenhum rapaz assim. Ele é um verdadeiro Príncipe Encantado!

– Lottie, não podes...

– Estou tão feliz que quase...

– LOTTIE, ESTÁS ABSOLUTAMENTE PROBIDA DE VOLTAR A FALAR COM O PRÍNCIPE ASHWICK SOB QUAISQUER CIRCUSTÂNCIAS.

Lottie gelou e reparou na forte determinação no rosto de Jamie. Não era nada disto que ela esperara.

³ Citação de *A Megera Domada*, de William Shakespeare (*N. da T.*).



– EDMUND ASHWICK?

A voz de Ellie ressoou pelo quarto, suficientemente alta para fazer abanar a caneca de princesa de Lottie que estava em cima da mesa.

– Mas ele é um verdadeiro pedaço de...

– Estás proibida de interagir com ele, Lottie – interrompeu Jamie.

Ellie passava os dedos pelo cabelo, enchendo o quarto de tensão enquanto caminhava para trás e para a frente. Lottie sentou-se decidida na cama, com as mãos entrelaçadas no colo, tentando não se aborrecer por estarem a tratá-la como se fosse uma criança estúpida.

– Acho que estão os dois a esquecer-se de que foi ele quem me salvou naquela aula. Sem ele, *Lady Priscilla* ter-me-ia provavelmente expulsado da sala, impedindo-me de ir ao Baile de Verão Maradoviano. – Lottie tentou manter o tom mais calmo possível depois do tom desnorteado de Ellie.

– Ele é um verdadeiro asco.

– Mas *Lady Priscilla*...

– *Lady Priscilla* é uma cabra tradicionalista e antiquada e se gosta de ti por causa da tua relação com Edmund, então não queres mesmo ter nada a ver com ele.

Ellie estava furiosa. Lottie quase conseguia ver raios de eletricidade estática no ar em redor dela. Assim que a aula terminara, Jamie tinha pedido uma reunião de emergência no quarto delas. Ainda na rua, Lottie protestara que podiam ser apanhados, mas tinha sido ignorada, pois Jamie podia saltar pela varanda se fosse preciso – algo que Lottie até teria gostado de ver.

– É terrível, terrível... a sério, aquele... sapo pegajoso do Ashwick... aposto que acha que... – Ellie estremeceu e levantou a cabeça para Lottie com uma nova convicção no rosto. – Lottie, acho que temos de te explicar uma coisa sobre a minha reputação.

Lottie franziu as sobrancelhas. Havia algo que a deixava curiosa.

– O ano passado... – começou Ellie – surgiu um boato sobre mim, diziam que eu tinha feito uma série de coisas que não eram verdade. Diziam que tinha sido apanhada a beber com um rapaz num concerto de *rock* e que era por isso que tinha sido escondida do público. A coisa ficou fora de controlo e as pessoas começaram a dizer que eu ia ser igual ao meu tio. É completamente estúpido.

Ellie desviou o olhar, e cerrou as mãos em sinal de frustração.

O coração de Lottie encheu-se de pena dela: Conseguia compreender a sua paranoia. Era por isto que não confiava em ninguém.

– Ellie, acho que devemos começar a confiar nas pessoas – disse Lottie calmamente. – Talvez Edmund queira realmente conhecer melhor a princesa. Talvez existam pessoas que queiram conhecer o teu verdadeiro eu... Ele foi muito amável e...

A expressão de Ellie tornou-se mais suave quando viu a desilusão no olhar de Lottie.

– Não é só isso, Lottie. Se correr mal com Edmund, imagina o fálatório. Pode destruir ainda mais a minha reputação. – Ellie tentava soar mais calma, mas havia tensão na sua voz. Lottie não compreendia o que Ellie queria dizer. O que poderia correr mal?

– Bem, não devias saber melhor do que ninguém como é ter pessoas a assumir coisas sobre ti?

Talvez fosse o mesmo com Edmund. Talvez ele estivesse a ser mal interpretado. Ellie suspirou como se Lottie fosse uma criança teimosa em vez de uma rapariga que queria confessar que tinha encontrado o amor da sua vida.

– Tens de confiar em nós, Lottie – a voz de Ellie era agora mais tranquila, mas a sua expressão mostrava determinação.

– Talvez vocês tenham de confiar em mim! – exclamou Lottie enfrentando Ellie cara a cara. – Não podem julgar uma pessoa com base nos rumores do diz-que-disse. De certeza que, de toda a gente, vocês conseguem compreender isso.

– Lottie, por uma vez na vida, podes deixar de ser tão ingénua? – Lottie sobressaltou-se com a dureza do tom de Jamie. Voltou-se para ver a sua cara desfigurada num furioso olhar e um arrepio percorreu-lhe o corpo. – És apenas uma rapariguinha tola obcecada com contos de fadas. Estás a ser infantil e vais pôr Ellie em risco.

Lottie ficou sem palavras. Petrificou enquanto as lágrimas lhe picavam os olhos e tentava recompor-se. Estava habituada que lhe chamassem ingénua e que as pessoas pensassem que os seus interesses eram infantis. Mas era completamente diferente quando lhe diziam que a sua atitude podia magoar outra pessoa.

Tinha trabalhado arduamente naquela aula e pensara que talvez, finalmente, tivesse provado a Jamie que era capaz. Tinha falhado: tinha falhado em impressioná-lo e aparentemente tinha falhado a Ellie. Foi necessária toda a sua força de vontade para não se desmanchar em lágrimas em frente deles.

– Estou... tão... – soluçou.

Ellie soltou um enorme uivo de frustração.

– Tu – disse apontando para Jamie. – Cala-te por um minuto.

Voltou-se para Lottie e agarrou-a pelos ombros obrigando-a a olhá-la nos olhos. A tempestade tinha chegado, os trovões ressoavam ao fundo e, ainda assim, Lottie sentiu-se mais calma.

– Agora ouve-me Lottie, ouve-me bem. – Ellie respirou fundo. – Não faz mal sonhares com rapazes. – A hesitação na sua voz sugeria que isto era algo difícil de dizer. – E adoro que tentes ver o bem em todas as pessoas e, quem sabe, talvez Edmund não tenha realmente um motivo disfarçado. Adoro-te e a todas as tuas manias maravilhosas e nunca, nunca te chamarei ingénua. – Fez uma pausa para lançar um olhar carrancudo a Jamie. – Mas – respirou fundo novamente como se a preparar-se mentalmente –, não quero que te desiludas se as coisas não correrem como esperas.

– Ellie – Lottie sussurrou suavemente, de modo a limpar os seus pensamentos, enquanto o som saía da sua boca. A culpa cresceu dentro dela ao olhar para a dor no rosto da sua amiga. Não queria que eles se preocupassem com ela, precisava de lhes assegurar que era capaz de lidar consigo própria. Forçou um sorriso, perguntando-se o que realmente faria se Edmund a contactasse. – Prometo-vos que podem contar comigo – disse com determinação.

Ellie olhou para ela, e um pequeno sorriso típico abriu-se, apesar de não chegar ao seu olhar.

– Bom, de qualquer forma, o Jamie não pode voltar a gritar contigo. Eu proíbo-o. – Ellie fez uma pequena pausa antes de espetar o dedo no ar. – É uma ordem real.

Recordando-se, de repente, de que Jamie estava no quarto, Lottie voltou-se para ele esperando vê-lo ainda furioso e determinado, pronto a revirar os olhos e a dar-lhes uma lição sobre a seriedade das suas posições mas, em vez disso, parecia... magoado.

Jamie desviara o olhar e levava uma mão à testa, esfregando-a em sinal de stresse. O sentimento de culpa que Lottie sentia no estômago redobrou. Mais uma vez, foi tomada pela triste ideia de que Jamie tinha de lidar com muito mais responsabilidade do que a maioria dos rapazes da sua idade. Não admirava que reagisse tão duramente. Ellie e a sua reputação tinham de estar em primeiro lugar.

– Não te preocupes, Jamie – esperou até ele olhar para ela. – Eu compreendo.

Mantiveram o olhar fixo um no outro por um momento e Jamie acenou. Lottie sabia que ele compreendia o que ela queria dizer, mas agora tinha de o provar. Ellie tem de estar em primeiro lugar, repetiu para si própria.

– *Okay...* já estamos todos mais calmos? – gracejou Ellie.

– Acho que sim. – Lottie voltou-se para Jamie e ofereceu-lhe o seu melhor sorriso. – Jamie, agora tens de ir. A Ellie tem trabalhos de casa para terminar e penso que todos precisamos de algum tempo de descanso.

Jamie permitiu que um meio sorriso lhe aflorasse nos lábios quando se voltou para sair.

– Muito bem. Vejo-vos às duas amanhã de manhã – despediu-se ele ao alcançar a maçaneta da porta. – Ah, Lottie – olhou para ela ainda com o meio sorriso nos lábios –, tenta dormir alguma coisa esta noite.

– Claro que sim – respondeu Lottie alegremente, mas um pesado sentimento de terror inundou-lhe o estômago.

A porta fechou-se e ela pegou nos comprimidos para dormir que Anastacia lhe tinha dado. Algo lhe dizia que as coisas não iam acalmar tão depressa.



O final do primeiro período aproximava-se a passos largos. Pingentes de gelo decoravam os beirais dos edifícios da escola e o lago junto ao dormitório Ivy tinha gelado. Todos os dias, o céu ameaçava nevar, mas todos os dias o ar permanecia gelado e calmo.

Acabou por se revelar fácil não falar com Edmund, pois com a interdição dos telefones não havia forma óbvia de se manterem em contacto. Lottie trabalhava ainda mais arduamente para ser uma «princesa perfeita» desde que Jamie perdera as estribeiras com ela, em parte porque ela não queria que ninguém visse o quanto estava cansada, mas principalmente porque tinha percebido o quão importante era ajudar a corrigir a imagem desfeita de Ellie.

Sê amável, recordou-se a si própria.

*

Numa quinta-feira à noite particularmente tranquila, as raparigas aproveitaram a oportunidade, antes da pressão dos exames de inverno e a aproximação das provas de esgrima, para resolver o enigma de Binah. Lottie voltou a ler a passagem que pensava que continha a pista, esperando que a resposta se revelasse a ela própria.

*E agora, no gabinete do diretor,
De onde ele observa a sua casa,
Ele olha para eles como um olhar sobre si
Da Raposa e do Rato.*

Ellie olhou para Lottie enquanto ela recitava novamente o poema. Estavam ao fundo da escadaria de pedra que levava ao gabinete do diretor. O coração da escola.

– Então, «ele» tem de ser William Tufty – deduziu Lottie. – E de certeza que este deve ser «o gabinete do diretor», correto? Não penso que fale no gabinete que existe em Ivy Wood – acrescentou. – É a única explicação plausível.

– Tenho de acreditar na tua palavra. – Ellie franziu o sobrolho. Não era a melhor a encontrar simbolismo e significados escondidos nas palavras, preferia os números às letras.

– Devias mesmo dedicar-te mais a enigmas e charadas – avisou Lottie. – E se um dia precisares de resolver um para te livrares de uma situação complicada?

O cenário parecia improvável, mas era algo que tinha lido no diário do guardião. Uma velha história sobre um *partisan* real do Leste da Europa, que enviara uma mensagem codificada numa carta, para o reino escrevendo o nome do cão da família erradamente para que soubessem que tinha sido feita cativa. Depois de ler isto, Lottie decidira que nunca estava alerta de mais.

Ellie sorriu, claramente não levando o seu conselho sobre enigmas a sério.

– Como correu a tua primeira explicação com Saskia? – perguntou inesperadamente. Algo na forma como pronunciou o nome Saskia irritou Lottie.

– Correu bem. – *Mas preferia que fosse contigo*, acrescentou mentalmente.

– Só *bem*? Acho que foi muito fixe a Saskia oferecer-se para te dar explicações. Eu ficaria excitadíssima.

Lottie não conseguia perceber porque é que estava a ser tão cautelosa em relação ao assunto. Saskia *era* uma excelente professora, mas sentia-se estranha quando Ellie falava nela.

– Foi ótimo, ela é ótima e aprendi imenso. Está melhor? – Lottie apercebeu-se de que soara terrivelmente semelhante a como Anastacia soara no outro dia na biblioteca e desviou o olhar, envergonhada. – Desculpa... acho que estou só... cansada, e não quero que penses que as explicações dela são melhores do que as tuas.

A expressão de Ellie suavizou-se e ela sorriu simpaticamente.

– Bem, claro que ela não é melhor do que eu – disse, rindo. – Só quero ter a certeza de que é suficientemente boa para te dar explicações.

Lottie não conseguiu evitar sorrir ao ouvir o comentário.

– Agora vamos lá. Temos mistérios para resolver. – Ellie agarrou-lhe a mão e subiram juntas as escadas de pedra.

O plano era simples. Bateriam na porta com a desculpa de querer perguntar algo sobre a história da escola para um projeto escolar. Enquanto estivessem lá dentro, Lottie examinaria o quadro e procuraria pistas.

A grande porta de carvalho abobadada do gabinete do diretor tinha dois puxadores de metal forjado no centro. Os picos e rosas neles gravados tinham-se desgastado ao longo de 400 anos de uso e quase não se viam. Lottie respirou fundo e bateu à porta.

O diretor era um mistério para ela. Já conhecia a menina Bolter, a senhora Kuma e a professora Devine, mas o diretor Croak era reservado, uma força invisível que trabalhava tranquilamente à distância.

Lottie bateu duas vezes e esperou. Não teve resposta.

Ellie olhou para a porta aborrecida e bateu com mais força. Continuaram sem resposta.

– Olááá! Está aí alguém? Com licençaaaa! – gritou Ellie ao bater na porta com o punho.

Lottie advertiu-a:

– *Ellie!* – sussurrou asperamente. Ellie riu, oferecendo-lhe o pequeno sorriso amarelo que tornava impossível ficar zangada com ela.

– Bom, acho que o diretor não está – disse, batendo na porta novamente para ter a certeza.

Lottie baixou os olhos derrotada. O seu plano parecera tão simples e fácil. Nunca tinha posto a hipótese de o diretor não estar. Suspirou.

– Acho que teremos de voltar a tentar noutra altura.

Ellie soltou uma risada sarcástica ao olhar para porta, desrespeitando completamente a sua autoridade.

– Ou podemos entrar sorrateiramente e ver por nós mesmas. Tenho a certeza de que seria isso que a Raposa teria querido – contrapôs com um sorriso malicioso.

– Ellie, não podemos. É demasiado...

Mas antes de Lottie poder terminar, Ellie tinha rodado o puxador de metal e aberto a pesada porta dupla como se não fosse nada.

Não acredito que estou a fazer isto.

Este não era definitivamente o comportamento de «princesa perfeita», mas não conseguiu impedir-se de seguir Ellie.

*

O gabinete do diretor não era o que Lottie esperara. Quando imaginava este ponto nuclear da escola – a divisão que mais poder e autoridade detinha –, vinham-lhe à memória enormes e intimidantes mobílias e uma decoração opulenta. Em vez disso, deparou-se com uma estranha divisão hexagonal, com uma modesta secretária em mogno no centro e pilhas de papéis e livros a cobrirem cada centímetro do chão. Quase parecia que a sala continha todos os documentos e livros acumulados nos 400 anos de existência de Rosewood Hall.

Mas havia uma coisa na sala que se destacava: um quadro gigantesco com uma moldura dourada que observava com um olhar atento.

William Tufty.

– O diretor é quase tão desarrumado quanto eu – observou Ellie, dando uma risada e desviando-se de uma pilha de livros vermelhos para chegar mais perto do quadro. Lottie teria rido, mas estava completamente hipnotizada com o olhar de Tufty. Este estava sentado dentro do quadro, com uns pequenos óculos em meia-lua na cana do nariz e olhos fixados nela. Havia um brilho de ponderação na sua expressão que o pintor tinha capturado na perfeição, na maneira suave como os cantos dos lábios se curvavam para cima. As mãos estava cruzadas no colo, segurando um pequeno espelho redondo com um reflexo enevoadado dele. O seu retrato delicado contrastava fortemente com a vastidão do salão principal ao fundo. Lottie semicerrou os olhos para observar o retrato de William Tufty, para a maneira como ele olhava para elas com um sorriso sabedor.

A Raposa e o Rato.

O que é que Binah queria que elas soubessem? Lottie estava prestes a reproduzir em voz alta este seu pensamento quando uma voz masculina e áspera soou atrás delas.

– É fantástico, não é?

As duas raparigas quase saltaram para fora do corpo. O diretor Croak estava junto à porta, com uma mão firmemente apoiada numa bengala de madeira simples.

– Diretor Croak... desculpe... nós... – Lottie calou-se, incapaz de continuar a falar. *Vais ser expulsa*, sussurrou uma vozinha maldosa na sua cabeça, uma voz que, por algum motivo, soava terrivelmente como a da sua madrastra. Olhou para Ellie que também ficara petrificada. Lottie sabia que arranjar problemas seria muito pior para ela. Tentou novamente.

– Estávamos apenas à sua espera...

O diretor soltou uma gargalhada gutural.

– Oh, vá lá! Acham que são os primeiros alunos a ser atraídos pelo canto da sereia de *Sir William Tufty*? – riu suavemente enquanto avançava decididamente pelo gabinete. – Apanhei a vossa amiga, a menina Binah Fae, com o mesmo olhar hipnotizado, apenas um mês depois de ter iniciado o seu primeiro ano em Rosewood.

Lottie sentiu um estranho sentimento de conforto nisto, no facto de Binah também ter sido apanhada – e essa sensação sobrepôs-se à voz da sua madrastra.

– Desculpe! – disseram as duas raparigas em uníssono.

O diretor sorriu novamente. Depois, voltou-se para o quadro e o seu rosto tornou-se pensativo, enquanto olhava para o fundador da escola.

– Era um homem muito sábio e extremamente reservado.

Lottie olhou para o rosto paciente de William Tufty. Havia algo nele, algo que ela não conseguia descortinar.

– Ouvi dizer que era um homem bondoso – continuou o diretor a sorrir, voltando-se para as raparigas. A sua face era enrugada, coberta de linhas de expressão e emoção. Bateu pensativamente na sua bengala, antes de prosseguir. – Mas o seu grande atributo era a sua capacidade em manter-se tranquilo.

Croak riu-se para si mesmo e Ellie levantou uma sobrancelha para Lottie, perguntando-se se o tinha ouvido bem.

– Às vezes, o mundo pode ser muito agitado e as pessoas podem ser levadas a tentar ouvir a sua própria voz e acabam por silenciar aqueles que realmente necessitam de espaço para falar. William percebia isto e usou a sua posição no mundo para dar aos outros a oportunidade de falar.

O diretor desviou o olhar para as mãos cansadas.

– Tento o meu melhor para o imitar nesse aspeto.

Lottie não tinha a certeza de como esta informação ressoou nela. Olhou novamente para o quadro. *Jogo das escondidas*. A moldura em redor da imagem de Tufty. Sabia que ali havia algo. *Todos os dias, jogavam um jogo... a raposa escondia-se nas molduras dos quadros*.

– E espero poder ser sábio como ele foi e dar tranquilidade àqueles que dela necessitam.

Sábio e tranquilo.

Lottie olhou para os olhos do homem no quadro, depois para Ellie, a rapariga que vivia uma vida dupla, escondendo-se secretamente sob o disfarce de Ellie Wolf.

A Raposa e o Rato. Uma explosão deu-se dentro de si, como uma memória distante que se formava na sua mente, e perguntou-se: «Se William é o Rato, então quem é a Raposa?» Lottie olhou para o quadro novamente e, finalmente, percebeu.

– Obrigada – disse calmamente.

O diretor sorriu-lhe, fazendo sinal de que podiam sair.

Lottie ofereceu a Ellie um olhar revelador, informando-a de que tinha descoberto algo importante.

*

Desceram as escadas e saíram do edifício principal, apertando os grandes casacos e cachecóis. Ellie olhou para Lottie, mas percebia que ela estava muito concentrada em algo e, recordando as palavras do diretor, ofereceu-lhe o silêncio de que ela necessitava.

Assim que tomaram a direção do dormitório Ivy, Lottie parou e Ellie seguiu-lhe o exemplo.

– Acho que... – Lottie levou os dedos aos lábios, não em sinal de reflexão, mas como se conjurasse uma memória. – Acho que William Tufty poderá não ter nascido aquilo em que se tornou.

Ellie inclinou o rosto em sinal de curiosidade.

– Quer dizer... – prosseguiu Lottie. – Acho que ele nasceu mulher.

– *O quê?* – perguntou Ellie confusa. – Como é que sabes?

– Conheces o *Retrato Arnolfini*? – perguntou Lottie. Ellie abanou a cabeça. – Bom, nesse retrato, o artista retratou-se escondido ao fundo, num espelho. Na arte, os espelhos podem simbolizar muitas coisas, mas são mais frequentemente associados a mulheres, à verdade e, claro, a reflexos. Consegui

perceber que havia algo ligeiramente estranho no retrato de Tufty e foi então que percebi. Todo o quadro está refletido no pequeno espelho na mão de Tufty, tudo exatamente igual, exceto um pormenor importante. Tufty foi pintado como uma raposa.

Ellie arregalou os olhos. Era um pormenor tão fácil de ignorar se não estivessem realmente à procura dele. Poderá pensar-se que era apenas uma imagem desfocada.

– A Raposa e o Rato, ele é os dois. É isso que o quadro e a história estão a dizer.

Lottie olhou para Ellie excitada.

– Quem ou o que quer que seja que tenham nascido, esconderam-se como William Tufty e era assim que eram felizes.

– Então, ele era um pouco como eu – sussurrou Ellie, com o olhar perdido nos pensamentos.

Lottie assentiu.

– Pergunto-me quem seriam – divagou em voz alta.

– Não sei se isso é importante – respondeu Ellie com um pequeno sorriso melancólico nos lábios.

– Eles eram quem eram e devemos respeitar isso.

Lottie voltou a acenar. Se estivessem destinadas a descobrir a identidade de Tufty, tinha a certeza de que um dia o fariam.

O rosto de Ellie ficou vazio e um olhar de compreensão tomou conta dos seus olhos. De repente, Lottie percebeu o que ela estava a pensar.

Binah sabe.



Lottie mal viu Jamie e Ellie durante os dias seguintes. Aproveitou todo o seu tempo para estudar para os exames, enquanto Ellie se concentrava em treinar para as suas provas de esgrima – o que as obrigou a pôr de lado o enigma de Binah e a revelação sobre Tufty. Tinham coisas mais importantes em que pensar.

A equipa de esgrima de Rosewood Hall era uma das mais prestigiadas do mundo, não apenas por ter produzido inúmeros atletas olímpicos, mas também por se ter espalhado o mito de que ao entrar para a equipa era lançado um feitiço sobre o atleta. Tratava-se de uma superstição com centenas de anos que reclamava que a pessoa estava destinada a ser adorada. Lottie tinha um pressentimento de que se devia ao facto de os requisitos da equipa já pressuporem que se era extraordinário, mas ainda assim era uma história engraçada.

*

Um dia, ao entardecer, os assentos em degraus do ginásio encheram-se de alunos das três casas, deixando as bancadas elegantemente pintadas de amarelo, vermelho e roxo. Era o dia em que seriam seleccionados cinco alunos do 10.º ano a quem seria permitido escolher a esgrima como opção para os restantes anos escolares.

Lottie invejava os que já tinham escolhido uma atividade extracurricular. Ela ainda só tinha passado os olhos pela lista e achava-a terrivelmente impressionante. Gastronomia *gourmet*; alta-costura e *design* alemão; antiguidades; arqueologia; artes de pastelaria; astronomia; *badminton*; introdução às belas-artes; canoagem; codificação; coro; joalharia; debate; degustação de chá; degustação de queijos; *design* de jardins; introdução ao direito; engenharia; escultura; esgrima; estudos clássicos; filosofia; fotografia; francês; horticultura; japonês; *kick-boxing*; introdução ao latim; luta livre; mandarim; natação sincronizada; natação; orquestração; patinagem artística; gestão de eventos; poesia; realização e teoria do cinema; teatro (criação de cenários); teatro (luz e som); ténis; teatro (drama); tiro aos pombos de barro; treino equestre...

A lista parecia interminável e Lottie ainda não fazia ideia do que queria fazer. Nesse dia, sentia-se particularmente esgotada. Tinha-se habituado a estar permanentemente cansada, mas hoje parecia que por mais café que bebesse, não conseguia afastar as tonturas da sua cabeça. Estava a tentar ao máximo escondê-lo dos seus amigos, mas era difícil estando tão próxima deles. Jamie e Raphael estavam sentados ao seu lado, inclinados um para o outro, conversando no seu habitual tom de sussurro. Saskia estava sentada alguns degraus acima com algumas raparigas do seu ano, mas ao ver Lottie aproximou-se para lhe dizer olá.

– Tinha esperança de ver Ellie antes das provas para lhe desejar boa sorte – Saskia olhou em redor como se esperasse ver Ellie. *Uma perfeita chefe de ano*, pensou Lottie, relutante, recordando-se

rapidamente de que este não era um pensamento muito «bondoso» sobre alguém que reservava algum do seu tempo durante a semana para lhe dar explicações.

– Obrigada, Saskia. Eu digo-lhe quando a vir.

Saskia sorriu-lhe antes de se apressar a voltar para junto das raparigas do seu ano e Lottie voltou-se para ocupar um lugar junto dos outros. Lola e Micky comiam de um enorme saco de guloseimas à sua esquerda – era um verdadeiro enigma como se mantinham tão elegantes com a quantidade de doces que ingeriam. A única pessoa que faltava era...

– Será que vão lutar com florete, espada ou sabre?

– Olá, Binah – disse o grupo em uníssono.

Lottie já se tinha habituado à capacidade dela em aparecer do nada e nem sequer estremeceu quando a sua voz tiniu miraculosamente por detrás dela. Lottie e Ellie sentiam-se agora diferentes em relação a Binah, não tinham a certeza do quanto é que ela realmente sabia sobre a questão da princesa e da guardiã e tinham consciência de que não lhe podiam perguntar.

– Boa noite, colegas espetadores!

Binah, com o seu cabelo apanhado em dois totós enormes de cada lado da cabeça que se pareciam com orelhas de cachorro, sentou-se entre Lottie e Lola. Sem dizer uma palavra, Lola estendeu-lhe um doce amarelo que Binah enfiou na boca. Ajustou os óculos, fazendo com que a luz se refletisse nas lentes e lhe escurecesse os olhos.

– Lottie!

Por favor, não fales da cena da princesa. Por favor, não fales da cena da princesa.

Jamie olhou de lado para Lottie e ela susteve a respiração, preocupada que ele pudesse ler-lhe a mente. Binah limitou-se a sorrir-lhe e tirou uma caixa com um padrão verde fino da mochila.

– Comprei isto para ti. Achei que podias precisar.

Lottie leu as palavras gravadas na tampa da caixa. «Chá para dormir: para combater o stresse e ajudar a adormecer.»

Lottie pestanejou por um momento ao ver a caixa. *Oh, vá lá! Mas toda a gente na escola sabe que eu não ando a dormir?* Por outro lado, percebeu que era uma tolice pensar que havia alguma coisa que Binah não soubesse.

– Obrigada, Binah... irei experimentar. – Sorriu de volta para Binah com o máximo de positivismo que conseguiu, tentando desesperadamente não mostrar o quanto estava realmente cansada. Binah deitou-lhe um olhar terno e, gentilmente, passou-lhe a mão pelo braço como se conseguisse sentir que Lottie estava a disfarçar.

– Às vezes, os presentes que as pessoas nos dão podem ajudar-nos mais do que esperamos. – Piscou o olho a Lottie e esta teve a certeza de ouvir um pequeno tilintar no ar.

Como é que chá para dormir a podia ajudar de outras maneiras?

Começou a analisar as hipóteses, sabendo agora que os enigmas de Binah não deviam ser levados com leveza, mas rapidamente foi trazida de volta ao mundo real ao ouvir soar uma corneta. Chegara a hora.

A menina Bolter avançou, atraindo sem esforço a atenção da sala com a sua autoridade feroz. Estava acompanhada por um homem jovem com aros castanhos felpudos que ficou alguns passos atrás. Lottie reconheceu de imediato o capitão de esgrima do 12.º ano e chefe de Conch House, Jacob Zee. Era bem conhecido em Rosewood, para não dizer mais do que isso, e completamente

«adorado». As suas energias eram comicamente diferentes: a menina Bolter era uma chama ardente e Jacob um freio suave e delicado. Era difícil de acreditar que pertenciam à mesma casa.

– Boa noite, estudantes de Rosewood – a voz da menina Bolter ecoou através do ginásio, como sempre intimidante sem que fizesse qualquer esforço por isso. – A noite de hoje marca o 300.º Aniversário das Provas de Esgrima. Hoje, vamos selecionar cinco estudantes do 10.º ano, que terão a honra de ser convidados a juntar-se à equipa de esgrima de Rosewood Hall para o ano.

Fez uma pausa para analisar a sala e Lottie teve a certeza de que os seus olhos se demoraram um segundo extra nela.

– Esta é uma noite muito importante e espero o maior respeito da audiência. – Voltou-se para Jacob. – Algumas palavras de encorajamento para os nossos jovens candidatos?

Jacob sorriu alegremente para ela, antes de fazer uma ligeira vénia em sinal de respeito, um ato tão subtil que Lottie quase nem deu por ele. Ouviu alguns sussurros e comentários quando Jacob deu um passo em frente, a mesma reação que costumava ouvir sempre que Jamie entrava numa divisão.

– Hoje não se trata de vencerem as vossas lutas. Trata-se de mostrarem o vosso potencial. Esta noite há aqui um maravilhoso potencial e só tenho pena de não ser eu a conduzir-vos no próximo ano, depois de me licenciar. Boa sorte a todos. – Dirigiu o seu alegre sorriso para a fila de possíveis candidatos.

Era impossível dizer quem eram Ellie e Anastacia. Havia uma linha de 20 estátuas quase idênticas: rostos escondidas pelas máscaras de rede e corpos protegidos por uniformes brancos iguais. Eram completamente destituídos de género ou personalidade, transformados num grupo de robôs bailarinos. Um deles quebrou a formação e fletiu os músculos, voltando-se depois para os outros e gritando:

– *Vamos a isto, seus falhados!*

Okay, esta era Ellie.

Lottie voltou-se para ver Jamie tapar a cara com a palma da mão e teve de engolir o riso. Uma enorme gargalhada pôde ser ouvida do lado esquerdo da sala. Era a professora Devine, que estava encostada à parede do ginásio, e a sua presença de certa forma ofuscava as espetaculares estátuas de mármore de cada lado da enorme porta.

Lottie engoliu em seco, pois não fazia ideia de que a professora estaria presente e, de repente, sentiu-se mil vezes mais nervosa do que Ellie, apesar de a amiga nem sequer parecer nervosa.

O primeiro combate teve início. Dois dos andróides vestidos de branco avançaram para o que Lottie decidira chamar «palco», já que tudo aquilo parecia intensamente teatral. Fizeram uma vénia um ao outro antes de começar e foi só isso que Lottie conseguiu ver. Assim que o combate começou, as espadas moviam-se demasiado depressa para ela conseguir acompanhar, dois borrões brancos e prateados defendendo-se elegantemente um do outro. Rapidamente se tornou claro que a pessoa à direita era aquela a quem deviam ter atenção. Movia-se de tal maneira à velocidade da luz que o seu adversário quase nem conseguiu uma única estocada contra uma imparável torrente de golpes certos. Lottie reparou que Jamie e Raphael observavam o combate com olhos semicerrados e, depois, olhou para Saskia, que lhe piscou o olho. Binah sorria abertamente.

– Pergunto-me quem será aquela...

Depois, começou o combate seguinte, e o outro, e Lottie deu por si tranquilizada pelos movimentos, impressionada com cada finta e ataque. Tinha perdido a noção de quem era Ellie. A única pessoa de que Lottie tinha consciência era do esgrimista inderrotável desde o primeiro

combate. Desejou perceber mais sobre o desporto para poder ter a certeza de quem se estava a sair melhor, mas estava preocupada com o facto de que se perguntasse aos outros, estes pensassem que era estranho ela não saber, por isso ficou de boca calada e deixou-se hipnotizar pelo estranho bailado.

A menina Bolter deu o combate por terminado e a pessoa inderrotável avançou até ao palco para defrontar o outro adversário em destaque. A tensão no ginásio pareceu triplicar, quando os dois ficaram frente a frente, e a intensidade que emanava de ambos os participantes era palpável. Este combate parecia ser diferente dos outros. Os dois fizeram uma vénia e a atmosfera pareceu iluminar-se com uma eletricidade que dava choques. O combate teve início.

As espadas moviam-se em rápidos movimentos furiosos, os dois adversários atacavam e desviavam-se com uma intrincada precisão que pareciam mais bailarinos assassinos do que estudantes de 15 anos.

Desta vez era impossível dizer quem estava à frente. Quando um forçava o outro a defender-se, separavam-se sem esforço e levavam o combate de volta ao centro até o outro voltar a dominar. Davam voltas e rodopiavam, os corpos constantemente tensos, duas forças imparáveis constantemente atacando e desviando-se numa avalanche de movimentos complexos. Lottie tentou manter-se concentrada, mas a sua mente insistia em divagar. Parecia que a cada embate das espadas, um estranho sentimento negro enchia a mente dela, enevoando e confundindo os seus pensamentos.

E então acabou. No seu transe, Lottie não conseguia dizer quem tinha ganho. Os dois esgrimistas aproximaram-se e começaram a retirar as máscaras. Toda a audiência susteve coletivamente a respiração. O lutador invicto retirou a sua máscara, soltando uma cascata de exuberante cabelo castanho. Lottie arfou ao ver Anastacia, que sacudia elegantemente o cabelo. Ali parada, no seu equipamento branco, com a espada de lado, parecia feroz e capaz de enfrentar todo um exército. Os presentes na audiência que vestiam vermelho aplaudiam loucamente.

Lentamente, o outro concorrente retirou a sua máscara e surgiu uma espessa cabeleira preta ensopada em suor. *Um príncipe!*

Lottie sentiu um calor repentino que lhe inundou as maçãs do rosto ao ver a sua companheira de quarto. Ellie sorriu para a audiência que a aplaudia. Anastacia e Ellie estenderam as mãos uma à outra e apertaram-nas. Assim que as mãos se tocaram, Lottie sentiu um aperto – uma vaga de exaustão atingiu-a fortemente, como uma onda que embatia nela, e balançou involuntariamente.

Concentra-te, Lottie, este é o grande momento da Ellie.

Os aspirantes formaram uma linha no fundo do palco, agora sem as máscaras. A menina Bolter clareou a garganta quando se aproximou do pódio para falar.

– Vou agora ler os nomes dos cinco alunos que escolhemos para se juntarem à equipa.

Lottie sentiu a sua respiração ficar presa na garganta. Algo estava errado. Era como se o seu corpo se estivesse a mover em câmara lenta.

– Ellie Wolf.

O público aplaudiu. Lottie tentou juntar-se, mas a sensação de tonturas era tal que tomou conta dela.

Preciso de dormir, pensou desesperada, mas havia mais qualquer coisa, qualquer coisa que estava no fundo dos seus pensamentos.

– Marzia Hart.

Os aplausos começaram a soar distantes e Lottie tapou os ouvidos com as mãos, tentando acalmar um pouco a sua mente. *O que é que Binah dissera sobre presentes?*

– Thomas Carter.

Lottie olhou para os esgrimistas, mas a armadura branca parecia desaparecer à sua frente. Começou tudo a ficar preto e pestanejou desesperada.

– Lottie, estás bem? – a voz era de Binah, mas Lottie afastou-a para conseguir chegar às escadas.

– Riyadh Murphy.

Lottie tentou avançar desesperada por entre as pessoas que aplaudiam. O mundo parecia rodar como se estivesse presa num carrossel amaldiçoado. Tentou desesperadamente organizar a sua mente para perceber o que ela lhe queria dizer.

– E por fim, a última pessoa a juntar-se à equipa de esgrima de Rosewood Hall será...

O mundo desvanecia-se em redor de Lottie que começou a cambalear ao aproximar-se do fundo das escadas.

– Anastacia Alcroft.

O nome penetrou na sua mente, despoletando um pensamento persistente até que uma luz se acendeu e bloqueou todos os outros... o presente de Anastacia... *A Princesa e a Ervilha!*

Lottie voltou-se de repente, confusa, a tempo de ver o olhar preocupado de Jamie à sua frente.

– Há qualquer coisa debaixo do meu colchão! – gritou, sobrepondo-se ao barulho da multidão. E então o mundo em seu redor apagou-se.



Tenho de sair deste carrossel ou vou vomitar!

Algo a fazia rodar e rodar e ela só queria que parasse.

– Lottie? – Era a voz de Jamie.

A voz à distância chamava o seu nome, mas ela não conseguia concentrar-se.

– Lottie, consegues ouvir-me?

Porque é que o quarto está a andar às voltas?

– Lottie, tens de acordar agora. Lottie... Olá?

Espera, não é o quarto que está às voltas. Eu é que estou às voltas... eu desmaiei. Onde é que eu estou? Quem me fez isto?

– *A Princesa e a Ervilha!* – Lottie acordou de repente e viu uma multidão de pessoas em seu redor. Os olhos focaram e olhou para a cara muito preocupada da professora Devine.

– Parece que está a ter um sonho muito interessante, Lottie.

A professora tinha um sorriso preocupado nos lábios e Lottie sentiu-se mal. Não conseguia suportar a ideia de preocupar alguém.

– Desculpe, eu... A minha cama. – Lottie lutou para dizer as palavras, tentando desesperadamente organizar as ideias em frases, apesar da confusão da sua cabeça. – Tenho de ir para a cama.

Tentou sentar-se, libertando-se dos braços da professora. Ellie e Jamie surgiram de imediato ao seu lado para a ajudar e a sensação de estar a cair que tinha na barriga voltou assim que viu Ellie no seu fato de esgrima branco pristino, com o cabelo puxado para trás.

Estraguei o torneio, pensou desesperada.

– Só estiveste desmaiada dois minutos.

Lottie animou-se com as palavras de Jamie, com a estranha sensação de que ele lera a sua mente outra vez.

– E agora, que história é essa da tua cama? – Jamie olhou para ela muito sério, até mesmo demasiado sério para ele. Ellie também parecia estranhamente apreensiva.

– Sim... tenho de ir para a cama. Parece que voltei a lembrar-me de como se dorme. – Sorriu para Jamie e olhou-o nos olhos enquanto falava, tentando transmitir que queria contar-lhe algo, algo muito importante. Jamie e Ellie trocaram um olhar, dando a entender que tinham percebido a intenção por detrás das palavras de Lottie.

– Nem pensar, menina Charlotte – soou a voz da menina Bolter. – Tem de ir diretamente para a enfermaria, para ser vista pela enfermeira Sani.

Lottie não tinha tempo para isso, tinha de descobrir se o seu palpite estava correto. Voltou-se para a professora Devine com um olhar de súplica.

– Por favor, só preciso de me deitar.

A mãe da sua casa levantou uma sobranceira e Lottie perguntou-se se ela iria questionar o seu pedido. Mas, então, a professora sorriu para a menina Bolter e disse, num tom tranquilizador:

– Na verdade, Mercy, parece-me que, neste momento, um bom sono é o mais necessário.

A menina Bolter olhou desconfiada para Lottie.

– Talvez... – disse lentamente.

A professora bateu as mãos.

– Então, depressinha. Jamie, poderá ter a gentileza de ajudar Ellie a levar Lottie de volta ao quarto para podermos terminar a cerimónia?

– Sim, professora – responderam em uníssono.

Os três caminharam para fora do ginásio, ambos apoiando Lottie com os braços à volta da cintura dela. Ao passarem por Anastacia, Lottie pensou vê-la de punho cerrado numa estranha expressão de fúria.

– *A Princesa e a Ervilha* – repetiu Lottie, determinada, com as mãos firmemente apoiadas nas ancas.

– Pronto, ficou doida de não dormir. Eu bem te disse.

Lottie olhou carrancuda para Ellie que se ria da sua própria piada.

Jamie e Ellie sentaram-se na cama de Ellie, como se estivessem numa aula, e Lottie fosse a professora. Lottie sempre se sentira divertida com a perfeição com que eles se fundiam no lado preto e ousado de Ellie.

– Não, isso é a minha pista – afirmou Lottie, revirando os olhos. – Não se lembram do conto infantil?

Ellie encolheu os ombros, mas Jamie acenou.

– Colocam uma ervilha debaixo de 20 colchões e sabem que a rapariga que se deitar sobre eles é uma princesa, porque consegue sentir a ervilha durante o sono e não consegue dormir.

– Ah, sim – disse Ellie com um sorriso nos lábios. – Também não durmo quando preciso de fazer xixi.⁴

Lottie riu e rapidamente tapou a boca com a mão e Jamie permitiu que um leve sorriso lhe subisse aos lábios.

– Mas, agora a sério... – continuou Ellie. – Achas que tens uma ervilha debaixo do colchão?

– Sinceramente, não sei... Mas sinto que há alguma coisa... – Lottie voltou-se para olhar para a cama. Já não parecia convidativa; parecia que algo negro se aninhava dentro dela e ela queria que desaparecesse. Os dois acenaram para Lottie em jeito de compreensão e deitaram mãos à obra sem dizer uma palavra.

Lottie agarrou no *Sr. Truffles* e começaram a tirar toda a roupa de cama e almofadas, colocando-as sobre a cama de Ellie. Quando terminaram, Jamie aproximou-se e, sem esforço, levantou o colchão como se não pesasse mais do que uma pena. Lottie susteve a respiração... Lá estava ele. No meio do colchão, escondido, estava um pedaço de papel com uma cabeça de lobo dentro de um círculo atravessado por duas grossas linhas vermelhas.

Ellie arfou e levou a mão à boca.

Jamie praguejou furioso. Lottie quase não conseguia acreditar que o tinha ouvido praguejar, mas não era altura de repreensões.

– O que é isto? – perguntou timidamente. Quase nem queria saber. Tinha de ser algo terrível para merecer uma reação tão forte dos dois.

Jamie retirou o papel do colchão e atirou-o para cima da secretária, batendo-lhe com tal força que fez Lottie dar um salto. Ellie estava branca a olhar para o papel, exalando uma estranha sensação de calma.

– É o selo da Casa Wolfson – respondeu Ellie, tranquila. – E tem a marca de morte desenhada sobre ele.

⁴ No original, jogo de palavras com os termos «pea» (ervilha) e «pee» urinar, que são homófonos.



– Vou contar aos teus pais.

– BRIKTAH! – A palavra maradoviana pronunciada por Ellie fez Lottie estremecer e despertar do seu encanto. – Não, não vais.

Jamie estava já a alisar o papel, claramente com a intenção de enviar uma cópia para Maradova com a máxima urgência. Ellie agarrou-o, feroz, arranhando e puxando para conseguir chegar ao papel, mas Jamie afastou-a facilmente. Lottie estava parada, espantada e sem nada poder fazer. Alguém tinha posto aquele papel ali, provavelmente, alguém que ela conhecia.

Outro pensamento veio-lhe à cabeça e sentiu-se enjoada. Devia ter sido a mesma pessoa que deixara o presente no início do período. Era uma maldição e era por isso que ela não conseguia dormir – e de alguma maneira Anastacia tinha descoberto.

Ellie e Jamie continuavam a lutar pelo papel. O papel com a marca da morte parecia exalar uma energia negativa. Lottie imaginou fios de fumo negro a sair dele e a encher o quarto com uma tensão tóxica. Estava aqui para assustar a princesa; para a afastar de Rosewood.

– Jamie, não podes. – As palavras saíram da boca de Lottie, mesmo antes de ela sequer apreender os seus próprios pensamentos.

– Mas, Lottie, podes estar em perigo. – A voz de Jamie era tensa e apanhou-a desprevenida.

– E então? – respondeu Lottie, simulando uma postura tranquila. – Não é esse o objetivo do meu trabalho como Guardiã?

Jamie suspirou e voltou-se para a olhar nos olhos.

– Eu lido com todo o perigo e problemas para Ellie não ter de o fazer – continuou Lottie. – Para que Ellie possa ficar em Rosewood.

Lottie olhou para os dois, determinada a que quem quer que tivesse feito isto não pusesse em risco a estada de Ellie, em Rosewood. Não os deixaria vencer. De uma maneira ou de outra, iam descobrir quem o tinha feito.

Jamie soltou um longo suspiro, voltando-se para Ellie com uma expressão de quase desilusão.

– Era isto que querias? – sibilou para Ellie, numa voz baixa quase inaudível para Lottie.

Ellie baixou os olhos e uma sombra escondeu a inconfundível expressão de vergonha no seu rosto. Recusou-se a tirar os olhos do chão para o encarar.

– Não, parem. Não me estão a ouvir – disse Lottie, surpreendendo-se a si mesma com a sua própria determinação. – Se Ellie for levada, eles ganham e a ameaça mantém-se. Comigo aqui, podemos enganá-los. Sejam eles quem forem, estão mais audaciosos; podemos apanhá-los.

Ellie estremeceu e Lottie apercebeu-se do que acabara de dizer. Ia recomeçar a falar quando Jamie a impediu. A sua expressão era fria.

– Aconteceu mais alguma coisa antes?

Lottie sentiu que tinha parado de respirar. *Bolas.*

Jamie pousou lentamente o papel e voltou-se para ela, mas Lottie foi incapaz de formar palavras.

– Fiz-te uma pergunta, Lottie. – Jamie lançou-lhe um olhar tão poderoso que ela quase sentiu o golpe.

– Sim – respondeu, incapaz de manter o contacto visual.

Jamie voltou-se para Ellie, mas, desta vez, ela não desviou o olhar.

– No primeiro dia de aulas – continuou, inexpressivamente –, Lottie recebeu um livro da biblioteca com uma mensagem que dizia que sabiam que ela tinha um segredo, por isso, escapulimo-nos para tentar descobrir que alunos tinham usado a biblioteca nesse dia.

Jamie torceu o lábio, mas conseguiu manter-se calmo.

– E? – perguntou. O tom da sua voz era mais ameaçador do que se estivesse a gritar com elas.

– E descobrimos os nomes de Anastacia, Raphael e Binah – respondeu Ellie. Desta vez, desviou o olhar.

– E nenhuma de vocês se lembrou de me contar? – a sua voz elevou-se um pouco, fazendo com que Lottie instintivamente sustivesse a respiração. – Mesmo estando eu aqui para vos proteger, esconderam-no de mim?

Ellie abanou a cabeça violentamente. Lottie conseguia ver uma tempestade a formar-se dentro dela.

– Talvez eu não queira que me protejas! – rugiu, mostrando os dentes como se fossem presas. Assim que Ellie pronunciou estas palavras, a sua cara transformou-se numa expressão de arrependimento. O silêncio que se seguiu foi doloroso. Lottie não fazia ideia do que Jamie estaria a pensar e isso assustava-a. O peito de Ellie subia e descia e a sua energia era a completa antítese da aura tranquila que Jamie emanava.

– Eu vou estar sempre aqui, Ellie – disse Jamie com uma voz suave, mas fria. – Quer gostes ou não.

Havia determinação nas suas palavras e Lottie percebeu que algo acabara de acontecer entre aqueles dois, algo que ela nunca compreenderia.

Como é que te tornaste um partisan? As palavras vieram-lhe à mente deixando-a a arder com curiosidade.

Ellie olhou lentamente para baixo.

– Eu não quis... Eu sei... – disse ela, passando as mãos pelo cabelo.

Jamie respirou fundo e voltou-se novamente para Lottie, estoico e composto.

– Aceitas o perigo de ser o isco, Lottie?

Os seus olhos negros detiveram-se nos dela, mas ela manteve-se o mais confiante possível. Sabia que tinha de se manter calma e neutra, se queria persuadir Jamie de que não tinha sido afetada pelas mensagens.

Mas afinal quem és tu? As palavras materializaram-se na sua mente ao observar o seu rosto inexpressivo. Acenou uma vez, não confiando na sua voz para manter a fachada.

Jamie virou-se para Ellie e, uma vez mais, trocaram um olhar que Lottie não compreendeu.

– Quero que vocês as duas tenham cuidado com Anastacia e Raphael – disse friamente. Lottie conseguiu sentir Ellie a relaxar, mas não conseguiu fazer o mesmo. – Não confio neles.

Era por isso que ele era tão próximo de Raphael.

– Não podem deixar que eles percebam que suspeitamos deles. Temos de os manter debaixo de olho.

– Isso significa que não vais contar nada? – perguntou Ellie, a ansiedade da sua voz acordou Lottie dos seus pensamentos.

Jamie franziu o sobrolho desaprovando a sua própria decisão e Ellie sorriu excitada.

– Mas se eu sentir, nem que seja por um segundo, que estás em perigo iminente, não hesitarei em contar aos teus pais.

Jamie deixava-as manter tudo em segredo.

Ellie piscou o olho a Lottie.

– Vamos apanhar quem quer que seja antes de chegar a esse ponto.

Lottie deu por si fingindo um sorriso determinado, ao mesmo tempo, que uma voz na sua cabeça lhe enumerava todos os mistérios que tinha de resolver.

Quem deixou estas mensagens? O que quer? Porque é que Ellie está tão desconfortável com o facto de Jamie ser o seu partisan? Como é que Jamie se tornou um partisan?

– De acordo – disse Lottie, determinada. – Vamos descobrir tudo.

Não tinha era bem a certeza a que segredo se referia.



Uma concentração tranquila tomou conta de Rosewood Hall com a chegada dos exames de inverno. Os estudantes reuniam-se nas bibliotecas e salas de estudo, num silêncio coletivo, enquanto se concentravam em absorver tudo o que tinham aprendido naquele período.

Lottie estava aliviada pelos anos de trabalho árduo para entrar em Rosewood Hall terem compensado. Percebeu que as revisões e os próprios exames não eram tão aterradores como pensara que seriam, especialmente com a ajuda dos seus amigos – e o fornecimento infinito de doces Tompkins por Lola e Micky também ajudou a manter os níveis de energia.

Assim que os exames acabaram, a maioria dos estudantes preparou-se para viajar, para ir passar o Natal a casa. Lottie, Jamie e Ellie tinham temporariamente interrompido a descodificação da mensagem, enquanto estudavam para os exames, mas havia mais uma coisa que afastava a mente de Lottie do mistério. Ollie estava magoado com ela.

*

Querida Lottie,

Não vou mentir. Estou muito triste por não vires a casa no Natal, mas tenho a certeza de que o que quer que seja a loucura em que te meteste é muito importante.

Se de repente mudares de ideias e quiseses passar o Natal, na Casa de Moreno, há sempre um lugar à mesa para ti.

Não te esqueças de nós na tua nova e excitante escola.

Feliz Natal.

O teu primeiro e mais leal amigo,

Ollie

*

Era demasiado tarde para apanhar um comboio para a Cornualha e ver Ollie, mas o pior de tudo era que a ideia de passar o Natal na escola fora sua. Nunca tinha sido o tipo de pessoa obcecada com o telefone, mas desejava mais do que tudo poder simplesmente ligar a Ollie e ouvir a sua voz reconfortante. Para seu desânimo, só podiam fazer chamadas para a família mais próxima dos telefones da escola pelo que ainda não tinha conseguido contactar Ollie.

Ellie tinha-a convidado para ir a Maradova, mas Lottie não sabia se seria capaz de lidar com o estranho ambiente. Por seu lado, Ellie estava mais do que feliz por não ir a casa para o Natal, pois temia ter de ver a avó e, por isso, ali estavam eles, a passar as férias em Rosewood Hall.

Lottie não conseguia entrar no espírito natalício. Suspirou profundamente ao voltar a ler a carta de Ollie antes de a dobrar e enfiar no bolso. Tinha enviado a Ollie e à mãe dele um cartão de Natal feito

à mão, contando-lhes que não ia a casa nas férias e, mesmo apesar de para muitas pessoas a carta de Ollie não parecer assim tão má, Lottie sabia que ele ficara zangado.

– Pensava que Saskia tinha falado num grupo pequeno! – zombou Ellie ao tocar numa enorme estátua de gelo em forma de anjo, que fora colocada no centro da mesa de jantar. Saskia tinha convidado alguns dos alunos que tinham ficado na escola, durante as férias, para um pequeno encontro em Conch House, para trocarem presentes, e as raparigas tinham chegado mais cedo para ajudar nos preparativos.

Lottie estava prestes a responder, comentando a sua preocupação em relação a Ollie, quando a porta da frente se abriu para revelar Anastacia e Raphael, que equilibravam nos braços, sem qualquer esforço, tabuleiros de comida elegantemente arranjada, como se fossem artistas de circo.

Talvez as aulas de Etiqueta servissem mesmo para alguma coisa, pensou Lottie.

Lottie ficou tensa quando pousaram os tabuleiros na mesa. Tinha sido fácil evitar Anastacia e Raphael, desde que os exames de inverno tinham começado, mas este seria o primeiro verdadeiro teste de Ellie e Lottie em fazerem de conta que não suspeitavam deles. Anastacia sacudiu as mãos e, sem olhar para cima, disse:

– Ellie, para de comer a comida da festa ou vou envenená-la.

Ellie quase se engasgou com o folhadinho de salsicha que levava à boca, fazendo Lottie estremecer. Aquele *snack* era de mais para o seu coração amante dos animais: um porco enrolado na sua própria tripa... Que horror! Ellie ofereceu a Anastacia um pequeno sorriso sarcástico antes de tirar outro.

– Oh, por favor, não precisas de uma desculpa para envenenar ninguém – provocou Ellie, fazendo Raphael rir e ganhar de imediato um olhar perigoso de Anastacia. Esta conversa sobre envenenamento não estava de todo a ajudar na defesa de Anastacia.

Lottie estava satisfeita por Jamie ter ido buscar uma árvore de Natal ao salão principal, já que era o único que tinha força para a carregar sozinho. Se ali estivesse a assistir, teria ficado furioso com elas por «confraternizarem com o potencial inimigo»:

– Ninguém vai envenenar nada – repreendeu Lottie. – Tivemos demasiado trabalho a preparar tudo... ELLIE, POR AMOR DE DEUS, PARA DE COMER A COMIDA TODA!

Ellie parou um rolinho de chocolate que ia a meio caminho da sua boca e lentamente voltou a pousá-lo.

– Como desejar, Vossa Alteza. – Fez uma vénia exagerada antes de se dirigir para a porta. – De qualquer maneira, tenho de ir buscar a minha guitarra. Jamie e eu vamos cantar-vos uma pequena canção.

Ellie pestanejou com um sorriso de troça, exageradamente doce, no rosto. Lottie arfou surpreendida.

– O Jamie canta?

A ideia de Jamie abrir o seu coração numa canção parecia totalmente impossível em alguém tão sério e, mais uma vez, Lottie deu por si dolorosamente consciente do quão pouco sabia sobre Jamie e Ellie.

Ellie voltou-se de imediato para ela e ofereceu-lhe um olhar ríspido que Lottie rapidamente percebeu: «É suposto ele ser o teu guarda-costas, devias saber que ele canta.»

– Não sabias que o teu próprio guarda-costas canta? – A voz veio de detrás dela e Lottie voltou-se rapidamente para ver Saskia na entrada da cozinha, transportando uma pequena mesa, e um grupo de

estudantes de Conch House atrás dela, todos eles segurando enormes sacos com vários artigos de festa. – Acho um pouco difícil – acrescentou enquanto pousava a mesa sem qualquer esforço.

Saskia tinha verdadeiramente florescido no ambiente de Conch House. Era óbvio que era a presença dominante na sala e o motivo porque era a chefe do seu ano.

– Bem... não, quero dizer... – Lottie procurou as palavras certas, mas parecia ser ainda mais difícil pensar perante o sorriso inquiridor de Saskia. – Não sabia que ele cantava em público... É sempre tão tímido em relação a isso.

– Hum... – Saskia começou a colocar coisas na mesa, olhando Lottie de lado por um momento. Os olhos de Lottie moveram-se para Ellie, mas ela observava Saskia de uma maneira estranha, pouco diferente da forma como olhara para a comida da festa.

– Para onde estás a olhar? – perguntou Saskia timidamente, afastando o cabelo do rosto como se fosse uma sereia que acabara de sair da água.

– Estou só a admirar as vistas – respondeu Ellie descontraidamente.

Saskia soltou uma gargalha profunda em resposta, passando a mão pela anca para alisar o vestido nas pernas. Algo dentro de Lottie se eriçou bruscamente com a troca de palavras.

– Vai mas é buscar a tua guitarra e agracia-nos com uma música. Assim talvez te possa perdoar teres comido a minha comida, *pequeña pollo*.

Ellie sorriu com o nome carinhoso e a sensação de Lottie intensificou-se.

Quando Ellie saiu, Lottie tomou consciência de si própria ao ver-se rodeada por alunos Conch, que se conheciam muito bem entre eles e, assim, dedicou-se a arrumar meticulosamente a comida e os enfeites em elaboradas decorações natalícias. Podia não estar no espírito de Natal, mas ainda gostava de decorar.

– És surpreendentemente boa a fazer isso.

Lottie olhou para cima, deparando-se com Anastacia a observar o padrão de flocos de neve que ela formara com alguns bonecos de papel. Não era difícil sentir-se ofendida com a expressão «surpreendentemente», mas só o facto de ser elogiada de alguma forma por Anastacia já compensava. Anastacia trazia um vestido vermelho e, como sempre, o seu cabelo castanho estava impecavelmente arranjado. Parecia saída de um anúncio natalício e fez Lottie sentir-se infantil com a sua bandolete de rena que achara «fofinha».

– Obrigada, na verdade, eu...

– Não és nada o que eu esperava que serias.

Lottie pestanejou surpreendida, sem saber muito bem como responder. *Exatamente o que é que Anastacia esperava que eu fosse? Será que ela pensa que eu sou uma má princesa?*

Anastacia olhou muito séria para Lottie, os lábios abertos como se fosse dizer algo importante, e Lottie foi transportada para o dia na biblioteca quando sentira a mesma determinação irradiando de Anastacia.

– Lottie, eu sei...

– CÁ ESTAMOS NÓS PARA VOS ENTRETER! – Ellie irrompeu dramaticamente pela porta, enquanto levantava uma guitarra no ar como se fosse um troféu, e todos os olhares se voltaram de imediato para ela. Era seguida por Jamie que tinha uma expressão particularmente irritada. Também ele trazia uma guitarra, mas não parecia nada entusiasmado com isso. Ellie deu-lhe um leve murro no queixo e Jamie relutantemente levou uma corneta aos lábios e soltou um sopro comicamente pouco entusiasmante.

E toca guitarra? Será que também dança ballet e canta ópera? Lottie sentiu a sua curiosidade em relação a Jamie voltar a tomar conta dela. *Como é que te tornaste um partisan?*

Voltou-se para Anastacia, mas ela tinha desaparecido, estava repentinamente ao lado de Saskia.

Lottie teve de engolir uma gargalhada, quando Ellie obrigou duas raparigas Conch a levantarem-se dos seus lugares no centro da sala, que era agora o seu palco privado. As miúdas resmungaram indignadas e olharam para Saskia, mas ela limitou-se a rir no seu riso delicioso e fez-lhes sinal para saírem.

– Às vezes, ainda me perguntou porque é que não te puseram na minha casa. Garantidamente, és determinada.

Lottie gelou de imediato ao ouvir isto. Ellie estava na sua casa e ninguém podia mudar isso.

Ellie piscou o olho a Saskia e ofereceu-lhe o seu característico sorriso de lado, congelando o sangue de Lottie. Porque é que isto a incomodava tanto? Odiava sentir-se assim em relação a Saskia, que era tão bondosa para ela, mas ainda assim, sempre que ela estava por perto, Lottie só queria fugir.

Todos se juntaram à volta de Jamie e Ellie, que se preparavam para começar a tocar. Não pareciam minimamente nervosos e Lottie invejou a segurança de ambos.

– Toquem qualquer coisa natalícia – gritou uma das raparigas Conch, que usava um gorro de Pai Natal.

Ellie fez uma cara enjoada, ignorando-a por completo.

– Não, vamos tocar uma coisa para Lottie – disse resoluta ao dedilhar as cordas.

– Para mim? – Lottie sentiu-se imediatamente nervosa e feliz. Por um momento, o desagradável sentimento que sentia no estômago diminuiu ao deliciar-se com a atenção de Ellie.

Ellie passou uma palheta a Jamie, que a segurou com os dentes, enquanto começava a afinar as cordas da sua guitarra. Havia algo de estranhamente mágico em todo o processo, a concentração partilhada, a segurança absoluta no que estavam a fazer – dois profissionais concentrados sem esforço na sua arte.

– Vamos tocar-te uma canção do nosso país. Como este Natal não vais a casa, decidimos trazer até ti um pouco de casa. – Jamie falou com o olhar intenso que às vezes mostrava e Lottie soube que ele queria que ela levasse aquilo a sério.

– Obrigada – respondeu hesitante.

O resto da sala trocou olhares inquiridores entre si, tão curiosos quanto Lottie sobre o que estava para vir. A sala calou-se quando se colocaram nas suas posições. Os dois trocaram um olhar cúmplice e começaram.

A primeira nota cortou o ar e toda a sala pareceu estremecer. Lottie olhou em redor, mas mais ninguém parecia ter notado. Um arrepio coletivo percorreu os ouvintes, quando as vozes de Jamie e Ellie se ouviram numa harmonia assombrosa.

A canção era doce e triste ao mesmo tempo, enchendo o peito de Lottie com uma mágoa sem dor. A voz de Jamie era hipnotizante e Lottie deu por si balançando-se, enfeitiçada pelo encanto da música. Toda a gente estava em silêncio e de olhos bem abertos, presos à inesperada intensidade da atuação.

Lottie, a cada acorde da guitarra de Ellie, mergulhava mais no encantamento. O seu corpo começou a picar como se tivesse alfinetes e agulhas, e o mundo à sua volta desvaneceu-se enquanto fechava os olhos, entregando-se à canção, deixando que ela tomasse conta de si por completo. E aí conseguiu

ver. A antiga letra maradviana ganhou vida graças às intensivas aulas de princesa e a história que contava materializou-se na sua mente.

O seu nome era Ester, era uma guardiã e uma *partisan* e a sua princesa era Liana. Era a guardiã mais impressionante e mais dedicada que o país já tivera, e ela e a sua princesa gostavam uma da outra de uma maneira mais forte e mais profunda do que apenas a lealdade profissional.

Lottie conseguia imaginá-las às duas, fantasmas do passado a flutuarem dentro da sua cabeça. Era uma visão a vermelho e preto; eram corajosas, decididas e adoradas por todos os que as conheciam. A princesa Liana exigira que, quando subisse ao trono, Ester fosse declarada sua mão real para que pudessem governar juntas.

Mas na noite da coroação da princesa e da sua subida ao trono, Ester foi levada da sua cama num ato de guerra, por um país vizinho, como vantagem nas negociações.

Para não obrigar a princesa a escolher entre ela e o seu povo, Ester tirou a sua própria vida. Foi um ato de lealdade tão forte que os deuses tiveram pena dela e permitiram-lhe entregar uma última mensagem à sua princesa através de uma pomba branca.

Cega de raiva e com o espírito da sua corajosa guardiã dentro dela, a princesa mandou arrasar todo o reino vizinho. Lottie conseguia ver as labaredas que saíam do castelo, queimando a sua própria pele ao arderem. E a canção terminou.

Os fantasmas desapareceram da sua mente e os olhos abriram-se, trazendo-a de volta ao mundo real. Deu por si de braços estendidos e com as lágrimas ainda a escorrerem-lhe pela face, como se tentasse desesperadamente agarrar a visão e trazê-la de volta.

E estavam todos a olhar para ela.



Lottie tossiu, desconfortável, algumas vezes.

– Isso foi... lindo – disse num tom casual, enquanto limpava as lágrimas, fingindo que não era nada fora de normal e que não tinha desatado a chorar por causa de uma princesa fantasma imaginária e a sua guardiã. Estavam todos a olhar para ela como se fosse uma espécie de aberração num espetáculo de circo. A sua mente acelerou, tentando desesperadamente encontrar algo que ajudasse a tornar a situação menos estranha.

– Eu... tenho mesmo muitas saudades de casa – disse, limpando novamente os olhos dramaticamente e fungando antes de se desculpar e sair para a varanda para que ninguém pudesse ver como estava abalada.

– Pois... – a voz de Anastacia ecoou sarcástica atrás dela seguida de um riso de gozo.

Lottie agarrou-se à parede da varanda e inspirou o máximo de ar fresco que os seus pulmões conseguiram. Expirou e as nuvens de respiração eram um espelho do fogo interior de confusão e pânico. A luz lá fora era de um azul pálido, o Sol escondia-se por detrás de espessas massas de nuvens onduladas que refletiam o gelo que cobria Rosewood Hall.

Tudo em redor de Lottie era azul e branco, como se se tivessem afundado noutro mundo e submergido numa estranha versão silenciosa da sua escola. Olhou para os nós dos dedos que tinham ficado brancos com a força que fez ao segurar-se à varanda. *O que era aquilo? O que tinha acontecido?*

A imagem de Liana e Ester ardia na sua mente, enquanto fechava os olhos com força. De repente, «saudades de casa» não estava assim tão distante da verdade. Nesse momento, desejou mais do que qualquer outra coisa estar de volta à Cornualha, aconchegada a ler sobre as excitantes vidas de outras pessoas, longe de qualquer loucura. Talvez não tivesse sido feita para este mundo.

– Lottie?

Lottie limpou rapidamente os olhos ao ouvir a voz de Ellie. Voltou-se para ver ela e Jamie parados junto às portas duplas da varanda. Lentamente, Ellie aproximou-se e Jamie seguiu-a.

– Estou bem. Não precisam de vir cá para fora...

Jamie colocou uma grande manta vermelha do dormitório Conch sobre os ombros dela sem dizer nada.

– Obrigada. – Lottie apertou a manta à volta do corpo só percebendo nesse momento o frio que tinha.

– Podemos ficar sozinhas um bocadinho? – perguntou Ellie com suavidade. Não era um pedido e Jamie acenou antes de voltar para a festa, fechado as portas de vidro. Era a primeira vez que Lottie via Ellie assumir um tom de autoridade para com Jamie.

– Ellie, eu estou mesmo bem...

– O que é que aconteceu? – quis saber Ellie.

Lottie fez uma pausa perante a franqueza da questão e esfregou a testa, pensativa. A verdade é que ela não sabia o que tinha acontecido e não sabia como o explicar, mas sabia que era importante. Tudo era importante desde que tinha entrado para Rosewood.

– Já alguma vez pensaste... – Lottie abanou a cabeça e olhou para a escola. – Já alguma vez pensaste que há algo de estranho em Rosewood?

Ellie seguiu o seu olhar com um pequeno sorriso a assomar-lhe nos lábios, enquanto os olhos se mantinham distantes.

– Constantemente. É por isso que gosto disto.

Por uns momentos, Lottie observou o rosto de Ellie, antes de dar um passo em frente e pousar a cabeça no ombro dela. Ficaram assim abraçadas até Ellie soprar e voltar-se para ela.

– Lottie, sinto muito.

Lottie pestanejou, surpreendida. Era tão raro Ellie pedir desculpa e não sabia ao certo do que se estava a desculpar.

– Este é provavelmente o pior Natal que já tiveste. Presa na escola, longe de casa. Não é a mesma coisa.

Ellie fez uma cara de remorso e Lottie fingiu um risinho por parecer tão tolo.

– Não gosto muito do Natal – disse. – E a ideia de aqui ficarmos foi minha.

Lottie apertou mais a manta à sua volta.

– Deixei de me preocupar com o Natal depois de a minha mãe ter morrido.

Lottie não tinha percebido o quanto aquilo era verdade até o dizer. Era por isso que receara ir a Maradova e ver como era o Natal da família de Ellie. Um Natal com uma família completa. E se não fosse como imaginara? Foi acordada dos seus pensamentos por um gemido de Ellie.

– É suposto ser eu quem não se interessa por coisas destas – reclamou Ellie, acariciando carinhosamente a cabeça de Lottie. – É suposto tu gostares de coisas como o Natal e canções de Natal e tudo o que é foleiro no Natal.

Lottie riu e Ellie olhou para ela com o seu característico sorriso sarcástico.

– Bem, eu ia dar-te isto mais tarde, mas... – Ellie puxou o cabelo preto para trás enquanto tirava algo da mala. – Quero dar-to agora; acho que é uma boa altura.

Ellie estendeu-lhe uma caixa mal embrulhada com a palavra Lottie escrita com um marcador preto.

– Ellie, não era preciso... Eu...

– Abre lá – disse Ellie rapidamente, desviando o olhar.

Lottie analisou o presente por um momento e desembulhou-o cuidadosamente. Dentro do embrulho estava uma caixa de veludo rosa e dourado com um bonito sol bordado. As pedras preciosas à volta refletiam o azul-claro do brilho da luz da lua.

– Ellie, é lindo – a voz de Lottie soou num sussurro ao abrir a caixa.

– É para a tiara que a tua mãe te ofereceu. Vi que a guardas na mochila ou na mesa de cabeceira e pensei que a podias guardar aqui.

Ellie parecia envergonhada ao dizer isto, fazendo com que Lottie sorrisse ainda mais.

– É como nós – comentou Lottie, sorrindo excitada para Ellie.

Ellie parecia confusa.

– Uma tiara em quarto-crescente numa caixa de sol. Os opostos que se unem – explicou.

Ao dizer isto, todas as preocupações de Lottie se dissiparam. Olhou novamente para a caixa, admirando a bonita imagem na tampa. Não estava preocupada com a mensagem, nem com os exames,

nem com o baile. Com Ellie ao seu lado, tinha a certeza de conseguir fazer qualquer coisa.

– Anda, vamos voltar para a festa – disse, agarrando na mão de Ellie.

– Na verdade... – respondeu Ellie, afastando a mão. – Porque é que não passamos o resto do Natal juntas no dormitório Ivy?

Lottie olhou para ela sem querer dizer em voz alta o quanto não lhe apetecia passar o Natal em Conch House.

– Até vou roubar algumas empadas para nós – acrescentou Ellie, piscando-lhe o olho. Lottie apertou-lhe a mão.

– Parece-me o melhor Natal de sempre.



Eram 21h30 do dia 31 de dezembro e Lottie, Ellie e Jamie aproveitavam ao máximo o recolhimento alargado para os estudantes que passavam as férias na escola, fazendo um passeio tardio pelos jardins de roseiras junto ao salão principal. Estava muito frio, a relva debaixo dos seus pés estalava sob a sua cobertura de gelo. Lottie apertou a sua pesada capa Ivy forrada a lã à volta dos ombros.

– Olhem! – chamou, apontando para um enorme fogo-de-artifício que rebentava à distância para lá dos muros da escola. Iluminava o *campus* com uma bonita luz cor-de-rosa e Lottie não conseguiu evitar caminhar nessa direção.

– Lottie, espera. – Jamie estendeu a mão e agarrou o braço de Lottie, puxando-a. – Não estás a ouvir?

A sua voz tomou a forma de um sussurro cauteloso, fazendo com que Lottie e Ellie de imediato imitassem o seu silêncio. Jamie levantou um dedo, fazendo-lhes sinal para ficarem caladas, e Ellie deu um pequeno passo em direção a Lottie. Lottie ficou o mais quieta possível, tentando ouvir o que Jamie ouvia e questionando-se se estariam em perigo. Um restolhar abafado vinha de uma árvore ali perto. Lottie susteve a respiração e o seu ritmo cardíaco acelerou. *É agora*, pensou. *Quem quer que deixou a mensagem vem aí.*

Agachado, Jamie deu cinco lentos, mas determinados, passos na direção do ruído e antes que Lottie conseguisse perceber o que estava a acontecer, o seu braço estendeu-se por trás da árvore e agarrou firmemente o seu possível atacante. Jamie esticou a perna por baixo dele e, em segundos, tinha a pessoa no chão com as mãos presas atrás das costas.

– Por favor, não me magoes! Desculpem, desculpem!

– Raphael? – disse Lottie, confusa. Jamie não soltou a mão.

– Meu Deus, Jamie! Vinha só chamar-vos e pensei que seria engraçado pregar-vos um susto e... – Raphael lamentou-se enquanto Jamie o puxava para cima. Esfregou o braço e riu-se para si quando viu a cara séria de Jamie. – Agora percebo que não foi a ideia mais inteligente...

Jamie analisou-o por um momento e depois olhou para Lottie e Ellie. Lottie encolheu os ombros, tentando não rir, em parte porque tinha tido muito medo, mas também porque tudo lhe parecia tão ridículo.

– Tu nunca pensas bem nas coisas – disse Jamie de forma austera.

Raphael desatou a rir. Havia algo nos seus movimentos que parecia deslocado e Jamie reparou nisso.

– Estás bem? – perguntou ele, levantando o sobrolho.

– Estou bem, estou bem! Vamos fazer uma coisa divertida e não queria deixar-vos de fora. – Raphael sorriu, com o seu sorriso um pouco encantador de mais.

– Então, imagino que vão passar umas horas muito loucas. – Ellie riu, avançando em direção a Raphael. – Tenho de ver isto. Lottie?

Ellie voltou-se para Lottie com um sorriso nos lábios. Outro foguete rebentou à distância, desta vez iluminando o chão de vermelho.

– Deixem-me indicar o caminho – respondeu Raphael, enquanto o ar púrpura assobiava em redor deles.

Caminharam até aos arredores de Conch House. A noite tinha envolto por completo a escola e lanternas incandescentes, junto às portas, ardiam entusiasticamente como pequenas figuras dançantes em cada lado do caminho da entrada. Havia agitação à porta, acompanhada por risadas fortes e conversas abafadas.

Ellie sorriu excitada.

– Parece que temos festa.

Saskia, Anastacia e um pequeno grupo de outros alunos Conch estavam encostados à parede do dormitório com garrafas na mão, parecendo alcoolizados.

– O que é que vocês estão a fazer? – perguntou Jamie friamente ao aproximarem-se.

– Vamos assaltar a piscina de Conch House – disse Raphael sorrindo abertamente.

– Mas é proibido! – Lottie sentiu-se imediatamente uma idiota ao constatar o óbvio.

– Bem... *duh!* Por isso é que é divertido! – afirmou uma pequena rapariga Conch com um laço vermelho na cabeça.

Lottie olhou para Saskia a rir. *Porque é que ela permitia que isto acontecesse?*

Lottie pensou o quão chato seria se ela os tentasse dissuadir. Desejou que Binah, Lola ou Micky ali estivessem e ela pudesse fazer coisas divertidas, mas seguras com eles, como beber chocolate quente e ver filmes da Disney.

– Sim! Um assalto!

Lottie deu um salto quando Ellie avançou, colocando um braço à volta dos ombros de Saskia, dizendo:

– Eu sabia que gostava de ti, Saskia.

Desataram as duas a rir descontroladamente e Lottie apercebeu-se daquela sensação familiar de ardor no peito e lançou-lhes um ar carrancudo. Queria manter as duas afastadas e dizer a Saskia para se ir embora.

Ellie viu o seu olhar e sorriu-lhe como se soubesse no que estava a pensar.

– Nós não vamos. – A voz séria de Jamie fez-se ouvir num forte contraste com a atmosfera juvenil.

Saskia olhou para ele semicerrando os olhos e toda a sua aura mudou de repente.

– Vai ser divertido...

– Cala-te! – Jamie olhou para Saskia com um ar determinado e furioso e Saskia ficou de imediato em silêncio com uma expressão fria no rosto. Saskia abanou a cabeça e voltou a sorrir.

– Bom, sabem onde nos encontrar se mudarem de ideias.

Saskia fez um sinal e o grupo dirigiu-se para a piscina. Anastacia hesitou apenas por um momento, olhando demoradamente para Lottie, antes de olhar para Ellie ao passar por ela. Não parecia satisfeita e era óbvio que Anastacia era o único membro não alcoolizado do grupo.

Ellie voltou-se de repente para Jamie e empurrou-o num movimento perfeitamente inútil, pois ele nem se mexeu. Jamie olhou lentamente para ela com se fosse uma criança com uma birra.

– Nós não vamos, Ellie. – repetiu.

Ellie olhou para ele por um momento e depois para os outros que desciam o caminho. Quando se voltou tinha aquele olhar determinado no rosto que só podia resultar em problemas.

– Temos de ir – respondeu Ellie. – Não os podemos deixar pensar que temos medo.

Jamie permaneceu firme.

– Não.

– Bom, eu vou. Vocês podem fazer o que quiserem.

Ellie deitou a língua de fora e rapidamente saiu do alcance de Jamie.

– Vais ter de me apanhar! – gritou, correndo para apanhar os outros.

Jamie resmungou aborrecido e desatou a correr atrás dela.

– Ellie, se tu e Jamie forem, então eu tenho de... Meninos!!!

Era demasiado tarde. Lottie teria de ficar ali sozinha ou segui-los. Contrariada, começou a andar atrás deles.

Tenho a certeza de que me vou arrepender, pensou.



Dois copos de plástico cheios de um líquido transparente apareceram à frente de Lottie e Jamie.

– Tomem, vocês os dois bebam qualquer coisa e animem-se!

Ellie sorriu para eles numa tentativa de os fazer sentir melhor. Lottie e Jamie estavam parados junto à piscina sob o alpendre, embrulhados em mantas e com ar de quem se tinha resignado que o mundo estava para acabar. Lottie lamentava ter de concordar com Jamie sobre o quanto aquilo era estúpido, miúdos bêbedos e uma piscina em dezembro parecia uma terrível combinação.

– Eu não bebo – afirmou Jamie firmemente. – Tenho a resposta...

– Isto não é álcool, é a limonada de Anastacia. Aquecemo-la. – Interrompeu-o Ellie, revirando os olhos. – Não sou assim tão estúpida.

Jamie pegou num dos copos relutantemente e permitiu-se um golo para experimentar.

– Tudo bem – disse ele.

Lottie pegou no outro copo, agradecida pelo calor.

Ficaram sentados debaixo do alpendre num estranho silêncio. De vez em quando, Jamie dava goles furiosos na limonada quente, enquanto Lottie aquecia as mãos com ela.

Ellie dançava com Saskia no outro lado da piscina, rodopiando e inclinando-a como se ela fosse um príncipe encantado e Saskia a sua princesa. Lottie fez uma careta involuntária e disse para si própria que era apenas porque lamentava estar ali e não por ter ciúmes de Saskia, porque isso seria completa e absolutamente ridículo.

– Aposto contigo dez euros em como alguém ainda vai cair na piscina – disse Lottie.

Jamie continuou a olhar inexpressivo para a água, rangendo os dentes e expirando ar quente furiosamente.

– Vinte euros em como eu empurro um deles.

Lottie quase se engasgou. Aquilo era mesmo uma piada? A sua mente foi abruptamente levada para o dia em que soube que ele era um *partisan*, antes de ter entregado a sua vida como guardião de Ellie. Quase parecia que havia dois Jamies: a máscara séria e madura que ele usava e o adolescente que estava escondido sob ela. Novamente uma voz lhe sussurrou ao ouvido. *Quem és tu, Jamie Volk?*

– Nunca desejava ser apenas um rapaz normal?

Lottie deixou escapar a pergunta sem sequer a ter processado na sua cabeça. Jamie não respondeu inicialmente e Lottie arrependeu-se imediatamente de ter feito uma pergunta tão rude, questionando-se se tinha estragado a sua oportunidade de alguma vez deslindar o mistério que era Jamie.

– Nunca serei um rapaz normal.

Lottie ficou tensa com a resposta. Havia algo inegavelmente vulnerável na sua voz e sentiu-se como se estivesse a atrair um veado para si e tivesse de ser extremadamente delicada para não o assustar.

Jamie levantou-se lentamente, derramando vestígios da sua bebida ao libertar-se da manta. Lottie observou-o enquanto ele caminhava até ao limite do alpendre, encostando-se a um dos pilares de pedra, olhando quase melancólico para a superfície azul-safira da água.

Com cuidado, ainda com o veado na mente, Lottie colocou-se ao lado dele.

A piscina de Conch House estava escondida por detrás de arbustos de roseiras-bravas e macieiras com frutos vermelhos pendurados nos ramos em contraste com o tom azul sonhador da superfície suave da piscina iluminada pela Lua.

– Mas, hipoteticamente – perguntou Lottie, cuidadosamente. – Se pudesses ser?

Jamie sorriu e olhou para ela de lado.

– Quase me pergunto se estarás a insultar as minhas capacidades como *partisan*.

Lottie não esperava esta resposta e Jamie riu ao ver a sua expressão confusa.

– O que quero dizer – prosseguiu –, é que o meu trabalho é tentar misturar-me o mais possível com os outros alunos. Não achas que sou como os outros rapazes? – perguntou com um toque de humor a brilhar-lhe nos olhos.

Lottie fingiu refletir por momentos, batendo com o dedo no queixo como se tentasse organizar os pensamentos que iam na sua cabeça.

– Hum...– começou ela. – Quer dizer, em primeiro lugar, não tens nenhum sentido de humor e és tão anormalmente forte que és praticamente um super-herói. Definitivamente, não és como os outros rapazes.

Um sorriso suave surgiu-lhe nos lábios e ele riu-se baixinho, com o som a ecoar pelo corpo de Lottie. Depois, o brilho desapareceu do seu olhar e ficou novamente sério. Lottie ficou preocupada por poder ter assustado o veado, mas ele voltou-se para a água e ela pôde sentir que ele ainda estava junto dela.

– Quando vivemos a nossa vida em prol de outra pessoa encontramos forças que pensávamos não ter. – Jamie falava com uma enorme certeza e Lottie percebeu que aquelas palavras lhe magoavam o coração.

– Isso parece terrivelmente triste – disse ela, abraçando-se involuntariamente como se tentasse confortar-se.

Jamie olhou para ela com sinceridade, a sua cabeça ligeiramente inclinada e os olhos brilhantes e intensos.

– A sério? – perguntou ele. – Não estás a fazer exatamente o mesmo? Não entregaste a tua vida à família real maradoviana?

Mas eu tive escolha, pensou Lottie, tentando evitar que as lágrimas lhe enchessem os olhos. E, mais uma vez, como se conseguisse ler a sua mente, Jamie aproximou-se dela e disse gentilmente:

– Esta é a nossa escolha, Lottie.

A sua respiração acariciou a face dela, fazendo-a estremecer. Tinha um aroma doce e estranho, com pó de talco, que lhe fez comichão no nariz. Lottie olhou para cima e percebeu o quanto os seus rostos estavam próximos.

Algo estava errado.

Alguém meteu álcool na sua bebida?

Os olhos de Jamie enevoaram-se e ele inclinou-se para a frente, fazendo Lottie recuar para a parede que separava o alpendre da piscina, apoiando-se com uma mão na pedra.

– Jamie...

O luar brilhou entre eles e a expressão no rosto de Jamie fez Lottie sustar a respiração. O seu sorriso estranho fê-la lembrar-se de um lobo. Os seus olhos eram negros sob o cabelo despenteado; tinha um ar inconfundível de predador que fez acelerar o coração de Lottie. Jamie riu-se como se voltasse a ler a sua mente.

– Ainda tens medo de mim – disse com um sorriso.

Lottie sentiu a face corar, mas não por estar envergonhada. De repente, as palavras dele enfureceram-na.

– Medo de ti? Claro que tenho medo de ti!

Obviamente, esta não era a resposta que Jamie esperara e o seu rosto mostrou-o.

– Nada do que eu faço te agrada – acrescentou Lottie.

Jamie abanou a cabeça, confuso.

– Tu não precisas de me agradar...

– Preciso sim! Preciso de te provar que sou capaz.

– Não penso que não sejas capaz – o rosto de Jamie alterou-se como se estivesse a lutar para encontrar as palavras certas. – Eu acho que não devias ter de ser capaz.

– Eu... O quê? – Lottie pestanejou ao olhar para ele, perplexa.

– És apenas uma miúda, Lottie. – Jamie disse-lhe isto sussurrando-lhe ao ouvido enquanto gentilmente acariciava uma madeixa do seu cabelo. Lottie sentiu que voltava a corar, mas desta vez não tinha desculpa para isso.

– Bem... então, tu também não. – Tentou soar confiante, mas as suas palavras eram ofegantes e nervosas.

Jamie pareceu distante por um momento, a névoa consumia-o por completo.

– Eu nunca tive esse luxo. – Voltou-se para Lottie com um olhar doloroso que tomou conta dele. – E não suporto ver tirarem-to.

Jamie aproximou-se tanto que Lottie conseguia ouvir o seu coração bater. Estava já o mais inclinada possível sem cair na piscina.

– Jamie, estás bêbedo ou quê? Temos de...

A expressão de Jamie alterou-se instantaneamente e toda a doçura foi substituída por confusão.

– Não, eu não bebo. Eu... – a descoberta tomou conta do seu rosto, mudando de confuso para irritado. Segurou a cabeça com as mãos, tentando dar alguma estabilidade aos seus pensamentos.

– Lottie, vou desmaiar. Ouve... – Jamie fechou os olhos, forçando desesperadamente a sua mente e boca a cooperarem. – Não podes confiar em Anastacia...

E então desmaiou nos braços dela, atirando-os aos dois sobre o muro e para a água gelada.



A água gelada entrou pelo nariz de Lottie e o seu sangue parecia gelo a correr-lhe nas veias. Lottie abriu os olhos debaixo de água e viu Jamie ainda inconsciente, numa mancha desfocada que se afundava com ela.

Tenho de o tirar daqui.

Passou os braços por baixo dos ombros dele.

Aguenta, Jamie! Por favor, não te afogues! Por favor, não te afogues!

Lottie tinha nadado contra correntes fortes no mar da Cornualha e tinha mergulhado para procurar moedas no fundo da piscina local, mas tirar outro ser humano da água, completamente vestido, parecia uma tarefa hercúlea. *Não te vou deixar afogar.*

Mas, por mais que tentasse puxá-lo para a superfície, não o conseguia mexer, estavam demasiado pesados com roupas e sapatos. Lottie estava a ficar sem tempo, cada segundo era vital.

Preciso de mais impulso.

Lentamente, deixou que se afundassem até aos dois metros de profundidade, pousou firmemente as pernas no fundo da piscina e empurrou com toda a sua força.

Irromperam pela superfície e Lottie engoliu desesperada o máximo de ar que conseguiu, antes de nadar para o lado. Consequia ver pessoas à volta da piscina que a chamavam, mas não as conseguia ouvir.

Mãos aproximaram-se e puxaram ela e a Jamie para fora de água.

Foram levados para a relva e alguém veio para junto dela, chamando-a, mas ela afastou-o; tinha de voltar para junto de Jamie. Inclinou-se sobre ele. Jamie ainda estava gelado, tinha a sua pele morena coberta por um brilho como frágil porcelana.

Estava errado: era suposto Jamie ser forte, inabalável e inquebrável. Lottie queria que ele acordasse e gritasse com ela, lhe dissesse que aquilo era um teste e refilasse com ela por ficar tão preocupada. Mas por mais que o desejasse, ele permanecia quieto, sem respirar.

O que é que eu faço? Lottie sentiu que as lágrimas lhe picavam os olhos. *O que é que eu faço?*

Alguém na sua mente, uma voz suave respondeu: *Beija a princesa para a acordar.*

O seu corpo moveu-se como se tivesse em modo piloto automático. Pressionou o peito dele três vezes, apertou-lhe o nariz e, gentilmente, colocou a boca dela sobre a dele enchendo-lhe os pulmões com ar. E depois voltou a fazê-lo, e outra vez e mais outra e... Jamie tossiu abruptamente sob ela, fazendo-a dar um salto para trás.

Jamie inspirou trémulo antes de murmurar:

– Não é assim que se faz respiração boca a boca.

Lottie arfou ao ouvir a voz dele e ele tossiu mais algumas vezes, os seus olhos tentavam focar antes de se levantar e tocar no rosto. A sua mão estava gelada contra o seu rosto.

– Tão quente – murmurou Jamie antes de voltar a desmaiar. Lottie sentou-se ao seu lado, ainda segurando a sua mão contra o rosto dela.

Ele está bem. Consegui. Salvei-o. As lágrimas começaram a correr-lhe pela face e, finalmente, levantou a cabeça. Estavam todos à sua volta com rostos preocupados. Ellie, em particular, parecia aterrorizada.

– Está tudo bem, gente. – Lottie soltou um pequeno soluço. – Ele está bem.

Lentamente, Lottie olhou para cima. Ali parada, estava a professora Adina Devine, com o seu manto de inverno a agitar-se com o vento, como um remoinho furioso.

– Vocês todos. No meu gabinete. JÁ!

A professora voltou-se de repente para onde Lottie estava ajoelhada, no chão junto de Jamie.

– Raphael, Thomas, ajudem-me a levar Jamie para a enfermaria.

Lottie observou enquanto eles o levantavam, tentado desesperadamente acompanhá-los. Todos se começaram a afastar, mas Lottie não se mexeu.

Uma mão pousou gentilmente no seu ombro e voltou-se para ver Ellie segurando uma manta.

– Desculpa, Lottie, não vos devia ter feito vir até aqui... Estou...

Lottie tirou a manta das mãos de Ellie ainda olhando distante.

– Alguém pôs qualquer coisa na bebida dele...

Ellie olhou para Lottie, estupefacta.

– O quê? Quem?

– Não sei.

Não podes confiar em Anastacia.

Era a única conclusão lógica. Tinha-lhes sido dada a bebida dela. Todos os sinais apontavam para ela. Lottie olhou para Anastacia que se afastava com o resto do grupo, uma figura vermelha desfocada movendo-se lentamente. Não conseguia compreender porque é que ela o faria. O que é que ela teria a ganhar? Não fazia nenhum sentido.

– Lottie, estás a tremer. Temos de te levar para dentro.

Lottie deixou que Ellie a embrulhasse na manta e, lentamente, voltaram para o dormitório Ivy. Nem sequer estava nervosa por ir ao gabinete da professora Devine. Algo de estranho se passava em Rosewood. Quase tinham magoado Jamie nessa noite e tinha de perceber o que se passava antes de ser demasiado tarde.



Como castigo por terem invadido a piscina, foi-lhes dado um mês de recolha de folhas e de lixo, e tiveram de escrever um ensaio de cinco páginas sobre a importância de respeitar a água. Saskia ficou de castigo até ao início do período e a professora Devine afirmou:

– Ela pode considerar-se com sorte por não lhe ter sido revogado o título.

Lottie para começar, quis protestar contra o seu castigo, pois nem sequer tinha querido ir à piscina mas lembrou-se do que a professora tinha dito sobre terem de ser responsáveis uma pela outra e ficou calada. A culpa era castigo suficiente para Ellie a julgar pela expressão sombria no seu rosto.

Jamie teve alta da enfermaria do colégio ao fim de apenas uma hora. Não encontravam vestígios de nada suspeito – nada de toxinas, de venenos, nada de nada –, mas Lottie não conseguia esquecer a recordação daquele estranho cheiro doce que sentira no seu hálito. Algo não estava bem.

Mandaram-no para o quarto para descansar, com ele a dizer firmemente que estava bem, mesmo sem se conseguir lembrar de nada. Ofereceu a Lottie um olhar particularmente austero, quando lhe disse para «esquecerem tudo o que tinha acontecido».

Entretanto, Ellie e Lottie tinham ficado sozinhas com a professora Devine.

A professora olhou para elas friamente, antes de lhes indicar os assentos almofadados junto à sua secretária.

– Podem sentar-se. Vou abreviar isto, pois vejo que a jovem menina Pumpkin está bastante nervosa.

Lottie estava ainda embrulhada em mantas, desfrutando do calor da lareira ao canto.

O olhar da professora recaiu sobre Ellie e Lottie teve de morder a face para não voltar a chorar, enquanto a professora Devine falava. Os seus olhos já estavam molhados e inchados o suficiente.

– Entendo perfeitamente o desejo de explorar muitas zonas interditas da escola.

Mesmo num estado alterado, o cérebro de Lottie reteve a palavra «muitas», guardando a informação para mais tarde.

– E, Lottie, a forma como ajudaste Jamie foi bastante impressionante. Não é fácil pensar com clareza em situações como esta e vamos lembrar-nos da tua coragem. Mas – a professora Devine falava num tom de aviso –, o que me desilude é que duas raparigas Ivy tão promissoras tenham fracassado em trazer ao de cima o melhor uma da outra esta noite.

A professora esfregou a testa por um momento em sinal de reflexão e Lottie sentiu uma onda de calor soporífica vinda das chamas ao seu lado.

– Não vos vou manter aqui mais tempo. Sinto que isto é uma lição que não vos consigo ensinar com palavras. O melhor, por agora, é irem para o vosso quarto e pensarem no que se passou. – Olhou para cada uma com um olhar pesado. – Podem ir.

Lottie estava deitada na sua cama, olhando ausente para o *Sr. Truffles* enquanto mordida o lábio. Nem sequer deu pelo corpo quente de Ellie que se deitara ao seu lado.

– Estou mesmo arrependida por esta noite – sussurrou Ellie, acariciando gentilmente o cabelo de Lottie, que assentiu, tentando não soltar mais lágrimas.

– Achas mesmo que alguém deitou alguma coisa na bebida dele?

– É a única explicação.

Ellie hesitou.

– E tens a certeza de que vocês não caíram simplesmente para a piscina e ele bateu com a cabeça?

Havia algum ceticismo na voz de Ellie, como se estivesse convencida de que Lottie não lhe estava a contar tudo.

– Não, Ellie, tu não o viste antes de cairmos na piscina. Ele estava... estranho.

Lottie enterrou a cara no *Sr. Truffles*, sentido que o seu rosto corava ao lembrar-se de quão estranho Jamie estava.

– Ele disse... – Lottie fez uma pausa. Todas as provas apontavam para Anastacia, mas Lottie ainda não conseguia perceber porque é que ela o faria. – Ele voltou a dizer que não podemos confiar em Anastacia.

Ellie assentiu atenta e, depois, colocou um braço à volta de Lottie e enfiou o nariz no cabelo dela, fazendo Lottie rir ao sentir a sua respiração a fazer-lhe cócegas no pescoço.

– Pelo menos posso confiar em ti – disse as palavras lentamente ao ouvido de Lottie e todo o corpo dela ganhou vida. Lottie voltou-se para Ellie e ficaram as duas cara a cara com as lágrimas a correr-lhes pela face e fungando. Ellie abraçou-a contra o seu peito até Lottie parar de chorar.

– Desculpa – repetiu Ellie, apesar de desta vez não ser muito claro sobre o que estava a pedir desculpa.

Permaneceram aninhadas, partilhando o calor nos seus pijamas polares, como duas crias na toca. Os olhos e a garganta de Lottie doíam de tanto chorar mas, aos poucos, começou a relaxar nos braços de Ellie, com o bater do coração da sua amiga suavemente junto ao seu ouvido. Por fim, Ellie saiu da toca, apagou as luzes e voltou para a sua cama.

*

Nessa noite, enquanto Ellie dormia silenciosamente na cama dela, Lottie acordou com suores frios de um terrível pesadelo em que Anastacia afogava Jamie.

Tentou voltar a adormecer, mas a sua mente estava demasiado esgotada e inquieta para voltar a descansar. Um arrepio de que ela não se conseguia livrar percorreu-lhe o corpo.

Passava uma hora do novo ano. O arrepio voltou a tomar conta dela e ela estremeceu; estava demasiado frio para tentar dormir novamente.

Lottie abriu a porta o mais silenciosamente possível, sem querer acordar Ellie, e contornou a esquina até à sala de arrumos onde havia mais cobertores. No caminho de regresso, passou pela sua caixa de correio e teve de olhar duas vezes quando percebeu que tinha algo lá dentro. Era um envelope dourado com um delicado padrão preto à volta que ondulava nos cantos como fumo. Abriu-o cuidadosamente e foi atingida pelo cheiro a hortelã-pimenta. Retirou o cartão lentamente. Era preto e estava escrito a dourado. Dizia simplesmente:

Vemo-nos no Baile de Verão, Princesa.

Lottie abraçou o cartão junto ao peito e rapidamente voltou em bicos de pés para o quarto, escondendo-o na sua mesinha de cabeceira, debaixo da caixa que Ellie lhe tinha dado. Jamie e Ellie ficariam furiosos se soubessem.

Edmund finalmente enviou-me uma mensagem.

O seu coração batia descontroladamente. Tinha a certeza de que este pequenino segredo não seria um problema. O que poderia acontecer de mal?

TERCEIRA PARTE

A Apresentação da Princesa



O período de primavera começou a 9 de janeiro e com ele chegou uma fofa camada de neve que cobriu toda a escola. Todos tinham mudado para o uniforme de inverno, grosso e macio, que fazia com que toda a escola parecesse estar cheia de ovelhas coloridas. O entusiasmo de um novo começo ressoava pelos corredores, mas para Lottie, Jamie e Ellie era altura de levar a sério a misteriosa ameaça às suas vidas.

Sentaram-se no salão principal à espera do discurso de abertura do novo período. Estava demasiado frio para o evento ser realizado no exterior, mas, desde o incidente na piscina, Lottie sentia-se um pouco claustrofóbica entre multidões.

– Ainda penso no que aconteceu, e julgo que o plano deve ter corrido mal – disse Jamie. – Acho que pretendiam atingir-me a mim e a Lottie, mas não é certo o porquê.

– Eu acredito que não queriam que alguém se magoasse com gravidade. – Lottie não tinha a certeza, mas o que quer que tivesse sido posto na bebida de Jamie não tinha tido efeitos secundário a longo prazo e ele tinha recuperado quase de imediato. – De outra forma, teriam usado algo pior.

Lottie sentiu-se doente com a ideia.

– De qualquer maneira, não podemos deixar que Anastacia pense que suspeitamos dela. Temos de a manter por perto – acrescentou Ellie, verificando que ninguém os estava a ouvir.

Jamie mordeu o lábio pensativo.

– O que é que provocou para além do desmaio? – perguntou Ellie, curiosa.

Jamie e Lottie gelaram. Olharam um para o outro e Jamie ficou com uma expressão séria. Tinha afirmado um milhão de vezes que não se lembrava de nada e ainda assim, sempre que o assunto vinha à baila, ficava sério.

– Não me lembro – disse novamente.

– Bem, a Lottie deve lembrar-se – respondeu Ellie, querendo ajudar. – Estava doido, meloso ou confuso? Pode ajudar-nos a perceber o que era.

Jamie fez um olhar ríspido a Lottie e as suas palavras naquela noite voltaram a ecoar na sua cabeça. *Não suporto ver tirarem-to*. Lottie engoliu em seco com a recordação.

– Foi muito direto – disse ela por fim.

– Direto?

Os olhos de Ellie franziram-se, mas antes de poder dizer alguma coisa, uma voz alegre soou atrás dela.

– Bom dia!

Binah, Lola e Micky ocuparam o espaço ao lado de Lottie, interrompendo a conversa. Jamie soltou um breve suspiro como se estivesse aliviado com a chegada dos amigos.

– Soube o que aconteceu durante as férias. Jamie, espero que estejas mesmo bem – disse Binah com a preocupação estampada no rosto.

– Estou bem – enquanto falava, os olhos de Jamie permaneceram fixos em Lottie.

– Nem acredito que mergulhaste e o salvaste, Lottie – observou Lola, excitada.

– És uma heroína – declararam os gémeos em uníssono.

Lottie não sabia muito bem como se tinha espalhado o boato, mas conseguia perceber que fazia tremer o lábio de Jamie.

Todos se voltaram quando a Sra. Kuma se aproximou do pódio, vestida com um casaco amarelo fofo e um chapéu a condizer, o que fez Lottie lembrar-se de um narciso. Parecia adequado que, com a sua presença animada e colorida, fosse ela a fazer o discurso de abertura do período de primavera.

– Bom dia a todos e bem-vindos de regresso a um novo período em Rosewood. Fico feliz por ver tanto entusiasmo entre vós, mesmo neste tempo frio. – A professora tremeu para acentuar a sua afirmação. – Espero que tenham tido umas férias agradáveis e que estejam prontos para começar este período ainda com mais paixão e garra. Os alunos do 10.º ano e dos anos seguintes terão a pressão adicional de se preparem para os exames do próximo período. Poderá ser tentador descontrair durante o período de primavera sem a aproximação dos exames, mas tenho a máxima fé de que estarão à altura de enfrentar os desafios de cabeça erguida.

Depois, o seu sorriso alegre transformou-se numa expressão triste, e aclarou a garganta antes de prosseguir.

– Numa nota menos agradável, devido ao incidente durante as férias, o recolhimento das nove deverá ser rigorosamente observado. Se algum estudante não estiver no seu respetivo dormitório a essa hora, enfrentará um castigo apropriado; preferíamos que não tivessem de descobrir que castigo é esse.

A professora olhou para os alunos com lábios cerrados, deixando claro que o aviso não devia ser levado de ânimo leve.

Lottie conseguia sentir algo a queimar as suas costas e voltou-se, dando de caras com Anastacia alguns metros atrás, junto de Saskia e Raphael. Anastacia desviou rapidamente o olhar quando Lottie a viu. *Não podes confiar em Anastacia.* Lottie sentiu um arrepio. Não conseguia tirar a sinistra mensagem de Jamie da cabeça, e inclinou-se para Ellie.

– Anastacia está atrás de nós. Depois temos de lhe ir dizer olá para que ela não pense que a andamos a evitar.

Ellie acenou, resistindo à tentação de olhar para trás.

– Agora, antes de vos deixarmos prosseguir com o vosso dia, temos mais uma notícia – continuou a Sra. Kuma.

Lola e Micky soltaram um ligeiro grunhido e Lottie perguntou-se o que poderia ser tão excitante.

– Este ano, a Tompkins Confectionery Company patrocinará a nossa celebração do Dia de São Valentim, por isso podemos agradecer-lhes as decorações extra especiais. Se algum de vocês desejar participar nas decorações, por favor venha ter comigo ao meu gabinete, durante esta semana.

Os gémeos voltaram-se para Lottie, Lola sorria alegremente. Lottie tentou mostrar o seu melhor sorriso, mas a verdade é que não gostava muito do Dia de São Valentim e garantidamente não queria ter de explicar porquê a ninguém. *Outra coisa com que me preocupar.*

O discurso chegou ao fim e todos começaram a sair do salão principal. Lottie conseguia ver Anastacia ligeiramente à sua frente e perguntou-se se deveria abordá-la. Ellie devia ter tido uma ideia parecida, porque assim que chegaram à rua, passou a correr por Lottie e agarrou no braço de Anastacia para achamar.

– Olá, Anastacia, nós...

Anastacia voltou-se abruptamente e a mochila caiu-lhe do ombro, espalhando o seu conteúdo pelo chão.

– *Mon dieu!*

– Raios! – Ellie e Anastacia praguejaram ao mesmo tempo.

Ellie e Lottie ajoelharam-se de imediato e começaram a ajudar Anastacia a apanhar as suas coisas.

– Não! – gritou Anastacia para as impedir.

– Peço imensa desculpa, Anastacia... Nós só queríamos dizer olá. Não queríamos... – A mão de Lottie passou sobre uma fotografia e fê-la gelar.

A fotografia estava ligeiramente desfocada, mas era claramente de Anastacia que sorria com um laço vermelho no cabelo. Ao fundo, via-se a Torre Eiffel e na mesa à frente dela encontrava-se um enorme *sundae*. Ao lado dela estava uma rapariga com uma enorme cabeleira de finos cachos loiros e pele cor de caramelo. Era Saskia. Estava a pentear o cabelo de Anastacia e as duas sorriam. Lottie nunca tinha visto Anastacia tão feliz.

– Não mexas nisso! – Anastacia precipitou-se, arrancando a fotografia da mão de Lottie. – Vocês só sabem arranjar problemas!

Anastacia agarrou na mala e puxou-a para si, caminhando furiosamente para apanhar os restantes estudantes Conch.

– Uau! – comentou Jamie sarcasticamente. – Não podia ter corrido pior.

Lottie quase nem se apercebeu das palavras. Não conseguia parar de pensar na foto e na reação de Anastacia. *Vocês só sabem arranjar problemas.*

Anastacia era sempre tão controlada. Reagir assim de forma tão rápida não era definitivamente um bom sinal. Lottie olhou para Ellie que encolheu os ombros. Não conseguia deixar de sentir que lhe estava a escapar algo importante.



Lottie embrenhou-se nos seus estudos ao longo das semanas seguintes, sentido sempre que algo lhe estava a escapar, até que finalmente chegou o pior dia do ano: o Dia de São Valentim. Ou, como Lottie o conhecia, o aniversário da morte da sua mãe.

Lottie acordou na terrível manhã do dia 14 de fevereiro e, como era sábado, foi para a sua aula matutina de princesa com Jamie e Ellie. Estava grata por, pelo menos, ter conseguido voltar a dormir e, consequentemente, por conseguir manter-se calma, coisa que precisava desesperadamente, principalmente nesse dia.

Toda a escola estava coberta pelo forte cheiro a chocolate. Rosas vermelhas e grinaldas em forma de corações incutiam o romantismo em todos.

Lottie estava satisfeita por ter as aulas para se distrair. Nessa manhã Jamie escolhera a estufa, no jardim das rosas junto ao edifício principal, o que significava que teriam uma vista desafogada das preparações para o Dia de São Valentim. Obviamente, tinha escolhido esse local como compensação por perderem as decorações, não sabendo que Lottie não queria participar nelas.

– Lottie? – A voz de Jamie trouxe-a de volta à realidade.

– Desculpa! Podes repetir a pergunta?

Jamie e Ellie observaram-na atentamente por um momento e Jamie levantou o sobrolho numa preocupação silenciosa.

– Perguntei-te qual era a tua história preferida do diário de Oscar e porque é que achas que pode ser útil.

Jamie olhou para ela expectante.

– Ah, isso é fácil – respondeu Lottie. – A história de Sun Dao e Shau Zu, porque... Disse alguma coisa errada?

Lottie olhou para a cara de Jamie. Arregalara os olhos como se tivesse ouvido algo surpreendente.

– Não, não... De todo... É que... Essa também é a minha preferida.

Lottie foi tomada por um calor repentino. Era tão raro ele partilhar algo sobre si, que parecia que ela tinha acabado de ganhar um prémio. Jamie aclarou a garganta, fazendo-a acordar dos seus pensamentos.

– Queres desenvolver?

Lottie assentiu, feliz por desviar o pensamento do Dia de São Valentim. Respirou fundo e preparou-se para mergulhar no conto do príncipe Shau Zu.

– Estávamos no ano 300 d.C., na China, uma época em que os guardiões se tinham tornado tão normais que se poderia assumir que a maioria da dinastia não era quem se pensava ser. O príncipe Shau Zu e o seu guardião Sun Dao foram convidados para o palácio do imperador Qin Shi Xiao, um poderoso senhor da guerra e uma força terrível. A sua estada azedou quando se tornou claro que o imperador os tinha convidado para sua casa para capturar o príncipe. Mas Sun Dao era demasiado

inteligente para o imperador. Sabendo que seria uma grande desonra fazer mal a um guardião depois de saber o seu papel, mentiu e convenceu Qin Shi Xiao de que o príncipe era ele. Sem saber, o imperador manteve o verdadeiro príncipe Shau Zu como «convidado especial» no palácio, o tipo de convidado que não pode sair. Sun Dao, atuando com príncipe, resistiu a oito dias de «jogos» mortíferos – desde percorrer uma corda esticada sobre óleo a ferver a desviar-se de setas disparadas no jardim –, até que finalmente o exército do príncipe chegou para o salvar. Assim que escaparam do terrível Qin Shi Xiao, o príncipe perguntou a Sun Dao: «Como é que posso recompensar tal lealdade?» ao que Sun respondeu: «Deixando-me fazer tudo outra vez.»

Lottie olhava para as rosas enquanto contava a história, fazendo o seu melhor por recordar os pormenores.

Quando se voltou para olhar para Jamie e Ellie, surpreendeu-se ao vê-los a olhar atentamente para ela e encheu-se de orgulho ao perceber o seu fascínio. Recordou-se de como costumava olhar para a sua mãe, quando ela lhe lia os contos de fadas e, de repente, sentiu uma forte dor no peito.

Ellie pestanejou algumas vezes antes de soltar um assobio.

– Tenho de ler esse diário! – exclamou.

Os lábios de Jamie curvaram-se num ligeiro sorriso e olhou de lado para Lottie.

– E porque é que esta história é útil? – perguntou.

– Bom... – Lottie olhou para baixo, sentindo-se envergonhada com a sua resposta. – Mostra que há força na lealdade. Que há poder no dever de guardião.

Ellie riu entredente com a resposta, o que lhe deu direito a um olhar ríspido de Jamie. Lottie sentiu-se a ficar zangada; hoje estava demasiado magoada para encontrar humor no que quer que fosse.

– Oh, Lottie, não vais ter de caminhar sobre óleo a ferver! – Ellie desatou a rir e Lottie sentiu que o seu sobrolho se levantava. Jamie olhou para ela.

– Ellie, isso é...

– Não fazes ideia do que poderemos ter de fazer! – Lottie interrompeu-a antes de Jamie poder terminar.

Ellie parou de rir, mas manteve um sorriso nos lábios sem perceber o quanto Lottie estava a ficar irritada.

– Mas isso é uma loucura! Não me leves a mal, bem gostava que a minha vida fosse assim tão excitante, mas...

– Gostavas que a tua vida fosse assim tão excitante? – Lottie nem queria acreditar no quanto era ridículo o que ela tinha proferido.

– Sim, claro! Para mim, ser uma princesa sempre significou estar enfiada em casa o dia todo e...

– Ellie, não fazes ideia de quão excitante e impressionante é a tua vida. A maioria das pessoas passa a vida a inteira a sonhar com um mundo como aquele em que tu vives.

Lottie conseguia sentir as mãos a fecharem-se em sinal de frustração. Não conseguia deixar de se sentir irritada.

– Bem, a maioria das pessoas não sabe o quão horrível realmente é. Lottie, qual é o problema? Sabes o quanto a minha família pode ser irritante...

– Pelo menos, TENS uma família!

Lottie tapou de imediato a boca com a mão quando as palavras lhe saíram, mas não conseguiu impedir que as lágrimas corressem. *Agora é que a arranjaste bonita*, pensou. *Agora não vais*

conseguir parar de chorar o dia todo.

– Lottie... – a voz de Ellie soou tensa.

Lottie sabia que tinha exagerado, mas era demasiado difícil ordenar os seus pensamentos. Esfregou os olhos agressivamente e levantou-se. Não queria provocar mais estragos.

– Vejo-vos mais tarde.

As palavras saíram num pequeno soluço pelo qual se odiou e correu para a saída que dava para o jardim. Não olhou para Jamie ao passar por ele, não conseguiria suportar ver o que ele estava a pensar.

– Lottie, espera! – Ellie gritou atrás dela, mas Lottie não parou de correr. Correu até os seus pulmões doerem e pensou que ia vomitar até finalmente conseguir chegar a Ivy Wood, mas não parou por aí. Os pés não a deixaram. Continuou a correr até Rose Wood.



Os olhos e a face de Lottie ardiam com o sal das suas lágrimas e o nariz estava vermelho, não só por estar a chorar, mas também pelo frio que se fazia sentir. Parou para recuperar o fôlego e percebeu que não conseguia ver os edifícios da escola. Tinha-se embrenhado em Rose Wood.

Estava coberta por uma camada de suor, mas percebeu demasiado tarde que tinha deixado o casaco no jardim das rosas. Caminhou mais um pouco até encontrar a maior árvore que alguma vez tinha visto. Era um carvalho antigo com um tronco tão largo que dava para construir uma casa lá dentro; os ramos estendiam-se num enorme círculo. Lottie sentou-se debaixo da árvore, deixando o seu corpo absorver o frio para tentar afastar alguns dos sentimentos negativos. Sentia-se envergonhada por ser tão melodramática.

Desde que a sua mãe morrera, ficava sempre triste nesta data, mas normalmente estava sozinha no seu quarto na Cornualha, podendo lidar em privado com a sua tristeza. Parecia que estar em Rosewood fazia com que a morte da mãe estivesse mais próxima e presente do que o normal.

– *Lottie.*

Lottie conseguia ouvir a voz suave da mãe na sua cabeça. A imagem dela na cama do hospital, magra e fraca mas ainda a sorrir, tomou conta dos seus pensamentos.

– *Terei orgulho em ti faças o que fizeres na vida, desde que me prometas que...*

– *Serei bondosa, serei corajosa, serei imparável!*

A sua mãe rira, num riso dorido que emitia um doloroso gemido.

– *Sim, Lottie, eu sei que serás, mas promete que também vais ser feliz. Quero que mo prometas.*

Lottie olhara para a mãe, sabendo que não tinham muito tempo juntas.

– *Prometo que vou entrar em Rosewood Hall e ser feliz.*

Não conseguia. Lottie não podia prometer à sua mãe que seria feliz, porque não tinha a certeza de conseguir passar sem ela. Mas tinha a certeza de que entrar em Rosewood corrigiria isso. Se entrasse em Rosewood, seria feliz e cumpriria a sua promessa à mãe. Então, porque é que não estava feliz?

Outro arrepio percorreu o seu corpo e Lottie apertou ainda mais os joelhos contra o corpo. Não sabia como iria encontrar o caminho para sair do bosque ou o que diria quando visse Jamie e Ellie. Não queria pensar em nada, só queria aconchegar-se debaixo da árvore e ficar sozinha.

– *Lottie!*

A cabeça dela levantou-se ao ouvir o seu nome, sem saber muito bem quanto tempo tinha passado. Todo o seu corpo tremia e sentia o frio nos ossos. A voz chamou mais alto.

– *LOTTIE!*

Levantou-se lentamente, com a terra húmida colada às suas roupas. Alguém se aproximava do outro lado da árvore e ao olhar para trás do tronco viu Jamie ali parado – com o seu casaco e uma manta. Lottie esfregou os olhos, sentindo que a vergonha tomava conta dela. *Como é que ele me encontrou?*

– *Sei seguir pistas.*

Lottie pestanejou, ainda tinha os olhos doridos e enevoados.

– Anda – disse ele, estendendo-lhe a mão. Ela agarrou-a e ele carinhosamente embrulhou-a no casaco e na manta. Os seus braços envolveram os ombros dela e ela ficou surpreendida de como parecia reconfortante estar perto dele, depois da estranheza que se seguira ao incidente na piscina.

– Pedimos desculpa. Devíamos ter-nos lembrado de que dia é hoje. Foi uma grande falha minha... Desculpa.

Lottie fungou.

– Estou bem.

Uma pequena risada soltou-se da garganta de Jamie.

– Dizes sempre isso.

Havia uma nota de arrependimento na sua voz que obrigou Lottie a olhá-lo nos olhos. A árvore lançava uma enorme sombra azul, como se eles estivessem na sua própria via láctea. A expressão de Jamie era de uma dor doce e Lottie sabia que estava a assistir a algo raro.

– Sinto mesmo muito a falta dela. Mas não quero que ela se preocupe comigo.

De certa forma, não parecia estranho partilhar isto com Jamie. Ele assentiu, a sua expressão era solene e Lottie acreditou verdadeiramente que ele compreendia. Ainda assim, havia algo na sua empatia que a surpreendeu. Teria também ele um segredo no seu passado? O que teria acontecido? E lá estava novamente aquela questão: *Como é que ele se tornou partisan?*

– Anda! Está na hora de ir embora. A Ellie tem uma coisa para ti.

Lottie deixou-o conduzi-la pelo bosque. Ele parecia tão certo de por onde deviam ir, não estava nada incomodado com a densidade das árvores.

Lottie correu para dentro assim que chegaram a Ivy Wood, ansiosa por tirar as roupas sujas e lavar a cara. Finalmente limpa, parou junto à sua mesinha de cabeceira e tirou a tiara da caixa que Ellie lhe tinha dado. Colocou-a na cabeça e respirou fundo.

Sê corajosa.

– Queres ir até ao salão? – perguntou Jamie quando ela desceu. Lottie pensou por um momento: os outros alunos nos seus bonitos fatos de Dia de São Valentim, todos a sorrir e a rir. A promessa que fez à sua mãe ecoou na sua cabeça e um sorriso melancólico surgiu nos seus lábios.

– Quero ver Ellie.

Lottie seguiu Jamie para o refeitório principal onde as preparações de São Valentim tinham lugar a todo o vapor. Enormes *bouquets* de rosas vermelhas e cor-de-rosa cobriam as mesas encostadas às paredes, com grinaldas em forma de corações penduradas nas paredes e no teto. Lottie nem conseguia imaginar como tinham sido penduradas tão alto.

No centro da sala, onde estariam normalmente mesas enormes, estava uma grande fonte de chocolate branco, rodeada por vários frutos e doces, todos gravados com o símbolo da Tompkins Confectionery.

Como um sinal, a voz de Lola soou atrás dela. Os gémeos estavam parados, um ao lado do outro, elegantemente vestidos para a ocasião, os dois de vermelho e branco. Ambos seguravam cestos de verga com *cupcakes* em forma de coração.

– Andávamos à tua procura! – Micky estendeu-lhe um *cupcake* cor-de-rosa decorado com um coração que dizia Princesa Lottie.

– Todos têm um *cupcake*. Menos Jamie. – Lola pronunciou o nome como se fosse veneno. – Ele não está autorizado a comer *cupcakes*, porque diz que não gosta de doces.

– O que é um sacrilégio – disseram os gémeos ao mesmo tempo.

Lottie piscou os olhos, analisando as suas expressões sérias e riu. Tivera certeza de que a única coisa que queria naquele dia era afastar-se de todos, mas aqui junto dos gémeos açucarados parecia impossível sentir-se triste.

– Bem, não faz mal – disse Jamie sarcasticamente, aparecendo junto de Lottie. – Porque os *cupcakes* são horríveis.

Lola arfou como se tivesse acabado de receber um estalo e Lottie riu.

– Que blasfémia! – respondeu Micky. Ambos taparam os seus *cupcakes* como se os protegessem das palavras duras de Jamie.

– Muito obrigada pelo meu – agradeceu Lottie alegremente. – Parece tão doce quanto vocês os dois.

Lola de imediato recuperou a sua compostura e sorriu para Lottie.

– De nada.

Depois, os dois afastaram-se para distribuir o resto dos bolos. Lottie voltou-se para Jamie, mas o seu olhar foi atraído por uma visão na entrada que fez o seu coração saltar. Ellie.

Ellie viu Lottie e veio a correr, quase deitando abaixo uma rapariga Stratus que transportava uma travessa de bolos de açúcar.

– Ellie, desculpa por há bocado... – Lottie corou ao dizer as palavras.

Ellie abanou a cabeça.

– Não, Lottie, não tens nada por que pedir desculpa. Eu é que lamento. – Dirigiu-lhe um olhar terno. – Fui tão estúpida. Sei que este dia é importante para ti...

A voz de Ellie esmoreceu e passou uma mão timidamente pelo cabelo.

– Sei que não resolve nada, mas trouxe-te isto. – De detrás das costas, revelou um pequeno ramo de margaridas, era o nome da mãe de Lottie. Lottie sentiu uma onda de emoção atingi-la ao olhar para as flores e não conseguiu evitar soltar uma lágrima.

– Isso... – fez uma pausa para respirar. – Muito obrigada, Ellie. Adoro-as.

Jamie tossiu, recordando-as de que estava ali.

– Venho ter com vocês as duas mais tarde – e deixou-as sozinhas.

Ellie e Lottie sentaram-se lá fora, na varanda com vista para o jardim das rosas, com os seus *cupcakes*. Lottie ainda se sentia mal. Percebeu que nunca se abrira assim com ninguém anteriormente, mas Ellie e Jamie não tinham ficado zangados com ela nem lhe tinham dito para se acalmar. Tinham sido ambos muito reconfortantes. Pensar nisso fê-la sentir uma onda de calor percorrer-lhe o corpo.

– Ainda bem que Jamie não gosta de doces – murmurou Ellie com a boca cheia de cobertura. – Isso significa que posso comer a sobremesa dele.

Lottie riu ao ver Ellie enfiar metade do *cupcake* de uma vez na boca, deixando um rasto de cobertura no nariz e lábios.

– Deixa-me limpar-te isso!

Lottie inclinou-se para a frente, gentilmente limpou um pouco de cobertura da face de Ellie e lambeu o dedo. Ellie sorriu-lhe, enfiando o resto na boca antes de pegar noutro *cupcake*. Lottie estava prestes a dar uma dentada no dela, quando percebeu que havia algo de estranho na cobertura.

Havia um pequeno buraco na decoração onde fora enfiando um pedaço de papel. Estava prestes a contar a Ellie, quando o sentimento de medo que lhe era tão familiar se instalou na sua barriga,

dizendo-lhe para estar calada. Tirou o papel, assegurando-se de que Ellie não via e, com cuidado, desembrulhou-o, perguntando-se se seria de um admirador secreto. Não era.

*As rosas são vermelhas,
As violetas são azuis,
Tem cuidado, Princesa,
Vou apanhar-te.*

Rapidamente enfiou o papel no bolso da saia, tentando esconder as palavras. O seu olhar ficou vazio e sentiu-se tonta.

– Estás bem, Lottie?

A voz de Ellie trouxe-a de volta à realidade. Os olhos da sua amiga estavam arregalados com preocupação e o seu sorriso preocupado oferecia algum conforto.

– Não é nada, eu...

A mensagem tiniu na mente de Lottie e as palavras da mensagem desfocaram-se. Ela não podia. Não lhe podia contar. Não conseguia lidar com mais uma ameaça, não hoje.

– Estou só um pouco esgotada emocionalmente, mas este *cupcake* vai ajudar-me a recuperar.

Fez o seu melhor sorriso para convencer Ellie.

Não podia contar a Ellie. Se Jamie soubesse e a família dela pensasse que ela estava em perigo, podiam levar Ellie.

– Tens a certeza? – Ellie voltou a perguntar, ainda parecendo preocupada. Lottie olhou para ela, ainda tinha a face cheia de cobertura de doce e os fios de cabelo negro caídos à volta das suas feições reconfortantes. Não a podia perder.

– Só tristonha – mentiu Lottie.



As férias da Páscoa não foram grandes férias. Mais uma vez, Lottie embrenhou-se nos estudos para os seus exames de final de ano, para não pensar na ameaçadora mensagem que recebera no *cupcake*. Não tinha havido mais mensagens assustadoras e estava quase capaz de se convencer de que não havia problema nenhum. À medida que o período avançava, todos se sentiam a entrar novamente na rotina das sessões de estudo e grupos de revisão. Rosewood Hall não era um sítio para estudantes que não estivessem dispostos e prontos a estudar arduamente.

Em pouco tempo, as árvores de Rosewood encheram-se de coloridos botões e as flores e treliças floresceram, um indicador exuberante da aproximação dos exames de verão. Apesar das manifestações de cor por todo o *campus*, uma tranquilidade com aroma a alfazema envolvia a escola acompanhando uma nervosa antecipação de que algo grande estava para acontecer. Para a maioria dos alunos eram os exames do fim do ano, mas Lottie tinha outro evento por que ansiar: o baile de verão.

As férias começaram no primeiro dia de maio e o último exame de Lottie era o de Matemática, no dia 20. Saber as notas no último dia do mês, 31 de maio. Assim que Ellie e Lottie soubessem as notas, voariam para Maradova para começarem a preparar-se para o baile – desde que tivessem aproveitamento nos exames.

*

Lottie saltou da cama no dia dos resultados, acordando de um pesadelo em que as suas notas tinham sido tão más, que não só fora banida de guardiã e expulsa da escola, como passara a ser o bobo da corte e a realizar truques de circo para a família real maradoviana.

Levou a mão ao peito, ofegando pesadamente e levantou a cabeça, deparando-se com a coisa mais chocante que tinha visto durante todo o ano. Ellie tinha acordado antes dela.

– Estou nervosa com os resultados dos exames – confessou Ellie quando saíram do dormitório Ivy, roendo as cutículas do polegar.

– Ellie, hipoteticamente falando, se tivéssemos chumbado... a tua família não podia, sei lá, pagar a alguém para alterar as tuas notas?

– Ah! – cacarejou Ellie. – Quem me dera. Mas um lobo nunca mente, Lottie.

Encontraram-se com Jamie junto ao portão e Lottie reparou que os seus olhos estavam mais encovados do que o normal, o que sugeria que ele também não tinha dormido bem. Poderia também estar nervoso? Lottie não conseguia imaginar Jamie nervoso em relação a nada, mas sentiu-se demasiado estranha para lhe fazer perguntas sobre isso. Desde que ele tinha ido ao seu encontro em Rose Wood, ela não parecia conseguir olhá-lo nos olhos e tinha a certeza de que ele também a evitava.

Colocaram-se na fila juntamente com todos os outros alunos ansiosos que tinham acordado muito cedo para receber os resultados. Era um momento decisivo. Se chumbasse, não só perderia a bolsa como deixaria de poder exercer o seu papel como guardiã.

Ellie estava inquieta, esfregando os dedos uns nos outros enquanto mordida o lábio, olhando à distância. Isto também era aterrador para ela. Se não tivesse boas notas, os pais considerariam a experiência em Rosewood Hall um fracasso e tiravam-na da escola.

Lottie respirou fundo e susteve a respiração. Estavam na grande receção forrada a carvalho, onde ela fez o registo no primeiro dia de aulas. Nessa altura tinha-lhe parecido um sítio espantoso, mas agora provocava-lhe arrepios.

Deram um último passo. Sentado à frente deles estava o chefe Stratus do 12.º ano, Angus Berkeley, com o esmerilhão, o símbolo do sua casa, visível na faixa amarela.

– Nome... Oh, Lottie! Temos a tua ficha aqui!

Privilégios de princesa!

Angus estendeu a mão para o lado e retirou uma pasta de cartão verde com o símbolo das três rodas da escola na capa.

– Também te posso entregar o teu telefone agora – informou-a, passando-lhe tudo para as mãos.

– Obrigada – disse Lottie, aceitando a pasta com as mãos a tremer.

Reuniram-se no pátio, na entrada junto ao grande arco. Binah juntara-se a eles e a sua energia entusiasta só deixava Lottie ainda mais nervosa.

– Estou tão excitada – vibrou Binah, abrindo o seu ficheiro sem hesitar. Porém, a sua expressão transformou-se em desapontamento ao olhar para o resumo das notas na primeira página. – Oh!

O coração de Lottie parou. Se Binah tinha tido más notas, então quão terríveis seriam as suas e as de Ellie? Mas as suas preocupações rapidamente se transformaram em resmungos, quando Binah acrescentou:

– Notas máximas a tudo. Que seca!

Ellie teve de se impedir de refilar.

– Estás pronta? – perguntou a Lottie, colocando os dedos na capa, pronta a abri-la.

Lottie esvaziou o peito e assentiu resolutamente.

– Sim.

Abriram as pastas ao mesmo tempo e Lottie viu Jamie contrair-se pelo canto do olho. Estremeceu com a ideia de qual seria a sua reação se ela tivesse chumbado. Sentiu-se enjoada. Sentiu que ia desmaiar. Por fim, olhou para baixo para a página à frente dela. Tinha conseguido.

Tinha passado a tudo com 70 por cento ou mais. Era uma das cinco melhores do seu ano a Inglês! O coração de Lottie bateu desordenadamente ao ver as disciplinas a que tinha mais dificuldade. Matemática, Química e Física, estavam todas no *top* 15. Sentiu que as lágrimas lhe enchiam os olhos ao voltar-se para Jamie e acenar com a cabeça; depois, voltou-se para Ellie que ainda olhava para o seu sumário de notas, com a cara branca como a cal.

– Ellie? – perguntou Lottie, apreensiva.

Ellie abanou a cabeça.

– Não acredito nisto – disse lentamente. – Tive média de 17. Estou no *top* 20.

Lottie sentiu um enorme alívio. Tinha visto os resultados dos exames de Ellie do ano anterior. «Falta de esforço» seria dizer pouco.

– Claro que ficaste! – cantarolou Binah, revirando os olhos. – Se alguma de vocês não estivesse no *top 20*, eu ficaria furiosa.

Binah sorriu para elas.

– São das pessoas mais inteligentes e mais trabalhadoras que conheço.

Ellie ainda estava estupefacta com as suas notas. Olhou para Jamie que lutava por reprimir um sorriso.

– Vês onde consegues chegar quando realmente te aplicas? – disse ele austeramente. Depois, a sua expressão suavizou-se e acenou às duas. – Estou orgulhoso de vocês.

*

Lottie tirou uma grande fatia de bolo comemorativo, que estava na mesa principal na sala comum de Ivy, com parabéns escritos na grande cobertura roxa. Afastou-se do caminho de duas raparigas Ivy do 13.º ano que dançavam pela sala, cantando e gritando excitadas por terem passado nos exames.

– Mas eu queria ter notas máximas a tudo, um B não chega!

Outra rapariga Ivy choramingava ao telefone com os seus pais sobre a sua única «má» nota e Lottie ofereceu-lhe um sorriso reconfortante.

Ellie e Lottie sentaram-se nas cadeiras roxas da sala comum, observando e rindo para todos os que celebravam. As suas bagagens seriam enviadas para Maradova nos dias seguintes e elas fariam uma curta paragem em Paris, para levantar os vestidos para o baile e, por isso, estavam felizes por passar a noite a divertir-se antes da próxima aventura.

*

Enquanto todos faziam as malas e se despediam para irem de férias de verão, Lottie tinha mais uma coisa que precisava de fazer antes de ir passar o verão em Maradova.

Desculpou-se, foi para o quarto e ligou o telefone pela primeira vez desde que tinha chegado à escola. Sentia-se estranha por o ter novamente na mão. Tinha-se habituado a estar desligada de tudo o que estava para lá das paredes de Rosewood e quase parecia impressionante ver o telefone ganhar vida na sua mão.

No ecrã apareceram mensagens de Ollie. A primeira era do primeiro dia de aulas.

Sei que não podes usar o telefone até ao final do ano, mas queria que recebesses esta mensagem quando terminares os exames. Sei que te provoco muito, mas eu e a minha mãe estamos mesmo orgulhosos de ti e tenho a certeza de que te portaste muito bem.

A segunda era de há três semanas.

Não sei o que se passa contigo, mas espero que estejas bem...

Lottie abanou a cabeça e marcou o número de Ollie. Tocou seis vezes antes de ele atender.

– Ela está viva! – ouviu-se a voz divertida do outro lado da linha.

– Ollie! – Lottie quase se engasgou quando disse o nome dele.

Tanto se passara desde que o tinha visto pela última vez e ali estava ele, o inocente Ollie, o seu melhor amigo de uma época mais simples da sua vida, e ela ia ter de o desiludir mais uma vez.

– Presumo que estejas a ligar para nos pedir para te irmos buscar à estação amanhã? O que, obviamente, teremos todo o gosto em fazer.

O coração de Lottie parou. Odiava esconder-lhe coisas.

– Na verdade, Ollie, preciso de te dizer uma coisa.

Fez-se silêncio do outro lado e Lottie conseguiu sentir a desilusão e raiva que emanava pelo auscultador.

– *Okay* – disse Ollie por fim.

Lottie respirou fundo.

– Não posso ir a casa no verão. Ou seja, quando for... Escrevi à Beady a dizê-lo. Não sei quando ou se alguma vez poderei voltar... – a sua voz sumiu-se e foi recebida novamente com silêncio.

– Lottie, o que é que não me estás a contar?

Lottie quase se engasgou com o quão sério Ollie soava. Ele que transformava tudo numa piada.

– Estás em sarilhos?

– Não, Ollie, estou bem. Não te poso contar agora, mas prometo que estou bem e que te vou ver logo que possa.

Lottie ouviu um gemido do outro lado.

– *Okay* – Ollie parecia magoado. – Se não me vais explicar o que se passa, então...

A voz de Ollie esmoreceu e Lottie ouviu-o fazer um ruído aborrecido.

– Muito bem. Tem uma boa vida.

O telefone ficou mudo na mão de Lottie e ela baixou os olhos, com as lágrimas a cair no ecrã. Já estava. Só esperava estar a fazer a coisa certa.



Lottie crescera a ouvir falar no nome Madame Marie's, sonhando um dia poder ter a sorte de ver a loja com a frente em pilares brancos, onde se vendiam os vestidos mais glamorosos do mundo. Para seu espanto, deu por si não só maravilhada com o exterior, mas também com o interior, experimentando vestidos como se ela própria fosse alguém especial.

Era uma solarenga manhã de terça-feira e ela e Ellie tinham voado para Paris, para levantar os vestidos para o Baile de Verão. Da janela da sala de provas, Lottie conseguia ver a Torre Eiffel brilhar à distância, e no ar minúsculas poeiras refletiam a luz do sol, fazendo-a parecer uma estátua dentro do globo de neve.

– Bem-vinda, Princesa – cantarolaram seis doces assistentes, quando elas entraram pela porta, fazendo uma vénia nos seus uniformes azuis-claros e aventais brancos. Era como entrar num reino nas nuvens, o chão de mármore branco fundia-se com as paredes brancas, parecendo estarem a flutuar. Tinham sido levadas para a sala de provas branca por Léon Marie, o afamado neto da Madame Loulou Marie. Tinha uma popa de cabelo branco e uma graça extravagante que fez Lottie lembrar-se de um pavão. Léon passou então a desfilar uma seleção de vestidos feitos por medida, cuidadosamente escolhidos para as duas. Conforme planeado, a equipa de Madame Marie acreditava que Ellie era a «convidada de honra» de Lottie para o baile e requeria um vestido de igual elegância.

– Princesa Wolfson – declarara Léon com uma vénia exagerada. – Era meu desejo mais ardente ter um dia o privilégio de a vestir. Ouvi contar tantas... – Léon demorou-se a elevar os olhos para Lottie de forma teatral – ... histórias impressionantes sobre si.

Piscou os olhos e endireitou-se, como se analisasse Lottie pela primeira vez.

– Hum... – murmurou, com a mão no queixo. Curvou-se bastante, com a sua face a aproximar-se de maneira estranha da face dela e com os seus olhos azuis como gelo, rodeados por pálpebras pintadas a lápis preto, a fixarem-se nos dela.

– Sim? – perguntou Lottie hesitante.

O olhar de Léon voltou-se para Ellie e depois novamente para Lottie.

– Não sois bem o que esperava, Vossa Alteza.

Lottie engoliu em seco, nervosa. Exatamente o que é que as pessoas esperavam? Esperava que fosse alguém «menos normal».

– Nunca gostei de ser previsível – respondeu Lottie com toda a indiferença que conseguiu demonstrar. Isto pareceu resolver o assunto, quando um brilho surgiu no olhar de Léon.

– O dia e a noite! – gritou abruptamente, fazendo as duas raparigas darem um pulo de surpresa. – Dia e noite... noite e dia. Vós as duas emais oposição e unidade, dia e noite. É perfeito.

Lottie ficou perplexa enquanto Léon continuava a trazer vestido após vestido. Deslizou à volta delas com tanto drama que ela sentiu que estavam a olhar para um patinador artístico olímpico.

– Estamos numa maldita produção de Cole Porter – sussurrou Ellie. Não estava nada entusiasmada com o passeio, retirando o pouco prazer de comprar vestidos de luxo. Estivera todo o dia um pouco ausente, preocupada com o regresso a casa, e Lottie esforçara-se ao máximo para a alegrar. A única coisa que parecia acalmar o humor de Ellie era ver o prazer que Lottie retirava daquilo.

– Sim, e eu adoro! – guinchou Lottie, olhando para Ellie com os olhos a brilhar. Ellie revirou os olhos, mas o sorriso denunciou-a.

– Vamos ser rápidas, *okay*? Só temos cerca de 45 minutos até Jamie entrar pela porta em paranóia por podermos estar em perigo.

Ellie falava num claro tom exasperado e Lottie teve de admitir que havia alguma razão nas suas palavras. Jamie tinha-se tornado tão distante e, ao mesmo tempo, quase opressivamente protetor desde que a escola terminara e Lottie não o podia culpar. Isso fez com que se sentisse ainda mais culpada por não contar a nenhum deles sobre a mensagem do Dia de São Valentim.

Pensara que como não tinha acontecido mais nada desde então e desde que ela ali estivesse para ocupar o lugar de Ellie, tudo estaria bem. Tendo tudo isso em conta, depois de todas as mensagens e da sua discussão com Ollie, parecia-lhe justo ter direito a um pouco de frivolidade.

Assim que León ficou satisfeito com os vestidos que escolhera para elas, bateu duas vezes palmas e duas raparigas cobertas de azul apareceram de cada lado dele, trazendo caixas decoradas com pedras preciosas.

– Há um item final a acrescentar à equação – disse León. Pegou na caixa à sua esquerda e atirou dramaticamente a tampa sobre os ombros, revelando um requintado par de sapatos pretos de salto com um bordado intrincado intenso, ainda que delicado, nos lados.

– Estes serão para a pequena deusa da noite.

Colocou a caixa nas mãos da rapariga que estava à frente de Ellie e agarrou na outra caixa.

– E estes – continuou, abrindo os olhos como um cientista louco que revela a sua misteriosa experiência –, são para o nosso raio de sol.

Levantou lentamente a tampa e Lottie arfou quando viu o tesouro lá dentro.

Lottie não se considerava uma grande fã de sapatos, mas dentro da caixa estavam os sapatos de salto alto mais bonitos que alguma vez tinha visto; brancos com filamentos de ouro-rosa que se reviravam entre centenas de pequenos e brilhantes cristais. Os sapatos brilhavam literalmente. A luz parecia emanar do próprio material. A mente de Lottie reconheceu de imediato a sensação que tivera na primeira vez que vira a tiara da sua família, como se os dois objetos tivessem sido feitos com a mesma substância mágica.

– São para mim?

Lottie não conseguia esconder o deslumbramento na sua voz e, ainda assim, quando fez a pergunta sentiu que os sapatos a chamavam, como se lhe estivessem destinados.

Um enorme sorriso surgiu na face de León.

– São só para si – respondeu ele. – Feitos à sua medida. Não servem a mais ninguém.

Lottie pegou na caixa com cerimónia. Sentiu que o momento – e os sapatos – merecia uma espécie de ritual. Tinha a certeza de conseguir ouvir a caixa tinir enquanto se movia.

– Muito obrigada! Adoro-os! – Lottie sorriu para León e ele devolveu o olhar com um aceno suave, antes de bater as palmas novamente como se a pôr fim ao feitiço.

– Muito bem, minhas pequenas aves, assegurem-se de que estas encantadoras jovens são bem atendidas.

E com isto, voltou-se dramaticamente para sair da sala. As duas «pequenas aves» começaram imediatamente a despir Lottie e Ellie com uma rápida eficiência. Mas só demorou dez segundos até que Ellie desse uma cotovelada a uma delas na cara e a despachasse rapidamente para fora da sala.

– Somos perfeitamente capazes de nos vestir sozinhas! – gritou Ellie antes de bater com a porta.

Quando se voltou, deu de caras com uma Lottie desagradada, com os braços desaprovadamente cruzados junto ao peito. Algo estava a deixar Ellie aborrecida, mas Lottie não conseguia perceber o que era a menos que ela se abrisse.

– Não olhes para mim assim – disse Ellie, devolvendo o olhar a Lottie. – Posso alinhar na brincadeira dos vestidos, mas não vou ser boneca de ninguém.

Lottie revirou os olhos e começou a passar os dedos pelos vestidos no cabide «dia». Um deles destacava-se dos restantes, parecendo brilhar de uma maneira semelhante aos sapatos. Tinha uma pequena etiqueta azul declarando que o nome do vestido era «Tranquilidade de verão». Gentilmente, retirou-o do cabide e olhou-o com espanto quando o tecido fez um ruído semelhante ao da seda.

– Ellie, olha para este vestido, é perfeito! – Voltou-se excitada para Ellie, mas gelou ao ver o rosto da amiga.

Ellie olhava para o ar entre elas, os dedos afagando levemente a ponta do seu medalhão. Não havia ponta de sarcasmo. A sua rebeldia tinha-se estilhaçado e, por detrás dela, encontrava-se uma rapariga muito perdida.

– Ellie... o que se passa?

Não fazia sentido perguntar se ela estava bem. Ellie mentiria. Lottie tinha de ser rebuscada ou arriscar-se-ia a perdê-la. Ao ouvir a voz de Lottie, Ellie regressou à sala. Hesitou por um momento e Lottie tinha a certeza de ela tinha posto para trás das costas o que se passava.

– É só... – começou Ellie lentamente, claramente desconfortável. – Eu e Jamie tivemos uma discussão antes de sairmos do hotel.

Ellie relaxou os ombros enquanto falava, como se destapassem a sua banheira emocional.

– Ele queria acompanhar-nos. Está tão convencido de que alguma coisa má vai acontecer. E eu perdi as estribeiras e disse-lhe algo mesmo muito estúpido e saiu tudo mal. Estou tão farta disto, de ele estar sempre...

Era tão raro Ellie tropeçar nas palavras, era um sinal de como estava transtornada.

– Disse-lhe que se me achava assim tão complicada, porque não ia simplesmente embora? – Ellie voltou-se abruptamente.

Lottie estava prestes a responder-lhe com algumas palavras de conforto quando Ellie acrescentou, desdenhosamente:

– Seja o que for. Não irias compreender.

O coração de Lottie parou. Não por estar ofendida, mas porque ela tinha razão. Apesar de ser bom que Ellie confiasse nela, Lottie não podia realmente ajudar, porque não compreendia a relação de Ellie e Jamie. A sua mente retrocedeu à discussão entre eles a que tinha assistido, quando encontraram a mensagem debaixo do colchão dela.

Se queria ser útil a Ellie e a Jamie, tinha de fazer parte daquele círculo. Tinha de saber o que eles sabiam.

– Ellie – disse Lottie com firmeza. – Tens de me contar como é que Jamie se tornou teu *partisan*.



Ellie contraiu-se quando ouviu a pergunta, puxou o cabelo para trás ao voltar-se para inspecionar os vestidos que se lhe destinavam e tossiu, claramente tentando recuperar a compostura.

– Não sei se devemos entrar nesse campo – respondeu timidamente, observando os vestidos.

Lottie ignorou a sua tentativa de evitar o assunto.

– É só que, bem, vocês os dois são tão... e ele é tão novo!

Lottie tropeçava nas palavras, mas não sabia como dizê-lo. Ellie e Jamie ficavam tão mal-humorados e sérios quando estavam juntos e tinham uma idade tão aproximada. Ela sabia que os *partisans* eram treinados desde o nascimento, mas não sabia de onde é que Jamie tinha vindo. Para si, não fazia sentido e se queria compreender melhor Ellie e Jamie, tinha de saber.

– A maioria dos *partisans* são novos – disse Ellie tranquilamente, mas Lottie apercebeu-se de um toque de arrependimento no seu tom. – Têm de ser discretos e adaptar-se pelo que é preferível que tenham a mesma idade ou perto dos seus senhores.

Fez uma pausa e Lottie pensou que ela terminaria a conversa por ali, mas Ellie parou de mexer nos vestidos e prosseguiu.

– Normalmente, terminam o treino base por volta dos 13 anos e são escolhidos de acordo com a sua adequabilidade; conhecem a família e senhor ao longo dos três últimos anos e, aos 16 anos, estão completamente integrados. É um processo muito rigoroso. Na verdade, é um pouco louco.

Lottie respirou fundo, preparando-se para fazer a pergunta óbvia, mas o rosto de Ellie tornou-se distante e triste e não conseguia ouvir a sua voz.

– Jamie... – a voz de Ellie sumiu-se e ela abanou cabeça. Voltou-se para Lottie com um olhar determinado em vez da anterior melancolia. – Jamie é diferente, porque está connosco desde que nasceu.

Lottie já tinha percebido isso pelas fotografias que vira deles em criança no palácio.

– Vi fotos dela, da sua mãe – disse Ellie. – Era uma imigrante paquistanesa que vivia na cidade.

Ellie esfregou os olhos com uma mão, refletindo antes de prosseguir.

– Não sei como nem porquê, mas ela conseguiu entrar no palácio. Estava já no fim da gravidez e doente e, aparentemente, implorou aos meus pais que ficassem com o bebé e, bem... eles ficaram.

Apesar de Ellie não ser a contadora de histórias mais requintada, Lottie deu por si fascinada. O cenário elegante em redor delas fundia-se em imagens de uma mulher desesperada, determinada em salvar o filho que trazia no ventre.

– O que lhe aconteceu? – perguntou Lottie sem pensar, mas era óbvio e preparou-se para a terrível resposta.

– Morreu depois de dar à luz – respondeu Ellie sem rodeios.

– E o pai dele?

– Ninguém sabe e ninguém quer saber. Provavelmente, também está morto.

Havia uma nota de irritação na voz de Ellie e Lottie não conseguia perceber qual o motivo. *Então, era isso, pensou. A sua resposta para um bebé órfão foi transformá-lo num assassino pessoal?* Algo não batia certo naquela história.

– Então... fizeram dele um *partisan*?

Ellie voltou-se para Lottie, parecendo furiosa com o mundo, uma tempestade crescia em seu redor parecendo pronta a levar tudo à frente.

– Eu não fiz NADA. Foram os meus pais!

O silêncio que se seguiu foi sufocante, enchendo o ar com energia estática. Lottie desviou o olhar, envergonhada por ter perguntado algo tão estúpido. Lentamente, Ellie respirou fundo e voltou-se novamente para os vestidos.

– Odeio-os – disse amargamente, com uma frieza na voz que Lottie nunca tinha ouvido antes. – Ninguém deve ver a sua vida decidida por outras pessoas quando nasce. Todos devem poder escolher.

Bateu com os punhos nas ancas ao dizer aquelas palavras. Não se tratava apenas de um desabafo furioso. Era determinado. Lottie olhou para Ellie e percebeu que estava a ver um lado escondido de Ellie. Este era um segredo que ela lhe confiava, mas Lottie escondia um segredo ainda maior. Não estava a ajudar ninguém mantendo mistérios.

– Ellie... – começou Lottie, pensando no poema de São Valentim. – Tenho escondido uma coisa de ti. Acho que não é justo esconder-te coisas. Temos de confiar uma na outra.

Ellie levantou o olhar e a curiosidade substituiu a sua expressão fria.

– No Dia de São Valentim, no meu *cupcake*, havia outra mensagem.

– O quê? – perguntou Ellie, alarmada, com a preocupação a substituir a fúria. – O que é que dizia?

Relutantemente, Lottie recitou a cruel quadra a Ellie, estremecendo com o final:

– *Tem cuidado, princesa, Vou apanhar-te.*

– Porque é que não nos contaste?

A voz de Ellie elevou-se um pouco, enquanto falava e Lottie estremeceu.

– Porque – sussurrou Lottie – não queria que a tua família te levasse.

A tensão de Ellie pareceu desvanecer-se e um sorriso triste e magoado surgiu-lhe no rosto.

– Lottie, nunca irei deixar que ninguém nos separe. Mas não gosto da ideia de estares em perigo. Não posso ser responsável por isso. Eu...

– Eu não tenho medo, Ellie, e tu também não devias ter – mentiu Lottie. – Ter-vos-ia contado se estivesse preocupada, mas não estou e é por isso que não quero que ninguém dê grande importância à mensagem.

Lottie forçou um sorriso determinado, assustando-se com quão boa podia ser a mentir.

– Eu estou bem e não precisamos de contar a ninguém.

Ellie hesitou.

– Juras que estás bem? – perguntou com um olhar preocupado no rosto.

– Juro. – Lottie sentiu o temor na barriga ao dizer isto, mas continuou a sorrir.

O som de uma canção interrompeu o momento, a música vinha da mala de Lottie, do seu telemóvel. Apressou-se a tirá-lo, perguntando-se se poderia ser Ollie. Mas, como se soubesse que estavam a falar dele, o nome de Jamie piscou no ecrã do telemóvel com uma mensagem que dizia: «Têm dez minutos.»

– Anda – disse ela, agarrando nos dois pares de sapatos que estavam sobre a mesa. – Vamos experimentar estas roupas antes de sermos salvas.

Lottie vestiu alegremente o seu vestido e, depois, olhou confusa para Ellie que se ajoelhava à sua frente, estendendo-se para enfiar o sapato no pé de Lottie.

– O que é que estás a fazer? – perguntou Lottie, puxando a perna instintivamente.

– Estou a ser o teu Príncipe Encantado – respondeu Ellie, piscando o olho, enquanto lhe segurava o tornozelo.

Lottie sentiu a face corar, enquanto Ellie lhe calçava os sapatos antes de apressadamente vestir o primeiro vestido que retirara do cabide. As duas raparigas colocaram-se lado a lado em frente ao espelho: a tempestade e a calmaria; a noite e o dia.

Um sentimento de perfeição começou a regressar quando Lottie as viu juntas. Tinha de admitir que pareciam ridículas – nenhuma delas convenientemente arranjada para vestir um vestido daqueles –, mas parecia que, ao lado de Ellie, não importava.

Ellie pegou numa marca não existente na anca do seu vestido.

– Imagino que este vestido sirva, apesar de preferir vestir um fato. Gostas do teu?

Lottie voltou-se de frente para Ellie.

– Gosto muito – disse, sorrindo. – Na verdade, gostaria de não o despir nunca.

Ellie sorriu-lhe e colocou um braço à volta dos ombros de Lottie, os seus corpos e roupas fundiram-se num padrão de preto e branco. Abraçaram-se até Lottie dizer o que ambas estavam a pensar.

– Não devia ter escondido o bilhete de ti e de Jamie.

Ellie ficou em silêncio por um momento e Lottie conseguia sentir as suas mãos mexerem-se inquietas.

– Eu sei – murmurou Ellie, com o seu olhar a cair sobre o reflexo de Lottie no espelho sem a olhar nos olhos. – Há muitas coisas que eu também não devia ter feito.



Chegaram ao palácio durante a tarde, na véspera do baile.

Havia algo de dolorosamente familiar no voo de Lottie para Maradova. Apesar de as circunstâncias serem diferentes, mais uma vez tentava evitar Jamie e sentou-se junto de Ellie, do outro lado do avião. Lottie não conseguia olhar para ele da mesma maneira desde que conhecera o seu passado. Um terrível sentimento de culpa consumia-a – detestava guardar segredos dele agora que sabia a verdade. Ultimamente, a sua vida parecia que se desenvolvia em torno de segredos e mentiras: a mentira de que era uma princesa, o segredo sobre a mensagem de Edmund, as mentiras a Ollie e, agora, esta nova mentira sobre o poema não ter importância nenhuma.

O ar estava possivelmente ainda mais frio do que aquando da sua primeira visita e o céu parecia ameaçar nevar. De repente, compreendeu porque Ellie gozava com a expressão «Baile de Verão».

Lottie esperara ser recebida, no palácio, por raparigas elegantemente trajadas com vestidos bonitos e ser levada para um quarto intocado e extravagante e sentir-se quase sempre deslocada. Não aconteceu nada como da última vez.

Foi recebida à porta pela rainha, cujo vestido bordado esvoaçante dançava à sua volta, enquanto se apressava pelo corredor tão depressa que quase as deitou a baixo. Lottie ficou surpreendida por ter conseguido não gritar de surpresa, quando a rainha Matilde a envolveu num abraço apertado mas, em vez disso, percebeu que o aroma a lavanda que rodeava a rainha a acalmava e relaxou nos seus braços como se fosse recebida pela sua própria mãe.

– A nossa princesinha abóbora, estamos muito felizes por te receber de volta.

A rainha segurou Lottie pelos ombros, observando a sua altura.

– Obrigada por me receberem – disse Lottie.

Era a única resposta apropriada de que se conseguia lembrar, mas sentiu-se tola ao dizê-la. A rainha sorriu-lhe. Podiam ser mãe e filha de verdade, com os seus canudos dourados e olhos azuis mais semelhantes à aparência de Lottie do que à de Ellie. Quem não soubesse, tomá-la-ia facilmente pela princesa real.

– Espero que a nossa Eleanor se tenha comportado.

Ellie revirou os olhos e puxou Lottie para fora do alcance da mãe.

– Mãe, podes, por favor, parar de assediar a minha guardiã? – brincou, arrastando Lottie pelo corredor, enquanto deitava a língua de fora petulantemente.

Jamie deu um passo para as seguir, mas foi travado pela rainha. Lottie rapidamente o perdeu de vista, enquanto Ellie a levava numa longa e sinuosa viagem pelo mar de retratos de antigos governantes até ao seu quarto, uma breve recordação de como o palácio era de outro mundo.

Apesar de Lottie já ter estado no quarto de Ellie, a última vez tinha ficado demasiado impressionada para o observar bem. A elegante cama de dossel, que parecia grande de mais para uma adolescente, estava no lado esquerdo do quarto quando entraram. Ellie não prestou atenção ao

tapete persa no chão, caminhando calçada sobre ele. Era óbvio que não havia nenhuma ligação entre Ellie e o quarto – apesar de estar decorado em cores escuras de acordo com a sua aparência temperamental, o quarto não tinha nada da sua personalidade.

– Porque é que escolheste uma decoração tão diferente para o teu quarto no dormitório? – perguntou Lottie, pensando no facto de o quarto estar tão vazio.

Ellie fungou, compreendendo a mensagem por detrás.

– Aqui é apenas onde durmo; mostro-te o meu verdadeiro quarto noutra altura.

Ellie avançou até duas portas de mogno do outro lado da cama e abriu-as revelando o maior *closet* que Lottie já tinha visto.

– Provavelmente, gostarás mais disto do que eu alguma vez gostei. Tira o que quiseres daqui.

Lottie quase se engasgou. O *closet* estava repleto de maravilhosos vestidos e acessórios, todos muito bem arrumados e apresentados, joias brilhantes e tecidos caros cobriam todas as prateleiras.

No centro, em dois manequins de cristal iluminados por baixo, estavam os vestido e sapatos de Madame Marie's. Lottie estava prestes a tocar-lhes quando o seu telefone vibrou no bolso do seu casaco. Agarrou-o freneticamente, esperando que fosse Ollie.

Não era. Um número que ela não conhecia apareceu no ecrã e ela voltou-se para ver se Ellie estava a olhar antes de abrir a mensagem.

Espero ansiosamente poder conhecer-te melhor amanhã à noite

xx

Lottie corou instantaneamente. *Como é que Edmund conseguiu o meu número?* Involuntariamente, encostou o telefone ao peito e tapou a boca. Sentia-se tola por ficar tão deslumbrada com uma mensagem, mas não conseguiu conter-se.

– Porque é que estás com um ar de quem vai desmaiar?

Lottie quase saltou para fora do seu corpo ao ouvir a voz de Ellie atrás dela.

– N-nada!

Lottie apressou-se a guardar o telefone, percebendo demasiado tarde que isso a fizera parecer ainda mais comprometida.

Ellie levantou o sobrolho, divertida.

– Com quem estás a trocar mensagens para ficares tão atrapalhada?

– Com ninguém. Não é nada. Adoro estes anéis!

Lottie podia ter-se batido por as suas tentativas de desviar o assunto serem tão más.

Ellie olhou para Lottie com ar suspeito e Lottie tentou fingir que não reparara enquanto se voltava para o *closet*.

– Tenho de escolher alguns acessórios para o... HEY!

Ellie agarrou-lhe no braço, prendendo-lho atrás das costas e empurrando-a contra as portas do *closet*, fazendo-as bater.

– Ellie, o que é que estás a fazer? – gaguejou.

Ellie olhou para ela ameaçadoramente, com a boca torcida num sorriso sarcástico e parecendo bem mais perigosa do que o normal.

– Ou me contas o teu segredo ou eu mordo-te – rosnou Ellie num tom provocatório.

Lottie sentiu o rosto corar.

– Ellie – exclamou, rindo nervosamente.

Ellie respondeu puxando-lhe o braço e fingindo que a mordida o que lhe fez tantas cócegas que Lottie quase lhe batia.

– Não posso! – deixou escapar Lottie, entre gargalhadas. – Vais ficar zangada comigo.

Ellie parou de repente e Lottie recompôs-se. A face de Ellie tornou-se doce e lentamente soltou o seu braço.

– Lottie, pensava que tínhamos deixado de ter segredos.

Lottie afastou o olhar, esperando poder remediar alguma da culpa que sentia.

– Prometes não ficar zangada comigo?

Ellie soltou um longo suspiro.

– Se prometer, contas-me?

Lottie começou a morder a face preocupada. Estava tão farta de guardar segredos e de mentir. Tinha de acabar com isso. Não estava certo. Era simplesmente pouco principesco. Olhou Ellie, a sua companheira de quarto Ivy, nos olhos. Por um qualquer motivo, o mote da casa delas veio-lhe à mente: *Justo!*

De repente, teve uma ideia. Era tão simples.

– Só te conto se me deixares contar a Ollie sobre os guardiões.

Ellie hesitou, o seu rosto perdeu alguma da excitação e começou a morder o lábio ao pesar os prós e os contras.

– *Okay* – disse por fim. – Mas... temos de contar a Jamie sobre o poema.

Lottie sentiu o seu coração parar, mas acenou lentamente. Apesar de estar aterrorizada com a possibilidade de Ellie deixar Rosewood, sabia que era a coisa certa a fazer. Satisfeita, Lottie cerrou os olhos, incapaz de olhar para o rosto de Ellie enquanto confessava.

– Edmund Ashwick deixou-me uma carta em Rosewood a dizer que me veria no baile e eu quero mesmo voltar a dançar com ele amanhã.

Lottie cuspiu as palavras o mais depressa possível, com medo de se arrepender se falasse devagar. Abriu os olhos, esperando ver uma Ellie furiosa mas, em vez disso, ela parecia apenas chocada.

– E há quanto tempo é que isto dura? – perguntou Ellie, com o rosto ainda branco com o choque.

– Desde o Ano Novo – respondeu Lottie, sentindo-se culpada.

– E conseguiste esconder isso de mim e de Jamie este tempo todo?

– Hum... sim?

O resto de Ellie iluminou-se inesperadamente.

– Bem, estou impressionada.

Lottie não conseguiu evitar ficar de queixo caído. Esperara que Ellie ficasse furiosa como quando tinham falado sobre o príncipe da primeira vez. Impressionada não era definitivamente a reação que ela imaginara.

– Quero dizer, até eu tenho dificuldade em esconder coisas de Jamie e faço-o desde que nasci. Ele parece que...

– Sabe tudo – ajudou Lottie em concordância. Ellie assentiu.

– Hã-hã.

Lottie e Ellie deram um pulo com o ruído pouco subtil vindo do outro lado do quarto. Olharam para fora do *closet* para ver Jamie encostado à ombreira da porta, parecendo tudo menos agradado.

– Que tipo de coisas é que eu sei exatamente?

Tinham sido muito bem apanhadas.



– Jamie! – exclamou Ellie furiosa. Ninguém te ensinou a bater?

Jamie caminhou descontraidamente pelo quarto, ignorando-a, e sentou-se na cama. Olhou para elas austeramente, de uma maneira que dizia a Lottie que estavam prestes a ter uma conversa muito séria.

– Se vocês me estão a esconder alguma coisa, têm de me dizer. Agora.

As duas raparigas trocaram um olhar, tentando decidir em silêncio o que fazer. Lottie engoliu em seco. Estava farta de se sentir corroída pelos segredos e se não contasse em breve poderia ser demasiado tarde. Voltou-se para Jamie, preparando-se para contar tudo, mas quando abriu a boca, Ellie interrompeu-a.

– Jamie, tens de prometer não ficar zangado.

Lottie foi acometida por uma forte sensação de *déjà-vu*. Era um eco do momento entre ela e Ellie alguns minutos antes.

Para seu espanto, a expressão de Jamie descontraíu-se da mesma maneira que a de Ellie. Era quase assustadoramente semelhante.

– Não posso prometer não me zangar, mas vou ouvir-vos.

Aquele era Jamie, pensou Lottie para si. Ellie esticou-se e apertou a mão de Lottie antes de continuar.

– Encontrámos outra... hum... mensagem.

Fez-se um breve silêncio durante o qual Lottie viu o lábio superior de Jamie estremecer numa tentativa desesperada de se manter tranquilo. Rapidamente Ellie informou-o dos pormenores antes de ele poder fazer quaisquer perguntas. Contou a história como se tivessem encontrado a mensagem juntas. Jamie esteve sempre mortalmente tranquilo.

– Por isso, não sabemos se é da mesma pessoa – concluiu Ellie. – Até pode ser um terrível admirador secreto tanto quanto sabemos.

Lottie sentiu um arrepio ao ver como Ellie era boa a manipular a verdade.

Quando finalmente acabou de explicar, o quarto ficou gelado; o único som era o da sua respiração. Lottie tinha a certeza de que Jamie estava prestes a gritar com elas, dizendo-lhes o quanto tinham sido irresponsáveis e como Lottie estava a pôr Ellie em risco. Mas não houve gritos.

Havia uma expressão no rosto de Jamie que parecia estranha. Ele parecia magoado.

– Sabem o que a rainha acabou de me perguntar?

As duas raparigas abanaram a cabeça em resposta, cheias de ansiedade.

Jamie respirou fundo antes de continuar.

– Perguntou-me se tinha alguma coisa preocupante a reportar e sabem o que eu lhe disse? Disse-lhe que estava tudo bem, melhor do que bem. Disse-lhe que estavam a ter resultados excecionais na escola e que não havia absolutamente nada com que se preocuparem.

Lottie conseguia sentir Ellie relaxar, mas a informação só fez com que ela se sentisse ainda pior. Jamie olhou diretamente para Lottie, forçando-a a manter os olhos fixos nos dele.

– Eu menti à minha rainha. – O seu rosto desfigurou-se angustiado. Era errado vê-lo assim.

– Não, não mentiste. Está tudo bem. Não mentiste – disse Lottie firmemente.

As feições de Jamie recuperaram algum do seu habitual desdém e Lottie percebeu que estava aliviada com isso.

– Tenho alguma dificuldade em perceber como é que marcas de morte e rimas ameaçadoras estão bem.

Lottie percebeu qual era a resposta de que ele precisava. O motivo para a sua incerteza devia-se ao facto de estar preso numa espécie de purgatório. Dividido entre sentir que era o único protetor de Ellie e ter a noção de que Lottie estava ali pronta, metaforicamente falando, a receber as balas por ela.

– *Okay*, oiçam. Os dois – disse Lottie, decidida. Sentia uma enorme sensação de determinação a crescer dentro dela. Se queria que Jamie a visse como uma ajuda, precisava de deixar de duvidar dela própria.

– Eu sou a guardiã de Ellie e sei que achas que não fui feita para isso, mas até agora todos acreditam que sou a verdadeira princesa. – Algo passou pelo rosto de Jamie, mas ela continuou. – É obvio que estás habituado a ser o único protetor dela, mas tens de começar a confiar no meu discernimento. Eu consigo lidar com o perigo que surgir.

Novamente, o quarto ficou em silêncio. Lentamente, um sorriso irónico surgiu no rosto de Jamie. Ellie viu-o crescer e respondeu com uma expressão furiosa. Jamie estivera a fingir e elas tinham caído as duas.

– Seu...

Jamie depressa interrompeu Ellie, pondo-se de pé.

– Bom trabalho, Lottie – disse calmamente. Todos os sinais da sua angústia anterior eram agora completamente invisíveis. – Eu sabia que as coisas estariam bem desde que me conseguisses dar uma resposta tão eloquente.

Lottie olhou para ele, confusa, enquanto ele passava à frente delas e lhe deu uma palmadinha na cabeça condescendente. O poema fora um teste.

– Duvido que tenhamos algo com que nos preocupar pelo que me contaste.

Um teste de Jamie para ver se eu estava a falar a sério.

– Mas, por via das dúvidas, eu tinha de ter a certeza de que compreendias o teu papel.

Um teste para ver se eu estaria disposta a colocar-me em perigo no lugar de Ellie.

Lottie sabia que era estúpido depois de tudo o que acabara de dizer, mas nunca tinha posto a hipótese de que para Jamie ficar satisfeito por ela ser guardiã também teria de estar tranquila com a ideia de ela se poder magoar. De ela poder morrer. De repente, sentiu-se uma autêntica idiota.

Ellie olhava como se estivesse pronta a gritar com ele, mas Lottie levantou a mão para a impedir.

– Claro que sim – disse, reunindo toda a compostura que conseguiu. – Fico feliz por me compreenderes.

Jamie acenou-lhe.

– Então, vejo-vos amanhã.

E com isso saiu pela porta, deixando-as sozinhas novamente.

Jamie caminhou tranquilamente de volta aos seus aposentos. Passou por Hanna e ofereceu-lhe um sorriso caloroso. Passou por um dos cozinheiros que fazia uma pausa e acenou num cumprimento, tendo a certeza de que não deixava transparecer nada. Afinal de contas, fora para isso que tinha sido treinado toda a vida. Finalmente, chegou ao quarto e abriu a porta, entrando com sempre.

Esperou que a porta se fechasse firmemente atrás dele antes de se permitir ser consumido pelo seu temor e quebrou.



Lottie tinha pousado as suas mãos no colo, mas enquanto a tiara dada pela sua mãe lhe era cuidadosamente colocada na cabeça, as suas mãos tremiam. Tinha pedido permissão para a usar com o vestido e ninguém tinha protestado. Estava convencida de que seria a única forma de acalmar os seus nervos.

A qualquer momento juntar-se-ia ao baile. Conseguia ouvir os convidados do outro lado das portas brancas. Ellie tinha-se esquecido de lhe dizer que, como era a primeira vez que a princesa participava numa função real, teria direito a uma entrada em grande e a uma apresentação oficial.

Lottie recordou-se de quando anteriormente estava no dormitório Ivy, com Ellie e Jamie, antes de quaisquer marcas de morte terem aparecido no quarto, antes da piscina, antes de todos os segredos. Ficara tão excitada por participar num baile real com a verdadeira realeza e estava determinada em voltar a encontrar essa parte de si. Não podia deixar que o sentimento de medo a vencesse.

Lottie olhou para a esquerda e viu Ellie, abanando as mãos, igualmente nervosa, com um vestido de que não gostava para agradar a pessoas não lhe diziam nada. Esticou-se e agarrou a mão dela, tal como Ellie lhe tinha feito antes, durante a audiência.

– Vai ser divertido – disse Lottie, oferecendo-lhe o seu melhor sorriso reconfortante.

Ellie voltou-se para ela com um olhar surpreendido que se transformou num sorriso genuíno.

– Estou tão contente por estares aqui – responde Ellie, franzido comicamente o sobrolho.

As duas raparigas pararam quando deixaram de ouvir barulho do outro lado das portas. Chegara a altura.

– Boa sorte!

Lottie assustou-se verdadeiramente, quando a voz de Jamie soou atrás de si, não só por ele ser tão dedicado às regras e à lógica que não imaginaria que «sorte» fizesse parte do seu vocabulário, como também por não haver qualquer vestígio de ironia na sua voz. Voltou-se para ele e piscou-lhe o olho, tal como vira Ellie fazer um milhão de vezes.

– Não preciso de sorte – brincou Lottie, antes de se voltar e preparar-se para a sua grande entrada.

Uma pequena fanfarra tocou e ouviram-se as palavras por que tanto esperara. As palavras que não eram verdadeiramente destinadas a ela.

«Temos o prazer de apresentar Sua Alteza Real, a Princesa de Maradova.»

Então, as portas abriram-se para o salão de baile e a luz caiu sobre ela, iluminando o vestido e sapatos como líquido brilhante sobre o seu corpo. Lottie avançou graciosamente e parou no topo da escadaria de mármore, olhando para a assembleia abaixo dela.

Bonitas grinaldas douradas penduradas no teto dançavam elegantemente entre pinturas de querubins. Era como se cenas celestiais se tornassem reais. O grupo ao fundo das escadas parecia saído de um conto de fadas, uma mostra de vestes e fatos opulentos de alta-costura. Os vestidos

estendiam-se em coloridas caudas pelo chão branco brilhante. Muitas cabeças estavam cobertas com diferentes tipos de ornamentos. Era uma sala cheia de realeza.

O maravilhoso leque de magníficas flores pareceu curvar-se e fazer uma vénia, quando Lottie iniciou a sua descida. A multidão afastou-se para a deixar passar até chegar aos seus «pais» e, quando estava em segurança junto deles, o apresentador deu ordem para que as festividades continuassem e Lottie tornou-se alvo de conversação.

A mãe de Ellie abraçou alegremente o papel de fingir que Lottie era sua filha ao passo que o rei continuou a manter-se afastado dela, o que a maior parte das pessoas provavelmente veria apenas como uma relação distante entre pai e filha.

– Uma entrada magnífica – elogiou a rainha, acariciando carinhosamente a face de Lottie com a mão. – Não concordas, Alexander?

O rei assentiu bruscamente.

– Sim – disse ele, olhando rapidamente para Lottie de lado. – Parecia até bastante natural.

As palavras não pareciam pretender soar como um elogio.

A rainha inclinou-se para Lottie e sussurrou-lhe suavemente ao ouvido:

– Vai procurar Ellie e Jamie e eles acompanhar-te-ão nas rondas.

Terminou empurrando gentilmente Lottie para o meio da multidão. Lottie não tinha dado mais de três passos até a pessoa por quem mais ansiara aparecer perante ela.

– Edmund – arfou.

O príncipe estava novamente vestido de branco só que, desta vez, usava uma elegante mas subtil coroa, bem como o seu pristino uniforme real. Fez uma vénia em resposta, mas antes de se endireitar uma mão agarrou Lottie pela cintura e puxou-a, deixando Edmund a olhar à sua volta, confuso.

– Deixa-me...

Lottie levantou o olhar e viu o rosto de Jamie sobre ela. Estavam muito próximos como se estivessem prestes a dançar. Ele estava lindo. Durante o pouco tempo que Lottie tinha estado no salão, Jamie tinha trocado para o seu fato preto e as ombreiras e franzidos faziam-no parecer um cavaleiro andante.

– Uau! – A palavra saiu num sussurro.

A música começou a subir de tom e Lottie olhou em volta, vendo vários pares a formarem-se para dançar.

– Não vais dançar com Edmund – disse Jamie, muito sério.

Lottie fez uma careta indignada.

– Bem, então com quem posso dançar? – perguntou, consciente de que parecia uma criança refilona. Queria ter uma noite perfeita e isso incluía pelo menos uma dança real.

– Não sei. Ellie em breve estará aqui; podes dançar com ela.

Lottie tinha toda a intenção de fazer isso, mas, naquele momento, parecia não haver alternativa. A pista de dança encheu-se e Lottie deu por si com Jamie no centro. Olhou para o seu rosto resmungão e tornou-se óbvio o que tinha de fazer.

– Como tua princesa, ordeno-te que dances comigo.

Jamie olhou para ela, completamente siderado. Não tinha escolha. Os pares em seu redor começaram a tomar posições. Não podia sair dali sem fazer uma cena. Lottie sorriu-lhe e, para seu espanto, a expressão de Jamie transformou-se em resignação e, sem esforço, colocou-a na posição de início mesmo quando a música começava.

– Como desejais – murmurou, enquanto colocava a mão no fundo das costas dela.

Jamie estava demasiado tenso para ser um bom bailarino, mas havia algo de reconfortante na maneira como se moviam e davam os passos. Provavelmente, parecia estranho a quem os observasse, e era mesmo, mas Lottie não se importava. Estava feliz por ele permitir que ela estivesse tão perto dele novamente e pensou que esta podia ser a primeira oportunidade de falar tranquilamente com ele desde a piscina. Nada de mais segredos.

– Ellie contou-me como te tornaste *partisan* dela – disse Lottie gentilmente para o peito de Jamie. Como se fosse possível, Jamie ficou ainda mais tenso. – Sei que tens uma relação complicada com Ellie e a família dela e sei que pensas que sou apenas uma rapariga ingénua, mas...

A música voltou a subir de volume e ela teve de se pôr em bicos de pés para chegar ao ouvido dele.

– Quero ajudar-te, se me deixares.

Ele fê-la rodopiar abruptamente e puxou-a para si, ficando virada para ele com o braço dele à volta da sua cintura. Jamie baixou a cabeça sobre o ombro dela e sussurrou-lhe ao ouvido.

– Acho que não há nada que me possa ajudar desde que apareceste.

Antes de Lottie poder reagir, Jamie voltou a fazê-la rodopiar e, quando a puxou para si, fê-la inclinar-se e acompanhou o movimento, fazendo Lottie corar com a proximidade dele.

– Mas obrigada – acrescentou Jamie antes de se endireitarem. Afinal não era nada mau dançarino.

Pararam quando a música deixou de se ouvir, os dois ligeiramente sem fôlego e ainda abraçados um ao outro.

– Jamie... – Lottie pronunciou delicadamente o nome dele, como se tivesse medo que se quebrasse na sua boca se o dissesse muito alto.

– Senhoras e senhores, tenham a cortesia de formar pares no centro para a valsa real.

Lottie olhou esperançosa para Jamie, mas o seu olhar estava focado atrás de si. Inclinou-se novamente para ela.

– A nossa princesa chegou.

Lottie voltou-se abruptamente, esquecendo-se imediatamente de Jamie ao ver Ellie. Jamie afastou-se mal teve oportunidade, deixando as duas sozinhas.

Ficaram frente a frente: Ellie no seu vestido completamente preto, brilhando com cristais, que a fazia parecer que tinha vestido o próprio céu noturno, e Lottie numa visão de branco e pêssego, com os fios de ouro do tecido a brilharem como uma madrugada dourada.

Arrastando a cauda do vestido atrás de si, Ellie deu um passo confiante em direção a Lottie até ficarem cara a cara, respirando em sintonia.

– Posso ter a honra desta dança? – perguntou Ellie com uma ponta de ironia na sua voz.

– O prazer é todo meu.



Ellie pegou na mão de Lottie e beijou-a dramaticamente, fazendo com que uma variante particularmente forte da familiar energia estática lhe subisse pelo braço. Puxou-a num abraço fazendo Lottie rir ao aterrar confortavelmente nos seus braços.

– Olá – disse Lottie, ficando os rostos de ambas separados penas por alguns centímetros.

– Olá – sussurrou Ellie em resposta, as palavras das duas fundiram-se no ar.

Quando a música começou, as duas raparigas começaram a mover-se em conjunto tão fluidamente como se fossem um único ser flutuando sem esforço pelo salão. Enquanto rodavam sobre o chão de mármore, o tecido dos seus vestidos fundiam-se um no outro, o preto e o branco formavam um efeito *yin e yang* ao rodopiarem graciosamente. Ellie conduzia com naturalidade, uma força e determinação em cada passo que era correspondido quase sem se notar pelos movimentos subtis e delicados de Lottie. Aos poucos, Lottie aproximou o rosto de Ellie, descansando a cabeça no ombro dela enquanto abrandavam o ritmo.

– Esqueci-me de te dizer que estás linda nesse vestido – elogiou Ellie gentilmente.

Lottie sorriu e uma sensação quente espalhou-se pelo corpo dela.

– Obrigada... Lamento que também tenhas de usar um, apesar de estares linda com ele... se é que isso ajuda.

Ellie soltou uma risada, e a sua vibração ténue sentiu-se na face de Lottie.

Lottie deixara-se relaxar por completo com Ellie enquanto dançavam. Quando se voltaram, foi abruptamente surpreendida por três rostos familiares. Anastacia, Raphael e Saskia estavam junto de uma parede, perto de uma enorme bandeja de fruta sobre uma mesa trabalhada.

Anastacia estava vestida com um vestido vermelho forte que se estendia para os lados, como uma das flores dos *bouquets* pendurados na sala, com o seu cabelo castanho parcialmente apanhado e o restante caído sobre os ombros. Lottie sentiu que estava a olhar para uma personagem de um antigo filme francês.

Raphael estava vestido com um fato *bordeaux*, fazendo par com Anastacia, apesar de ser pouco provável que ela tivesse concordado. Lottie ficou surpreendida ao ver que Saskia tinha escolhido um fato preto em vez de um vestido e, ainda assim, parecia tão confortável e natural que poderia ter nascido com ele vestido.

Mas não foi a sua beleza natural que prendeu o olhar de Lottie. Anastacia parecia nervosa, inquieta de uma maneira que não era dela. Saskia olhou lentamente para cima e o seu olhar recaiu imediatamente sobre ela e Ellie. Sorriu e Lottie retribuiu o gesto, aliviada por ela ali estar para acalmar Anastacia.

– Posso distrair Jamie se quiseres mesmo dançar com Edmund, mas só uma dança, *okay*?

Lottie olhou para Ellie surpreendida. Tinha-se esquecido por completo dele, enquanto dançava com Ellie e recordou-se de que a coisa principal por que era suposto ansiar era vê-lo. De repente,

ficou tensa.

– Lottie – perguntou Ellie, inquiridora. – Estás bem?

Lottie enterrou a face novamente no peito de Ellie.

– Estou nervosa.

As palavras foram abafadas pela pele de Ellie.

– E se ele me beijar?

Ellie riu em resposta e Lottie sentiu-se imediatamente envergonhada.

– Morde-lhe – disse Ellie francamente.

– Ellie, estou a falar a sério. Nunca beije ninguém! – Lottie olhou suplicantemente para Ellie.

– Ainda bem. – Ellie voltou a rir e Lottie resmungou perante a sua falta de solidariedade.

– Já estiveste com um rapaz? – perguntou Lottie.

Ellie levantou o sobrolho.

– Lottie a única coisa que alguma vez tive com um rapaz foi aborrecimentos.

Lottie quase riu, mas estava demasiado nervosa. Suspirou, melancólica.

– Só quero que seja perfeito.

Ellie olhou para ela com ar sério, atrasando o passo, para poder ser o mais clara possível.

– Ouve, Lottie. – Ellie baixou a mão para a puxar mais para si e as testas tocaram-se suavemente. –

Se alguma coisa não correr exatamente como tu queres ou esperas, então eu estarei lá para lhe partir o nariz pomposo por ti.

– Ellie! – Lottie tentou refilar, mas soou mais com um risinho. – Obrigada.

A música chegou ao fim e Ellie rapidamente fez Lottie rodopiar.

– Não concordo com isto, mas... – deu um ligeiro empurrão a Lottie, muito semelhante ao que a sua mãe tinha dado anteriormente – Vai dançar com o príncipe.

Lottie sentiu uma estranha ausência física quando se afastou de Ellie, mas não teve tempo para pensar nisso, pois praticamente caiu nos braços de Edmund. Ele agarrou-a, quando ela tropeçou pouco graciosamente até onde ele estivera à espera pacientemente, no limite da pista de dança.

– Começava a pensar que nunca mais chegava a minha vez – disse o príncipe, com um sorriso atrevido.

Lottie sentiu o coração bater desordenadamente, quando ele a levou de volta à pista. Tomaram as mesmas posições da aula de etiqueta e Lottie sorriu para os seus olhos azuis-pálidos. Agora que ele ali estava à frente dela, lembrou-se de imediato de como ele a tinha feito sentir.

– Achei que era bom fazer-te esperar – disse Lottie, surpreendendo-se com o tom casual com que falou.

Edmund soltou um risinho baixo e começou outra valsa. Não era tão excitante como com Ellie e os seus movimentos eram muito mais previsíveis do que quando dançara com Jamie. Em vez disso, pareciam manequins de uma valsa clássica, tal como se esperaria de um príncipe e uma princesa.

– Para ser honesto, pensei que uma rapariga como tu iria encontrar uma maneira de me contactar – disse ele, fazendo-a rodar e trazendo-a de volta, desta vez para mais perto do que anteriormente. Lottie sentiu a face corar ao sentir o seu coração bater através da roupa, não conseguindo compreender o significado oculto nas suas palavras.

– Demasiados olhos vigilantes – respondeu com sinceridade, não reparando no entusiasmo no olhar do príncipe.

Edmund gracejou:

– Ah, entendendo-te perfeitamente – disse com um sorriso irónico e olhando expressivamente na direção onde Lottie assumiu que estariam os seus pais. Quando olhou de volta para ela, ofereceu-lhe um olhar cúmplice que Lottie não compreendeu muito bem.

– Mas... – disse Lottie quando flutuaram noutro passo de dança. – Tenho a certeza de que te posso compensar...

Dando o meu primeiro beijo, acrescentou para si.

Edmund olhou novamente para ela e o sorriso nos seus lábios foi substituído por um olhar pensativo. A valsa ainda nem estava a meio quando ele se inclinou mais e sussurrou gentilmente no ouvido dela:

– Vamos para um sítio mais sossegado, longe destes olhares observadores. Tenho uma coisa que quero partilhar contigo.

A respiração de Lottie ficou presa na sua garganta. É *agora!*, pensou. *Vou dar o meu primeiro beijo... num baile... com um príncipe... e não estou a sonhar!*

Lottie olhou para ele, esquecendo-se que prometera a Ellie que só dançaria uma dança com o príncipe.

– Conheço o sítio perfeito!

O príncipe sorriu-lhe de volta, replicando a sua excitação.

– Claro que conheces – ronronou suavemente e sorriu.

Lottie agarrou na sua mão enluvada e conduziu-o por entre os pares dançantes. Deslizaram pelo chão subtilmente ao passarem pelos convidados.

Lottie levou-o para fora do salão de baile, embrenhando-se no palácio, sabendo de antemão exatamente em que quarto queria dar o seu primeiro beijo. Seria no quarto floral creme com a enorme janela em arco com vista para a fonte, a fusão perfeita entre inocência e luxúria, que Ellie lhe tinha mostrado durante a visita guiada ao palácio no início da semana. O príncipe riu-se ao aproximarem-se, olhando de lado para ela quando pararam.

– Tanta pressa – ofegou, encostando-se à parede para recuperar o fôlego.

– Desculpa – respondeu Lottie ofegante. – Estou tão nervosa.

Lottie sentia o rubor familiar subir-lhe ao rosto e não se importou por não ser devido a correr ou dançar. Abriu a porta com a ansiedade a tomar-lhe conta da barriga como se um milhão de borboletas dançasse dentro dela.

– Vem comigo.

Edmund obedeceu, caminhando atrás dela com um sorriso nos lábios. Gentilmente, fechou a porta e um estalido metálico ecoou pelo quarto. Depois, voltou-se para ela com um estranho sorriso maníaco no rosto que parecia deslocado.

Um arrepio percorreu o corpo de Lottie e uma voz na sua cabeça sussurrou:

Lottie, és uma parva.



– Finalmente, estamos longe de todas aquelas pestes sem graça – disse Edmund. Um tom malicioso tomou conta da sua voz, fazendo Lottie sentir-se desconfortável.

Então, antes de ela conseguir perceber o que estava a acontecer, agarrou-lhe a cabeça com as duas mãos e esmagou os lábios contra os dela. Os olhos de Lottie arregalaram-se em choque; as coisas estavam a acontecer demasiado depressa e demasiado forçadas para ela conseguir compreender. Edmund afastou-se, deixando uma secura estanha nos lábios de Lottie e ela ficou petrificada.

Não se sentia em êxtase como esperara sentir-se depois do seu primeiro beijo, mas desiludida e confusa com quão desagradável tinha sido a experiência. Algo não estava bem. O beijo permaneceu nos seus lábios com um sabor a álcool pegajoso que ela queria limpar.

Edmund nem olhou para ela começando a caminhar em direção a uma mesinha e retirando um cantil do seu colete, que usou para deitar um fio de um líquido escuro e pungente em dois copos. *Tenho algo para partilhar contigo.*

Lottie engoliu em seco. Confusa com o que estava a ver e a sentir, sentou-se pesadamente na *chaise longue* no centro do quarto, com os dedos ainda nos lábios e a mente a dizer-lhe que algo estava errado. Este não era o tipo de comportamento que esperara de Edmund. Não era assim que ela queria que as coisas corressem.

– O que queres dizer? – perguntou, apercebendo-se horrorizada de que o poderia ter compreendido de maneira completamente errada.

– Tu sabes o que quero dizer.

Edmund despiu o casaco e desabotoou os três primeiros botões da camisa antes de passar as mãos pelo cabelo. Quando afastou a mão da face, Lottie quase arfou com o quão diferente era o seu semblante. A transformação era aterradora. Edmund entrara no quarto como um Príncipe Encantado, radiante e elegante, e agora era um animal feroz e desalinhado. Estava tudo ao contrário: ela tinha beijado o príncipe e ele transformara-se num sapo.

– Todos estes entediantes ares e graças – prosseguiu Edmund, dando um enorme gole na sua bebida. – São todos tão pateticamente fáceis de enganar.

Lottie sentiu as mãos começarem a tremer e levantou-se rapidamente, dirigindo-se para o outro lado do quarto, para longe deste estranho. Tinham-se ambos enganado por completo em relação um ao outro. *Ele acredita mesmo que eu sou como ele? Como é que vou esclarecer este mal-entendido?*

– Acho que...

O príncipe interrompeu-a antes de ela poder explicar.

– Nem te consigo dizer como foi excitante ver-te na aula de *Lady Priscilla*. – Um riso sarcástico escapou-lhe da boca antes de prosseguir. – Tinha ouvido falar tanto de ti e ver que eras igual a mim, fingido ser uma boa figura real.

Sorriu como se estivesse a rir da sua própria piada.

– Infelizmente, a tua reputação precede-te, mas podemos remediar isso se fizeres o que eu te digo. Ando a enganar pessoas há anos. Sou um especialista.

Os olhos de Edmund semicerraram-se num olhar de conspiração ameaçador. E, de repente, lá estava novamente aquela voz interior:

Lottie, és uma parva.

Tinha-se apaixonado pela personalidade encantadora de Edmund e imaginara ideias ingénuas sobre o seu primeiro beijo, as suas fantasias à solta. Ellie e Jamie tinham-na avisado e ela não tinha ouvido e agora estava presa, num quarto, com um rapaz que pensava que ela era alguém completamente diferente. E o pior era que ele nem punha a hipótese de a ter enganado. Tinha sido tão estúpida que ele nem esperava que ela tivesse caído naquilo.

Ele pensava que ela era como ele. A mente de Lottie acelerou, tentando perceber como poderia sair daquela situação sem arranjar mais problemas.

– Pensando bem – disse cuidadosamente –, acho que devemos voltar para a festa. Tenho deveres reais a cumprir e não posso deixar que as pessoas suspeitem.

O seu coração batia acelerado e observou cuidadosamente a porta. Lentamente, dirigiu-se para a sua escapatória.

– Não podes parar a atuação agora – disse ele. – Ainda que deva dizer que até eu estou impressionado com a tua dedicação ao papel.

Descontraidamente, Edmund sentou-se na *chaise longue*, rodando tranquilamente a sua bebida.

– Todos sabemos quem és verdadeiramente, princesa Wolfson.

O nome saiu num ronronar e ele olhou para ela como se esperasse que ela fizesse alguma coisa. Lottie gelou, a sua mente ficou completamente vazia.

– Acho que deve haver um mal-entendido. – Quase não conseguia dizer as palavras na sua voz trémula.

Ele inclinou a cabeça para trás e soltou um enorme riso que a fez estremecer. *Este não é Edmund. Só pode ser o seu gémeo mau.*

O cérebro de Lottie esforçava-se por encontrar um milhão de outras explicações do que apenas «És um idiota».

Edmund parou de rir e deitou-lhe um olhar aterrorador, como um animal prestes a atacar.

– Okay, estou a ficar farto disto. – Levantou-se, engoliu a bebida num só gole e atirou o copo contra a parede forrada a madeira, sorrindo-lhe enquanto o copo se estilhaçava. Agarrou no outro copo e estendeu-lho. – Mostra-me a rapariga impressionante de que ouvi falar tanto.

Lottie retrocedeu lentamente, quando ele se aproximou dela, sentido o puxador da porta nas suas costas.

Como é que fui tão estúpida?, pensou desesperada. As imagens de Jamie e Ellie dizendo-lhe que tinha de ser cuidadosa por causa da falsa reputação de Ellie passaram-lhe pela mente.

– Sou tão estúpida! – murmurou.

– O que é que disseste? – O príncipe deu um passo em frente. – Não te ouvi.

Edmundo sorriu como um louco e a sua expressão fez Lottie sentir-se enjoada e, ao mesmo tempo, quis bater-lhe por ele pensar que Ellie alguma vez perderia o seu tempo com um verme como ele.

– Disse que me estás a aborrecer.

Voltou-se para a porta, obrigando-se a agir o mais calma e arrogantemente possível. Pôs a mão na maçaneta da porta.

Edmund atirou o braço contra a porta, fechando-a, e aprisionando Lottie que deu um pulo com a sua violência repentina, voltando-se para o ver com ar confuso.

– Deixa-me em paz – disse assertivamente, olhando furiosa para ele.

O príncipe hesitou por um momento, surpreendido com a intensidade do seu olhar. No meio da sua raiva, Lottie podia agora ver todas as falhas da personagem dele. Não era nenhum príncipe encantado, era apenas um rapazinho rico e mimado.

– O que é que eu fiz de errado? – disse Edmund num tom brincalhão; o forte cheiro a álcool deixou Lottie ainda mais irritada.

– Eu disse – repetiu asperamente – deixa-me em PAZ.

Bateu com as mãos no peito dele com toda a força que conseguiu e ele cambaleou para trás surpreendido, antes de recuperar o equilíbrio. Lottie susteve a respiração, esperando que ele ficasse zangado, mas Edmund voltou a rir.

– Esta é a rapariga de que ouvi falar.

Estendeu-lhe novamente a bebida e Lottie gemeu exasperada. Não havia maneira de convencer este idiota.

Levantou a mão e bateu no copo fazendo-o cair da mão de Edmund. O copo estilhaçou-se no chão, entornando o líquido escuro na carpete bordada. Aproveitando-se da surpresa de Edmund, Lottie correu para a porta. Mas antes de conseguir chegar à maçaneta sentiu uma mão puxar-lhe o vestido.

Um som de tecido a rasgar-se cortou o ar e Edmund conseguiu afastá-la da porta. A tiara voou-lhe da cabeça e caiu no chão.

– O meu vestido! – gritou Lottie, quando caiu pesadamente na *chaise longue*. Num espelho na parede conseguiu ver um enorme rasgão nas costas que fizera com que uma das mangas caísse. Lágrimas incontáveis encheram-lhe os olhos e ela choramingou:

– Não, não, não! Estragaste o meu vestido, foi um presente de...

Rapidamente Lottie tapou a boca com as mãos, mas era demasiado tarde – tinha-se denunciado!

Edmund ficou parado à frente dela, estupefacto. Lentamente, como sangue correndo de uma ferida, um sorriso negro abriu caminho no seu rosto.

– Tu... – começou ele, dando um passo em frente e ficando novamente à frente dela. – Não era uma encenação, pois não? Pensaste mesmo que eu era...

Voltou a rir, um irritante cacarejar de gozo, e agarrou-se à barriga como se fosse rebentar.

– Caíste na minha encenação encantadora, não foi?

Lottie baixou os olhos para o chão e engoliu um soluço.

– Para com isso. A verdadeira vítima aqui sou eu – censurou insensivelmente. – Estava eu aqui a pensar que finalmente tinha encontrado uma rapariga da realeza que fosse louca, alguém como eu que...

– Não sou nada como tu – interrompeu Lottie ferozmente, indignada com o facto de ele ter pensado que ele e Ellie tinham algo em comum.

– Assim parece – disse Edmund vagamente, enquanto se inclinava e lhe levantava o queixo com uma mão. – És tão chata quanto os outros todos.

As palavras dele trouxeram de volta todas as inseguranças que Lottie tinha quanto ao seu lugar no mundo da realeza. Sentiu que as lágrimas voltavam quando a porta se abriu com um estrondo.

– SEU FILHO DA...

De repente, tudo aconteceu muito depressa e ainda assim muito lentamente. De uma vez, Ellie e Jamie irromperam furiosamente pela porta.

Edmund voltou-se surpreendido para ver Jamie tentando segurar Ellie, mas ela soltou-se e veio na direção deles. Lottie não teve tempo para explicar o que se passava; era demasiado tarde. Ellie cerrou um punho e com a outra mão agarrou Edmund pelo colarinho. E então a princesa Eleanor Wolfson deu um murro com força na cara do príncipe Edmund Ashwick.



Edmund caiu contra a parede, agarrado ao nariz, enquanto um fio de sangue escorria entre os seus dedos, pelos lábios e pescoço, formando uma meia-lua púrpura na sua camisa. Era uma visão violenta – Lottie teve de tapar a boca para não gritar –, mas o facto é que Edmund ainda estava consciente e praguejava alto, o que indicava que não tinha ficado gravemente magoado.

Lottie engoliu outro soluço quando Ellie correu para junto dela e a abraçou.

– Sou tão estúpida. Desculpa. Isto é tudo um estúpido mal-entend...

Lottie foi interrompida por um furioso gemido de Edmund. O príncipe olhou para as mãos cobertas de sangue e gritou:

– Sua maldita plebeia!

Oh, não, pensou Lottie.

– Como te atreves a interferir... – parou quando Ellie se voltou para ele e lhe ofereceu um olhar profundo que só podia ser descrito como um olhar de morte, os seus olhos pareciam punhais. Era como se houvesse faíscas de eletricidade em redor dela, ameaçando despoletar uma tempestade. Edmund hesitou apenas um momento antes de continuar:

– Partiste-me o nariz... sua... sua besta!

– Parto mais do que isso se não calares essa boca suja – rosnou Ellie com o rosto contorcido numa expressão furiosa.

O que se passa com esta gente a chamar-se suja e besta uns aos outros? Lottie não conseguiu evitar pensar.

– Já chega. – A voz de Jamie soou clara e sensível, e o seu pragmatismo foi bem-vindo.

– Ellie, vê se consegues arranjar o vestido de Lottie e, príncipe Edmund... – voltou-se abruptamente para a mancha de sangue que o cobria, com a voz e o olhar gelado – ... vou tratar do teu nariz.

Edmund gelou quando Jamie se aproximou dele, todo o seu corpo ficou tenso quando a sombra negra de um duro *partisan* se aproximou com as mãos estendidas.

– Não me toques! – gritou Edmund dramaticamente, tapando a cara com o outro braço.

Jamie soltou um rugido breve e afastou o braço do príncipe, segurando firmemente para que Edmund não se mexesse.

– Não sejas melodramático, só preciso de o ver.

Edmundo permaneceu agachado, encostado à parede como um ratinho assustado, enquanto Jamie se voltava para Lottie e Ellie, segurando ainda o braço de Edmund para que ele não fugisse.

Ellie olhou para Lottie, que gentilmente lhe estendeu a mão e agarrou-a com força. Engolindo outro soluço, respirou fundo e falou com o máximo de clareza que conseguiu:

– Ele não te vai magoar, Edmund.

Edmund olhou para as duas raparigas, como os olhos bem abertos com se as estivesse a ver bem pela primeira vez e, lentamente, relaxou. Tinha conseguido deixar uma mancha sangrenta na parede de suaves tons florais atrás dele.

Com cuidado, Jamie soltou-lhe o braço e, em silêncio, começou a mexer os dedos sobre o nariz de Edmund. Edmund observou enquanto Ellie, que para ele era simplesmente a rapariga de cabelo preto, ajudava a princesa a tentar salvar o vestido. A sua visão desfocou-se, com as duas a desvanecerem-se de duas figuras humanas para nódoas brilhantes, preta e branca, que dançavam à volta uma da outra e uma desagradável sensação na barriga começou a crescer como se o seu próprio sangue lhe dissesse que devia ter vergonha dele próprio.

– Olha em frente.

Edmund sobressaltou-se quando a voz de Jamie o trouxe de volta à realidade, levantando os olhos e ficando cara a cara com o tom avelã incandescente dos olhos de Jamie.

– Ela estava... Eu não... Quero dizer... Eu pensava que ela era como eu! – Edmund cuspiu as palavras lentamente, tropeçando na língua enquanto falava. Jamie permaneceu em silêncio, enquanto delicadamente tateava a cana do nariz de Edmund. – O vestido foi um acidente.

Os dedos de Jamie prosseguiram o seu trabalho metódico e a falta de resposta deixou Edmund nervoso.

– Eu sei – disse Jamie, por fim, com o rosto inexpressivo.

Edmund recuperou um pouco da sua postura anterior, confuso com a resposta de Jamie e em como ele estaria do seu lado.

– Ainda bem, porque eu sou completamente inocente. Só... – Edmund gritou quando Jamie puxou o nariz de volta ao sítio.

Jamie inclinou-se lentamente, colocando os lábios junto ao ouvido de Edmund. As suas palavras soaram frias e poderosas, não deixando espaço para interpretações erradas.

– Se achasse por um segundo que querias magoá-la intencionalmente, saírias deste quarto com mais do que um nariz partido.

Edmund engoliu em seco. Tinha conseguido colocar uma expressão indignada, mas o seu silêncio deixava claro que tinha recebido a mensagem.

Lottie observou Jamie enquanto ele lidava com Edmund de forma experiente; de alguma forma tinha conseguido calá-lo por um bocado. Voltou a sua atenção para Ellie, que tentava puxar as costas do vestido sem sucesso. Estava realmente estragado, mas...

Lottie percebeu que já não se importava. Ainda estava triste, principalmente com ela própria, mas percebera algo quando Jamie e Ellie apareceram galantemente.

Estava enganada.

Tinha passado aquele tempo todo a sonhar que o seu maravilhoso príncipe encantado a faria voar, mas a verdade é que não precisava de um príncipe valente: já tinha dois. Sempre os tivera. Chamavam-se Jamie Volk e Ellie Wolf e eram mais corajosos do que qualquer príncipe de qualquer conto de fadas que ela já lera. Mas não podia confiar sempre neles; tinha de ser ela própria forte. Tinha de mostrar que também podia ser forte à sua maneira de princesa.

– Está tudo bem, Ellie. O vestido é uma causa perdida.

Lottie endireitou-se cuidadosamente e recuperou a sua tiara do chão. Lentamente, colocou-a na cabeça, sentindo que a rejuvenescia. *Amável, corajosa, imparável. Correta, determinada, criativa.*

– Desde que os meus sapatos estejam bem. – Permitiu-se uma pequena risada ao dizer aquilo. – Acho que agora precisamos de...

– O que é que se passa aqui?

Lottie estremeceu, quando inesperadamente veio uma voz da porta e todos olharam surpreendidos para uma cabeleira loira encaracolada. Saskia.

Até Jamie pareceu ter sido apanhado desprevenido. Lottie assumiu que ele estivera demasiado preocupado com o nariz de Edmund para ter consciência do que o rodeava.

– Lottie, o teu vestido! – arfou Saskia. – Estás bem?

Lottie ficou surpreendida por ter sido o vestido dela e não o nariz sangrento de Edmund a prender a atenção de Saskia.

– Saskia, o que é que estás aqui a fazer? – perguntou Lottie. A última coisa de que precisava naquele momento era de mais uma pessoa metida naquela confusão.

– Vi-vos vir para cá e ouvi alguma confusão e, bem, aqui estou eu. – Saskia sorriu para Lottie e Lottie percebeu que naquelas circunstâncias até a personalidade atrevida de Saskia a reconfortava.

Ellie endireitou-se, avaliando a situação.

– Está tudo bem... estamos bem. Lottie só está chateada por ter rasgado o vestido.

– Oh, eu posso ajudar – chilreou Saskia. – Trouxe montes de vestidos a mais. Vamos tratar de ti sem problema.

Piscou o olho a Lottie que teve de admitir que a ideia de sair daquele desagradável quarto era muito bem-vinda. Os três olharam uns para os outros em silenciosa deliberação.

Jamie olhou novamente para Saskia antes de acenar relutantemente com a cabeça.

– Encontramo-nos lá em baixo, no salão de baile, daqui a 20 minutos – declarou, não deixando espaço para discussões.

– Perfeito – respondeu Saskia com um sorriso assertivo. – Já ajudei outras raparigas em situações como esta um milhão de vezes.

Segurou a porta para Lottie passar com um olhar prático no rosto. Fazia sentido que Anastacia fosse atraída por alguém tão prática.

Lottie parou, ignorando determinadamente Edmund. Ofereceu o seu melhor olhar «Estou bem» para Jamie e Ellie antes de sair com Saskia.

Saskia acompanhou Lottie rapidamente para um quarto ao fundo da ala onde estavam, que tinha vista para as traseiras da propriedade através de uma enorme janela envidraçada que estava ligeiramente aberta. Lottie achou que era um pouco estranho ter a janela aberta num dia tão frio, mas achou que a tranquilidade do quarto era calmante.

Saskia serviu a Lottie uma chávena de chá quente de um jarro ornamentado que estava sobre uma mesinha antes de se dirigir ao guarda-fatos.

– O pai de Anastacia pediu para guardarem aqui algum vestuário extra. Tenho a certeza de que ela terá todo o prazer em emprestar-te um vestido.

De certa maneira, Lottie duvidada disso e o sorriso no rosto de Saskia sugeria que ela sabia muito bem como Anastacia realmente reagiria. Um pensamento atravessou a mente de Lottie. Talvez esta fosse uma boa altura para falar com Saskia sobre Anastacia. Não podia deixar passar nenhuma oportunidade de obter mais informação. Beberricou o chá, deixando que o calor a acalmasse.

– É mesmo muito simpático da vossa parte, das duas. Aceito qualquer coisa que me sirva. Não sou esquisita. Na verdade... queria falar-te sobre Anastacia – disse Lottie, sorrindo estranhamente para

Saskia.

Esta não respondeu.

– Se não houver problema... – acrescentou sentindo um arrepio estranho.

Saskia devolveu-lhe o sorriso, mas algo não estava certo. Um arrepio percorreu o corpo de Lottie e, de repente, a sua visão desfocou-se. Tossiu algumas vezes, mas estava com falta de ar. O arrepio frio permaneceu no estômago de Lottie e um pensamento cristalizou-se na sua mente. *Fui envenenada.*

Arfou tentando ganhar ar para conseguir gritar. Saskia sorria, com uma tranquilidade maléfica na sua expressão. Depois, Lottie percebeu.

– Foste tu... o bilhete...

Os seus pensamentos tornaram-se lentos e perdeu o controlo dos sentidos. Deixara cair a chávena e nem deu por ela se estilhaçar no chão de madeira.

– Acho que me podes fazer perguntas sobre Anastacia – o tom de Saskia alterou-se dramaticamente e a sua voz ficou com um toque de humor gelado –, mas não é ela que deviam vigiar.

Lottie começou a sentir o quarto girar e tentou desesperadamente que as palavras fizessem sentido, enquanto Saskia se aproximava dela. Aflita, esticou uma mão em direção à cama, mas os seus joelhos cederam.

– Cino, quatro, três... – disse Saskia.

Lottie agarrou a colcha tentando levantar-se e chegar à porta, mas os seus membros não obedeciam. *Tenho de fazer alguma coisa.* Num momento de clareza, descalçou o sapato esquerdo e empurrou-o para debaixo da cama.

– Dois... um...

A voz de Saskia diminuiu lentamente e tudo ficou negro.



Tinham passado apenas nove minutos desde que Lottie tinha saído com Saskia para encontrar outro vestido e Jamie já estava a ficar nervoso.

Colocou mais um pouco de adesivo na cana do nariz do príncipe. Não via motivo para causar mais alvoroço, magoando-o desnecessariamente; o nariz partido que Ellie lhe dera já era castigo suficiente.

Dez minutos.

– Pronto – disse Jamie decidido, guardando o seu mini *kit* de primeiros-socorros.

O príncipe soltou um gemido exasperado numa clara tentativa desesperada de voltar a ganhar compostura.

– Até que enfim. Preciso de me afastar desta... – voltou-se desagradado para Ellie – companhia desagradável.

Onze minutos.

Jamie revirou os olhos discretamente. Sabia que poderia ter facilmente posto aquele rapaz mimado no seu lugar, mas não sentiu necessidade de descer ao nível dele. Ellie soltou um cacarejo e cerrou os punhos.

Era exatamente este o tipo de comportamento que preocupava Jamie. Ellie era dura e a verdade era que provavelmente conseguiria lidar sozinha com a maioria dos problemas, mas era indisciplinada e irracional e ele temia que um dia ela se pudesse defrontar com alguém e arriscar demasiado. E era exatamente por causa disso que ele tinha de estar ao seu lado.

Doze minutos.

– Pensavas que gostava de miúdas loucas, Ashwick – disse Ellie trocista, levantando novamente os punhos numa exibição particularmente ameaçadora.

O príncipe olhou para ela com uma expressão depreciativa.

– Só de raças puras como eu – cuspiu furiosamente. – Não de lama como tu que, sabe-se lá como, conseguiu subir e entrar na nossa sociedade.

Jamie não conseguiu evitar que um risinho irónico lhe escapasse dos lábios. Uma expressão de total espanto surgiu no rosto de Ellie antes de soltar um uivo trocista.

– Isto é de mais! – riu, agarrando-se à barriga. Jamie lançou-lhe um olhar austero e ela levantou as mãos para o tranquilizar em sinal de que não diria nada estúpido. Edmund olhou para eles, irado e confuso, frustrado por ser alvo de um piada que não compreendia.

Treze minutos.

– Isto é ridículo – declarou Edmund. – A vossa princesa é que tem a culpa de ter inventado uma ligação sentimental entre nós.

Ellie parou imediatamente de rir e Jamie ficou tenso, preparando-se para o caso de ser necessário intervir.

Catorze minutos.

Tinham de sair dali e voltar ao salão de baile antes que as pessoas comessem a suspeitar.

– Sentimental? – perguntou Ellie, com uma calma furiosa na voz. – Como podes esperar que ela não seja sentimental, quando lhe envias cartas de amor para o dormitório?

Jamie demorou três segundos a perceber o que aquilo significava. Ellie e Lottie tinham escondido mais uma coisa dele.

Quinze minutos.

– Cartas de amor? – Edmund quase cuspiu as palavras como se lhe deixassem um sabor amargo na boca. – De que raio estás a falar?

Jamie voltou-se para Ellie, de mãos cruzadas sobre o peito numa pose inquiridora. Ellie olhou para ele, sentindo-se obviamente culpada, antes de se voltar rapidamente para o príncipe.

– Tu sabes – observou, apesar de ele continuar a olhar para ela como se a ideia fosse inconcebível. – A carta que deixaste na caixa postal de Lottie, no Ano Novo?

Dezasseis minutos.

O rosto de Edmund passou de enojado a genuinamente perplexo e o corpo de Jamie começou a tremer.

– Nunca enviei uma carta de amor na vida.

A confusão de Edmund estava a transformar-se em zombaria. – Porque é que eu ia desperdiçar a minha energia numa conquista tão fácil?

Jamie e Ellie ignoraram o comentário infantil, mas Jamie conseguia sentir o fervor nas suas veias a desaparecer ao começar a raciocinar.

Dezassete minutos.

– Quero dizer, não era uma carta de amor – começou Ellie. – Era mais um bilhete tipo «vejo-te em breve».

Estava a divagar, o que fez com que Jamie percebesse que estava a ficar nervosa.

– O do envelope dourado? Que dizia que a verias no baile? – Ellie continuou, olhando para Edmund como se isto fosse recordá-lo, com um sinal de desespero a crescer-lhe no rosto. Jamie voltou-se para o príncipe, com o rosto sério ao olhá-lo nos olhos.

Dezoito minutos.

O príncipe expirou exasperado e levantou as mãos.

– Oçam, sei que ambos me desprezam – disse lentamente. – Mas nunca enviei um cartão assim.

– Bem, então quem... – Ellie pestanejou, mas Jamie já tinha chegado à terrível verdade.

Dezanove minutos.

Quem quer que deixara a marca de morte também tinha enviado a «carta de amor». Os olhos de Ellie pareciam eletrificados ao olhar para Jamie.

– A Lottie está em apuros!



O ar gélido parecia cortar o nariz de Lottie. Imaginou gotas de gelo em seu redor a formar uma piscina tranquila no ar.

Onde estou? Estava acordada, mas as pálpebras estavam fechadas, demasiado pesadas para as conseguir abrir. Os dedos estavam rígidos e adormecidos e o frio estendia-se pela sua pele.

Tens de abrir os olhos, disse uma voz longínqua dentro da sua cabeça. *Quem és tu?* Um baque metálico chegou até ela através da névoa que lhe toldava a mente. *Estou em apuros.*

Imparável. Criativa.

Lottie forçou os olhos a abrirem-se e descortinou a forma de uma carrinha que estava cada vez mais perto. A voz continuou: *O príncipe e a princesa têm de te conseguir encontrar.*

Qual príncipe? O seu corpo estava adormecido, mas conseguia sentir que a levantavam e atiravam para dentro da carrinha.

Ellie... Jamie. Farripas de memórias da noite vieram-lhe à mente, mas era incapaz de as agarrar. Pestanejou e olhou em redor atordoada. A porta da carrinha estava aberta. *Criativa.*

Um dos pés estava mais leve do que o outro. Lembrou-se – tinha tirado o sapato; tinha-o escondido. Desesperada, conseguiu tirar o outro antes de voltar a adormecer.

– Lottie não está aqui.

Tinham voltado a correr para o salão de baile o mais depressa que conseguiram, deixando Edmund sozinho e baralhado. Tinham verificado junto do *buffet*, do palco, em todos os centímetros do chão de mármore.

– Ela não está aqui – repetiu Jamie. O seu rosto era impenetrável, mas Ellie sabia que ele estava preocupado. Nunca o tinha visto tão preocupado em relação a ninguém, exceto... bem, exceto em relação a si. Lottie já lá devia estar há dez minutos, de acordo com o combinado, mas não estava em lado nenhum.

– Nem acredito que vocês as duas me esconderam uma coisa tão importante. Não acredito que tenham feito uma coisa tão estúpida.

Ellie desviou o olhar envergonhada, tinha os dedos fechados nos punhos cerrados ao lado do corpo e as unhas espetadas nas palmas das mãos com tanta força que pensou que sangravam. Precisou de todo o seu autocontrolo para não começar a destruir o *buffet*; queria tanto partir qualquer coisa; tinha vontade de voltar a correr lá para cima e discutir com Edmund, mas sabia que a culpa não era de mais ninguém, exceto sua. Jamie tinha razão. Como é que ela tinha sido tão estúpida? ESTÚPIDA! ESTÚPIDA!

ESTÚPIDA!

Inspirou fundo e fechou os olhos com força, preparando-se para dizer a coisa mais difícil que alguma vez tivera de dizer. Tinham de contar aos pais dela que Lottie tinha desaparecido. Abriu os olhos e voltou-se para Jamie.

– Jamie, temos de...

– Passa-se alguma coisa?

Ellie calou-se de repente com o som tranquilo da voz atrás deles. Os dois voltaram-se e deram de caras com Anastacia, elegante no seu bonito vestido vermelho, com a sua calma em completo contraste com a energia descontrolada dos dois.

– Parecem os dois tão aflitos.

Jamie ficou visivelmente tenso e Ellie tomou isso como um sinal para não dizer nada.

– Está tudo bem – mentiu, cerrando os dentes.

Anastacia não pareceu afetada pelo tom grosseiro de Ellie.

– Têm a certeza de que não há nada em que eu possa ajudar? – Anastacia falava tão tranquila que Ellie não conseguia perceber a irritação na sua voz.

Jamie percebeu de imediato aquilo que Ellie não tinha percebido, semicerrando os olhos antes de discreta mas firmemente pegar no braço de Anastacia e levá-la para o canto do salão.

Ellie estremeceu – não devido ao movimento repentino, mas pela expressão mortífera no rosto de Jamie, uma expressão que ela conhecia muito bem.

– O que é que sabes? – sussurrou asperamente. Anastacia riu, dando palmadinhas condescendentes no peito dele com a mão livre.

– Um verdadeiro *partisan* – disse, sem humor no olhar. – Nada te escapa, pois não?

– Não te armas em parva, Anastacia – rosnou Jamie. – Se sabes assim tanto sobre *partisans*, deves saber que fazem qualquer coisa para proteger os seus senhores.

Anastacia manteve-se firme, não se deixando intimidar, e Ellie ficou impressionada. Depois, disse algo para o qual nenhum deles estava preparado.

– Se queres proteger a tua senhora, é obvio que te deves concentrar em Ellie e não... Em quem quer que seja Lottie.

Os dois olharam para ela, confusos por um instante, e Anastacia suspirou, exasperada.

– Eu sei que ela é a tua guardiã, Eleanor Wolfson.

A mente de Ellie tiniu e depois percebeu que Anastacia sabia de tudo. Mas como? Tinha contado a alguém? E ainda mais importante: onde estava Lottie?

Antes de Ellie conseguir falar, Jamie quebrou o tenso silêncio.

– De que raio estás a falar?

Anastacia soltou uma risada pouco divertida.

– *Quels imbéciles!* – sibilou. – Ellie Wolf, Eleanor Wolfson, a princesa rebelde de Maradova... Como é que alguém com dois dedos de testa poderá ter sido enganado com uma tentativa de disfarce tão ridícula! Quer dizer, só o nome Pumpkin é completamente ridículo...

– Já chega! – ordenou Ellie. – Há quanto tempo é que sabes?

Um rubor subtil subiu ao pescoço de Anastacia, que franziu levemente o sobrolho coberto por uma fina camada de suor. Ellie percebeu que nunca tinha visto Anastacia tão perturbada. Queria tanto dizer-lhe que agora tinham de a matar, mas nem o seu humor negro a distraiu.

– Desde o pequeno-almoço... na primeira vez que te vi. Lottie apresentou-te como sua colega de quarto e eu soube.

– Mas como? É impossível...

– Não podes fugir de quem és, Ellie. Está no teu sangue. Nunca seremos como eles e eles nunca serão como nós. É marcado em nós no momento em que nascemos.

Ellie olhou para Anastacia. De que forma é que ela podia ser como Anastacia?

– O que é que queres dizer...

– Privilégio – interrompeu Jamie, libertando lentamente o braço de Anastacia. – Ela está a falar de privilégio. Mas não temos tempo para análise de carácter agora; a Lottie pode estar em perigo.

– Perigo?

Ellie sentiu-se irritada com o que parecia ser verdadeira preocupação no rosto de Anastacia.

– Sim, ela desapareceu e a última pessoa com quem esteve foi com a tua grande amiga...

– Saskia. – Anastacia cuspiu as palavras interrompendo Jamie e surpreendendo ambos com a dor que surgiu no seu rosto quando falou. – Ela está obcecada com a princesa Wolfson desde que descobriu que ela frequentava Rosewood. Queria saber tudo sobre ela. Exigiu que eu a apresentasse e me aproximasse dela. Não era... nada dela.

Jamie e Ellie olharam um para o outro, chegando os dois à mesma conclusão.

– Anastacia, sabes se ela colocou alguma coisa debaixo da cama de Lottie? – perguntou Jamie apressadamente.

Anastacia baixou os olhos de uma maneira envergonhada que não era nada típico dela.

– Não... Todas as mensagens... Eram minhas...

– O quê?

– Vocês não percebem. Fi-lo para a proteger... Eu...

– Colocando uma ameaça de morte debaixo da cama dela! – exclamou Ellie.

– Não! Calem-se! Oiçam-me! – Anastacia respirou fundo. – Eu estava a tentar assustá-la... a vocês as duas... Saskia não é apenas uma amiga... Ela é a minha...

Jamie agarrou-a pelos ombros.

– Anastacia, fala de uma vez... podemos estar a ficar sem tempo.

Anastacia mordeu o lábio e voltou-se para Ellie com uma intensidade no olhar como se estivesse a tentar dizer-lhe algo que só Ellie podia compreender. *Ela não é apenas uma amiga... É a minha...*

– É a tua *partisan*.

Não era uma pergunta. Ellie sabia que era verdade.

Anastacia assentiu e Jamie libertou-a lentamente. Parecia que uma tampa pesada tinha explodido sobre a situação e Ellie, mais uma vez, compreendeu o que se passara e porque é que Anastacia tinha feito aquilo.

Por algum motivo, Saskia estava obcecada de uma maneira perigosa com a princesa, que acreditava ser Lottie. Anastacia não a podia denunciar. Ellie tentou imaginar denunciar Jamie. Não era simplesmente possível; ela nunca o conseguiria fazer. Por isso, Anastacia tinha feito a segunda melhor coisa e tentara manter Lottie e Ellie o mais longe possível de Rosewood.

– Compreendo – disse Ellie gentilmente. Nunca imaginara sentir qualquer tipo de ligação com Anastacia mas, naquele momento, sentiu que a compreendia melhor do que qualquer pessoa.

– Okay – disse Jamie, tentando manter-se calmo, apesar de ter os dentes cerrados claramente em sinal de frustração. – Temos de ignorar este momento, porque já passaram bem mais de 30 minutos e Lottie ainda está desaparecida e presumivelmente raptada por um *partisan*, que...

Parou, horrorizado, ao perceber a gravidade da situação. Depois, abanou a cabeça com um olhar furioso e decidido no rosto, antes de dizer:

– Temos de a encontrar... Agora.

Ellie passou as mãos pelo cabelo. Demorariam literalmente dias a procurar por toda a propriedade.

– Por onde começamos? – A sua voz saiu sufocada e desesperada e lamentou-se por não conseguir ficar calma como Jamie.

A voz de Anastacia retirou-a do seu desespero.

– Já tentaram ligar-lhe?

Ambos pestanejaram por um momento. Não, não tinham!

– Sim, tenho a princesa. Não, não está ferida. Acho que está a acordar. *Okay*, lá estaremos. *Svobadash!*

Lottie esforçou-se para entender o sentido do que estava a ouvir. Sentiu um aperto gradual à volta dos pulsos, com a sensação a estar a voltar a ganhar consciência.

– Estás acordada.

Abriu os olhos e viu Saskia ajoelhada à frente dela, atando-lhe meticulosamente os pulsos. Desta vez não havia sentimentos dúbios: o mundo e os seus pensamentos eram completamente lúcidos. Tinha sido raptada.

Juntou os joelhos, não deixando que a náusea que sentia tomasse conta ao endireitar-se. Afastou a névoa confusa, olhou em redor para a carrinha e absorveu discretamente o máximo que conseguiu.

Saskia tinha-os enganado a todos. Ela tinha planeado raptá-la, desde o momento em que a conheceu. Lottie não conseguia sentir movimento da carrinha, o que significava que ainda podiam estar nos terrenos do palácio. Não tinha os sapatos.

Mas o principal mistério era...

– Porque é que estás a fazer isto?

Lottie ficou aliviada por a sua voz soar atordoada e engasgada, esperando que isso fizesse Saskia baixar a guarda.

Saskia voltou-se para ela. Tinha um sorriso suave e sinistro nos lábios, que fez Lottie arrepiar-se. Ainda assim, ela não apresentava nenhuns sinais de instabilidade. Se fosse louca, Lottie tinha a certeza de que a poderia distrair, mas estava demasiado alerta, demasiado concentrada. Fê-la lembrar-se de... Jamie.

– Bem... a resposta rápida é... – Saskia fez um sinal com os dedos, esfregando-os. – Dinheiro.

Lottie agarrou-se a isso, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– *Okay*, então porque não me levas de volta? Eu digo aos meus pais que me salvaste e eles dão-te uma grande recompensa.

Saskia riu, recordando Lottie de todo o tempo que tinham passado juntas ao longo do último ano.

– Boa tentativa, princesa, mas há um prémio pela tua cabeça maior do que possas imaginar. Estás no topo da lista.

Lottie abanou a cabeça, as palavras não faziam sentido.

– A lista de quem...? Com quem é que estavas a falar ao telefone?

O sorriso amigável de Saskia desvaneceu-se e ela olhou para o vazio.

– Com eles!

Falava com uma deferência como se estivesse a falar de um deus e um arrepio percorreu Lottie.

– Chamam-se Leviathan e estão cá para mudar as coisas. E tu és o meu bilhete para ser iniciada. Não faço ideia porquê, mas querem a princesa maradviana, tu, mais do que qualquer outra pessoa.

Saskia retirou um pacote do casaco do fato e começou a brincar com ele. Lottie percebeu que continha duas pequenas facas e engoliu em seco, perguntando-se quantas outras armas Saskia esconderia.

– Esses Leviathan... – começou Lottie, tentando manter o seu tom atordoado e confuso. – Têm recompensas por muitas pessoas?

– Não por qualquer pessoa, pelos filhos da realeza e famílias ricas importantes. Querem...

Antes de Saskia poder continuar, uma agradável melodia saiu de debaixo de Lottie, acompanhada por um forte ruído de vibração. O seu telefone.

Saskia ajoelhou-se junto a Lottie e gentilmente inclinou-a para agarrar o telefone da sua bolsa de noite, ainda presa pela delicada corrente sobre o ombro. A ação quase podia ser confundida com um abraço.

– Atende. – Encostou o telefone à cara de Lottie. – Convince-os de que estás em segurança ou não serei boazinha.

Lottie olhou para o telefone, vendo-o vibrar na mão de Saskia, o nome de Ellie piscava no ecrã e o coração de Lottie começou a bater desordenadamente. Esta podia ser a sua hipótese. Procurou na sua mente todos os livros que já tinha lido, todos os ridículos truques de espionagem e código que tinha aprendido.

– Então, despacha-te princesa – ameaçou Saskia.

Princesa... Lottie sabia exatamente o que fazer.

– Olá.

– Lottie, oh, meu Deus, estás bem? – Era a voz de Ellie.

– Sim, estou bem. Desculpem ter falhado o nosso encontro. Estou só um pouco esgotada. Acho que vou cair.

– Tens a certeza? Podemos ir ver-te?

Jamie. Lottie estava em alta voz. Devia estar fora do salão de baile.

– Não, não. Está mesmo tudo bem. Eu só queria tirar aquele estúpido vestido desconfortável... e os sapatos também...

Houve um breve silêncio do outro lado e Lottie sentiu que estava prestes a chorar.

– *Okay* – A voz de Ellie soou tão calma que Lottie teve medo que não tivesse percebido a pista. – Alguma coisa que possamos fazer por ti? Qualquer coisa?

– Na verdade...

Ao ouvir isto, Saskia deitou-lhe um olhar grave e fez-lhe sinal para se despachar.

– ... Podiam guardar-me uma daquelas tartes de maçã que vi no *buffet*?

– Claro. Vou assegurar-me de que te guardam uma.

– Obrigada.

Lottie fechou os olhos com força e, por instinto, acrescentou:

– Adoro-vos!

Abriu os olhos e viu o dedo de Saskia no botão de desligar, com os lábios torcidos num sorriso satisfeito. Agora Lottie tinha de rezar para que eles percebessem a sua mensagem.



Jamie olhava para o telefone quando este se desligou.

– Adoro-vos.

O seu coração batia acelerado, sabia que algo estava errado, mas tinha de permanecer calmo e racional.

– Então, ela está bem? – perguntou Anastacia, esperançosa.

– Não – respondeu Ellie firmemente. – Deixou-nos um código secreto.

O rosto de Anastacia transformou-se em desespero.

– Oh, Saskia – suspirou. – O que foste fazer?

Jamie ignorou-a prontamente. As preocupações de Anastacia sobre a sua desonrada *partisan* não eram a sua prioridade.

– Quais são as nossas pistas? – perguntou, já preparado para atuar.

– Bem – disse Ellie. – Ela é alérgica a maçãs. É assim que sabemos que ela não pode dizer que está em apuros e, depois, os sapatos... – Ellie esfregou a testa em sinal de reflexão, parecendo desesperada. – Sei que ela me está a tentar dizer qualquer coisa ao mencionar que eles eram desconfortáveis. Foram feitos à medida para ela e ela adora-os. Eu só...

– É a Cinderela, sua idiota! – ladrou Anastacia. As lágrimas caíam-lhe agora pela face. Fungou alto e limpou o nariz, mas continuou a falar como se não estivesse a chorar. – Ela provavelmente deixou os sapatos em algum lado como pista para a encontrarem.

Jamie assentiu.

– Ainda não podemos alertar os guardas. Se o palácio entrar em isolamento, Saskia terá outro plano de fuga e Lottie estará ainda em maior perigo.

– Como é que sabes? – perguntou Ellie sem perceber o seu raciocínio.

– Porque é o que eu faria – respondeu Jamie simplesmente. – Por isso, temos de encontrar os sapatos.

Demoraram dez minutos a encontrar o primeiro sapato. Jamie raciocinara que tinha de estar na ala oeste, pois era onde Saskia os tinha encontrado, e tinha de estar num dos quartos com uma janela voltada para o portão para uma fuga rápida.

Os olhos de Ellie foram atraídos para a chávena partida e daí conseguiu ver o sapato perdido. Chamou-os. Ali estava, enfiado debaixo da cama, quase completamente escondido, mas brilhando o suficiente para atrair o seu olhar.

– Ela saiu pela janela? – perguntou Ellie, não conseguindo acreditar.

– Sim – disse Jamie. O plano de Saskia era agora óbvio para ele e ela tinha claramente subestimado Lottie e a situação.

Era uma manobra de saída clássica, um nome pomposo para uma tática que lhes tinha sido ensinado como *partisans*, no caso de acontecer algo e precisarem de escapar de um evento social

sem serem notados. Nunca pensara que alguém pudesse usar a mesma técnica para fazer um rapto.

– Isto significa que provavelmente partirão a qualquer momento.

– Então porque é que não dizemos à guarda para não deixar ninguém abandonar a propriedade? – sugeriu Anastacia.

– Porque aí ela pode começar a matar pessoas – disse ele com franqueza.

Anastacia tossiu.

– Saskia nunca....

– Tenho a certeza que pensavas que ela nunca raptaria alguém.

Anastacia mordeu de imediato a língua. Estava a ser insensível, ele sabia que sim, mas a pressão da situação começava a atingi-lo.

Lottie era prisioneira de outro *partisan*, estava em perigo iminente e ele tinha de a salvar sem colocar a sua segurança à frente da de Ellie.

– Pessoal – chamou Ellie. – Acho que as encontrei.

Jamie saltou sobre a cama com a pressa de se juntar a Ellie na janela. Seguiu o olhar dela, mas era difícil ver alguma coisa no escuro gelado. Estava prestes a dizer-lhe que ela estava a imaginar coisas quando a viu.

Uma carrinha, a não mais de cem metros do edifício, parecia brilhar por baixo. Era suficientemente subtil para pensar que a mente lhe estava pregar partidas. Os três adolescentes correram escadas abaixo até à varanda da entrada com o vento frio a esbofeteá-los quando saíram para o exterior.

Anastacia manteve a mão na porta, impedindo-a de se fechar.

– Têm a certeza de que é aquela?

Havia dor no seu olhar, sabendo que estava prestes a condenar a sua *partisan* para sempre.

– Absoluta – respondeu Ellie, sem se preocupar em reconfortar Anastacia, não havia nada a dizer.

Anastacia baixou a cabeça, abandonando os seus sentimentos.

– Eu alerta a guarda. Vocês vigiem.

Voltou-se para correr de volta o caminho que tinham percorrido, mas parou e agarrou no braço de Jamie.

– Não a magoes – sussurrou.

Jamie perguntou-se se poderia poupá-la, mas percebeu que não fazia sentido mentir.

– Poderei não ter outra escolha.



– Anastacia avisou a guarda. Vamos esperar aqui até eles chegarem.

Jamie tentava convencer uma Ellie trémula a voltar para dentro, mas ela recusava-se. Em vez disso, esfregava nervosamente os braços para se manter quente. Esconderam-se nas sombras da varanda, mantendo-se fora da vista da carrinha, mas espreitando de vez em quando, para confirmar que não estava a andar. Ellie tinha encontrado um taco de golfe algures e mantinha-o ao seu lado, aparentemente esperando usá-lo como arma.

– Mas e se nessa altura for demasiado tarde? – choramingou.

Jamie abanou a cabeça, sabendo o que ela estava a pensar, mas tentando manter-se o mais racional possível. De forma alguma ele poria a segurança de Lottie à frente da de Ellie. Não estava autorizado a isso, apesar de deixá-la estar a dar cabo dele. Tinha de proteger Ellie acima de tudo.

– Tenho de te manter em segurança, Ellie – disse firmemente, apesar de todas as células do seu corpo lhe dizerem para correr para a carrinha.

E então, assim que acabou de falar, ouviu o suave ruído de um motor a começar a trabalhar.

Ouviu-se um som de algo a rasgar-se e Jamie voltou-se para ver Ellie rasgar o vestido.

– Desculpa, Jamie, mas não vou arriscar – disse ela. E agarrou no taco de golfe.

Jamie esticou-se para a travar, mas era demasiado tarde. Ellie tinha atirado com os sapatos e saltado a parede da varanda, correndo em direção à carrinha.

Ellie corria para fazer aquilo que Jamie queria ter a liberdade de fazer. Correr para salvar Lottie.

*

Lottie tinha sido mudada para o assento da frente da carrinha, embrulhada num xaile para que os seus pulsos atados ficassem tapados. Tremia; não sabia se do frio ou do medo. As instruções eram simples. Tinha de parecer chateada, tão chateada que queria temporariamente sair do palácio e Saskia, uma *partisan* registada, tinha-se amavelmente oferecido para a levar a dar uma volta. Se Lottie não os conseguisse convencer, Saskia começaria a magoar pessoas.

Saskia tinha-se assegurado de que se alguém olhasse para as filmagens das câmaras de segurança, pareceria que estava simplesmente a ajudar a princesa alcoolizada. Uma história fácil de acreditar tendo em conta a reputação de Ellie e o seu encontro com Edmund. Era inteligente e batia de acordo com a história que tinham contado a Jamie e Ellie sobre não querer regressar ao baile.

Por favor, espero que eles tenham percebido o meu código.

Saskia olhou para o relógio, esperou mais uns segundos e colocou a chave na ignição.

– Okay, princesa, estás pronta para a tua atuação?

Lottie teria rido se não estivesse tão aterrorizada. *Tenho estado a atuar o tempo todo.*

Em vez disso, assentiu em silêncio; não ia ser difícil fingir que estava chateada.

E então a carrinha agitou-se por baixo delas e começaram a mover-se.

Acho que agora é de vez, pensou Lottie para si sem esperança.

Saskia levou-as para fora dali e pisou o acelerador, conduzindo-as para o caminho em direção ao portão. Poucos metros tinham avançado, quando tudo se tornou uma confusão.

Uma figura mergulhou na frente da carrinha, de braços estendidos, e um uivo selvagem saiu da sua boca.

– O que... – gritou Saskia ao colocar o pé no travão.

A carrinha parou de repente e Lottie foi impulsionada para a frente. A figura brilhou com a luz dos faróis, parecia uma massa desgrenhada de cabelo preto a voar em redor da cabeça e os dentes à mostra num rugido furioso. Era Ellie!

O seu vestido estava rasgado e ela estava parada, descalça e furiosa, na neve com um taco de golfe que agitava violentamente, destruindo um dos faróis enquanto gritava um temível grito de guerra para o ar. Parecia aterradora.

– O QUE É QUE FIZESTE? – gritou Saskia.

Lottie saltou quando Saskia a agarrou. Fraquejou, incapaz de responder. *O que raio está Ellie a fazer?*

– Eu não...

As suas palavras foram interrompidas, quando a janela do lado do condutor se estilhaçou e pedaços de vidro caíram em redor delas. Lottie gritou com o impacto e elas sentiram um remoinho gélido de ar a acompanhá-las.

– Saskia, sai JÁ do carro! – Ellie gritou as palavras num urro feroz, preparando-se para voltar a lançar o taco.

O rosto de Saskia tornou-se frio à frente de Lottie e um arrepio que nada tinha a ver com o vento percorreu-lhe o corpo. Saskia agarrou Lottie pelo cabelo e atirou-a para as traseiras da carrinha. Lottie gritou ao cair. Incapaz de amortecer a queda com as mãos atadas, tinha batido com a cabeça no chão e a sua tiara voara.

Ouviu a porta do condutor abrir-se e gritou para que Ellie corresse, enquanto tentava levantar-se.

As portas da carrinha abriram-se. Saskia estava parada, agarrando Ellie a quem tinha tirado o taco de golfe. Ellie atirou a cabeça para trás e bateu-lhe. Saskia soltou-a abruptamente e bateu-lhe com força na cara antes de a enfiar na carrinha junto de Lottie.

Ellie olhou para Sakia e riu sarcasticamente:

– Estás tão lixada – cacarejou, com o lábio a sangrar e a parecer que tinha acabado de se alimentar de um animal vivo.

Saskia franziu o sobrolho e Lottie percebeu o que Ellie queria dizer. Jamie avançava pelo trilho na neve tão depressa que era quase um borrão no gelo. O rosto de Saskia registou o perigo e Lottie observou-a enquanto ela rodou graciosamente, retirando algo de dentro do casaco e apontando à figura que se dirigia a ela.

– JAMIE, CUIDADO!

Lottie gritou as palavras desesperadas para o ar, mas não foram necessárias. Antes de Lottie conseguir perceber o que estava a acontecer, Jamie estava à frente delas, agachando-se para evitar o tiro e levantando-se.

Atirou a mão esquerda, afastando o cano da arma, seguida da mão direita, que atingiu o pulso de Saskia com força. Habilmente, manipulou a mão dela de modo a que a arma ficasse agora apontada a

Saskia. Aconteceu tudo tão depressa que Lottie quase nem conseguiu processar o que estava a assistir.

Saskia reagiu pisando o pé de Jamie e rodando, fazendo com que ambos deixassem cair a arma. Pontapeou-a para fora do alcance. Se não podia ter a arma, estava melhor fora de alcance do que correr o risco de a ter apontada a si.

Jamie agarrou Saskia e afastou-a para o mais longe possível das duas raparigas antes de se atirar a ela. E a dança começou.

Os dois moviam-se numa mistura fluida de elegância e golpes de murros, uma sofisticação e precisão a cada momento que formava um bonito bailado mortal.

Lottie observou horrorizada quando caíram um sobre o outro, impressionada com a intrincada precisão do seu bailado. Era uma luta de *partisans* e era letal.

Pareciam estar perfeitamente empatados até Jamie bloquear o braço de Saskia com o ombro e conseguir dar-lhe um murro no estômago. Saskia dobrou-se e ele aproveitou a oportunidade para lhe dar uma joelhada no nariz. Lottie tapou a cara com o impacto, perturbada em como Jamie conseguia ser violento sem se esforçar. Então, antes de Saskia conseguir endireitar-se, Jamie mergulhou levemente no ar como se fosse uma pena. Levantando o joelho, rodou o corpo com facilidade para pontapear com força a cabeça de Saskia antes de aterrar no chão e tirar uma arma do casaco. Era claramente um golpe que podia ser letal se Saskia não tivesse conseguido levantar o braço numa última tentativa de defesa.

Saskia caiu de joelhos e lentamente levantou a cabeça para ver o cano da arma; tinha perdido toda a sua valentia. Olhou para Jamie, louca e sangrenta. Riu, mas o riso soou mais como um gemido. O som fez Lottie estremecer.

– És um perfeito *partisan*, não és?

Saía-lhe sangue da boca enquanto falava e ela cuspiu para o chão como se fosse uma serpente a cuspir veneno.

– Perdeste, Saskia – disse Jamie friamente, com o rosto tranquilo enquanto o vento gelado soprava em redor deles.

Saskia voltou a rir, e o som transformou-se numa pieira sibilante. Lottie encolheu-se, mas Jamie permaneceu inalterado, apontando a arma a Saskia sem hesitar.

– Não perdi nada – cacarejou ela. – Encontrei-me há muitos anos. Tu é que andas perdido.

Jamie não disse nada e não havia nenhum sinal de que o frio gélido tivesse efeito nele.

– Podias ver-te livre deles – continuou Saskia. – Podias usar o teu treino para lutar por uma causa justa em vez de o desperdiçares nestes tolos arrogantes.

Sob a luz da Lua encoberta, Lottie teve a certeza de ver lágrimas formarem-se nos olhos de Saskia.

– Eles não querem saber de nós. Somos apenas instrumentos para eles; toda a gente é um instrumento para eles. Nunca nos vão deixar viver como queremos. – Saskia estendeu uma mão desesperada. – Junta-te a nós.

Lottie susteve a respiração, sentiu o vento uivando entre eles, enquanto se sentava sem poder fazer nada na carrinha, sem saber no que Jamie pensava. O coração acelerou quando ele abriu a boca para falar e ela julgou ver a sua mão estremecer por um segundo.

Antes de Jamie poder responder, ouviu-se uma voz.

– Põe as mãos no ar de modo a que eu as possa ver.

Acenderam-se luzes em redor deles, tão fortes que quase cegaram Lottie, ao mesmo tempo que vinte ou mais figuras vestidas de preto os rodearam. Agarraram em Saskia e algemaram-na de imediato, empurrando-a contra a carrinha.

Cuidadosamente, Jamie pousou a arma no chão e sentou-se na carrinha ao lado de Lottie, nada afetado pelo cerco repentino, como se soubesse sempre que eles apareceriam.

*

Foram todos levados para a entrada do palácio e Lottie viu uma das figuras negras tirar a proteção da cabeça, revelando uma face desgastada com uma enorme cicatriz. O homem acenou a Jamie, que respondeu com uma saudação e este fez-lhe uma vénia.

Alguém soltou as mãos de Lottie e a envolveu num cobertor prateado. Tudo se desvaneceu num borrão quente e confuso de perguntas e vozes ansiosas. Jamie e Ellie afastaram os seus interrogadores e juntaram-se a Lottie.

– Estás bem? Estás ferida? Alguma de vocês... Ellie, o teu lábio! – Jamie andava louco à volta delas de uma maneira que não parecia nada dele.

Ellie abanou a cabeça, sem prestar realmente atenção, e afastou-o para agarrar Lottie e apertá-la num profundo abraço.

– Lottie! Oh, meu Deus, lamento tanto! Lamento tanto, tanto! – Ellie repetia as palavras enquanto a abraçava, mas Lottie foi distraída pelo que conseguia ver sobre o ombro dela.

Na porta do palácio, parada e atenta, estava Anastacia. Não olhava para Lottie, Ellie ou Jamie. Os seus olhos estavam postos em Saskia; no seu rosto havia um rasto de humidade, obscurecido pelo cabelo castanho e o vestido esvoaçava em redor dela formando uma chama vermelha profunda.

Saskia foi levada até Anastacia. Os seus guardas pararam junto de Anastacia e uma das figuras curvou-se.

– Vamos levá-la para a interrogar, minha senhora. O seu pai também será informado.

Anastacia não respondeu, limitou-se a olhar para Saskia com um fogo ardente nos olhos.

O rosto da *partisan* passou de raiva a algo semelhante a determinação. Começaram novamente a puxá-la e Saskia gritou:

– Ani, eu ia voltar para ti. Ani!

Mas Anastacia nem se voltou, enquanto a sua *partisan* era arrastada dali para fora. Cerrou os punhos com tanta força que até os nós dos dedos ficaram brancos. As lágrimas caíram numa onda incontrolável de tristeza. Não eram as lágrimas de uma jovem rapariga chocada; era algo mais.

A mente de Lottie recordou a fotografia das duas em Paris. E, de repente, percebeu e não conseguia acreditar que não tivesse entendido antes.

Elas estavam apaixonadas.



Lottie, Jamie e Ellie estavam novamente parados no exterior do salão principal, alinhados na perfeição, à espera de lhes ser permitido entrar para a sua audiência.

Tinham passado menos de 24 horas desde o baile. As festividades tinham terminado mais cedo e tinha sido pedido aos convidados que abandonassem o local. O que se seguira fora uma noite às claras de questões enevoadas e emoção, e Lottie estava desesperada por vestir um pijama e dormir durante cem anos. O seu mundo tinha-se alterado e sabia que as coisas seriam drasticamente diferentes daí para a frente.

Todos tinham concordado em manter a história de que não faziam ideia de que o ataque estava a ser planeado e que Anastacia também não sabia nada. Mas não era uma história. Era a verdade.

Ellie e Lottie tinham ambas sofrido ferimentos leves: Ellie tinha cortado o lábio, mas não com gravidade o suficiente para deixar marca, e Lottie tinha uma nódoa negra na face e um galo onde tinha batido com a cabeça. Jamie não tinha sofrido nada o que era, no mínimo, impressionante.

Lottie susteve a respiração quando as portas se abriram lentamente. A luz voltou a incidir nela no mesmo fio brilhante, mas desta vez ela não estremeceu. Em vez disso, avançou confiante para abraçar o seu destino.

No salão, estava o rei sentado no trono, a sua mulher e a sua mãe ao seu lado, com Simien Smirnov, o homem do olho de vidro, atrás dele. Para surpresa de Lottie havia uma quinta pessoa, o homem rude que Jamie tinha cumprimentado na noite anterior, e que estava sentado com uma desconfiança permanente na face.

– Ficou claro, depois dos eventos da noite passada, que existe um sério e constante perigo entre nós.

O rei falava num tom grave, não deixando espaço a perguntas.

Lottie manteve-se firme, com os olhos fixos e sem emoção como vira Jamie fazer tantas vezes. Compreendia agora a importância de se apresentar insondável. Era como uma armadura, não só para se proteger, mas para proteger aqueles que se pudessem preocupar com ela.

Lottie não podia deixar que Ellie se preocupasse com ela se queria continuar a ser a uma guardiã: precisava que Ellie e a sua família pensassem que os traumáticos acontecimentos do baile eram fáceis de esquecer e que estava pronta a pôr-se em risco novamente para o bem de Ellie.

Não era verdade. Lottie nunca tinha tido tanto medo na vida, mas era exatamente por isso que tinha de estar ali, para se assegurar de que isso não aconteceria a Ellie.

– *Sir Olav.* – O rei acenou com a mão para o homem da cicatriz. – Sabemos que temos a falsa *partisan* sob custódia, mas ela não fala.

Lottie pensou em Saskia, a rapariga de quem tivera inveja e confiado como mentora, e o seu coração acelerou. Nem conseguia imaginar como Anastacia se devia estar a sentir.

Sir Olav esfregou as mãos em sinal de reflexão e Lottie conseguiu ver uma estranha tatuagem em forma de punhal mesmo acima do seu pulso.

– Até agora a única informação de que dispomos é a da vossa guardiã.

Lottie registou mentalmente o facto de ele saber que ela era uma guardiã; era importante saber quem estava ao mais alto nível e era de confiança.

– Os senhores Alcroft não sabiam de nada – prosseguiu *Sir* Olav. – A filha, Anastacia, afirma que a sua *partisan* tinha um estranho, mas nada preocupante, interesse na princesa.

Lottie sabia que isso era mentira. Jamie e Ellie tinham-na posto ao corrente de que a maior parte das mensagens tinham sido deixadas por Anastacia como forma de «as afastar da escola».

O rei voltou-se para Lottie e ofereceu-lhe um olhar firme.

– Então, e o que soube exatamente, menina Pumpkin?

Lottie respirou fundo, tentando recordar-se da informação sem se esquecer das recordações da carrinha, do rosto sangrento de Saskia, de Anastacia a chorar. Abanou a cabeça afastando as memórias.

– Sabemos que se chamam Leviathan, Vossa Majestade – começou. – Sabemos que têm como alvo os filhos de famílias importantes, em especial da realeza e...

Lottie preparou-se antes de dizer as palavras que se seguiram, preocupando-se com a reação que podiam provocar.

– Sabemos que têm um interesse especial na captura da princesa maradoviana, mas não sabemos porquê.

O rei acenou simplesmente.

– Bom trabalho.

Foi preciso todo o autocontrolo de Lottie para não começar a guinchar de excitação. *Acabei mesmo de ser elogiada pelo rei?* Teve de se recordar rapidamente das circunstâncias, mas isso não a impediu de se sentir um pouco eufórica. A rainha sorriu-lhe, como se conseguisse ler os seus pensamentos e Lottie devolveu-lhe o olhar com um dos acenos respeitosos que tanta vez vira Jamie e o rei trocarem.

– Muito bem.

Todos os agradáveis sentimentos de Lottie se evaporaram com a voz áspera da mãe do rei. Esta batia com os dedos irritantemente na cana do nariz, olhando para eles com um ar mordaz. Desta vez, tinha o cabelo solto, numa onda prateada caída até à cintura, o que fazia parecer que a qualquer momento podia lançar um feitiço mau sobre quem quer que se cruzasse com ela.

– Passemos à questão mais premente.

Os três adolescentes sustiveram a respiração, sabendo o que os esperava.

– Porque é que a verdadeira princesa, a nossa Eleanor, foi permitida colocar-se em perigo por causa desta rapariga?

Lottie sentiu o corpo começar a ferver e as mãos remexerem nervosamente. Estava impressionada com a capacidade de Jamie de se manter completamente calmo.

– É inaceitável que a princesa se tenha posto em perigo pela sua guardiã. – A mãe do rei pronunciou-o como se fosse uma asneira. – A ideia é simplesmente atroz.

Olhou para cada um deles, enquanto batia na cana do nariz.

– Então, têm alguma coisa a dizer em vossa defesa?

Lottie engoliu em seco, sentindo-se ao mesmo tempo furiosa e envergonhada. Tinha acreditado que não tinha podido fazer nada para evitar que Ellie corresse para a carinha, mas isso não era verdade. Ela podia ter evitado isso se tivesse verdadeiramente fingido que estava tudo bem quando lhe ligaram, mas nem tinha posto essa hipótese. Teve de se recordar que era dispensável.

– Lamento, Vossa Majestade, eu...

– Tu não! – guinchou a mãe do rei. – O *partisan* dela!

Ofereceu a Jamie um olhar feroz antes de se voltar para Lottie.

– Tu comportaste-te exatamente com uma guardiã o deve fazer naquela situação. É difícil encontrar guardiões; seria muito inconveniente se perdêssemos a nossa. *Inconveniente*.

A mente de Lottie ficou vazia. Eles não sabiam. Eles não sabiam que ela nem se tinha lembrado de que era uma guardiã quando estava na carrinha. Não pensara em como seria inconveniente se a perdessem. Não tinha pensado em sobreviver pela sua princesa. Só pensara nela. Ela não era quem eles pensavam ser e parte dela culpava-os por isso, mas uma grande parte culpava-se a si própria. Ela não queria reagir como uma miúda normal teria reagido naquela situação. Tinha querido ser forte, queria ter um lugar naquele mundo extraordinário, independentemente de quão perigoso fosse.

Lottie voltou-se para Jamie. Continuava direito, aceitando a repreensão sem estremecer.

– Exato – disse o rei, apesar de a sua postura e o seu tom sugerirem que não lhe agradava ter de concordar. – *Sir Olav*, tenha a bondade de preparar um castigo apropriado para o seu aluno.

Lottie sentia um sentimento de injustiça crescer dentro dela. Mordeu a face com força para não dizer nada.

Antes de ele poder olhar da mesma maneira para Ellie, esta deu um passo em frente para falar. Para surpresa de Lottie, Ellie não protestou. Nem sequer levantou a voz.

– Podemos sair?

Os punhos estavam cerrados enquanto falava, mas era o único sinal de como se sentia.

O rei esfregou a testa como se tivesse uma terrível dor de cabeça e suspirou.

– Podeis sair.

Lentamente, todos se voltaram para a porta e nesse momento o rei voltou a falar.

– Estou feliz por estarem todos bem e estou impressionado com a forma como lidaram, mas estas são as nossas regras.

Ellie parou junto à porta sem olhar para trás e depois saíram deixando um desconfortável silêncio atrás deles.



Antes de os três regressarem ao quarto de Ellie, ela pediu a Jamie para a deixar um momento a sós com Lottie. Jamie assentiu um pouco relutante e prosseguiu sozinho.

– Vem comigo – pediu Ellie gentilmente, agarrando no pulso de Lottie. As palavras eram ligeiramente abafadas pelo seu lábio inchado.

Levou Lottie pelo corredor, até uma escadaria em caracol que conduzia a uma sala numa torre com uma enorme varanda com vista para as traseiras da propriedade, onde existia um enorme jardim coberto de neve espessa. Ellie inclinou-se contra a varanda de pedra, tinha a sua face inescrutável, parecendo-se mais com Jamie do que com ela própria. Lottie olhou para o jardim, perguntando-se como seria quando a neve derretesse.

– Lottie – começou Ellie, sem olhar para ela. – Tenho uma coisa importante que preciso de te perguntar, mas preciso que me prometas uma coisa primeiro.

Então, olhou-a nos olhos de uma maneira que Lottie não se conseguia afastar do olhar.

– Claro – respondeu Lottie, ignorando a hesitação dentro de si. Ellie abanou a cabeça.

– Não, Lottie. A questão é essa... – disse com um suspiro e com a falta de sono de repente a revelar-se no rosto. – Quero que me prometas que antes de responderes à minha questão, não vais pensar em mim. Só vais pensar em ti própria e em como te sentes.

Lottie gelou, pensando na sua mãe e nas promessas que ela lhe tinha pedido no seu leito de morte. Lá estava aquele estranho e horrível arrepio, o conhecimento de que não era uma promessa que ela pudesse cumprir.

Não conseguia explicar a Ellie; era algo que só Jamie poderia compreender. Não podia responder apenas por ela, porque a sua vida agora era estar lá para ela. Mas não o vocalizou; em vez disso, susteve a respiração e acenou.

– Prometo – disse relutantemente, sabendo que não era bem verdade.

– *Okay* – Ellie parecia abalada, tendo as mãos inquietas. – E quero que penses a sério antes de responderes.

Lottie voltou a acenar. Ellie soltou um pequeno sopro antes de continuar, parecendo magoar-se profundamente com a pergunta.

– Serias mais feliz se nunca te tivesses tornado minha guardiã?

– Não – respondeu Lottie, quase antes de Ellie sequer ter terminado a pergunta.

Não precisava de pensar nisso e não tinha nada a ver com dedicar-se a Ellie. Sabia bem lá no fundo que era verdade. Não se importava com quão assustadoras as coisas se tinham tornado ou com o que tinha de sacrificar. O último ano que passara com Ellie tinha sido o mais feliz desde que perdera a sua mãe. Isto era o mais perto que alguma vez estivera de cumprir a sua promessa de ser feliz. Sentia que tinha encontrado uma parte dela que nem sabia ter perdido.

– É aqui que pertenço – continuou Lottie com sinceridade, agarrando na mão de Ellie e apertando-a. As lágrimas corriam-lhe pela face, mas não se importou. – Estar contigo é o mais feliz que alguma vez estive. Tornas-me uma pessoa melhor.

A face de Ellie desmanchou-se numa tentativa desesperada de bloquear as emoções e fungou alto para tentar manter a compostura. Puxou Lottie num abraço, apertando-a tanto que ela quase não conseguia respirar.

– Eu também – sussurrou Ellie ao ouvido de Lottie.



Os três amigos estavam sentados em silêncio na cama de cetim preto de Ellie. Jamie tinha-se sentado na borda com a cabeça nas mãos, parecendo-se impressionantemente com *O Pensador*, de Rodin.

Ellie estava esparramada no centro, olhando para o decorado teto de madeira, com a cabeça apoiada no colo de Lottie, enquanto esta, ausente, lhe acariciava o cabelo.

– É culpa minha! – exclamou Ellie. Lottie fez uma pausa entre carícias, mas não sabia o que dizer.

– Todos sabemos que a culpa é minha – continuou Ellie. – Eles sabem que a culpa é minha... E estão a fazer isto para me castigar.

Jamie fez um ruído estranho que parecia uma risada. Tinham discutido o facto de Jamie ser castigado e Ellie tinha recuperado alguma da sua fogosidade.

– *Sir* Olav só me vai fazer frequentar algumas aulas extra... – Jamie puxou o cabelo para trás para poder olhar bem para as raparigas. – E eu gosto de treinar, por isso não é bem um castigo.

Ellie refilou.

– Mas é o princípio de castigo – disse, dando murros no ar, enquanto falava com o lábio inchado. Lottie sorriu para si, lembrando-se de quão feroz Ellie podia ser.

– Ainda assim, acho que valeu a pena – disse Lottie com um risinho.

Ellie parou de dar socos no ar e Jamie voltou-se para trás, inquiridor.

– Não apenas o castigo – disse Lottie. – Toda a cena do rapto... valeu definitivamente a pena.

Ellie sentou-se direita de repente, fazendo Lottie recuar para evitar que as suas cabeças chocassem. Jamie e Ellie olhavam ambos para ela, confusos, partilhando um olhar como se ela tivesse ficado louca.

– De que forma é que seja o que for valeu a pena? – perguntou Ellie, levantando o sobrolho.

– Valeu a pena porque... – Lottie sentou-se direita como se estivesse prestes a contar uma história.

– Eu pude ver o espetáculo louco de tu a destruíres uma carrinha, Ellie. Descalça na neve como uma espécie de animal selvagem, assassino.

Lottie desatou a rir enquanto falava. Quanto mais pensava nisso, mais acreditava que era divertido. Se tivesse de escolher entre traumático e hilariante, escolheria o hilariante.

– Quando os faróis apontaram para ti, pela primeira vez, eu pensei que eras... – teve de fazer uma pausa para recuperar o fôlego por entre a sua histeria – Eu pensei que eras um anjo.

Lottie limpou uma lágrima do olho enquanto continuava a rir.

Um sorriso envergonhado surgiu no rosto de Jamie e Lottie soube que ele compreendia que o seu meio de combater a situação era manter-se positiva. Ele compreendia porque o seu método era manter-se frio.

– Um anjo? – disse Jamie em tom de gozo. – Mais um demónio. Quer dizer, realmente, quem é que vai atrás de um *partisan* com um taco de golfe.

Lottie rebentou numa série de risadas, caindo de costas na cama.

– Hey! – exclamou Ellie, tentando parecer zangada. – Eu ia totalmente em modo *banshee*^s, muito obrigada!

– Isso explica a gritaria furiosa – brincou Lottie.

Ellie ofereceu-lhe um olhar de falsa indignação antes de saltar sobre ela.

– Veremos quem está a gritar de forma irada – disse ameaçadoramente ao levantar as mãos preparada para atacar.

– Não, não, eu rendo-me! – Lottie suplicou brincalhona, levantando as mãos. – Dás uma fantástica *banshee*.

Disse as palavras perfeitamente preparada para as repercussões.

– É isso! – uivou Ellie, com um sorriso maléfico no rosto. – Vais arrepender-te disso!

*

Os três passaram o dia inteiro no quarto de Ellie, a ver filmes e a jogar videojogos. Lottie estava decidida a que se divertissem um pouco e esquecessem a noite anterior, antes de voltarem à realidade e enfrentarem os problemas.

A certa altura, durante a madrugada, Ellie adormeceu no forte de cobertores que tinham construído. Lottie queria juntar-se a ela, mas sabia que o sono não era para ela uma opção naquele momento, a sua mente estava demasiado caótica.

– Lottie. – A voz de Jamie soou incaracteristicamente vulnerável e trouxe-lhe memórias da piscina. – Lottie, preciso de saber uma coisa.

O seu rosto estava sério, mas havia nele alguma suavidade.

– Diz lá – respondeu Lottie, apreensiva.

– Não pensaste na Ellie quando estavas em perigo; os teus pensamentos eram apenas sobre como sobreviver à situação, correto?

Lottie olhou-o nos olhos por um momento, sem denunciar o doentio sentimento de vergonha.

– Sim – forçou-se a dizê-lo apesar de a magoar.

Era verdade – não tinha pensado uma única vez na sua responsabilidade para com Ellie quando estava na carrinha, apenas sobre como escapar.

Antes do baile, Jamie tinha-a testado para ver se ela colocava a sua segurança abaixo da de Ellie, mas quando fora preciso, ela esquecera-se completamente e Jamie já o esperava. Mesmo que a família de Ellie não tivesse percebido, parte dela já sabia que Jamie sim.

– Ótimo – disse ele bruscamente.

– O quê? – Lottie quase se engasgou. – Eu falhei. Sou tão desapontante como esperavas que eu fosse.

Jamie abanou a cabeça e um sorriso doce surgiu-lhe nos lábios.

– Lottie. – Jamie agarrou-lhe nos ombros e olhou-a nos olhos, apertando-a ligeiramente para ter a atenção dela. – A única coisa que alguma vez me poderia desiludir era comigo próprio se te perdesse.

A intensidade no seu olhar era agora suficiente para cortar a respiração a algumas pessoas.

– Não quero dizer perder a tua vida. Quero dizer que ficaria desapontado se te perdesse: o teu carácter, a tua positividade inabalável. Nunca deves deixar que nada neste mundo tire isso de ti.

Havia uma preocupação genuína no rosto de Jamie e Lottie sentiu um calor agradável ao saber que ele não estava bem com ela ter-se magoado no lugar de Ellie, mas foi instantaneamente substituído por raiva. Tinha passado aquele tempo todo a tentar impressioná-lo para que ele confiasse nela com guardiã e agora ele dizia-lhe que estava preocupado com ela!

Só havia uma solução para isso.

– Bem – disse Lottie, com irritação na voz apanhando-o de surpresa. – Se estás assim tão preocupado em perder-me, ensina-me a lutar.

– Eu, o quê...? – Esta não era a resposta que ele esperara e vacilou, tropeçando nas palavras.

Lottie quase gostou de o ver atrapalhado.

– Tu ouviste. Quero que me ensines a lutar para que eu me possa proteger, a Ellie e a ti. Tive tanto medo naquela carrinha. Não fazia ideia do que estava para vir. Quero que Ellie nunca, nunca, esteja naquela situação. Além disso, as minhas escolhas de vida não incluem ser a tua fraqueza, estamos entendidos?

A cara de Jamie ficou branca por um momento, como se questionasse toda a sua vida, e então riu-se. Riu-se genuína e abertamente, e o som aqueceu Lottie ao perceber que era a primeira vez que o via fazer isso. Finalmente, Jamie recompôs-se e sorriu-lhe.

– És a pessoa mais imprevisível que já conheci e vivi com Ellie durante 15 anos – disse Jamie carinhosamente.

– Isso é um sim? Ensinas-me?

Jamie revirou os olhos, mas o sorriso permaneceu.

– Sim. Ensino-te.

⁵ Figura sobrenatural irlandesa, conhecida pelos seus gritos lancinantes.

Nota de Autora



Gostaria de te agradecer muito por teres escolhido o meu livro. Sejas um fã ou alguém completamente novo no meu mundo, espero que tenhas tido uma experiência excitante e que te tenha deixado ansioso pelo que está para vir.

Como deves ter percebido, há sussurros de encantamentos por entre as paredes de Rosewood e à volta da própria Lottie. Não é a magia dos livros de fantasias e de magos – é a magia que sentimos quando encontramos uma pessoa ou um lugar com que sentimos uma inexplicável afinidade.

Há uma força antiga e enigmática que guia as nossas heroínas, com uma história por detrás que se estende a centenas de anos e que liga as nossas personagens de formas que nem suspeitas.

Há ainda muitos mistérios, novos e antigos, por resolver no mundo d’*As Crónicas de Rosewood* e muitos perigos que se escondem à volta dos nossos três heróis. Quando voltares a Rosewood no próximo volume para o segundo ano de estudos, vais ter a oportunidade de saber mais sobre os outros alunos e as suas batalhas – com alguns aliados inesperados a juntarem-se ao nosso trio real.

Poderás ter muitas questões que ansiosamente queres ver respondidas. O que será de Saskia? O que é Leviathan e o que querem eles? Quem é William Tufty e o que é que Binah sabe?

E para todas estas perguntas, só posso responder... Tens de esperar para ver!

Até lá, *sê amável, sê corajoso e sê imparável!*

Connie

X